

MARIA DO CARMO TAFURI PANIAGO


AC: 6720
ID: 6720

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E TENDÊNCIAS DE MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS
NA COMUNIDADE DE VIÇOSA - MG

BIBLIOTECA CENTRAL - UFV - 95.407 02-12-83

F
981.51
P192e
1983
v.1

Tese Apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como Parte das Exigências do Curso de Extensão Rural, para Obtenção do Grau de "Magister Scientiae".

UFV	BBT	RG000071122
CLASSIFICAÇÃO	T 981.51 / P192e	
TÍTULO: Evolução histórica e tendências de mudança		
		
95407	BBT	

DOAÇÃO

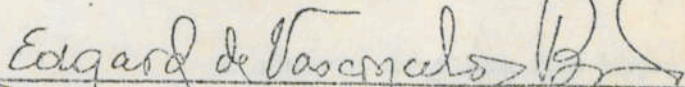
VIÇOSA - MINAS GERAIS
1983

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E TENDÊNCIAS DE MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS
NA COMUNIDADE DE VIÇOSA - MG

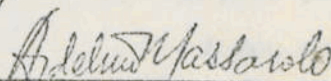
por

MARIA DO CARMO TAFURI PANIAGO

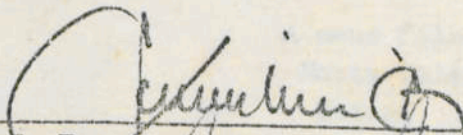
APROVADA:



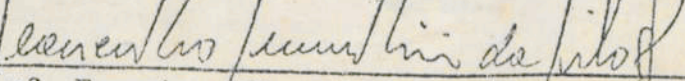
Prof. Edgard de Vasconcelos Barros
(Orientador)



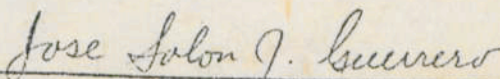
Prof. Adelino Massarolo



Prof. Francisco Machado Filho



Prof. Francisco Simonini Silva



Prof. José Solon de Jesus Guerrero Gutierrez

À memória da minha tia Elza
e da minha "mãe preta", Dorvina.

A meus pais.

A meu esposo.

A meu sobrinho Epaminondas.

A meus filhos:

Maria Valéria e Wagner,

Euter,

Marcus,

Marcelo e

Marina.

AGRADECIMENTOS

A execução deste trabalho tornou-se possível graças ao auxílio, direto ou indireto, de um grande número de pessoas. Na impossibilidade de citá-las, sem correr o perigo de omissões, agradecemos a todos que, de uma forma ou de outra, prestaram-nos sua valiosa ajuda.

Deixamos, contudo, aqui registradas algumas das contribuições recebidas:

Em primeiro lugar, nosso agradecimento e louvor a Jesus Cristo, que, através do Divino Espírito Santo, acompanhou-nos em todas as fases do trabalho, permitindo que se pudesse concluir o que nos propuséramos realizar.

A meus pais, filhos, irmãs e esposo, pelo apoio e estímulo constante.

Aos companheiros do Departamento de Educação e da Unidade de Apoio Educacional, pela compreensão e estímulo no decorrer dos trabalhos.

Aos Professores Edgard de Vasconcelos Barros, José Solon de Jesus Guerrero Gutierrez e Francisco Machado Filho, pela competente orientação e aconselhamento oferecidos no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Professor David George Francis, pelo aconselhamento durante grande parte da realização deste estudo.

A José Antônio Brilhante de São José, pelo auxílio inestimável na computação de dados.

Aos desenhistas da Unidade de Apoio Educacional/UFV, Luiz Antônio Abrantes e Jershon Ayres de Moraes, pela confecção dos mapas e quadros usados no trabalho.

À professora Inês Silvino Ferreira Maia e a Maria Aparecida Rocha Ferreira da Silva, pelos trabalhos de datilografia.

À professora Maria da Glória Teixeira Ignácio, pela revisão de português do texto.

Aos jovens companheiros Marcus, Cleuza, Valéria e Ieda, pela aplicação dos questionários.

Aos entrevistados, cuja valiosa colaboração permitiu que este trabalho fosse realizado.

BIOGRAFIA DA AUTORA

Nascida em Viçosa, Minas Gerais, MARIA DO CARMO TAFURI PANIAGO é filha de Duarte Tafuri e Maria Lopes Tafuri.

É Professora de 1.º grau pelo Colégio Normal N. S.ª do Carmo e Técnica em Contabilidade pelo Colégio de Viçosa, Viçosa, MG.

Diplomada em Piano, Teoria, Ditado e Solfejo pelo Conservatório Estadual "Professor Theodolino José Soares" de Visconde do Rio Branco, MG, concluiu, em 1975, a Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa (U.F.V.), Viçosa, MG, com habilitação em Supervisão e Administração Escolar de 1.º e 2.º graus.

Possui vários Cursos de Aperfeiçoamento e de Extensão na área de Educação, feitos na Universidade de Purdue, Lafayette, Indiana, USA, e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui, também, cursos de curta duração na área de Cultura Popular, Folclore e Regência Coral.

Como profissional, a autora desempenhou funções de professora regente de classes de 1.º e 2.º graus, em Viçosa, MG; de Supervisora Escolar da Escola Agrícola "Arthur Bernardes"/FUNABEM, Viçosa, MG, de Presidente e Coordenadora Pedagógica do MOBRAL/COMUNIDADE e de Educação Integrada.

Participou de vários Seminários e Congressos educacionais nas áreas de Cultura Popular, Tecnologia Instrucional e Educação Rural.

Autora do livro "VIÇOSA-TRADIÇÕES E FOLCLORE", já em sua segunda

edição, publicado pela Imprensa Universitária da UFV, Viçosa, MG, publicou ainda um livrete "Avaliação do Rendimento Escolar" e vários artigos educacionais nas revistas EDUCAÇÃO, publicação do MEC/BRASÍLIA, e AMAE EDUCANDO, de Belo Horizonte, e no Boletim de Cultura Popular da Microrregião de Viçosa da UFV, Viçosa, MG.

Por trabalhos educacionais e de ação comunitária já realizados recebeu Diplomas de "Honra ao Mérito", conferidos pelo MOBRAL/MEC e pela Escola Agrícola "Arthur Bernardes"/FUNABEM, e Medalha do "Centenário de Nascimento do Presidente Arthur Bernardes" em Sessão Solene da Câmara Municipal de Viçosa, MG (1975).

Em junho de 1983, defendeu Tese para obtenção do grau de Magister Scientiae (M.S.) em Extensão Rural, na Universidade Federal de Viçosa, MG.

Atualmente, desempenha as funções de Chefia da Unidade de Apoio Educacional da Universidade Federal de Viçosa(UAE), de Professora da disciplina Educação Rural, no Departamento de Educação da UFV, e de colaboradora do Programa "Gilberto Melo"/UFV em pesquisas e trabalhos em escolas rurais e de ação comunitária no meio rural da microrregião de Viçosa, MG, além de pesquisas ligadas à Antropologia Cultural.

Foi regente do Coral da Universidade Federal de Viçosa e é organista em Igrejas da Comunidade de Viçosa.

CONTEÚDO

	Página
EXTRATO	xi
1. INTRODUÇÃO	1
√ 1.1. Do Tema e Sua Importância	1
√ 1.1.1. Justificativa	1
√ 1.1.2. Modelo Analítico	4
√ 1.2. Objetivos	9
√ 1.3. Sistema Conceitual	9
1.3.1. Valor	9
1.3.2. Instituição	10
1.3.3. Mudança Social	10
1.3.4. Evolução Histórica	11
1.3.5. Educação	11
1.3.6. Educação Rural	11
1.3.7. Assistência Técnica	11
1.3.8. Práticas Agrícolas	12
1.3.9. Família	12
1.3.10. Saúde	12
1.3.11. Religião	13
1.3.12. Práticas Religiosas	13
1.3.13. Política	13
1.3.14. Trabalho	13

	Página
1.4. Metodologia	14
1.4.1. Procedimentos	15
1.4.2. Amostragem	16
1.4.3. Instrumentos Adotados	17
1.5. Fundamentos Teóricos	18
1.5.1. Sociedade Sagrada	19
1.5.2. Sociedade Secular	19
2. DESCRIÇÃO DA ÁREA	23
2.1. Localização, Relevo e Clima	23
2.2. População	29
2.3. Economia	33
2.3.1. O Café na Região de Viçosa	35
2.4. Urbanização	39
2.5. Outros Aspectos	40
3. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA	46
3.1. Povoamento e Início de Colonização	46
3.1.1. O Elemento Indígena	58
3.1.1.1. Puris - Características Físicas e Culturais	62
3.1.1.2. Contribuições do Índio Puri	71
3.1.2. O Elemento Negro	77
3.1.2.1. O Tráfico Negreiro	80
3.1.2.2. Os Bantus - Características Físicas e Culturais.	83
3.1.2.3. Contribuições do Negro Bantu	86
3.1.3. O Elemento Branco	96
3.1.3.1. O Português - Características Físicas e Cultu- raís	96
3.1.3.2. Contribuições do Português	99
3.2. Início de Colonização - Famílias Pioneiras	104
3.2.1. O Imigrante - Colônias Libanesa e Italiana	110
3.3. Formação Administrativa do Município de Viçosa	112
3.4. Formação Judiciária do Município de Viçosa	115

	Página
4. ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS E CULTURAIS	116
4.1. Religião	116
4.1.1. Religião e Religiosidade	116
4.1.2. A Religião no Brasil - Um Ligeiro Retrospecto	122
4.1.3. A Religião em Viçosa - Características e Mudanças ..	128
4.1.3.1. O Catolicismo e a Influência do Padre	135
4.1.3.1.1. O Padre Serafim Pecci	135
4.1.3.1.2. O Padre Álvaro Corrêa Borges	138
4.1.3.1.3. O Cônego Modesto de Paiva	138
4.1.3.1.4. Outras Influências - Os Padres Geraldo Maia, Efraim Solano Rocha e Carlos dos Reis Baeta Braga	146
4.1.4. A Década de Sessenta - Um Marco de Mudanças	150
4.1.4.1. O Valor Religioso Depois da Década de Sessenta em Viçosa	151
4.1.5. O Catolicismo Depois da Década de Sessenta em Viçosa sa	154
4.1.5.1. Movimento de Grupos de Jovens Católicos	155
4.1.5.2. Outros Grupos Católicos	157
4.1.5.2.1. FAPOV - Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa	159
4.1.5.2.2. Círculos Bíblicos	161
4.1.5.2.3. Sociedade de São Vicente de Paulo	162
4.1.5.2.4. Conferência Santo Tomás de Aquino	165
4.1.5.2.5. MFC - Movimento Familiar Cristão	167
4.1.5.2.6. Pastorais de Saúde	168
4.1.5.2.7. Cursilhos de Cristandade	168
4.1.5.3. Instalação da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima	169
4.1.6. Outras Denominações Cristãs em Viçosa	170
4.1.6.1. A Igreja Presbiteriana em Viçosa	170
4.1.6.2. Igreja Assembléia de Deus	176
4.1.6.3. Igreja Batista	177

	Página
4.1.6.4. Casa da Bênção - Tabernáculo Evangélico de Jesus	178
4.1.6.5. Outras Seitas	181
4.1.7. O Espiritismo	182
4.1.7.1. O Espiritismo em Viçosa	184
4.1.8. A Umbanda	187
4.1.8.1. A Umbanda em Viçosa	190
4.2. Educação	193
4.2.1. A História da Educação - Um Rápido Retrospecto	194
4.2.2. A Educação Brasileira	198
4.2.3. Evolução dos Aspectos Educacionais no Município de Viçosa	207
4.2.3.1. As Escolas Isoladas e as Escolas Públicas	209
4.2.3.2. Escola Estadual Coronel Antônio da Silva Bernardes	210
4.2.3.3. Colégio de Viçosa	212
4.2.3.4. Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo	217
4.2.3.5. Escola Agrícola "Arthur Bernardes" - FUNABEM ...	220
4.2.3.6. Universidade Federal de Viçosa: Evolução Histórica, Valores, Expansão e Conseqüências para o Município de Viçosa	222
4.3. Política	245
→ 4.3.1. Cultura, Sistema de Valores e Política - Algumas Considerações	245
→ 4.3.2. Os Valores Políticos e a Política como um Valor no Município de Viçosa	249
→ 4.3.3. Arthur da Silva Bernardes - o Homem e o Político ...	251
→ 4.3.4. Viçosa, a Influência de Bernardes	278
5. VIÇOSA NA ATUALIDADE - TENDÊNCIAS DE MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS	292
→ 5.1. Análise e Interpretação de Dados	294
5.1.1. Saúde	294
5.1.2. Religião	297
5.1.3. Política	301

	Página
5.1.4. Educação	303
5.1.5. Lazer	307
5.1.6. Assistência Técnica	310
5.1.7. Práticas Agrícolas	312
5.1.8. Família	315
5.1.9. Produção e Circulação de Bens de Consumo	318
6. CONCLUSÕES	322
7. LITERATURA CITADA	326
APÊNDICE	333
APÊNDICE A	334
APÊNDICE B	382
APÊNDICE C	384
APÊNDICE D	391
APÊNDICE E	403
APÊNDICE F	404
APÊNDICE G	407

EXTRATO

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri, M.S., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 1983. Evolução histórica e tendências de mudanças sócio-culturais na comunidade de Viçosa - MG. Professor Orientador: Edgard de Vasconcelos Barros. Professores Conselheiros: José Solon de Jesus Guerrero Gutierrez e David George Francis (Francisco Machado Filho).

A necessidade de conhecer as tendências de mudanças sócio-culturais em determinada sociedade, vistas em diferentes contextos históricos, é de suma importância para a realização de trabalhos educacionais e de ação comunitária, quando se tem por meta principal o desenvolvimento da região onde eles se processam.

O não-conhecimento do ambiente sócio-econômico-cultural, onde as ações se efetuarão, pode trazer uma rejeição, latente ou manifesta, às novas propostas oferecidas.

O binômio aceitação-rejeição de inovações tem papel relevante na revisão de valores e, conseqüentemente, da cultura. Por outro lado, as raízes históricas de um município, a sua formação e colonização estão sempre presentes quando se trata de mudanças sócio-culturais, planejadas ou não.

A problemática focalizada no presente estudo surgiu da percepção de uma realidade - a cidade de Viçosa - que, no momento, passa por uma fase de expansão desorganizada e que, por certo, determina e determinará mudanças substanciais no campo sócio-econômico-cultural do município

e, talvez, em toda a região sob sua influência.

Foi constatado que o simples levantamento de alguns valores existentes, atualmente, nas Instituições selecionadas (Saúde, Família, Educação, Religião, Política, Circulação e Comercialização de Produtos) não seria suficiente para detectar o essencial da problemática, que escapa, por suas peculiaridades, a frios dados numéricos.

Optou-se, pois, para um retrospecto histórico-cultural do município, através de descrições obtidas de pesquisas bibliográficas, consultas a arquivos e cartórios do município e de entrevistas informais com pessoas que tivessem e pudessem fornecer as informações necessárias. Utilizou-se, para tanto, a observação participada, instrumento por excelência da Antropologia Cultural, dado o cunho histórico-antropológico que se quis dar ao presente estudo.

Foram aplicados, ainda, para o enriquecimento da observação participada, questionários a uma amostra populacional composta de 72 informantes, através dos quais se tentou captar as tendências de mudanças sócio-culturais, analisando-se as opções feitas pelos informantes sob o prisma - tradicionalidade e racionalidade - parâmetros escolhidos para a realização do estudo.

Buscou-se a fundamentação teórica nas características das "sociedades sagradas" e "sociedades seculares" de Howard Becker.

Ao lado desta fundamentação teórica, construiu-se um modelo, no qual se pretendia perceber as tendências de mudanças sócio-culturais, dentro de um esquema de valores, como parte da dinâmica cultural.

Este modelo permitiu que se mantivessem as descrições sempre dentro do limite traçado para o tema, eliminando-se informações que, embora preciosas, fugiam ao âmago da questão proposta para estudo.

O dimensionamento do município de Viçosa, através de um perfil que se veio delineando, paulatinamente, no decorrer da elaboração do texto, permitiu uma tentativa de ligação entre o passado e o presente, valiosa para posteriores investigações de âmbito sócio-educacional.

Este perfil, a curto prazo, poderá ajudar extensionistas e educa

dores no planejamento de seus cursos, em trabalhos de ação comunitária e em suas tarefas de assessoramento técnico-educativas no município de Viçosa, com razoável previsão de êxito.

Os agentes educacionais poderão caminhar mais firmemente no terreno movediço das mudanças sócio-culturais, promovendo a integração cultural no município. Por outro lado, eles não se estarão expondo ao risco de, conscientes ou não, estarem manipulando pessoas e idéias, através de imposições configuradas na invasão cultural.

Os resultados encontrados e as conclusões tiradas neste estudo poderão servir como ponto de partida para novos trabalhos deste teor no município de Viçosa e, quiçá, em outras regiões que tenham pontos em comum com o universo pesquisado.

Dessa forma, acredita-se que esta pesquisa seja útil para aqueles que se acham engajados em estudos antropológicos educacionais.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Do Tema e Sua Importância

↓
A idéia do tema deste trabalho nasceu da observação de uma realidade - a cidade de Viçosa, MG, que, no momento, passa por uma fase de expansão desorganizada e que, por certo, determina e determinará significativas mudanças em seu campo sócio-cultural. Daí surgiu o problema por estudar - uma análise das tendências de mudanças de valores, quase sempre responsáveis por mudanças sócio-culturais que vêm ocorrendo, na comunidade de Viçosa, dentro de uma descrição da evolução dos aspectos históricos do município.

1.1.1. Justificativa

A comunidade de Viçosa tem desempenhado historicamente um papel relevante na Zona da Mata, do ponto de vista econômico, político, social e cultural.

Seu surgimento ocorreu no período da mineração, isto é, no século XVIII, como fonte de abastecimento das populações mineradoras da região de Ouro Preto e Mariana.

Com a exaustão dos veios auríferos do vale do Ribeirão do Carmo, sua economia, até então baseada na policultura e na criação de pequenos animais, sofreu profundas mudanças com a introdução da cultura cafeeira.

ra, que passou a ser a preocupação dominante das fazendas que se estabeleceram na área durante o período da mineração.

Com o declínio do preço do café no mercado mundial, a comunidade de Viçosa, como outras comunidades da Zona da Mata mineira que possuíam na cultura cafeeira o seu sustentáculo, passou por um longo período de decadência, sendo as antigas lavouras transformadas em pastagens, para a sustentação de uma pecuária leiteira extensiva e de uma agricultura de sustentação.

Foi em decorrência desses fatos que um dos filhos de Viçosa, Arthur da Silva Bernardes, com enorme influência na "estrutura de poder", no Município, no Estado e no País, resolveu criar, na sede da comunidade, uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária, para a formação de profissionais em Ciências Agrícolas, capazes de restabelecer a economia do Município, do Estado e do País, com base nas atividades agropecuárias.

Com o tempo, essa Escola Superior de Agricultura e Veterinária transformou-se na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, ampliando o campo de atuação de seus mestres em três áreas distintas: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Criou-se, então, o Serviço de Extensão Rural, por inspiração de uma potência estrangeira, os Estados Unidos da América do Norte, cuja orientação esteve presente desde a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Esse Serviço de Extensão Rural nasceu com o objetivo de acelerar a "difusão de técnicas agrícolas" na área rural da comunidade de Viçosa e de outras comunidades do Estado.

Mais tarde, em virtude da decadência da agricultura e da pecuária da região, realizou-se, na sede da Universidade Rural, um importante simpósio para estudo dos "problemas" econômicos e sociais da Zona da Mata, dando origem a alguns "programas" de Governo, como o Prodemata e o MG-II que se acham em andamento.

Como se vê, a comunidade de Viçosa tem sido palco de uma série de transformações e de mudanças sócio-culturais que ainda não foram con-

venientemente estudadas.

Daí o interesse em verificar, através de uma pesquisa de campo, o que realmente está acontecendo, nesta comunidade, em termos de tendências sócio-culturais.

Tanto o Estado de Minas Gerais como o Governo Federal têm investido grandes somas, na comunidade, para a manutenção das funções de ensino, pesquisa e extensão polarizadas na sua atual Universidade Federal.

Levando em conta o alto conceito que desfruta a Universidade no Estado e no País, torna-se relevante a realização de um estudo que venha mostrar não só as tendências de mudanças sócio-culturais que estão ocorrendo na comunidade, mas também a influência que a própria Universidade está exercendo, embora de forma indireta, nos hábitos de vida e de trabalho de sua população. Por outro lado, Viçosa tem, na sua história, a forte liderança política de Arthur da Silva Bernardes que, de tão longa e tão profunda, foi o pólo catalisador em torno do qual foram-se aglomerando valores tradicionais que direcionaram a comunidade como um todo, incluindo-se a Universidade Federal de Viçosa, desde seus primeiros passos.

Neste caso, o fator político atuou como um fator de fixação de cultura e, como tal, parece ter grande responsabilidade na dinâmica sócio-cultural do município.

Do exposto, pode-se concluir que a necessidade de conhecimento dos sistemas de valores de determinada sociedade, como parte integrante da cultura, vista em determinados contextos históricos, é de suma importância para a realização de trabalhos educacionais e de ação comunitária.

O não-conhecimento das raízes históricas da comunidade e do ambiente sócio-econômico cultural, onde as ações se efetuarão, pode trazer uma rejeição, latente ou manifesta, às novas propostas educacionais oferecidas.

O ambiente sócio-econômico cultural é que irá determinar as es-

estratégias de ensino e de todo o processo educativo, para que se possa contar com uma margem razoável de êxito no empreendimento.

O conhecimento das mudanças sociais ocorridas em virtude da mudança de valores inerentes às instituições: Saúde, Religião, Política, Educação, Assistência Técnica, Práticas Agrícolas, Família, Recreação e Produção e Circulação de Bens constitui um ponto crucial para a implementação de programas educacionais e de ação comunitária com finalidades mais amplas, tais como a do desenvolvimento regional.

1.1.2. Modelo Analítico

Definido o problema, a necessidade de se fixar em tentativas de análise de tendências de mudanças sócio-culturais e, conseqüentemente, dos valores e da cultura, apresentou uma série de dificuldades.

A dinâmica da cultura determinou, logo de início, que se fizesse uma síntese do processo histórico de formação da comunidade em questão, para possíveis inferências de valoração nos dias atuais. Mas, o que se viu foi um processo de análise por demais amplo e complexo para os limites do trabalho que se pretendia realizar.

Tornou-se evidente a necessidade de tomar decisões frente a um leque imenso de opções, para determinar as linhas demarcatórias do estudo. Um primeiro passo foi dado em direção à definição dos conceitos mestres que iriam orientar toda a análise e uma procura da objetivação dos valores, fazendo-os equivalentes a critérios de julgamentos, baseando-se em FICHTER (28), que disse:

Sociologicamente, podem-se definir valores como os critérios segundo os quais o grupo ou a sociedade julga a importância dos indivíduos, dos padrões, dos objetivos e de outros objetos sócio-culturais. Aqui, não nos ocupamos diretamente do valor intrínseco destas coisas nem da valoração pessoal específica que delas faça um dado indivíduo.

Os valores colocados dessa forma poderiam dar sentido à cultura e à sociedade total e poderiam ser transformados de conceitos altamente

abstratos e relativos, portanto difíceis de ser analisados, em indicadores apreciáveis, mais ou menos, objetivamente.

O modo como os valores nascem ou são incorporados pelo indivíduo, como resultante de decisões tomadas, não foi objeto de análise no presente trabalho. Partiu-se da assunção de que os valores preexistem ao indivíduo, coexistem com ele e a ele sobrevivem e, apesar de sofrerem contínuas modificações, na maioria das vezes, as pessoas os incorporam sem maiores avaliações ou julgamentos.

Para a apreciação de valores necessitou-se, ainda, de um esquema teórico que fornecesse os subsídios necessários para a sua conceituação concreta. Deliberou-se, então, estabelecer uma ligação entre estes valores e as atitudes, sendo encontrada, em MOSQUERA et alii (57), a conceituação exigida:

Atitude é a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir.

As atitudes, conquanto não-observáveis, podem ser indiretamente inferidas de comportamentos observáveis e de opiniões expressas em entrevistas informais e colocadas em escalas de posição de valores preparadas para este fim.

Esta conexão entre valores e atitudes em que se baseou este trabalho pôde ser detectada em RODRIGUES (74):

Valores são categorias gerais... diferindo das atitudes por sua generalidade. Uns poucos valores podem conter uma infinidade de atitudes. O valor religião, por exemplo, envolve atitudes em direção à Deus, à Igreja, a recomendações específicas da religião, a conduta dos encarregados das coisas da Igreja, etc., etc....

Daí, estabeleceu-se o elo entre valores e atitudes para a apreensão dos elementos necessários à análise, por ser a atitude uma predisposição para a ação.

Quando se pretende trabalhar com valores de determinada comunidade, o aspecto da cultura não pode ser desprezado, sob pena de se correr o risco de uma análise de blocos de valores estanques retirados do contexto ao qual pertencem e dele fazem parte integrante. Assim, neste trabalho, os valores estiveram sempre ligados à cultura, definida como um conceito de grande amplitude, segundo Tyler, citado por LAKATOS (43): "A cultura é o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer aptidões adquiridas pelo homem como membro da sociedade". Segundo WHEEDALL (93),

a cultura consiste num grupo de convicções e valores que estão enraizados de modo tão profundo nas tradições de uma raça ou credo, ou qualquer outro grupo duradouro de pessoas, que existem independentemente das diferenças individuais entre os membros. ... Existe uma relação muito profunda entre cultura e atitude.

Anterior ao indivíduo, a cultura é apreendida e partilhada pela sociedade, advindo daí a identificação da cultura com herança social, deixando implícito o seu carácter histórico, segundo CHINOY (20): "A expressão "herança social" chama a atenção para o carácter histórico da cultura e, por conseguinte, para as possibilidades de crescimento e mudança". Ainda de acordo com WHEEDALL (93), as atitudes são aprendidas, se são aprendidas podem ser mudadas, consciente ou inconscientemente, e, portanto, podem influir decisivamente para modificações na cultura.

A cultura afigura-se, então, como o resultado de injunções históricas, mas, longe de permanecer estática, está em permanente mudança através de contatos com outras culturas, reinterpretando, integrando e assimilando elementos culturais, conservando e criando padrões novos de comportamentos sociais. Em decorrência deste aspecto da cultura, surgiu um novo desafio para o trabalho que se pretendeu realizar. Tornou-se evidente a necessidade da construção de um modelo que permitisse uma identificação de valores dentro da cultura, sem se perder nas malhas intrincadas de um contexto por demais amplo. A construção de um modelo levou à opção da divisão dos valores em sociais (incluindo aqueles relativos às instituições: Saúde, Religião, Política, Educação, Recreação e

Família) e econômicos (incluindo a Assistência Técnica no trabalho e Circulação e Comercialização do produto do trabalho).

O presente estudo pautou-se, desta forma, pelo seguinte modelo (Figura 1):

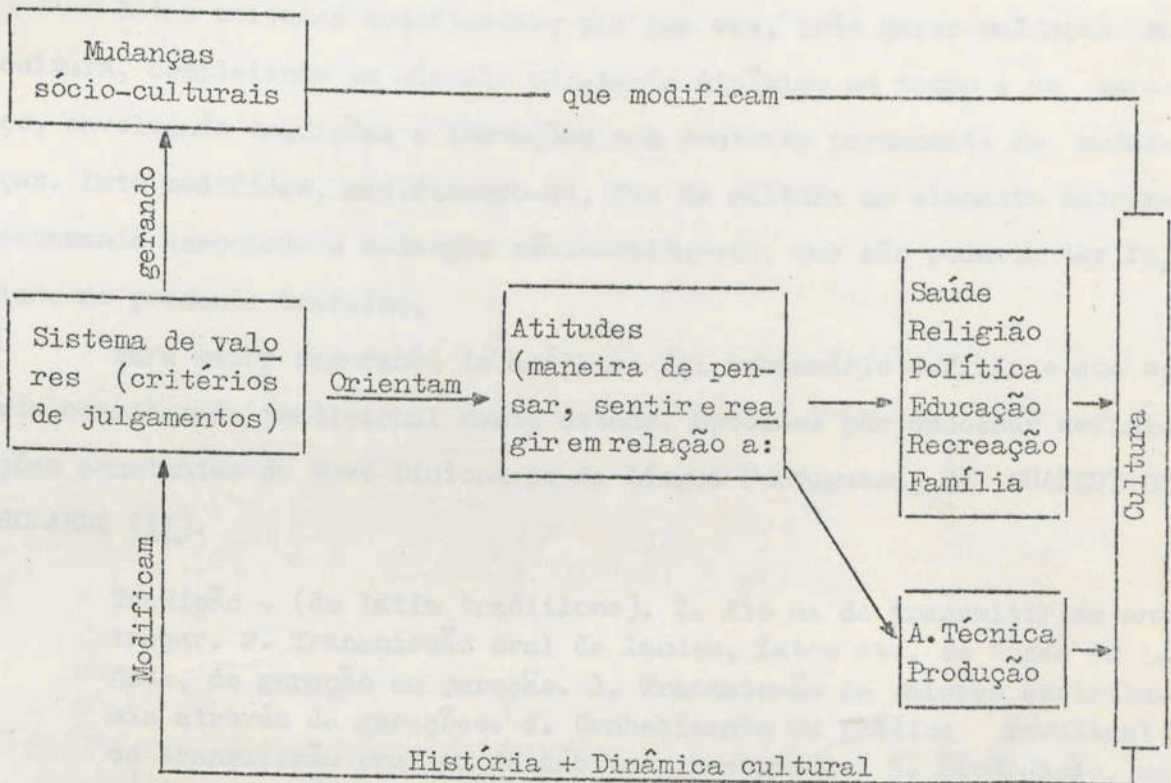


FIGURA 1 - Modelo Proposto para o Estudo das Mudanças em Determinado Contexto Histórico-Cultural.

Segundo o modelo, partiu-se do pressuposto de que a cultura está ligada aos sistemas de valores que norteiam as atitudes dos indivíduos em relação a determinados aspectos ligados a Instituições: Saúde, Religião, Política, Educação, Recreação, Família, Assistência Técnica e Produção e Circulação de Bens.

Dentro de uma perspectiva histórica, a cultura, pelo seu caráter dinâmico em determinados momentos, interagindo com diversos fatores internos e externos aos indivíduos e às sociedades, modifica estes sistemas de valores que direcionam as atitudes. Segundo Rokeach, citado por WHEDALL (93),

Um sistema de valores é uma organização hierárquica - uma disposição de classes - de idéias ou valores em função da importância. Para uma pessoa, a beleza, a verdade e liberdade podem estar no cimo da lista e economia, ordem e higiene no fim; mas para outra a ordem pode estar invertida. A pessoa que aprecia a liberdade talvez tenha atitudes mais favoráveis a uma liberdade mais específica, como no caso de greves e manifestações.

Estas atitudes modificadas, por sua vez, irão gerar mudanças na cultura, completando um círculo altamente dinâmico no tempo e no espaço, envolvendo tradições e inovações num contexto permanente de mudanças. Este modificar, modificando-se, faz da cultura um elemento intrinsecamente associado a mudanças sócio-culturais, que não poderia ter faltado no presente trabalho.

Para maior segurança da análise, foi necessário definir o que seria considerado tradicional neste estudo. Optou-se por endossar definições constantes do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de BUARQUE DE HOLANDA (17).

Tradição - (do latim traditione). 1. Ato de transmitir ou entregar. 2. Transmissão oral de lendas, fatos etc. de idade em idade, de geração em geração. 3. Transmissão de valores espirituais através de gerações. 4. Conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados. 5. Recordação, memória.

Tradicional - 1. Relativo ou pertencente à tradição. 2. Conservado na tradição.

Em contraposição às tradições, as inovações foram sempre ligadas à tecnologia e a atitudes mais independentes em relação aos blocos de valores em questão, fazendo-se o racional como a observação das coisas baseadas na razão (17).

Dessa forma, o tradicional foi visto sempre ligado às sociedades sagradas de Howard Becker e às inovações dentro das sociedades seculares do mesmo autor, cujas características constituíram o quadro teórico básico para o presente trabalho.

1.2. Objetivos

Neste estudo, pretendeu-se, de modo geral, conhecer alguns aspectos da evolução histórica do município de Viçosa, bem como alguns sistemas de valores manifestos na comunidade, que, como parte integrante da cultura, norteiam comportamentos e atitudes, gerando mudanças sócio-culturais.

Especificamente, pretendeu-se:

- a. Identificar grupos de valores existentes na população de Viçosa, Minas Gerais, inerentes às instituições: Família, Saúde, Religião, Política, Assistência Técnica, Produção e Circulação de Produtos.
- b. Analisar as possíveis associações que a evolução histórica e as mudanças de valores possam ter no processo de mudanças sócio-culturais, no município de Viçosa.

1.3. Sistema Conceitual

A necessidade de demarcar o enfoque mais adequado para um trabalho que se afigurava por demais amplo levou à elaboração de um quadro conceitual que servisse de guia para a realização do estudo.

Recorreu-se à literatura disponível na busca de referências que permitissem o máximo de objetividade em aspectos extremamente passíveis de subjetividade acentuada.

Chegou-se ao seguinte:

1.3.1. Valor

BECKER (12) posicionou-se diante do problema fundamental do "valor" e do "julgamento de valor" em Ciências Sociais da seguinte maneira:

"A afirmação "não há julgamento de valor em ciência" é, por si, um julgamento de valor".

Embasada nesta posição de BECKER (12), foi escolhida a conceituação de valor de FICHTER (28), já citada, que faz dos valores critérios de julgamento dos indivíduos, dos padrões, dos objetivos e de outros objetos sócio-culturais.

1.3.2. Instituição

Em momento algum, neste trabalho, houve a preocupação do enfoque dos elementos escolhidos para análise: Saúde, Religião, Política, Educação, Assistência Técnica, Práticas Agrícolas, Família, Recreação e Produção e Circulação de Bens, como Instituições, em seus aspectos organizacionais.

A análise destes componentes, em suas formas institucionais, daria nova dimensão ao trabalho realizado, mudando por completo as diretrizes escolhidas para o estudo; isto é, um estudo que enfatiza a mudança de valores e da cultura de determinada sociedade, bem como as mudanças sócio-culturais daí decorrentes.

Dessa forma, foram selecionados apenas alguns aspectos, dentro dos componentes analíticos citados, que são susceptíveis de diferentes critérios de valoração por parte dos grupos na comunidade estudada.

Neste contexto, julgou-se mais apropriada a definição de HERSKOVITS (37): "Instituição é um conjunto de valores nucleados em torno de uma ou mais necessidades essenciais à vida da sociedade" (53).

1.3.3. Mudança Social

Neste trabalho, entende-se por mudança social toda alteração que ocorre nos modos de vida aceitos pelos grupos, de acordo com Rogers e Shoemaker, citados por FRANCIS (31):

Mudança social é o processo pelo qual ocorrem alterações de estrutura e função de um sistema social. Revolução nacional, invenção de uma nova técnica industrial, fundação de um comitê para o desenvolvimento social de uma aldeia, adoção de métodos

de controle de natalidade por uma família - são todos exemplos de mudança social.

1.3.4. Evolução Histórica

Sob o título de evolução histórica reúnem-se todos os fatos e opiniões sociais, políticos, administrativos e outros ligados à História do Brasil, de modo geral, e à História do município de Viçosa, de modo específico, relevantes para o estudo em questão.

1.3.5. Educação

Neste estudo, o termo educação abrange todas as formas de atividades educacionais, formais ou informais, urbanas ou rurais, dependendo do enfoque requerido pela análise que se pretendeu fazer. Não se cogitou de analisar a Educação, em seus aspectos institucionais, mas apenas verificar e estudar aqueles susceptíveis de valoração pelos indivíduos e pelos grupos:

1.3.6. Educação Rural

Qualquer ação educativa, formal ou informal, levada a efeito no meio rural, tendo como meta o homem a que se destina, coerente com todas as suas potencialidades físicas e intelectuais e com suas peculiaridades culturais explicitadas em sistemas de valores e traços culturais relevantes. É, assim, a ação educativa organizada do ponto de vista do homem-sujeito da educação, o qual irá determinar todas as estratégias do trabalho educativo.

1.3.7. Assistência Técnica

Assistência Técnica refere-se a todas as formas de ajuda que as pessoas têm na parte técnica de seu trabalho. Desse modo, abrange a Su-

pervisão escolar, quando o entrevistado é um professor; Escritórios técnicos, para empresários e comerciantes, e assim por diante. Especificamente para o meio rural, a Assistência técnica é caracterizada como a ação desenvolvida pelos órgãos de Extensão Rural em atuação na área, neste caso, a EMATER-MG, de acordo com a definição de LOPES (51):

A Extensão Rural é um "sistema educativo informal, adaptado ao indivíduo e seu ambiente, que busca obter mudanças de atitudes e procura aperfeiçoar as aptidões e melhorar as condições de vida da população rural, através da tecnificação do trabalho agrícola e fomento da organização comunitária.

1.3.8. Práticas Agrícolas

Consideram-se, neste estudo, Práticas Agrícolas a agricultura feita com bases científicas, através de tecnologias adquiridas, e as práticas advindas da "cultura mágica" e do senso comum, denominadas Práticas Agrícolas tradicionais, adquiridas por tradição e transmitidas de pais a filhos. FREIRE (32) chamou de "cultura mágica" o modo de agir, de pensar e de reagir do homem do campo ao mundo que o cerca.

1.3.9. Família

Sob este título, englobam-se as relações que ocorrem entre os membros da família, bem como as relações entre a família e a sociedade, sempre que necessárias, como elementos para análise.

1.3.10. Saúde

Aqui se reúnem as atitudes dos indivíduos em relação aos problemas de saúde no que se refere à prevenção e tratamento de doenças.

1.3.11. Religião

O conceito de Durkheim, citado por LAKATOS (43), compõe o esteio principal do que se convencionou analisar, neste estudo, no que se refere à religião: "Um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, a coisas colocadas à parte e proibidas - crenças e práticas que unem numa comunidade moral única todos os que as adotam".

1.3.12. Práticas Religiosas

As Práticas Religiosas, espírito que cria e anima a religião, são os instrumentos de que o homem se serve para a comunicação com o sobrenatural. São considerados os rituais da Igreja, executados nos templos ou fora deles, que, tendo ou não conotações folclóricas, constituem indicadores preciosos para a identificação de valores e traços culturais. Assim, as Práticas Religiosas, usadas como elementos com os quais se pode conceituar a religião, são analisadas como indicadores de aspectos que fazem da religião um valor, e segundo WHEDALL (93), um fato comunitário e social.

1.3.13. Política

O termo política está associado às complexas relações entre a estrutura social vigente e o homem como indivíduo e, ainda, ao poder político como mecanismo de controle social existente na sociedade humana, analisada da ótica da população em estudo, sempre que necessário.

1.3.14. Trabalho

Engloba as relações de produção, produtividade, comercialização e circulação de produtos e outras referentes à economia, renda e meios

de subsistência dos indivíduos na sociedade que sejam de interesse para este estudo.

1.4. Metodologia

Lidar com valores, atitudes, interesses e com tudo o que se relaciona com o lado afetivo do comportamento humano é problemático pela quase impossibilidade de se ter assegurada uma verdade cristalina, possível em outras áreas de investigação, mesmo em ciências humanas e sociais.

Estudos de atitudes e valores deixam sempre uma "brecha de credibilidade", explicada por EISS e HARDECK (25) como termo que descreve a brecha existente entre o objetivo que se quer alcançar, neste caso, a identificação e mudanças de valores, e o que será aceito como evidência de que o objetivo foi atingido.

Contou-se sempre com uma "brecha de credibilidade" entre o que se apurou e o que, realmente, pode ser a essência e evidência do apurado, invisível aos olhos. Há de se correr este risco porque nem sempre as pessoas exteriorizam francamente seus sentimentos, suas crenças, suas emoções. Interesses de indivíduos por determinadas coisas ou situações podem ser demonstrados para o agrado de terceiros. Traços de personalidade, tais como timidez, insegurança, egoísmo, bem como coerção social, podem influir decisivamente na apresentação de atitudes e de comportamentos abertos em relação a sentimentos, interesses e valores do indivíduo.

Qualquer que fosse a metodologia adotada neste trabalho, haveria sempre uma defasagem entre o real e o percebido, em virtude da própria dificuldade e peculiaridade do tema em estudo.

Procurou-se, pois, exaustivamente, uma metodologia que garantisse, pelo menos, uma margem razoável de fidedignidade e credibilidade dos dados obtidos para interpretação.

Dada a natureza do trabalho, tornou-se necessário que a descri-

ção da área de estudo fosse seguida de tentativas de apreensão de aspectos subjacentes à realidade percebida através dos dados colhidos, embora se contasse sempre com a já referida "brecha de credibilidade".

Optou-se por um retrospecto histórico para buscar no passado e na tradição oral fatos e opiniões que pudessem transformar-se em um fio condutor para a identificação e comparação de valores em determinados momentos históricos da população do município de Viçosa. Passado e presente estiveram, assim, interligados em todo o estudo.

1.4.1. Procedimentos

No plano geral, adotou-se a metodologia antropológica que se mostrou mais condizente com o estudo das tendências de mudanças sócio-culturais, de difícil mensuração estatística, dado o seu caráter mais qualitativo do que quantitativo.

Neste estudo, a ênfase foi então posta na observação participada, instrumento por excelência da Antropologia Cultural.

Foram aplicados questionários e organizadas tabelas como um enriquecimento da metodologia adotada.

Através dos resultados destes questionários tentou-se captar as tendências de mudanças sócio-culturais, no município, colocando-se as opções de respostas feitas pelos informantes dentro de um esquema - tradicionalidade, racionalidade - baseado na conceituação de sociedades sagradas e seculares de Becker, fundamentos teóricos do presente trabalho.

Para facilitar a visualização dos resultados dos questionários aplicados, foram organizados quadros (Apêndice A).

Especificamente, adotaram-se os seguintes procedimentos:

a. Foi realizada uma intensa pesquisa bibliográfica e feitas várias consultas a fontes de informações, tais como IBGE, Prefeitura Municipal, Cartórios e Igrejas da comunidade, para obter dados alusivos à evolução histórica do município de Viçosa, bem como à sua situação atual.

b. Foram feitas entrevistas informais com várias pessoas da localidade, para a possível apreensão dos valores predominantes nas instituições: Saúde, Religião, Política, Educação, Assistência Técnica, Práticas Agrícolas, Família, Recreação e Produção e Circulação de Bens, em épocas mais antigas do município.

Nesta fase, os informantes foram pessoas residentes e nascidas no município ou aqui radicadas há longo tempo.

Os entrevistados foram escolhidos pela qualidade e quantidade de informações que pudessem oferecer, sem limite de idade, sexo, etnia ou status sócio-econômico.

Foram feitas 35 entrevistas (Apêndice B).

1.4.2. Amostragem

Para identificar os valores atuais da população, foram escolhidos dois grupos de pessoas: 36 do meio urbano e 36 do meio rural, totalizando uma amostragem de 72 respondentes aos questionários aplicados.

A escolha desses grupos foi intencional, com base na renda familiar de cada um deles, resultando disso três níveis de respondentes em cada grupo: um de renda alta, um de renda média e um de renda baixa, de acordo com o salário mínimo da região na época do estudo: Cr\$ 23.568,00.

A divisão destes subgrupos obedeceu ao seguinte critério, dentro dos parâmetros da pirâmide social:

Meio urbano - 36 pessoas:

6 pessoas de renda alta - 3 homens e 3 mulheres

10 pessoas de renda média - 5 homens e 5 mulheres

20 pessoas de renda baixa - 10 homens e 10 mulheres

Meio rural - 36 pessoas:

6 pessoas de renda alta - 3 homens e 3 mulheres

10 pessoas de renda média - 5 homens e 5 mulheres

20 pessoas de renda baixa - 10 homens e 10 mulheres

Os informantes desta fase, diversos dos já entrevistados anteriormente, foram escolhidos com base no seguinte:

- a) renda alta - professores universitários, fortes comerciantes, empresários diversos e fazendeiros (proprietários de terra).
- b) renda média - professores de 1.º e 2.º graus, bancários, comerciantes, funcionários públicos de Coletorias, Prefeituras etc., na zona urbana, e parceiros e meeiros, no meio rural.
- c) renda baixa - pessoas que ganham abaixo do salário mínimo.

Somente puderam responder aos questionários pessoas com idade superior a 35 anos, porque nesta faixa etária, através da vivência, acredita-se que a pessoa já tenha interiorizado determinados valores que possam ser considerados tradicionais ou racionais.

A escolha dos informantes foi também intencional no que se refere aos locais de residência no município.

De posse da Lista de Cadastro do INCRA do ano de 1978, as pessoas foram selecionadas, previamente, tanto no meio urbano como no rural, de forma que permitisse uma grande diversidade dos locais de residência, garantindo, dessa forma, uma amostragem mais abrangente em termos de ambiente físico e sócio-econômico-cultural.

1.4.3. Instrumentos Adotados

Para enriquecer a observação participante da pesquisadora, nascida, criada e educada na comunidade, foram aplicados questionários referentes à valoração de alguns aspectos selecionados das instituições: Saúde, Religião, Educação, Família, Política, Circulação e Comercialização de Produtos. Este instrumento de investigação foi constituído por um bloco de 24 perguntas, para os respondentes urbanos e rurais. Os resultados foram distribuídos em um continuum, para que se tornasse possível uma análise das mudanças de valores verificadas, na passagem do tradicional para o racional, de acordo com o modelo teórico adotado.

Para o levantamento dos dados foram realizadas entrevistas, tanto no centro urbano como na área rural da comunidade.

Tomando por base as opções dos informantes, aferidas das respostas dadas nas entrevistas e questionários, fez-se uma análise descritiva, tentando sempre estabelecer relações, associações e comparações dentro de um contexto mais amplo que é a própria gênese, tradições e história da população alvo do estudo.

Foram organizados quadros para melhor compreensão dos dados obtidos.

1.5. Fundamentos Teóricos

Foram utilizados dois conceitos fundamentais ou básicos: o de tradicionalidade e o de racionalidade, equivalentes aos conceitos de "sacret" and "secular" societies de BECKER (12), trabalhados dentro de uma perspectiva histórica.

Para Becker, a tradicionalidade resulta do isolamento em que vivem os grupos e as comunidades. Em virtude deste isolamento, surge nos grupos e nas comunidades uma acentuada tendência à conservação dos valores e de forte resistência à mudança. À medida, porém, que esse isolamento vai sendo vencido, através dos meios de comunicação, a racionalidade vai penetrando, lentamente, e as mudanças começam a se operar através de uma série de mecanismos.

Desse modo, a "sociedade tradicional" possui valores sedimentados e se caracteriza por uma forte resistência a mudanças. Por outro lado, a "sociedade secular", como a própria palavra está indicando, é aquela que está na corrente da civilização, exposta a todo o tipo de influência e, portanto, permeável à entrada de valores novos. Optou-se pelo modelo de Becker porque ele nos apresenta uma segura caracterização das sociedades sagrada e secular, segundo certos atributos mais facilmente identificáveis.

1.5.1. Sociedade Sagrada

Na conceituação de BECKER (12) a sociedade sagrada apresenta as seguintes características:

a) É uma sociedade tradicional, em que todos os seus elementos, ou, pelo menos, aqueles que têm o controle do poder, lutam pela manutenção de valores que possuem raízes históricas.

b) É uma sociedade isolada, e o seu isolamento pode ser tomado em dois níveis: o geográfico e o social, podendo-se, ainda, acrescentar o nível econômico, uma vez que os proprietários da terra ou dos meios de produção conservam certa "distância social" daqueles que a operam, em atitude de verdadeira submissão ou subserviência, muito parecida com a atitude do servo da gleba em relação aos senhores feudais, no período medieval.

c) É uma sociedade resistente a mudanças, principalmente porque isso representa uma ameaça a toda ordem econômica, social e política daqueles que se conservam na estrutura do poder.

d) É uma sociedade em que os valores religiosos exercem uma forte influência no sistema de controle dos indivíduos, influenciando, não raro, sobre todos os outros valores, até mesmo sobre os econômicos que estão ligados às condições existenciais do grupo ou sociedade.

e) É, finalmente, uma sociedade integrada em termos familísticos, como acentuou Tönnies, citado por BECKER (12), em seu modelo teórico ou conceitual.

1.5.2. Sociedade Secular

A sociedade secular, ao contrário da sagrada, apresenta-se com características diametralmente opostas, descritas a seguir:

a) É uma sociedade que se encontra na corrente da civilização e, como tal, aberta a todas as influências novas que se façam sentir dentro dela ou "vindas de fora" através dos contatos de seus elementos.

b) É uma sociedade em que predominam as relações contratuais, como ocorre no modelo de Tönnies, ao descrever o sistema de valores que caracterizam o Gesellschaft, e que relega a segundo plano as relações familiares (Gemeinschaft), de vez que os seus grandes valores são a eficiência e o senso de responsabilidade funcional.

c) É uma sociedade em mudança porque, a cada passo, seus elementos estão incorporando experiências novas e válidas.

d) É uma sociedade regida por direitos e deveres, de solidariedade mais orgânica do que mecânica, para usar, aqui, a conceituação durkheimiana.

e) É uma sociedade mais preocupada com o racional, científico e técnico do que com os valores religiosos ou místicos como sucede, em geral, com a sociedade tradicional.

f) É, finalmente, uma sociedade mais descentralizada do que centralizada, com maior divisão de trabalho e discriminação de funções, nas esferas econômica, política e social.

Para tornar mais explícita a comparação entre estes dois tipos de sociedade, pode-se recorrer, ainda, a LOOMIS e BEEGLE (50). Segundo esses autores, na sociedade sagrada, não-racional, os valores são considerados fins em si mesmos e na sociedade secular, racional, os valores são considerados meios.

Poder-se-ia, ainda, enfatizar o embasamento teórico usado para este trabalho, identificando-o com o modelo de Tönnies, que consiste na passagem do Gemeinschaft para o Gesellschaft.

De acordo com este modelo, a sociedade passa de formas naturais, espontâneas e familiares para as formas contratuais.

É através de uma perspectiva histórica que os valores familísticos se transformam em valores contratuais. Uma prova evidente deste processo pode ser encontrada no fato de que os contratos de trabalho entre empregadores e empregados, na sociedade rural brasileira, até bem pouco tempo, quiçá ainda hoje, em determinados locais, eram meramente verbais, confiando as partes contratantes, apenas, nas relações familiares.

Ao fazer opção pelo modelo teórico descrito não se isentou, aqui, da responsabilidade advinda do fato de se dicotomizar a sociedade, procedimento não muito aceito nos dias atuais. Dicotomias sempre são problemáticas na medida em que tentam colocar contextos complexos entre dois pólos distintos, artificializando e distorcendo a realidade. Contudo, em decorrência da própria complexidade do tema em estudo, foi necessário recorrer-se a este expediente, como uma tentativa de tornar mais didático o trabalho analítico.

Pelo fato de construir um "continuum" nas opções de respostas dos questionários usados para a coleta de dados e informações, já se procurou minimizar a rigidez de dois pontos fixos de referência.

Tradicionalidade e racionalidade são, apenas, os marcos inicial e final de posições valorativas.

O fato de colocar a análise dentro de uma perspectiva histórica amplia o modelo teórico, garantindo maior liberdade para a identificação de valores relevantes e das tendências de mudanças sócio-culturais processadas através dos tempos.

O contexto valor-cultura é, por si mesmo, altamente dinâmico e a conotação que lhe foi dada, fazendo da cultura um eterno modificar, modificando-se, pede um enfoque mais amplo que possa prever gradações entre os dois pilares mestres - tradicionalidade e racionalidade.

Outra posição revista para a adoção do modelo teórico estipulado foi a relacionada com a dicotomia rural-urbano.

É verdade que há grande discordância entre autores a respeito da existência de uma sociologia rural e outra urbana.

Queiroz, em SZMRECSÁNYI e QUEDA (81), encarou a relação rural-urbana, abandonando a perspectiva habitual, que é a de duas realidades paralelas, embora interligadas, formando duas sociedades globais fundamentalmente diferentes.

A penetração do capitalismo no campo com todas as suas seqüelas, a urbanização ideológica do meio rural, através da influência, cada vez maior, dos meios de comunicação de massa e a ruralização

do meio urbano, determinada pelo grande contingente humano que se desloca do campo para a cidade, mormente para as periferias, já estão delineando uma sociedade rural-urbana ou rurbarana, como já é chamada, principalmente no que se refere a valores e cultura.

Este aspecto não foi minimizado em nenhum momento, no decorrer das análises efetuadas, e os valores, tradicionais ou não, foram sempre identificados, levando em conta a população do município de Viçosa como um todo. Diferenças, se havidas, entre o meio rural e urbano foram detectadas pelos instrumentos de pesquisa aplicados e, portanto, merecedoras de apreço e não são produtos de posições adotadas aprioristicamente.

Os momentos históricos foram enfatizados sempre que constituíram marcos importantes no contexto sócio-cultural do município em questão, vistos através de uma ótica nacional.

Com base no modelo teórico exposto, fez-se um estudo de natureza antropológica, para verificar até onde a sociedade de Viçosa se coloca entre os conceitos de tradicionalidade e racionalidade no curso de sua história, bem como seu comportamento no que se refere às tendências de mudanças sócio-culturais no município.

2. DESCRIÇÃO DA ÁREA

2.1. Localização, Relevo e Clima

A cidade de Viçosa está localizada na Zona da Mata mineira (Figura 2), com uma área de 279 km^2 , a uma altitude de 649 m e tem como coordenadas geográficas o paralelo de $20^{\circ}45'14''$ Lat. S e o meridiano de $42^{\circ}52'54''$ Long. W Gr.

Limita-se, ao norte, com os municípios de Teixeiras e Guaraciaba; ao sul, com os municípios de Paula Cândido e Coimbra; a leste, com os municípios de Cajuri e São Miguel do Anta, e a oeste, com o município de Porto Firme. É constituída por três distritos: Cachoeira de Santa Cruz, Silvestre e o da sede.

VALVERDE (38), estudando as condições climáticas da Zona da Mata, fez referências ao clima da região que se aplicam a Viçosa:

A noção vulgar que o povo possui a respeito do clima de uma região é do "tipo de tempo". Esta noção, totalmente descritiva, significa o estado atmosférico predominante nas diferentes estações ou épocas do ano numa determinada área. É essa idéia que pauta a vida quotidiana dos habitantes de uma região, particularmente nas atividades rurais. Os tipos de tempo da Zona da Mata se assemelham aos da cidade do Rio de Janeiro. No inverno cai pouca chuva, os dias são geralmente claros, com ventos fracos. As madrugadas e as manhãs são frias, acentuadas pela inversão de temperatura, fenômeno que se faz sentir de modo especial, em virtude do relevo movimentado e porque o povoamento ocupa os vales. Os baixos estratos cobrem então com o manto espesso e alvo do ne

voeiro os terrenos deprimidos onde estão as casas das cidades, vilas, fazendas e sítios. À proporção que o dia vai esquentando, a neblina se desfaz e sobe para ir formar estrato-cúmulos.

Continuando, VALVERDE (88) fez alusão à influência do relevo sobre as temperaturas nas diferentes superfícies de erosão em que se decompõe a Zona da Mata. O autor, comparando as temperaturas médias entre Leopoldina (220 m de altitude), Mar de Espanha (450 m) e Viçosa (650 m), deu para Viçosa uma temperatura média anual de $18,5^{\circ}\text{C}$, com uma média das mínimas, no mês mais frio (julho), de $8,2^{\circ}$ e das máximas, no mês mais quente (fevereiro), de $28,5^{\circ}$.

De acordo com dados obtidos na Estação Climatológica de Viçosa, pertencente ao Instituto Nacional de Meteorologia do Ministério da Agricultura, no período de 1931 a 1960, foram registradas temperatura mínima de 0°C , no dia 10/06/1933, e máxima de $35,2^{\circ}\text{C}$, no dia 17/01/1956. Também este mesmo período apresentou uma média de precipitação pluviométrica de 1.341 mm/ano.

Assim, VALVERDE (88) colocou Viçosa na área de clima tropical de altitude, com verões frescos e chuvosos.

Para o autor, o rebaixamento da parte oriental da Mantiqueira (entre os maciços do Itatiaia e Caparaó) em forma de sela, que tem feição de uma dobra de fundo, de grande raio de curvatura, e a situação da Zona da Mata explicam a predominância da massa tropical atlântica (Ta) no outono, inverno e primavera, apesar de a região estar, toda ela, a mais de 100 quilômetros do litoral, em linha reta.

No inverno, principalmente, são comuns as inversões da massa polar atlântica (Pa), que provocam chuvas frontais.

Estando a Zona da Mata próxima do limite em que as massas Ta e Pa mais avançam para o norte ou nordeste, acontece, de vez em quando, que uma frente fria aí se torna estacionária, desencadeando chuvas prolongadas e desastrosas como as de 1948, que tiveram consequências trágicas em Viçosa.

De acordo com a Estação Climatológica de Viçosa, na noite de 17

para 18 de fevereiro de 1948, noite de Carnaval, caíram 172 mm de chuva, o equivalente a um período chuvoso de 30 dias.

Informantes asseguraram ter havido 15 horas de temporal com sérios problemas para a cidade.

A represa da então Escola Superior de Agricultura, não comportando o aumento do volume de água, arreventou e desceu de roldão, engrossando o Ribeirão São Bartolomeu, destroçando casas, derrubando árvores, levando animais e tudo o que estivesse em seu caminho.

A violência das águas carregou, ainda, um aterro existente na Avenida P.H. Rolfs, isolando a ESAV da cidade, obrigando as pessoas a um longo trajeto passando pela Rua Seca, atual Rua do Pintinho. Derrubou a ponte sobre o Ribeirão São Bartolomeu, na Rua dos Passos, isolando também os moradores da referida rua e adjacências do centro da cidade.

A Rua D. Gertrudes, inteiramente destruída, deixou um grande número de desabrigados, por desabamento de suas casas.

Segundo informantes, registraram-se, na ocasião, duas mortes: um senhor e uma criança, levados pela correnteza, ficaram presos nos bambuais existentes nos fundos da atual Vila Gianetti, nos terrenos hoje pertencentes a Osvaldo Lana, de onde não puderam ser retirados com vida.

Momentos dramáticos foram também vividos pela família de Cassiano Gomes Araújo que residia próximo às pilastras que separam a UFV da cidade e onde, atualmente, está o lago da UFV.

Os membros da família de Cassiano Gomes Araújo foram acordados a 1 hora da madrugada do dia 18, com a casa quase totalmente tomada pelas águas.

Ao abrirem as janelas, entravam toras de madeiras e as camas e utensílios domésticos saíam levados pelas águas. Cassiano colocou cadeiras em cima da mesa e a família, subindo ao telhado, pediu socorro. As primeiras pessoas a aparecerem - Pedro Apolinário e Geraldo Pintinho - chamaram os policiais da cidade, que, auxiliados pelos estudantes da

ESAV, retiraram todas as pessoas da casa, nadando e com auxílio de cordas.

Recolhidos à casa do Prof. Frederico Vanetti, onde permaneceu por onze dias, a família, ajudada pelos Professores Walter Brune, Otto Andersen e Geraldo Carneiro, pôde construir nova residência na Vila Araújo, onde hoje estão localizados as pocilgas e os aviários da UFV.

Na ocasião, era prefeito da cidade o Dr. José Lopes de Carvalho, que, por intermédio de Arthur Bernardes Filho, conseguiu do Presidente Eurico Gaspar Dutra uma verba de 1.500\$000 (hum mil e quinhentos contos de réis) para socorrer os desabrigados.

O prefeito nomeou, então, uma Comissão formada por pessoas da localidade para fazer um levantamento das perdas sofridas pelos desabrigados, principalmente dos moradores da Rua D. Gertrudes, e forneceu-lhes dinheiro para a construção de novas residências no mesmo local, ou em outro, conforme a vontade dos beneficiados.

Com outra parte da verba, o prefeito construiu a nova represa de água potável do município, que também havia sido rebentada pelas águas e fez reparos em outros danos causados pela enchente à cidade.

Chuvas fortes periódicas são comuns no município.

No dia 20 de dezembro de 1979, choveu 163,9 mm, mas, pelas informações colhidas, nenhuma chuva, ocorrida nas últimas décadas, foi tão violenta quanto aquela que foi a causa da grande enchente de 1948 (Figura 3).

É ainda o abaixamento e fracionamento das montanhas que permite que se faça sentir bem, no clima da Zona da Mata, a influência da massa atlântica que faz nessa região a sua penetração mais profunda no interior do Brasil, mantendo todas as suas características essenciais.

Segundo VALVERDE (88), embora lhe faltem dados precisos, pode-se deduzir daí a ocorrência de uma elevada umidade relativa do ar. Em Viçosa, esta umidade varia de 31 a 60% ao ano, de acordo com a Estação Climatológica de Viçosa, MG.

A área do município de Viçosa é constituída, em sua maior parte,



FIGURA 3 -- A Grande Enchente do Dia 17/02/1948 na Cidade de Viçosa, MG.

de terrenos acidentados, e o município tem vários morros: do Cruzeiro, do Café, da Coelha, do Paraíso e das Estrelas.

De acordo com informações constantes do mapa elaborado pelo Instituto de Geociências Aplicadas da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Minas Gerais, em 1982, o Rio Turvo Sujo corta o município seguindo a direção aproximada SE-NW. Forma grande quantidade de meandros, terraços fluviais e várzeas, na maior parte de seu curso. Dentre seus afluentes, citam-se o Ribeirão São Bartolomeu (que recebe as águas dos córregos Santa Catarina, do Engenho, Paraíso e da Posse), o Ribeirão Santa Teresa (que recebe as águas dos córregos Pião, Buieieí, Condé, Deveras, Fundo, Silêncio e da Posse) e os córregos Pau-de-Cedro, São João, São Silvestre, dos Nobres e Ferreira.

O Rio Turvo Limpo corre na divisa oeste do município, com direção aproximada SE-NW. Na porção sul do seu curso ele ocupa vale encaixado, refletindo importante controle estrutural.

O Rio Turvo Limpo e o Rio Turvo Sujo confluem na região de Duas Barras, nos limites de Viçosa com os municípios de Porto Firme e Guaraçiaba. São afluentes do Rio Turvo Limpo os córregos Mainarte, Pinhão, Estiva, Laranjeira, Seco, dos Bastos e do Leme. Na porção leste e sul do município de Viçosa, a drenagem reflete controle estrutural, com direção principal SE-NW e secundária NE-SW (Figura 4).

2.2. População

Pelos dados censitários de 1980, Viçosa possui uma população de 42.761 habitantes: população residente - 38.686; outros - 4.075.

Viçosa está entre as cidades da Zona da Mata que apresentam maior densidade demográfica. O censo de 1950 mostrou 36,9 hab./km² e o de 1980, 129,6 hab./km². Segundo o mapa do Instituto de Geociências Aplicadas (MG), de 1982, Viçosa é o município na microrregião Mata de Viçosa que apresenta a menor proporção de habitantes no meio rural. Essa desruralização foi muito acentuada na década de 70, quando a proporção de ru

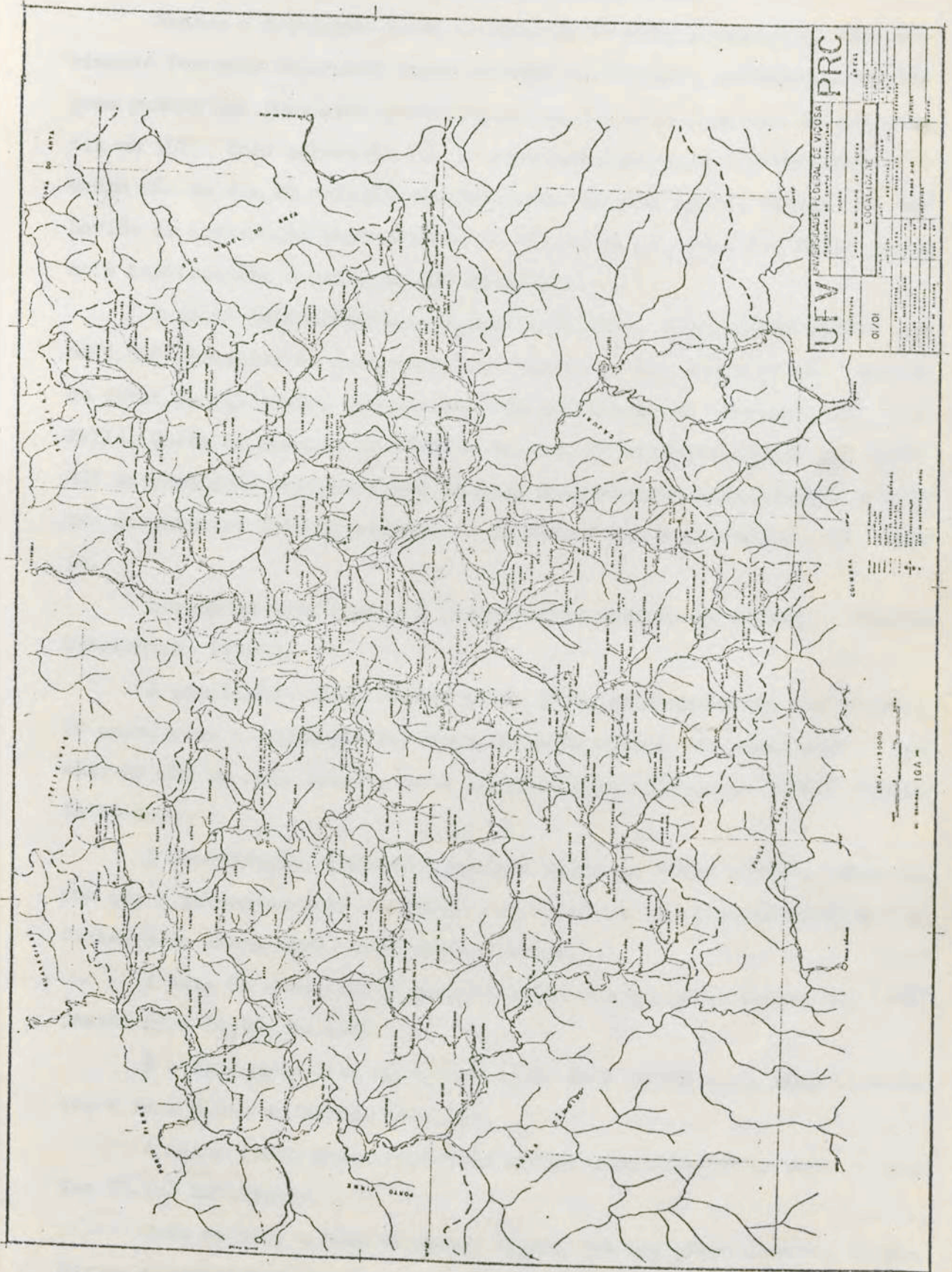


FIGURA 4 - Mapa do Município de Viçosa, Viçosa, MG.

rais passou de 34,07%, em 1970, para 19,40%, em 1980.

Embora a população total do município venha aumentando, este movimento foi mais acentuado entre os anos de 1970-80, período em que Viçosa ganhou uma população praticamente equivalente à metade da que existia em 1970. Esse acréscimo foi de, aproximadamente, 13.000 habitantes. O mesmo não se deu em relação aos moradores da zona rural. Apesar de ter havido um decréscimo populacional na década de 50, esse foi muito pequeno e correspondeu à saída de 123 moradores.

A perda intensificou-se a partir de 1960. O município perdeu quase 3.000 moradores na zona rural, na década de 60, cerca de um quarto do total de habitantes rurais. Segundo informação de Otaviano Vaz de Mello, Chefe da Agência do IBGE de Viçosa, no censo realizado em 1960, 80% da população residente nos Bairros da Conceição e de Lourdes respondeu ao quesito: Veio da cidade, ou do campo? com a afirmação - do campo.

Apesar de mais lenta, a perda também ocorreu na última década apresentada (1970).

A população urbana cresce desde 1950, principalmente nos últimos 20 anos, pois a população residente da zona urbana vem aumentando em mais de 80% em cada década, ou seja, essa população quase dobrou em cada 10 anos.

A urbanização, portanto, está-se dando em ritmo rápido, fazendo com que a percentagem de residentes na cidade e em vilas (Silvestre e Cacheira de Santa Cruz) seja muito elevada.

A taxa de urbanização que, em 1970, era de, aproximadamente, 66% passou para 80,6%, em 1980.

É a taxa mais alta da microrregião Mata de Viçosa e mais elevada que a taxa média do Estado (67,11%).

A maior parte dessa população urbana concentra-se na sede que tem 29.198 habitantes.

Como em toda a Zona da Mata, Viçosa tem uma predominância de pequenas propriedades rurais, resultado, entre outros, do fracionamento

das fazendas, pelo sistema de herança.

Uma análise da listagem de Cadastro do INCRA, referente ao ano de 1978, demonstrou as seguintes variações no tamanho das propriedades (Quadro 1):

QUADRO 1 - Variação no Tamanho das Propriedades Rurais do Município de Viçosa - MG

Propriedades Maiores de 80 ha			Propriedades de 30 a 80 ha			Propriedades Menores de 30 ha		
N.º	Área	%	N.º	Área	%	N.º	Área	%
50	6.432,7	31,34	176	7.209,1	35,12	578	6.881,2	33,5

Pelo Quadro 1, pode-se notar que os pequenos proprietários constituem a maior parte do contingente de campo no município de Viçosa, embora haja meeiros e parceiros em menor número.

Muitos proprietários, donos de propriedades muito pequenas, trabalham na Universidade Federal de Viçosa ou dão dias de serviço nas propriedades maiores. Alguns são meeiros.

Outra parcela de proprietários reside na cidade e trabalha no campo o dia todo ou parte do dia.

Há ainda pequenas propriedades na periferia da cidade, que são utilizadas como lazer ou descanso pelos seus proprietários, na maioria, professores ou administradores da Universidade Federal de Viçosa.

A percepção do valor da educação tem crescido entre os sitiantes e fazendeiros e muitos mantêm casas na cidade, para que os filhos possam estudar.

Com o crescimento do setor de construção civil, consequência da expansão da U.F.V., que aumentou o poder aquisitivo do povo, muitos trabalhadores do campo têm vindo para a cidade trabalhar nas obras, inchan

do as favelas que proliferam nos morros da periferia.

Existe, ainda, outro fenômeno de migração característico do município de Viçosa: há sempre uma grande população de renda baixa, que, desejando migrar para Belo Horizonte, Rio de Janeiro e, principalmente, São Paulo, vem das fazendas e povoados vizinhos e aqui se estabelece em casas de parentes ou amigos e mesmo em barracos próprios, sem emprego ou subempregado, numa fase intermediária do grande salto do campo para as capitais.

Esta população flutuante, quase sempre, tem problemas de habitação, saúde, educação entre outros, aumentando a demanda destes serviços no município.

Percebe-se, assim, nitidamente, em Viçosa o fenômeno que caracteriza a interação campo-cidade e que está delineando a sociedade "rurbana" já mencionada neste trabalho.

Outro tipo de população flutuante que exerce grande influência nos costumes e modos de vida em Viçosa é o constituído pelos estudantes da U.F.V. e professores recém-chegados, antes de sua adaptação ao meio.

Esta diversidade de pessoas, com diferentes tipos de educação e status sócio-econômico, interagindo com a população local de raízes tradicionalistas, forma um complexo humano heterogêneo. Neste contexto, não são raras as divergências político-sociais ou religiosas com características de conflitos, manifestos ou latentes, que dão origem a subgrupos dentro dos grupos, onde uma convivência polida, às vezes, esconde uma rejeição sistemática.

2.3. Economia

Viçosa é um município essencialmente voltado para a agricultura. Iniciativas para a implementação de fábricas falharam pela precocidade do empreendimento - este foi o caso das Fábricas de Tecidos São Silvestre e Santa Maria, no início do século.

Iniciativas para uma usina de álcool na década de 40 também fa-

lharam, principalmente em decorrência das injunções econômicas depois da Segunda Guerra Mundial.

Novos ensaios no campo da indústria estão sendo feitos com os trabalhos para a instalação de uma minidestilaria de álcool no município, sob os auspícios da UFV/FUNARBE (Fundação Arthur Bernardes), mas também esta atividade irá desembocar na agricultura, na plantação de cana, matéria-prima do empreendimento.

Nos primórdios de colonização, Viçosa e outras cidades da região tinham por objetivo principal abastecer os centros mineiradores de Ouro Preto e Mariana de produtos necessários à sobrevivência, em falta nas lavras: arroz, feijão, milho, mandioca e outros.

O retalhamento das fazendas em pequenas propriedades agrícolas concorreu, em parte, para a continuação destas lavouras no município, agora dentro de uma agricultura de subsistência, em sua maior parte.

Ao lado destes produtos (arroz, feijão, milho e outros), o café garantiu, por muito tempo, a maior fonte de renda do município. Contudo, a configuração geográfica do município, seu relevo acidentado e a sua estrutura agrária específica, dificultam, de certa forma, a mecanização intensiva da lavoura, fator este, muitas vezes, responsável por fortes mudanças sócio-culturais em diversos municípios e regiões do Estado e do País.

Dentro deste enfoque, as mudanças no segmento material da cultura, que, em grande parte, são conseqüência da tecnologia, têm sido mais lentas no município do que aquelas efetuadas dentro do segmento imaterial, isto é, nas crenças, arte, idéias e ideologias que ocorrem em qualquer contexto geográfico ou econômico.

Em menor escala, a pecuária é feita, em Viçosa, de maneira extensiva. Há gado de corte, suínos e, atualmente, granjas para a produção de frangos de corte.

2.3.1. O Café na Região de Viçosa

A cultura do café no final do século XIX, princípios do século XX, era fundamentalmente extensiva, pautando-se por uma busca constante de novas terras para o plantio.

A expansão do café na Zona da Mata mineira coincide com aquela verificada no Vale do Paraíba e no norte paulista.

Na região de Viçosa, a sua expansão parece coincidir com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina, principal via férrea da Zona da Mata e grande fator de integração de seus municípios. Isto é bastante compreensível, pois o transporte executado por meio de tropas de mulas e carros de bois, através de caminhos montanhosos, era não só dispendioso como arriscado; gastavam-se meses de viagem para cobrir distâncias relativamente pequenas. Assim, a E.F. Leopoldina, quando galgou a serra de São Geraldo, atingindo Ponte Nova, em 1886, passando por Viçosa, funcionou como um incentivo para o aumento da plantação cafeeira na região.

Esta expansão que, de início, teve lugar no seio de uma economia escravista - segundo LIMA (48), em 1886, a população escrava do município de Viçosa era de 3.042 escravos - iria continuar em Viçosa, como em toda a Zona da Mata, predominantemente no regime de parceria, com base na meação.

Carlos Prates, citado por LIMA (48), percorreu, em 1906, vários municípios cafeeiros da Zona da Mata, procurando conhecer minuciosamente a situação das fazendas mais importantes da região. De acordo com seu relatório, o sistema de custeio das lavouras era misto, ou seja, salário e meação, com larga predominância desta, em que o meeiro (colono) fica com a metade do lucro da venda do café, deduzidas todas as despesas em beneficiamento, transporte, comissão de vendas, impostos, etc. Havia poucos terrenos virgens adequados ao cultivo do café nos vários municípios por ele percorrido: Além Paraíba, Ubá, Rio Novo, Juiz de Fora e Viçosa, entre outros.

A expansão cafeeira e o declínio da mineração levaram a uma redistribuição demográfica na Zona da Mata, com o conseqüente aumento da população nas zonas do café. Este fator parece ter sido decisivo na flutuação dos índices de expansão da economia cafeeira da Mata, nos fins do século XIX, início do século XX.

Segundo LIMA (48), a produção mineira, mais especificamente a da Zona da Mata, cresceu até, aproximadamente, 1880-81, cessou a sua expansão nesta década, para ^{RETO, MA-LA} remota-la, finalmente, entre 1890 e 1905. Justamente neste período compreendido pela virada do século ela atingiu seus limites mais elevados. De 1905 em diante, a produção se estabilizou, e a nova expansão só teve início a partir de 1919/1920.

Ao se manifestar, em 1905, a primeira grande crise da superprodução de café, Viçosa também foi atingida, pois rara era a propriedade que não possuía o seu cafezal, plantado morro acima.

De acordo com LIMA (48), a produção de Viçosa, em 1905, era de 38.000 arrobas, sendo a maioria dessa produção obtida em pequenas propriedades.

O salário, em 1906, para a lavoura cafeeira da Mata era de 1\$500 (hum mil e quinhentos réis), nível já atingido por São Paulo em 1883.

Em 1913, segundo informantes, a lavoura cafeeira diminuiu na região de Viçosa, porque o café valia pouco - 5\$000 (cinco mil réis) o saco, chegando mais tarde a sete ou oito mil réis.

Ao atingir este preço, o plantio aumentou e, em 1937, fiscais do governo Vargas percorreram o município pagando aos fazendeiros para arrancarem os pés de café. A oscilação de preço continuou e, ainda segundo informantes, em 1938, o café praticamente desapareceu da região de Viçosa.

Segundo o depoimento José da Silva Araújo, Chefe do Serviço Local de Assistência a Cafeicultura (SELAC) de Viçosa, a década de sessenta assistiu à erradicação nacional de pés de café, tendo a produção de Viçosa caído praticamente a zero.

O Plano, executado pelo Banco do Brasil, deveria promover a erra

dicação de cafezais improdutivos, pagando-se Cr\$ 0,30 por pé arrancado para novo plantio, mas a falta de condições para um acompanhamento do Plano fez com que a erradicação se desse de forma indiscriminada.

Em 1971, foi instalado no município um Escritório do Instituto Brasileiro do Café, e Viçosa foi incluída no zoneamento de âmbito nacional do Plano de Renovação Cafeeira, elaborado pelo IBC, como região apta ao cultivo do café.

Contudo, o município de Viçosa, entre os municípios da região, foi o que menos respondeu ao Plano de Renovação dos Cafezais. A renovação de cafezais foi mais intensa nos municípios de Teixeiras, Coimbra, Araponga e Porto Firme.

Segundo técnicos do SELAC, cujo objetivo principal é dar assistência técnica aos cafeicultores, várias razões podem estar relacionadas com este fato. Em primeiro lugar, está o problema da escassez de mão-de-obra. O plantio do café em Viçosa é feito em pequenas propriedades localizadas nas vizinhanças da sede do município e dos distritos. Dessa forma, de modo geral, para as tarefas da lavoura é utilizada mão-de-obra volante, apanhada na cidade e nos distritos por ocasião dos serviços da lavoura, capinas, colheitas, etc. e este problema agrava-se à medida que as propriedades vão-se localizando mais para o interior do município.

Outro fato citado pelos técnicos do SELAC que pode estar associado à renovação de cafezais é que o agricultor viçosense é mais resistente à orientação técnica, questiona mais e não adota inovações de modo rápido e consciente e, quando aceita orientação, não a executa.

Com todos estes percalços, a população cafeeira do município de Viçosa é, atualmente, de 1.207.137 covas, numa área total de 704,1 ha, enquanto, a título de comparação, o município vizinho de Ervália atinge quase 7.000.000 de covas e o de Araponga 6.000.000.

O fator relevo concorreu para a expansão do café na Zona da Mata e, portanto, em Viçosa, uma vez que, em terreno acidentado, o cafeeiro dura, em média, 20 anos, dos quais 15 em produção lucrativa.

Contudo, a agricultura predatória praticada no início do século concorreu para a redução destes índices de produtividade, forçando sempre a busca de novas terras para o plantio do café, terras estas que já não podiam ser encontradas facilmente no município.

A respeito da cultura do café na Zona da Mata norte, portanto, o caso de Viçosa, VALVERDE (88) assim se expressou:

Há, ainda, uma consequência econômica importante do relevo a acrescentar às judiciosas conclusões de Ruellan: é a influência da altitude sobre a cultura do café na Zona da Mata. Por certo, as terras desmatadas, cultivadas e exauridas pelo café, não mais o produzem, qualquer que seja a altitude em que elas se encontrem; mas é também indiscutível que, a partir do nível dos 800-900 metros até a altitude de 1.200, os cafezais têm maior duração e dão rendimentos mais compensadores. O "*Coffea arabica*" não suporta bem as temperaturas elevadas das terras baixas. Ele é nativo, como se sabe, dos planaltos tropicais da Abissínia. Há, portanto, também um fator geográfico -- o clima, através da altitude -- e não somente um fator histórico -- a marcha do povoamento -- para explicar a maior produção atual de café, no norte e nordeste da Zona da Mata.

Descrevendo paisagens da Zona da Mata, VALVERDE (88) assim se referiu aos cafezais:

Pelas encostas das vizinhanças, estendiam-se os cafezais quase sempre de forma quadrangular, cujos arbustos se alinham em fileiras paralelas segundo as linhas de maior declive. A Zona da Mata jamais conheceu cafezais muito extensos; nada que se assemelhasse à paisagem de "mar de café" do planalto paulista. As culturas embora numerosas, ocupam áreas relativamente pequenas. São formadas à custa do solo florestal cuja mata é derrubada. Quando o cafezal é novo plantam-se culturas intercaladas de feijão, arroz e mais comumente, o milho. Esquemáticamente, assim se pode delinear a paisagem das novas regiões cafeeiras do século passado, na Zona da Mata: nos morros e encostas mais altas, ficava a floresta; nas vertentes inferiores, o café, isolado quando adulto, e com culturas intercalares, quando novo; nos vales, pastos, fazendas, currais, estradas etc. paisagem humanizada, enfim.

Como pode ser notado, a economia viçosense girou, prioritariamente, em torno do café, e a política cafeeira, com seus altos e baixos, deixou suas marcas no município.

Atualmente, o café voltou à paisagem de Viçosa, agora plantado dentro de tecnologia apropriada, por influência da Universidade Federal de Viçosa e dos serviços de Extensão Rural no município, efetuados pela EMATER-MG, SELAC e outros órgãos afins.

De acordo com o SELAC, a produção de café em Viçosa, em 1979/1980, foi de 222 toneladas; em 1980/1981, de 344 t; em 1981/1982, caiu para 220, mas, para 1982/1983, há previsão de uma boa safra, estimada em 400 t.

2.4. Urbanização

VALVERDE (88), analisando o povoamento das cidades da Zona da Mata, dividiu os grupamentos de população que formam a rede urbana, de acordo com a sua origem:

Há núcleos urbanos do tipo "strassendorf" (grupamento linear ao longo de uma rua, linha férrea, rodovia, etc.) enquanto outros não obedecem rigorosamente ao padrão linear, embora tenham uma estrutura alongada. Um outro grupo tem o tipo "castrum" das regiões cafeeiras e que Deffontaines, citado por VALVERDE (88), chamou de "cidades-patrimônio", porque resultaram de um patrimônio de terras, doado à igreja por um ou mais fazendeiros, para nele se erguer uma capela.

O patrimônio tem dimensões estabelecidas, suficientes para uma praça com casas em volta. A capela é construída, geralmente, fora do centro; fica mais próxima de um dos lados, mas voltada para a praça em posição proeminente. Dos vértices do quadrilátero, saem as ruas. O "castrum" tem a função social que a igreja exerce, mas isso não impede que se lhe acrescentem outras funções, como a comercial.

Há ainda o tipo "xadrez" certo planejamento urbanístico que talvez se tenha inspirado no "castrum".

Viçosa parece ter um traçado urbano oriundo do tipo "castrum". Realmente, o povoado teve início ao redor da capela do patrimônio de Santa Rita, daí saindo as ruas Senador Vaz de Mello, Arthur Bernardes,

Virgílio Val e Benjamin Araújo (vértices do quadrilátero) (Figura 5).

Contudo, VALVERDE (88) disse que:

Em muitas cidades desenvolvidas, a malha de arruamentos que se acrescentam ao plano inicial é tão complicada que se torna difícil discernir a origem. Neste caso, tem-se um padrão "complexo", como em São João Nepomuceno, em Santos Dumont, Cataguases e Viçosa.

De fato, em Viçosa, a cidade cresceu e multiplicou em direções variadas, de tal forma que seu aspecto original foi quase inteiramente mudado (Figura 5).

2.5. Outros Aspectos

Viçosa é bem servida de transportes.

O município é cortado pela BR 120, e várias linhas de ônibus fazem a ligação de Viçosa com Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Juiz de Fora e outras cidades.

Possui um aeroporto com pista asfaltada para aviões de porte médio e pequeno e é servida, também, pela Rede Ferroviária Federal.

No Setor de Comunicação, Viçosa conta com a rede telefônica da TELEMIG, ligada aos sistemas DDD e DDI. Possui Correios e Telégrafo; uma emissora de rádio - Rádio Montanhesa; dois canais repetidores de TV: Globo, de Juiz de Fora, canal 11, e Alterosa, de Belo Horizonte, canal 9; dois jornais: Integração, na cidade, e UFV Informa, na Universidade Federal de Viçosa, além das revistas científicas CERES e SEIVA, também da UFV, e da revista Ultimato, editada pela Igreja Presbiteriana local.

Vários Boletins circulam no Campus Universitário e na comunidade viçosense: a Fauna, boletim ecológico; UFV Debate - Ciência, Tecnologia e Educação, órgão de comunicação de idéias e de trabalhos educacionais; e o Informe Técnico, publicado pelo Centro de Ensino de Extensão, CEE, entre outros.

Possui moderna estação de tratamento d'água e energia elétrica fornecida pela CEMIG.

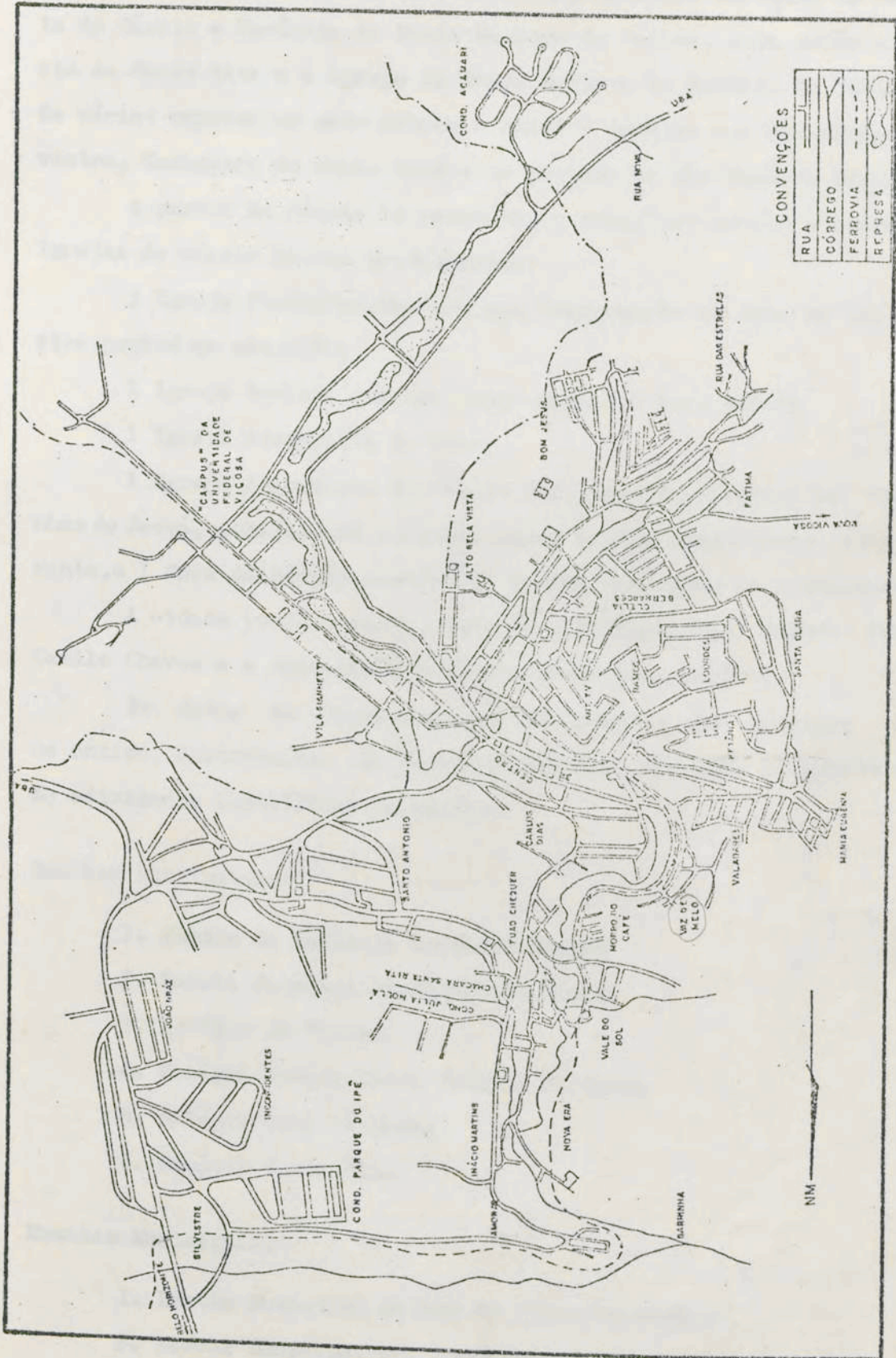


FIGURA 5 - Traçado Urbano da Cidade de Viçosa, MG.

A religião predominante é a católica.

A cidade possui duas paróquias organizadas: Paróquia de Santa Rita de Cássia e Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, onde estão o Santuário de Santa Rita e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, além de várias capelas no meio urbano e rural e igrejas nos distritos de Silvestre, Cachoeira de Santa Cruz e no povoado de São José do Triunfo.

A partir da década de sessenta, o município passou a contar com Igrejas de várias seitas protestantes:

1 Igreja Presbiteriana com uma Congregação no Vale do Sol e vários pontos de pregação;

1 Igreja Batista com uma Congregação no meio rural;

1 Igreja Assembléia de Deus;

1 Igreja Adventista do Sétimo Dia, além de 1 Igreja de Testemunhas de Jeová, considerada herética pelas seitas mencionadas anteriormente, e 1 Casa da Bênção, também não aceita como ramo do protestantismo.

A cidade possui, ainda, dois Centros Espíritas: Centro Espírita Camilo Chaves e a Associação Espiritualista Alan Kardec.

No Setor de Educação, há 40 escolas de diversos níveis de ensino, distribuídas nos meios urbano e rural, além de vários cursos de atividades específicas de ensino:

Escolas Particulares:

1. Jardim da Infância os Super Amigos
2. Escola Maternal Pinguinho de Gente
3. Colégio de Viçosa
4. Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo
5. Colégio Raul de Leoni
6. Ginásio Santa Rita

Escolas Municipais:

1. Escola Municipal Arthur da Silva Bernardes
2. Escola Municipal Dr. Juscelino Kubitschek

3. Escola Municipal Joaquim Lopes Nogueira
4. Escola Municipal Juarez de Souza Carmo
5. Escola Municipal Nossa Senhora do Carmo
6. Escola Municipal Arlindo de Paula Gonçalves
7. Escola Municipal Áurea Branco Pacheco
8. Escola Municipal Jacyra do Valle Rodrigues
9. Escola Municipal José Teotônio Pacheco
10. Escola Municipal Nossa Senhora do Carmo
11. Escola Municipal Padre Francisco José da Silva
12. Escola Municipal Santo Antônio

Escolas Estaduais:

1. Escola Estadual Cel. Antônio da Silva Bernardes
2. Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres
3. Escola Estadual Padre Álvaro Correa Borges
4. Escola Estadual Ministro Edmundo Lins
5. Escola Estadual Santa Rita de Cássia
6. Escola Estadual da Fazenda do Paiol
7. Escola Estadual da Fazenda do Tico-Tico
8. Escola Estadual Dom Bosco
9. Escola Estadual São José do Triunfo
10. Escola Estadual "Alice Loureiro"
11. Escola Estadual do Paraíso
12. Escola Estadual da Colônia Vaz de Melo
13. Escola Estadual de Piúna
14. Escola Estadual Santa Rita
15. Escola Estadual Boa Esperança
16. Escola Estadual Effie Rolfs
17. Escola Estadual Presidente Bernardes
18. Escola Estadual Anexa ao Col. Normal Nossa Senhora do Carmo
19. Escola Estadual João Francisco da Silva
20. Escola Estadual do Bairro da Conceição

Escolas Federais:

1. Colégio Universitário/UFV
2. Escola Agrícola "Arthur Bernardes"/FUNABEM

Além destas Escolas, o município conta com os serviços educacionais de 1 Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, 1 Instituto de Ensino Profissionalizante (IVEP), 1 Curso de Inglês seriado "Star English", vários Cursos de Inglês para adultos e crianças e ainda vários Cursos preparatórios para o Vestibular.

Uma Universidade Federal, onde as Ciências Agrárias têm relevância, completa as facilidades educacionais existentes no município.

A cidade conta com os serviços de várias Associações Assistenciais, dois Clubes de Serviços, Rotary Clube e Lions Clube, e duas Lojas Maçônicas: Flor de Acácia e Mahatma Shimoya.

No Setor de Saúde, a cidade dispõe do Hospital São Sebastião, em fase de ampliação; um Centro de Saúde (estadual), um Ambulatório Médico na Universidade Federal de Viçosa, várias clínicas médicas particulares e ampla rede de serviços odontológicos.

No dia 22 de dezembro de 1980, Viçosa teve instalada a sua Agência de Previdência Social. Este empreendimento significou uma grande melhoria para o município que, anteriormente, era filiado à cidade de Ponte Nova, MG para assuntos previdenciários. A instalação da Agência da Previdência foi fruto de gestões desenvolvidas pela Universidade Federal de Viçosa junto aos poderes competentes em Brasília.

Atualmente, a Agência, situada à Avenida Humberto Castelo Branco, 1331, apesar de ainda funcionar em situação precária, resolve todos os assuntos relativos à previdência social. Ela consta de:

IAPAS - Instituto de Administração Financeira da Previdência Social, encarregado da arrecadação e administração financeira;

INPS - Instituto Nacional de Previdência Social, que cuida dos benefícios previdenciários (pensões, aposentadorias e outros);

INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência

Social, que cuida da assistência média e odontológica do órgão.

Os três órgãos funcionam em conjunto, no mesmo prédio, mas obedecem a legislação e regulamentos específicos, com grupos de funcionários distintos. Todo o conjunto tem a supervisão de um agente, Iacy José Marques, que também é seu representante junto a entidades e autoridades, em geral, e também junto à Superintendência Regional, em Belo Horizonte.

A Agência do INPS, em Viçosa, abrange, além da sede, sete municípios: Cajuri, Coimbra, Paula Cândido, Pedra do Anta, Porto Firme, São Miguel do Anta e Teixeira. Espera, para breve, a transferência dos municípios de Araponga e Canaã.

O INAMPS conta com seis médicos em seu quadro e seis dentistas credenciados, com uma média de 180 consultas médicas diárias. Possui uma ambulância para internamento de beneficiários no Hospital de Viçosa e em outros de centros de maiores recursos hospitalares.

O INAMPS faz também atendimento do FUNRURAL, mediante convênio firmado com aquela entidade.

Possui um Hospital credenciado, o São Sebastião, e um Laboratório para análises clínicas - o Laboratório Santa Rita.

Administrativamente, a Agência da Previdência de Viçosa é subordinada ao IAPAS de Belo Horizonte.

Viçosa conta ainda com um Hospital - em fase de construção, atualmente paralisada - o São João Batista, situado no Bairro Nova Era, antigo Pau de Paina.

Na área financeira Viçosa é servida pelos Banco do Brasil, Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE) e Banco Brasileiro de Descontos (BRADESCO) e pelas Caixa Econômica Federal e Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais (Minas Caixa).

O comércio está em franco desenvolvimento e o setor de construção civil em expansão.

x 3. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA

3.1. Povoamento e Início de Colonização

Os séculos XVI e XVII marcaram o período, na História do Brasil, que se caracterizou pela busca de riquezas minerais do solo brasileiro.

O movimento das entradas e bandeiras constituiu um episódio marcante nos primórdios da colonização do Brasil.

PRADO JÚNIOR (63) assim se expressou a esse respeito:

Os metais preciosos tinham preocupado os portugueses desde o início da colonização. As prematuras descobertas no México e no Peru incendiavam as imaginações e tornara-se crença arraigada que qualquer território da América encerrava necessariamente os preciosos metais. Com a esperança de encontrá-los não foram poucos os aventureiros que desde o primeiro momento da ocupação do litoral brasileiro se tenham internado pelo território desconhecido. Deles ficaram notícias vagas, pois quase todos se perderam: quando escapavam de uma natureza agreste, iam acabar às mãos dos indígenas.

A riqueza fácil incendiava, dessa forma, os corações e as mentes de homens rústicos, afeitos a lutas, e as promessas de honrarias e benesses das Cartas régias impulsionavam brasileiros e reinóis às aventuras no sertão bruto onde a mata densa, povoada por indígenas e animais bravios e peçonhentos, constituía um verdadeiro desafio para seus desbravadores.

Segundo VASCONCELOS (89):

As constantes entradas eram influenciadas pelo Reino, que prometia benesses, tenças, pensões, Hábitos de Cristo, foros de Fidalguia, Tabelionatos e padrões nobiliárquicos hereditários a quem descobrisse lavras de ouro, ágata, pedras coradas, prata... Em geral as bandeiras, subidas do abençoado planalto de Piratininga, não visavam apenas a riqueza mas a gratidão de El Rei Sereníssimo em títulos e linhagens que enobressem o sangue de sua raça. Fracassados nesse ideal, para ressarcir a fazenda desfalcada preavam tapuios, que vendiam na sede da Capitania de Martin Afonso por um mil réis a peça, exatamente o preço de um carneiro.

Estava patente o caráter de lucro e recompensas presente no episódio heróico das bandeiras que cortaram o interior do Brasil no alvorecer de sua vida como colônia portuguesa.

A primeira investida pelos sertões das Gerais é tida como obra da expedição de Francisco Bruza de Espinosa que partiu, em março de 1554, com uma expedição preparada por ordem de Tomé de Souza, primeiro governador geral, que assim se apressava em cumprir as recomendações do rei, para que cuidasse dos descobrimentos. Desta expedição, considerada por vários historiadores como a primeira a pisar o solo mineiro, fazia parte o Padre Aspicuelta Navarro, missionário da Companhia de Jesus, que chegara ao Brasil em companhia dos Padres Nóbrega, Antônio Pires e Leonardo Nunes.

Por outro lado, da baía de Guanabara teria saído, em 1531, a primeira expedição a tocar a Mata das Minas Gerais.

MERCADANTE (56), citando Calógeras, disse que eram quatro portugueses, entre eles Pero Lopes de Souza, que, explorando o sertão da costa do Rio de Janeiro, teriam chegado à terra mineira. Basílio de Magalhães, citado em MERCADANTE (56), colocou dúvidas de que apenas quatro homens pudessem aventurar-se a tão profundo embrenhamento, embora não fosse impossível que, transposta a serra dos Órgãos, pudessem os aventureiros vadear o Paraíba, pisando o solo das Gerais.

O que parece patente é que no esforço em busca das minas de ouro e pedras preciosas podem-se distinguir dois fluxos distintos de bandeirantes; um vindo do norte - o dos baianos - e outro vindo do sul - o dos paulistas.

No fluxo vindo do norte, à bandeira de Espinosa seguiram-se as de Sebastião Fernandes Tourinho, sobrinho do donatário de Porto Seguro, em 1573, e que teria alcançado os sertões do leste mineiro; a de Antônio Dias Adorno, sertanista famoso, que, entrando no distrito das esmeraldas, colheu-as em grande número, como também turmalinas verdes e azuis, e encontrou indícios de ouro e de outros metais. Com o intuito de voltar à Bahia, Adorno caiu doente no Jequiriçá, ficando em casa de Gabriel Soares.

Ali, suas descrições de viagens entusiasmaram João Coelho de Souza, cunhado de Soares, que partiu na trilha de Adorno. Vendo, porém, a impossibilidade de chegar às jazidas sem uma expedição regular, Coelho regressou, morrendo perto de Jequiriçá. Antes de morrer, contudo, mandou entregar a seu sobrinho Gabriel Soares um roteiro com a recomendação de que fosse à Europa solicitar do Rei os recursos necessários para a organização de uma expedição que tivesse condições de levar a bom termo a difícil tarefa que se propusera realizar. Gabriel Soares aportou na Europa, quando reinava sobre Portugal o rei Felipe II de Espanha, em 1586, e conseguiu os recursos de que precisava, mas, em sua volta, naufragou, quando já se avistavam as terras da Bahia, nas costas do Vasa-Barris, perdendo ele tudo o que trazia, menos a tripulação, que foi salva, graças a uma colônia ali recentemente fundada.

Segundo VASCONCELOS (90), talvez de tantas esperanças e projetos naufragados tenha vindo o rifão popular: "deu tudo em Vasa-Barris".

Gabriel Soares, entretanto, voltou a se empenhar nos descobrimentos e partiu novamente, em meados de 1592, rumo do Paraguaçu, em direção ao Boqueirão. Em sua trilha pelo sertão, depois de fundar um segundo povoado, seguindo determinações reais, adoeceu e finalizou com a morte sua carreira de sertanista de têmpera. De sua vida agitada pelos sertões ficou a obra - *Notícia Descritiva do Brasil*.

Alguns anos depois, renovaram-se as tentativas de descobrimentos com a bandeira de Marco Azeredo Coutinho - o velho - que, seguindo o roteiro de Tourinho e Adorno, deu início ao ciclo de entradas espirito-santenses.

PESSOA (61) assim se referiu a Azeredo Coutinho:

Saindo do Espírito Santo, navegou o Rio Doce até a barra do Coaracimirim, hoje Suaçuí, atravessando uma grande lagoa e foi dar com a Serra, penetrando na região cobiçada das esmeraldas. O tesouro em pedras que conseguiu colher e remeter ao Rei, repercutiu enormemente, pois, no meio delas, estava o primeiro diamante que o Brasil exibiu.

Azeredo Coutinho deixou bem definido o roteiro das esmeraldas que a muitos iria servir em futuras incursões pelas terras das Gerais. Depois de Azeredo Coutinho, a guerra dos holandeses e o abatimento advindo do Tratado dos Pirineus fizeram com que diminuíssem ou até mesmo cessassem as expedições vindas da Bahia.

Neste ponto, entraram em cena os paulistas, inaugurando o fluxo de bandeiras vindo do sul.

O ponto inicial das bandeiras que se dirigiam para o norte, além da Mantiqueira, nos domínios dos Cataguá, concentravam em Piratininga e Taubaté, com foro solenemente instalado em 1646.

Neste mesmo ano, o governador do Rio de Janeiro encarregou Félix Jaques de penetrar o sertão de Guaratinguetá (sertão dos pássaros brancos) em busca de minas, o que foi feito transpondo a Mantiqueira pela garganta do Embaú (M'bau - depressão da Mantiqueira), hoje Cruzeiro. A descoberta desta passagem teve importância primordial para alcançar as Minas dos Cataguás, pois demonstrou, com certeza, a possibilidade física de atingir o sertão das esmeraldas, vindo de São Paulo. Por este caminho trilharam vários aventureiros, dentre eles Agostinho Barbalho Bezerra, a quem foi dada a incumbência de descobrir o distrito das esmeraldas, de acordo com o caminho descrito por Azeredo. A aventura, contudo, não chegou a acontecer, porque Barbalho, tão logo tinha aprontado a comitiva, veio a falecer. A tarefa iria ser desempenhada por Fernão Dias Pais, em epopéia que marcou, com traços indeléveis, a corrida do ouro e esmeraldas em Minas Gerais.

A bandeira de Fernão Dias Pais pôs-se a caminho em 1674, havendo neste ponto discordância entre vários autores que assinalam sua partida

como tendo sido realizada em 1673.

VASCONCELOS (90) justificou a data de 1674 pela carta do príncipe D. Pedro, então regente do reino, dirigida a Fernão Dias em 30 de novembro de 1674 onde se lia o seguinte:

Pela cópia de vossa carta de 21 de julho deste ano, que remeteu ao governador Afonso Furtado de Mendonça, me foi presente como naquele dia partias ao descobrimento das minas do sertão de São Paulo e terras das esmeraldas.

A bandeira de Fernão Dias, segundo Taunay, citado por MERCADANTE (56), atingiu o território mineiro pela garganta do Embaú e, além da descoberta do ouro, dela também nasceria o caminho das Minas de Cataguá e do rio das Velhas (Figura 6).

A região da Mata Mineira, onde se localizava Viçosa, não teria vínculo com o caminho velho e só seria atingida, mais tarde, graças a outro roteiro - o caminho novo - desbravado por Garcia Rodrigues Pais, filho de Fernão Dias (Figura 7).

VALVERDE (88) descreveu este movimento:

As Minas Gerais foram descobertas pelos paulistas, os quais partiam de Piratininga e Taubaté. Para estes centros é que descia o ouro pelas picadas abertas pelos bandeirantes através das gargantas da Mantiqueira, em seguida transpunha a Serra do Mar, ganhando o litoral paulista e da baía da Ilha Grande. Daí o metal precioso era levado por mar ao Rio de Janeiro. Esta última etapa tornava-se cada vez mais perigosa quanto mais ousados se mostravam os piratas. Foi por isso que o governo colonial julgou por bem abrir uma estrada que da região das minas levasse diretamente ao Rio, encurtando o trajeto e evitando o percurso marítimo.

Foi construído, então, o caminho novo por Garcia Rodrigues Pais, para evitar o "descaminho do ouro" cuja diretriz serviu, mais tarde, para a construção da estrada de rodagem União Indústria que, hoje, modernizada, liga Juiz de Fora ao Rio de Janeiro.

Com o caminho novo, os bandeirantes passaram a trilhar a Zona da Mata Mineira, abrindo novos rumos e estendendo a fronteira do País.

As expedições que trilhavam os caminhos de Minas deixavam pontos

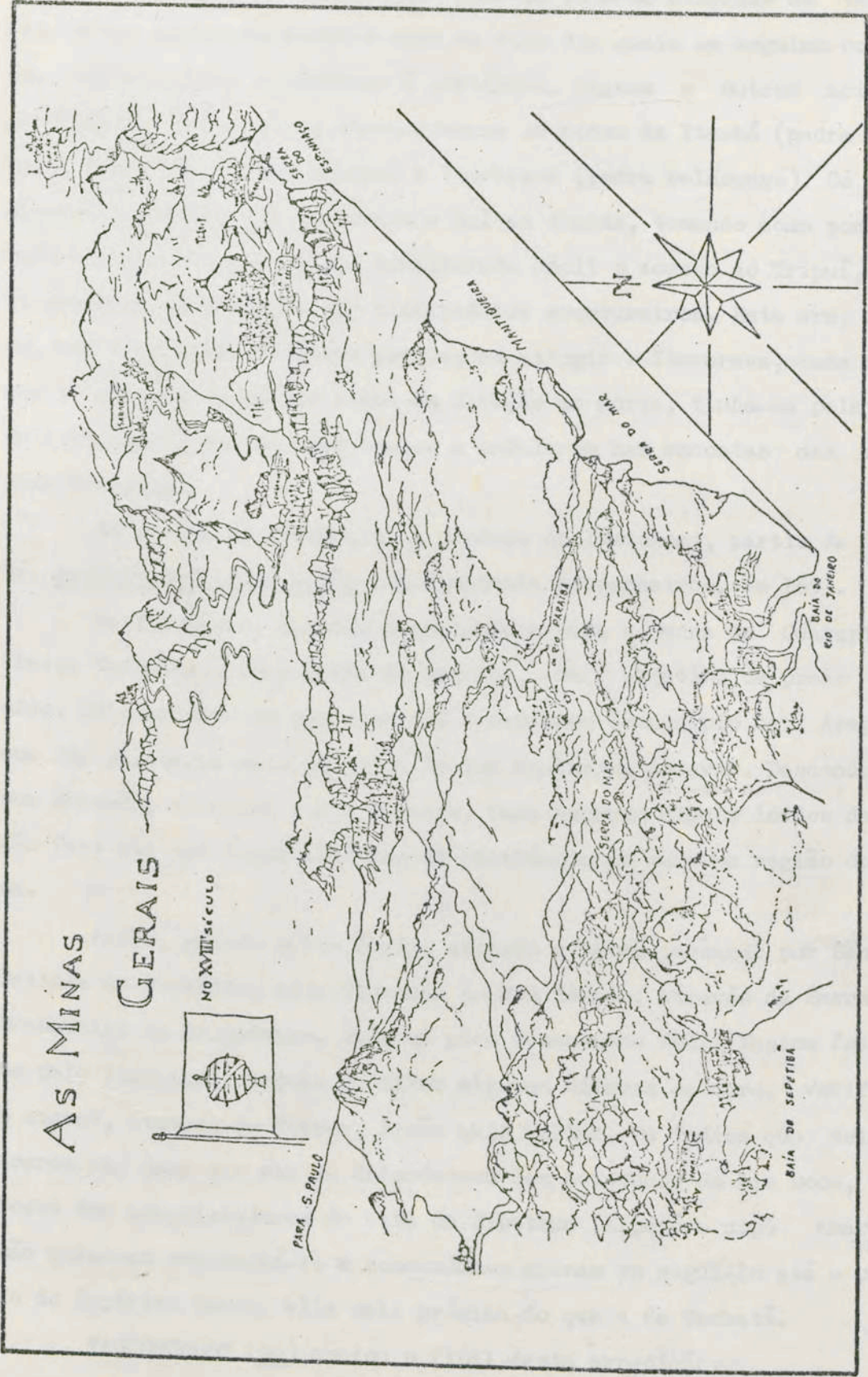


FIGURA 7 - Minas Gerais no Século XVIII - O Caminho Novo Desbravado por Garcia Rodrigues Pais.

de referência que serviam de guia para as futuras entradas no território. Estes marcos do roteiro eram os rios dos quais se seguiam os cursos, montes, picos observados à distância, lagoas e outros acidentes geográficos. Entre estes destacavam-se os picos do Itambé (pedra de amolar), Itacolomi (pedra menino) e Itaverava (pedra relâmpago). Os caminhos eram abertos até Itaverava e daí em diante, tomando como ponto de referência o Itacolomi, era considerado fácil o acesso ao Tripuí, região aurífera já atingida por mineiradores aventureiros. Esta era, contudo, uma facilidade relativa porque, ao atingir o Itaverava, onde as serras se dividem em vários ramos em direção ao norte, tinha-se pela frente a incógnita dos sertões brutos a ondularem nas encostas das serranias distantes.

Na trilha do Itaverava, à procura do Itacolomi, partiu de Taubaté Antônio Rodrigues Arzão com cinquenta companheiros, em 1693.

De Itaverava, marchou o sertanista para a Serra do Guarapiranga (Garça Vermelha), hoje Serra do Sanches, com o objetivo de prear índios. Dali avistou os píncaros dos Arrepiados (município de Araponga) que lhe pareceram mais próximos do que realmente estavam. Descendo em sua direção, alcançou o rio Piranga, onde vagavam alguns índios da nação Puri que lhe deram notícias da existência de ouro na região do Casca.

Arzão, guiado pelos Puris, atingiu o Casca passando por São João Batista do Presídio, hoje Visconde do Rio Branco, através da Serra do Granadeiro ou Brigadeiro, onde um pico denominado Pedra Menina foi tomado pelo Itacolomi. Depois de tirar algumas oitavas de ouro, verificado o engano, atacado de febres, Arzão quis voltar. Os índios que dele se acercaram, para que ele os defendessem dos botocudos do Rio Doce, temerosos dos conquistadores do vale do Sipotaua (Xipotó - cipó amarelo), não quiseram acompanhá-lo e concordaram apenas em segui-lo até o povoado do Espírito Santo, vila mais próxima do que a de Taubaté.

VASCONCELOS (90) contou o final desta expedição:

Acolhido com benevolência pelo capitão-mor e pela Câmara da Vila, recebeu os subsídios, que por ordem do rei se ministravam aos descobridores e tendo oferecido ao mesmo guarda-mor as três oitavas de ouro extraídas do Casca, mandou fazer estes dois anéis, dos quais um lhe foi dado...

Nestas andanças, o sertanista Arzão teria pisado o solo do município de Viçosa, em seu trajeto de Piranga em direção aos Arrepiados (Figura 8). ALENCAR (4), seguindo Salomão de Vasconcelos, traçou-lhe o roteiro pela região de Viçosa:

... passa por Lavras Novas, Chapadão, Tabuões e atravessando as nascentes do rio Mainart, alcança Piranga, trecho esse seguido pela antiga estrada de rodagem que liga aquela cidade a Ouro Preto.

Em 1694, nova expedição atingia a região do Casca - a de Bartolomeu Bueno de Siqueira, que seguiu os passos de Arzão, conforme atestou VASCONCELOS (89):

As mais ricas bandeiras vindas do plaino de São Vicente eram de aventureiros de São Francisco das Chagas de Taubaté, gente ariscada, gente de sangue bravo. O primeiro ouro das Minas dos Cataguás foi retirado em 1693, pelo taubateano Antônio Rodrigues Arzão, pesando três oitavas, de que fizeram duas alianças de casados. Em 1694, mais uma leva chegava farejando minério da terra maravilhosa. Achou pouco ouro, coisa de 12 oitavas e os chefes se desentenderam por esse ouro do rio Casca. E dissolveram em Itaverava a desorganizada bandeira, que viera sob os felpudos pulsos do Capitão de Tropa Bartolomeu Bueno de Siqueira, cunhado de Arzão, de quem recebera o roteiro; Miguel Garcia e do abalizado Carlos Pedroso da Silveira.

Outras investidas foram feitas para atingir a lendária "Casa da Casca", à procura de índios e de riquezas, dentre elas a do Coronel Salvador Fernandes Furtado, acompanhado pelo Capitão Manoel Garcia Velho, que descobriu ouro no riacho que recebeu o nome de Ribeirão do Carmo, origem da atual cidade de Mariana. Estas expedições, bem ou mal sucedidas, tiveram o mérito de abrir os sertões da Mata Mineira - região rica e promissora.

→ Para estudos da região de Viçosa, faz-se necessário um comentá-

rio a respeito da bandeira de Arzão, citado em MERCADANTE (56). Segundo o autor: "Orville Derby propende para a inexistência da jornada de Arzão e Basílio de Magalhães (op. cit. 99 e 101) aceita-a concordando com Calógeras".

Se aceita a tese da entrada de Arzão em 1693, teria sido ele o primeiro desbravador dessas paragens viçosenses.

Outro ponto controvertido referiu-se à localização da região da Casca, apontada como tendo ouro em profusão.

Alguns autores colocaram-na como situada na aldeia indígena do Quietê. ALENCAR (4) discutiu a tese de que a lendária "Casa da Casca" estaria localizada no município de Viçosa, nas proximidades dos Arrepiados, hoje Araponga, citando Salomão de Vasconcelos.

O fato é que, atrás do ouro da Casca, por volta de 1780, quando assumiu o governo da Capitania das Minas Gerais D. Rodrigo José de Menezes, outra bandeira viria dar a estas regiões sob a chefia do Padre Manoel Luiz Branco e subchefia do Capitão João Pereira Muniz. Foi ALENCAR (4) quem descreveu o seu roteiro:

Passa por Mariana, Piranga, atravessa o Guarapiranga, Santo Antônio do Vau Assú, nas lindes de Viçosa, de onde volve para o nordeste, rumando para o rio Casca, no território do atual município de Viçosa e para o seu afluente, o Sant'Ana e contornando a serra dos Arrepiados, hoje Araponga, no município de Ervália, desmembrado de Viçosa.

A notícia de ouro dada ao governador D. Rodrigo José de Menezes levou-o, em pessoa, a seguir os passos pioneiros do Padre Manoel Luiz Branco, atingindo ele o rio Casca e os Arrepiados de onde seguiu para o Quietê, na curvatura que faz o Doce em direção ao Espírito Santo.

Em seu caminho, iam os bandeirantes abrindo picadas, semeando roças e construindo altares toscos onde celebravam missa. Muitas cidades surgiram destes núcleos semeados pelas bandeiras em suas pousadas para conseguir alimentos, mas, independentemente deste fato, a Zona da Mata mineira teve o seu povoamento retardado, em relação a outras áreas brasileiras, no período colonial, por dois motivos principais:

a. a densa cobertura florestal que acompanhava a Mantiqueira constituía uma barreira natural para a interiorização da população;

b. a Coroa portuguesa, para evitar o "descaminho do ouro" das Gerais, tinha interesse em manter invioladas as florestas da Zona da Mata e do Rio Doce, não permitindo que nelas se abrissem atalhos, ficando como única possibilidade de acesso aos territórios auríferos o Caminho Novo de Garcia Pais, o que garantia melhor fiscalização do ouro e permitia que se mantivesse intacta a parte destinada a Portugal.

Segundo VALVERDE (88), tal medida só foi anulada em 1805, quando as aluviões auríferas das Minas Gerais já estavam se esgotando. Insistindo ser inútil procurar vestígios pioneiros na Zona da Mata antes de 1830, com o surto cafeeiro, alegou que existiam precursores que, abrindo picadas, plantavam núcleos de cidades pelo vasto sertão, mas que a ocupação maciça da zona se verificou, mais tarde, vinda de duas direções -- sul e oeste.

De fato, as distâncias eram imensas, através de montanhas, cujos caminhos ásperos e difíceis concorriam para o isolamento da região. O transporte era demorado, feito em tropas de mules e carros de bois, e só mesmo a ambição de riquezas e honrarias pudera vencer tantas dificuldades.

Com o esgotamento das minas, a população iniciou um movimento migratório à procura de melhores terras para a lavoura e, ao que tudo indica, Viçosa teve o seu povoamento oriundo destas migrações das regiões auríferas de Ouro Preto e Mariana. A sua história está, de certa forma, ligada à história do ouro das Minas Gerais. Foi procurando ouro que os primeiros bandeirantes pisaram o solo viçosense e o seu povoamento se deve ao esgotamento das minas. Viçosa iria se firmar, contudo, como região agrícola, o seu desenvolvimento estaria sempre, direta ou indiretamente, ligado à agricultura.

3.1.1. O Elemento Indígena

X Os primeiros colonizadores chegados à região de Viçosa encontraram aqui índios da nação Puri, que iria formar com o branco e o negro a etnia do viçosense.

A origem e classificação do indígena brasileiro é tema bastante controvertido entre os autores.

Algumas classificações assentam-se em critérios lingüísticos, outras, como a de Couto de Magalhães, estão baseadas em um critério biológico-cultural, menos resistente a análises científicas. De fato, as guerras que eram freqüentes entre as tribos, a incorporação dos vencidos e o cruzamento entre eles podem ter gerado diferenças de caracteres físicos. Todo um complexo de traços comuns oriundos desta interação pode ter tornado muito pequenas as diferenças étnicas, sociais e culturais entre os grupos, dificultando as classificações.

O critério de aparência física não encontrou, pois, expressão que permitisse uma generalização para todos os grupos indígenas brasileiros.

DIEGUES JÚNIOR (22) disse que aos jesuítas se devia a classificação dos indígenas em Tupi e Tapuia, classificação que se originou de chamarem os primeiros aos segundos de bárbaros.

Essa diferença foi observada em relação à língua. Os tupis usavam uma espécie de língua geral, chamada "língua geral da costa"; e os tapuias, uma língua absolutamente diferente.

De acordo com AUGÉ (8), Karl Friedrich Phillip von Martius, elaborando a primeira chave classificatória do índio brasileiro, colocou em grupos distintos os Tupis ou Guaranis, os Jês ou Crans e os Goitacás, entre outros. Assim também procedeu Von den Steinen (op. cit. p. 2276).

GREGÓRIO (35) mostrou que são quatro os grupos étnicos do Brasil: Tupi-Guaranis, Jês, Aruaques e Caribas, com as suas principais tribos, assentando o seu critério classificatório e a ênfase de seu estudo nas diferenças lingüísticas.

JOSÉ (39), referindo-se aos indígenas de Minas Gerais (Figura 9), afirmou que as tribos mineiríndias que povoaram as extensas regiões onde se localiza o Estado de Minas Gerais pertenciam, com raras exceções, ao grupo Jê ou Tapuia. Reuniu os diversos povos e tribos indígenas que se localizaram, passageira ou permanentemente, no solo mineiro em duas divisões e seis subdivisões:

Bases mineiríndias:

Grupo Tapuia (Jê)

Aimorés
Botocudos e suas divisões e subdivisões
Cataguás

Grupo Goitacá

Croatos
Puris
Tribos menores do nordeste mineiro

Com relação aos índios que habitavam a Zona da Mata mineira, foi ainda JOSÉ (39) que assim se expressou:

Os croatos e puris da Zona da Mata Mineira, cobrindo entre outras, as vastas áreas dos atuais Municípios de Vicosa, Coimbra, Ervália, São Geraldo, Visconde do Rio Branco, Ubá, Tocantins, Rio Pomba, Guarani, Guidoal, Astolfo Dutra, Dona Euzébia, Cataguases, Mirai, Muriaé, Patrocínio do Muriaé e Leopoldina, formavam exceção à regra: eram de origem goitacá.

MERCADANTE (56), apoiando-se na classificação de Vonden Steinen, colocou os índios Goitacás, habitantes das planícies do sul do Paraíba, como um grupo étnico autônomo à maneira dos Tupis e dos Jês:

Descreveram-nos von Martius e Ehrenreich, juntamente com os puris, coroados e coropós, como de origens afins. A atual tendência é localizá-los no grupo Jê. Acordes, neste juízo, Rivet, Jorge Bartoloso Stella e Júlio Trajano de Moura, que classificam os coroados, puris e goitacás como grupos em que se dividem os Jês.

Contudo, MERCADANTE (56) referiu-se a esta divergência de classificação dos Puris, dizendo:

Não se pode admitir, como ponto pacífico, a origem Jê dos índios cropós, croatos e puris. O vocabulário comum de que se utilizavam os dois últimos evidencia a influência de raízes tupis. Já os cropós possuíam linguagem diversa. Nelson Coelho de Senna admitia que os croatos e puris tivessem vindo de Goiás, passando pelo Triângulo Mineiro e territórios paulistas e fluminenses, tendo ascendência tupi. Também Maximiliano observara a afinidade dos puris com os tupis, na denominação de tupã dada ao trovão.

VASCONCELOS (90) colocou os Puris como oriundos do grupo Tupi:

A guerra dos tamoios no Rio, acabando pela dispersão destes, impeliu das regiões do Paraíba, que os derrotados ocuparam, as tribos humildes oriundas do tupi, os puris, os croatos e outros que se instalaram no vale do Pomba e, atacados às vezes pelos goitacá de Miriaé, vinham-se ocultar sobre a serra nos vales do Guará-Piranga (pássaro vermelho) e do Sipotaua (cipó amarelo).

ALENCAR (4) assumiu com Vasconcelos, citando Aroldo de Azevedo, a origem dos Puris na nação Tupi: "Anteriormente a Cabral, os tupis-guaranis dominavam larga faixa do litoral. Entre as numerosas tribos que os constituíam, figuravam os puris e os tamoios..."

Endossando o ponto de vista de VASCONCELOS (90) sobre a ascendência tupi dos Puris, a presença destes na região de Viçosa e municípios vizinhos pode ser explicada como uma consequência da derrota dos Tamoios, aliados dos franceses, em 1556, em sua tentativa de erigir, no Brasil, a França Antártica. Desbaratados no litoral por Estácio de Sá, sobrinho do governador geral Mem de Sá, em 20 de janeiro de 1567, os Tamoios subiram a serra, onde, nas regiões do Paraíba, encontraram os Puris, os Croatos e outros. Forçaram essas tribos de temperamento pacífico a recuarem para o interior e instalarem-se no vale do Pomba, onde, acossados pelos Goitacás de Miriaé, procuraram refúgio no alto destas serras da região de Viçosa e nos vales do Piranga e Xopotó (Sipotaua = cipó amarelo).

Para a catequese dos índios mineiros, no século XIX, era comum o sistema de aldeias. Entre Coroados, Coropós e Puris, JOSÉ (39) disse que elas existiram desde o início da catequese e assim se expressou:

Tão numerosos se tornaram que Marliere, o benfeitor e estudioso deles, acabou ordenando-os em três distritos: o dos "Índios Cropós", com sede em São Manuel da Pomba; o dos "Índios Coroados", sediado em São João Batista do Presídio, e o dos "Índios Puris", com sede em São Manuel do Burgo.

A Figura 10 representa parte da carta geográfica levantada, no início do século XIX, por Von Eschwege, reproduzida na obra "Indígenas de Minas Gerais", de Oiliam José. O autor, contudo, acha imperdoável que o mapa não assinale as localidades de São João Batista do Presídio e São Paulo do Manuel Burgo, então importantes centros de convergência dos Croatos e Puris.

A despeito das divergências entre autores no que se refere à origem dos Puris, parece haver certo consenso entre eles quando colocam como característica principal deste grupo a índole pacífica.

JOSÉ (39) considerou-os como sendo os indígenas mais pacíficos de Minas. Só se defendiam pela guerra e, muito mal, quando atacados de surpresa ou impedidos de fugir. E, no final da luta, quase sempre viam-se derrotados.

Inimigos dos ferozes e sanguinários Botocudos ou Aimorés que lhes faziam constantes guerras, os Puris, Coroados e Coropós espalharam-se pelo interior, e a floresta bruta salvou-os, por mais de dois séculos, daquelas tribos da orla marítima.

Esta interiorização, contudo, exigiu deles uma adaptação ao novo meio, com novos modos de vida, mais adequados às condições do interior e à conseqüente formação de um perfil cultural diverso de outros grupos indígenas.

Esta discussão a respeito da origem dos Puris e de suas características principais procede, no contexto deste trabalho, porque uma análise, ainda que superficial, deste grupo indígena poderá ser de crucial importância para a verificação de sua influência na formação do caráter do viçosense.

3.1.1.1. Puris - Características Físicas e Culturais. Tinham os Puris,

em relação aos Coroados e Coropós, alguns aspectos físicos e culturais característicos.

MERCADANTE (56) assim se referiu a estes grupos:

Posto se assemelhem fisicamente coropós ou cropós, coroados ou croatos e goitacás, já os puris, de modo geral, eram entroncados, baixotes e, não raro, musculosos. Maximiliano descreveu-os de cabeça grande, rosto largo, maçãs quase salientes. É quase certo que todos faziam parte das antigas populações que ocuparam a costa brasileira.

JOSÉ (39) completou a descrição dos traços físicos dos Puris, dizendo:

Os cropós e puris possuíam estatura ora baixa, ora mediana e eram de formas robustas, grossos e compactos, portanto, além de espadaúdos. Mediam os homens entre 1,35 m e 1,65 m de altura e as mulheres alcançavam, em média, apenas 1,40 de altura. O peito se lhes apresentava largo e curto; grosso era-lhes o pescoço. Tinham os seios das mulheres tamanho médio e não caíam muito. Seus ventres apresentavam-se volumosos, especialmente no meio dos puris. Tinham braços musculosos e redondos, pés estreitos atrás e largos na frente e pele de coloração acobreada. Seus cabelos de negro carregado, apresentavam-se grossos, compridos e abundantes.

Os Puris apresentavam, ainda, testa baixa, pouca barba, rosto longo e anguloso, orelhas pequenas, olhos negros e pequenos afastados para fora, sobrancelhas finas mais altas ao meio, nariz curto e deprimido em cima e largo em baixo, beijos médios, boca pequena, dentes claros e queixo largo.

Os Puris da Serra dos Arrepiados recebiam o nome especial de Arrepiados porque tinham os cabelos levantados no alto da cabeça.

Viviam os Puris, bem como as outras tribos que habitavam a Zona da Mata mineira, em primitivo estágio de organização social e política.

Ferreira Rezende, citado por MERCADANTE (56), descreveu-os vivendo em completa nudez, dormindo no chão, pois não conheciam a rede. Chegavam ao extremo de cavar a terra e nela abrir uma depressão para ali deitar, dormir e descansar.

Não possuíam tabas e habitavam pequenos ranchos que não passavam

de duas simples forquilhas acima das quais era atravessado um pau formando uma cumieira, onde eram encostados outros paus. Cobriam esta rústica armação com folhas de palmeiras ou qualquer outra coisa sobre a qual a água pudesse correr.

Quando organizados em aldeias, os Puris deixavam um grande círculo entre as ocas para as reuniões tribais.

JOSE (39) referiu-se a um aldeamento dos Puris, já em 1920, ao sul do Rio Doce, nas margens do Ribeirão São Manoel, na divisa do Espírito Santo. Ali residiam alguns lotes de Puris, já civilizados, sem nenhum conforto, cultivando mandioca, milho e feijão numa área de 120 alqueires que lhes deixaram.

Os costumes relativos à vida comum dos casais variavam de tribo para tribo, mas parece que as tribos de Minas Gerais aceitavam o casamento como uma cerimônia da comunidade, indicadora de um novo estado para o homem e a mulher.

A poligamia era comum e a mulher pertencia a quem pudesse mantê-la dominada.

A promiscuidade reinante apressava a vida sexual dos jovens, e homens e mulheres uniam-se sexualmente, levados, quase que apenas, pelo instinto.

O desregramento masculino não era tolhido e os problemas trazidos pela posse de várias mulheres eram comuns, como o cansaço físico, explosões de ciúmes, agressividade, indolência e o hábito de furtar para satisfazer às várias concumbinas.

Aos homens era dado também o direito de rejeitar suas mulheres e muitas eram abandonadas na gravidez ou no parto.

O organismo feminino era poupado para os misteres da maternidade desde o início da puberdade. O parto era aceito com naturalidade e acontecia em qualquer lugar, no meio da floresta sobre a folhagem acumulada no chão, cabendo à própria parturiente a tarefa de cortar o umbigo do recém-nascido e cuidar dos problemas patológicos, por acaso havidos.

Entre os Puris permanecia o costume de os homens guardarem repou

so por alguns dias, como prova de paternidade do filho, após o parto de suas mulheres, que tão logo davam à luz iam-se banhar na água fria e agiam como se nada houvesse acontecido, ao contrário do hábito do "resguardo" observado pelas mulheres, ditas civilizadas.

Castigos corporais infligidos pelos maridos, sobrecarga de trabalhos e conseqüências de partos anormais faziam diminuir o ciclo vital das mulheres indígenas e o conseqüente envelhecimento precoce.

A organização política era elementar e contava apenas com o caique, que exercia uma autoridade baseada na valentia e na capacidade de domínio, e com os pajés, feiticeiros, aos quais se atribuíam poderes sobrenaturais, pelo contato com espíritos e demônios.

Aos pajés era reservada a arte de curar, em que eles não admitiam concorrência. A eles também cabia dirigir as práticas religiosas e os rituais da comunidade.

Não tinham os Puris noção alguma de propriedade, o que talvez explique a ausência de reação à entrada do colonizador branco e a relativa facilidade de integração.

Tinham os Puris na derrubada de árvores a sua atividade predileta e, nesta tarefa especial, eram imbatíveis.

Dedicavam, também, à extração da poaia. O termo poaia é registrado (tupi po-aya) como um nome comum a várias plantas eméticas e rubiáceas do Brasil. Há várias espécies de poaia: poaia branca, comprida, da praia, do cipó, do rio ou poaia-de-minas etc. Planta medicinal, usada como vomitório (77).

RIBEIRO (72) assim se referiu à Ipeca, outro nome dado à poaia:

Ipeca - Várias espécies. O mesmo que ipecacuanha - Registra Cardim, sobre esta planta nativa: "Esta erva he proveitosa para camaras de sangue; a sua haste he de comprimento de um palmo e as raízes de outro, ou mais, deita somente quatro ou cinco folhinhas, cheira muito onde esteja, mas o cheiro he fartum terrível; esta raiz moída, botada em huma pouca d'água se põe a serenar huma noite toda, e pela manhã se aquece a água com a mesma raiz moída, e coada, se bebe somente a água e logo faz purgar de maneira que cessão as camaras de todo".

O nome indígena é "Ipecacóaya" - A raiz em decocto é expectorante em pequena dose e produz vômito em dose maior. O chá do cozimento da raiz é usado na coqueluche e bronquite, em doses muito pequena, por ser venenosa.

A respeito, JOSÉ (39) relatou o seguinte fato:

Sofriam os puris perseguições de militares e aventureiros vindos do Quartel do Rio Preto, situado na Província do Espírito Santo. Os invasores roubavam-lhes as mulheres e forçavam-nas a satisfazerem-lhes os instintos. Para os homens reservavam o castigo especial, acrescido ao do sacrifício da família, de colher-lhes poaia sem qualquer remuneração.

Da coleta do que a natureza pudesse oferecer-lhes dependia, em grande parte, a sobrevivência do indígena mineiro.

Peritos nadadores, os Puris viviam quase que exclusivamente da caça e da pesca nos rios, já que era difícil para eles, pela distância a percorrer, a pesca marítima.

JOSÉ (39) referiu-se a um costume dos Puris de pegar peixes grandes, usando fisgas feitas de ossos de peixes, que substituíam o anzol, e usando o timbó (*Theoprosia toxicaria*), que embebedava o peixe.

Hábeis corredores, os Puris varavam as matas à procura de antas, porcos-do-mato, veados e outros animais, armados de arco e flechas, que manuseavam com facilidade, e, de cócoras, abatiam a caça perseguida.

Ainda JOSÉ (39) apontou um hábito do Puri, relacionado com a caça: "o caçador que abatesse o animal por meio de flechamento, não devia provar a carne dele para não perder a pontaria".

Colhiam mel silvestre, frutos de árvores e raízes que arrancavam com as mãos ou com pedaços de pau utilizados como cavadeiras. Dos tubérculos, o preferido parecia ser o "caratinga", um tipo de cará duro e branco.

Com o contato com o branco aprenderam a utilizar a foice, facas e aros de barril.

Segundo MERCADANTE (56), também com o branco aprenderam plantar batatas-doces, bananas da terra e favas de mangalê, rasgando a terra com cavadeiras de pau, mas de tudo davam cabo ainda em estado verde.

O milho, a mandioca, a abóbora, comidos crus ou cozidos em panelas de barro, entravam em considerável quantidade na alimentação indígena.

FREYRE (33), referindo-se aos indígenas brasileiros, disse que a influência cultural, vinda principalmente da cunhã (mulher indígena), enriqueceu a vida no Brasil de uma série de alimentos ainda hoje em uso, como o milho, o caju e o mingau, de drogas e de remédios caseiros, além do hábito de asseio do corpo.

O Puri, o Croato, o Cropó utilizavam-se do milho principalmente para fazer uma bebida - eivir, viru ou catipuera.

Von Martius, citado por MERCADANTE (56), descreveu o preparo desta bebida feita com farinha de milho de gosto semelhante ao da cerveja, quando, na Serra da Onça, visitou, em 1890, uma aldeia de Croatos:

Moradia em comum de diversas famílias de Coroados, na mata virgem perto da fazenda de Guidoal, no rio Xopotó. Algumas mulheres pisam o milho em cochos abertos por meio do fogo em toros de madeira; outras tomam a farinha torrada na panela, mastigam-na e de novo a restituem como meio de fermentação para com isso preparar uma bebida intoxicante. Outro grupo, só de homens, ocupa-se de diferentes modos, em volta do fogo, onde se prepara a farinha. Alguns índios descansam em rede.

A respeito do uso de bebidas entre os indígenas, JOSÉ (39) assim se expressou:

Estas bebidas, embora pouco ou imperfeitamente fermentadas, prepararam os indígenas para o uso e o abuso da aguardente. Introduzida pelos comerciantes e aventureiros, atraiu e transtornou ela os indígenas, levando-os mais ainda ao hábito da embriaguez e, como resultado, as diversas lesões ou disfunções orgânicas, como apoplexia, a ascite, a loucura, a tuberculose e o "delirium tremens".

Pode-se observar, pelo exposto, que a interação do índio e o branco provocou, e provoca sempre, modificações de costumes entre os silvícolas e o desmantelamento quase total de sua cultura com imensa perda para o elemento indígena - vítima número um do desenvolvimento, da "civilização" e da ambição dos brancos. A história registrou, e registra ain

da, fatos chocantes neste aspecto, em diversas regiões do País.

Os Puris eram exímios dançarinos e suas danças tinham finalidades religiosas, guerreiras ou amorosas.

As religiosas eram feitas em louvor à Luz, ao Sol e às Estrelas, que admiravam nas noites claras, sem nuvens do sertão. Martius descreveu uma "Dança dos Puris":

Ao luar, não longe da Serra da Onça, perto da Fazenda Guido-
val. Os homens formavam a primeira fila, as mulheres a segunda;
as crianças agarradas às coxas dos mais velhos, dão os passos
furtados para a frente. Um dançador, como saudação, dá uma umbi-
gada.

Como aconteceu em todo o Brasil, a música do indígena mineiro não
foi devidamente recolhida e anotada. Folcloristas atuais sentem esta la-
cuna. Parece, contudo, que os índios repetiam na música a realidade das
matas através de sons onomatopaicos imitativos do canto das aves, das
vozes dos animais, do vento sibilando nas copas das árvores, do sussur-
ro dos regatos, do barulho da cachoeira e tantos outros sons.

Na expressão de uma incipiente capacidade artística, os Puris pin-
tavam o corpo, principalmente faces, braços, pernas e peito. Esta pintu-
ra tinha também a finalidade de proteger o corpo contra a incidência dos
raios solares e das mordidas de mosquitos. O Puri, acostumado à umidade
sombria das selvas fechadas, não gostava da exposição ao sol forte dos
descampados, privando o corpo de uma fonte de saúde natural.

Gostavam do banho que era tomado pela madrugada ou no alvorecer
do dia. Estes banhos se limitavam a imersões na água fria. Esfregavam
violentamente o corpo para livrá-lo da sujeira maior porque desconheci-
am o sabão e outros ingredientes que pudessem livrar a pele da gordura
e impurezas.

Não lhes aborrecia a nudez que, para eles, era um fato natural, em-
bora, para as mulheres, pudesse haver algum indicio de pudor ou modés-
tia também natural, conforme narração do Padre Manoel José Pires da Sil-
va Pontes, em uma de suas visitas aos indígenas, na Serra da Onça, cita-
da por JOSÉ (39):

Um dia depois que, em nossa viagem, chegamos a Guidowald... apareceu uma tribo de Purys que vagava na vizinhança. A princípio agachavam-se cautelosamente ao redor das casas, mas afinal animaram-se a entrar. Depois que lhes fizemos alguns presentes, derão signaes de confiança e vontade de estar em nossa companhia. Podemos então observar que erão mais grosseiros que os Corcados, que ha mais annos, estão sujeitos aos Portuguezes. Estavão totalmente nús. Algumas mulheres tinham nos braços desenhos que imitavão serpentes, e nas faces outras figuras feitas com tinta preta e amarela. Por modestia natural ellas ficão atraz dos homens ou andão curvadas.

De ordinário, eram os nossos índios tristes e desconfiados.

A nudez, contudo, talvez refletisse a impressão da liberdade gozada pelos índios, pois, até mesmo quando catequizados, usavam deixar as aldeias e, no meio da mata, despiam-se completamente, livrando-se de um jugo para o qual não estavam preparados, vivendo como viviam, alheios ou à margem de preceitos de hygiene, de moral ou de uma religião que lhes era estranha.

Ao se aproximarem dos brancos, os Puris costumavam ceder-lhes poaia, cera de abelha e outras coisas em troca de presentes que apreciavam: quinquilharias, fumo, rapadura, espelhos e ferramentas.

Tinham os indígenas suas crenças, suas superstições e credices fundadas no medo de uma natureza hostil que não podiam controlar e que adquiria os contornos de uma religião. O futuro terreno não lhes preocupava tanto quanto o extraterreno. Após a morte, os bons guerreiros caçadores, amantes de suas mulheres e filhos, encontrariam "matas virgens abundantes de frutas e caças e belos rios fartos de peixes", e os silvícolas preguiçosos, que se acovardavam nas lutas, deveriam trabalhar em "terras áridas e estéreis de peixes sob um sol abrasador".

Temiam o ambiente noturno das selvas e sentiam o imponderável da morte. Acreditavam em feitiços e sortilégios feitos por tribos longínquas; basta dizer que os Botocudos attribuían a seus inimigos de morte - os Puris - todas as desgraças que lhes aconteciam. Para eles, os Puris eram tidos como grandes feiticeiros.

Quando um guerreiro morria longe da aldeia, preferiam deixar o

corpo para as aves carniceiras e as feras, visto que abominavam o sacrifício de uma caminhada carregando peso. Se morriam nas proximidades da aldeia, enterravam-nos colocando ao seu lado bebidas, frutas, arco e flechas para não passarem fome e poderem se defender no outro mundo. Os Puris costumavam abandonar os velhos e enfermos que não os podiam seguir pelas matas, deixando-lhes comida e lenha para o fogo, mais para não vê-los morrer do que por outros motivos.

Acreditavam na lenda da "mãe do ouro", de grande aceitação no Brasil. Segundo a lenda, a "mãe do ouro" seria a responsável pela existência de ouro em determinados locais, rios ou montanhas. Em forma de uma grande bola de fogo ela o transportava de um lado para outro, depositando-o onde bem lhe aprofesse. Quando o ouro escasseava em uma mina era sinal de que a mãe do ouro já o transportara para outro local. Acreditando nesta lenda, alguns gentios afirmavam ter visto o fenômeno.

Outra crença dos Puris era na "quietude da meia-noite". A esta hora haveria uma imobilidade das coisas e dos seres, quando o tempo parava, para terminar o dia e começar outro.

Para eles, a esta hora, até as águas e os ventos paravam seus cursos, numa atemorizante imobilidade.

JOSÉ (39) achou uma continuação dessa superstição no temor que algumas populações interioranas ainda conservam pela meia-noite. Para elas, é a hora preferida para a aparição de almas, deslocamento de assembléas e lamento inexplicável de seres (Figura 11).

3.1.1.2. Contribuições do Índio Puri. A presença do Puri em Viçosa pode ser constatada pelas lendas e episódios da tradição oral e pelos assentamentos de óbitos e nascimentos encontrados nos livros de registros ainda conservados no Santuário de Santa Rita de Cássia.

ALENCAR (4) escreveu:



FIGURA 11 - Os Puris na Mata.

Comprovando as asserções relativas à presença do puri no povoado de Santa Rita do Turvo, a conseqüente coparticipação sua na formação da etnia viçosense e sua colaboração nos trabalhos iniciais de que resultou o núcleo de povoamento, acham-se, no arquivado da Igreja Matriz local, no Livro de Registro de Óbitos, que, na nova catalogação, que se fez, tomou o n.º 1, os seguintes assentamentos, entre outros:

à pág. 4, lê-se: "Aos treze de junho de 1815, faleceu da vida presente de hua Febre Francisco, Indio Puri, adulto não recebeu os sacramentos por não estar ainda instruído na doutrina e língua portuguesa, foi por mim encomendado, e sepultado no Adro desta Capela de Santa Rita, e para constar fiz este assento que assino. (a). Pe. Manoel Gls. Fontes.

à pág. 4: ... João de Tal, Indio Puri, ocorrido a 5-XI-1915.

Também à f. 4, lê-se: Aos treze de julho de mil oitocentos e quinze sepultou-se dentro desta Capela de Santa Rita, Freguezia da Pomba, Domingos Fernandes de Carvalho homem branco, solteiro, não recebeu sacramentos por ser achado na Roça flexado pelo Gentio Puri, foi por mim encomendado no mesmo dia, e para constar fiz este apontamento que assino. (a). Pe. Manoel Gonçalves Fontes.

à fl. 6: ... o de João, filho de Maria India Puri, ocorrido em 10-V-1816.

Não se pode negar a importância da observação dos traços culturais presentes em determinadas comunidades, quando se trata de averiguar as tendências de mudanças sócio-culturais em determinado momento histórico.

É necessário, então, que se faça uma incursão ao passado para se compreender o presente e daí vem a importância da investigação da etnia da população em estudo.

Contudo, depois de constatada a presença destes traços culturais, surge outro problema - a determinação de sua origem.

A resposta será fornecida pela própria cultura, que, num processo dinâmico no tempo e espaço, modifica traços, complexos e padrões culturais, modificando a sociedade.

A consistência do aparecimento de um traço cultural em uma sociedade pode ser responsável por algumas peculiaridades desta sociedade, embora possa estar presente também em outros grupos diferentes. Neste par

ticular, cada caso é um caso à parte e deve ser analisado cuidadosamente.

Não se pode afirmar, de forma categórica, que a presença de um traço cultural seja o único responsável pelas reações, atitudes e valores de determinado grupo social, mas, por outro lado, não se pode negar a sua influência neste grupo.

A diversidade de traços, complexos e padrões culturais é que determina, em grande parte, a diversidade dos grupos sociais.

Não se pode separar o social do cultural.

Dessa forma, conhecidos alguns aspectos da cultura dos Puris, pode-se, em tese, aventar a hipótese de que alguns traços culturais encontrados em Viçosa sejam oriundos de seus antepassados indígenas.

Pela tradição oral, vários episódios atestam a presença do Puri nos primórdios da colonização de Viçosa.

ALENCAR (4) seguiu dizendo:

Na localidade chamada Itaguassú de Cima, nas proximidades desta cidade e na beira da estrada, que vai para a fazenda do Sr. Almiro Pontes, à esquerda, existe uma cruz. Diz a tradição, pelos cálculos que se fazem, mais do que centenária, que, exatamente naquele lugar, foi assassinado, a flexa, um homem branco por um índio. A cruz está cravada no terreno de Aníbal Alves de Freitas.

Famílias viçosenses, de velha e boa cepa, trazem, muitas vezes, em sua genealogia, um elemento Puri. De uma entrevista feita com José Antônio Rodrigues Filho, conseguiu-se a informação de que sua bisavó, esposa de Antônio José Rodrigues, era índia puri que, pelo batismo, recebeu o nome de Maria Angélica.

Diz ainda a tradição que Manoel José Gomes estava na roça, trazendo sobre os ombros seu filho, Francisco José Gomes, quando os escravos lhe disseram: "Acautela que os bugres estão andando por aí, corre com o menino". Manoel José Gomes foi flechado na teste por um índio. Os escravos foram buscar recursos na fazenda dos Órfãos, de sua propriedade, mas, quando voltaram, só encontraram um índio velho no cimo de uma árvore e o corpo de Manoel José Gomes mutilado no chão.

Os escravos cercaram o índio dizendo-lhe que iriam fazer com ele o que ele fizera ao homem branco. Ficaram de tocaia, assentados ao redor da árvore onde o índio pulava de um galho a outro. À tardinha, à boca da noite, sorrateiramente, pulou em uma moita de taquara e sumiu...

Ainda hoje existe uma cruz de braúna, madeira resistente, já car comida pelo tempo, mas ainda de pé, próxima ao local onde ocorreu a tra gédia, nos terrenos pertencentes a Adão Ladeira de Carvalho (Figura 12).

Fatos como este aqui narrados não constituíam, entretanto, regra geral, nos primeiros tempos de Viçosa. Informantes vários atestaram que, quando seus ascendentes aqui chegaram, os Puris eram dóceis e pacíficos e vagavam pelas propriedades arrancando mandiocas, carás, milho e outros alimentos. Os fazendeiros, salvo algumas exceções, habituados à sua presença, enxotavam-nos, mas não lhes causavam grandes males.

Os Puris, em decorrência de sua índole pacífica, adaptaram-se, não sem episódios esporádicos de luta, ao colonizador branco, legando, como herança, traços culturais ainda perceptíveis nos modos de vida da população, apesar das constantes mudanças ocorridas no fluxo do tempo. PANIAGO (60), em recente levantamento de manifestações folclóricas, no município de Viçosa, encontrou, na mesa da família viçosense, a quase diária presença do milho, em forma de angu, de mingau, de farinha de mi lho torrada tomada com leite, do milho verde assado ou cozido, da canji quinha, produto do despulpamento do milho, e outros quitutes, herança, talvez, dos antepassados Puris.

A mesma pesquisa encontrou um largo uso de plantas medicinais no meio rural e no meio urbano, onde a poaia era largamente conhecida, entre outras.

O hábito de o viçosense do meio rural postar-se de cócoras para as conversas de fins de tarde; as coivaras, isto é, a limpeza da terra feita a fogo, que, ainda hoje, clareiam os céus viçosenses, nas noites frias e claras de agosto; uma desconfiança inata para com estranhos, ao lado de uma hospitalidade bem mineira, e o tipo comodista e acomodado, pacífico e feliz em sua intimidade parecem traços vivos da presença do



FIGURA 12 - Cruz Que Assinala o Local onde um Branco foi Flechado por um Índio Puri, em uma Fazenda Situada no Distrito de Silvestre, MG.

índio Puri, na cultura de Viçosa.

3.1.2. O Elemento Negro

Para compreender a utilização do braço negro no Brasil, é necessário que se remonte ao início do processo de colonização aqui introduzido pelos portugueses e à conseqüente formação econômica que iria delimitar a sociedade brasileira sobre quatro pilares principais: o latifúndio, o negro, a monocultura da cana-de-açúcar e a família patriarcal.

O Tratado das Tordesilhas, firmado em 1494, embora fundado na soberania papal, não era suficiente para garantir para Portugal a posse da terra visitada, desde os últimos anos do século XV, por navegantes portugueses e espanhóis.

PRADO JÚNIOR (63) assim se expressou:

São os portugueses que antes de quaisquer outros ocupar-se-ão do assunto. Os espanhóis, embora tivessem concorrido com eles nas primeiras viagens de exploração, abandonarão o campo em respeito ao Tratado de Tordesilhas (1494) e à bula papal que dividira o mundo a se descobrir por uma linha imaginária entre as coroas portuguesa e espanhola. O litoral brasileiro ficava na parte lusitana, e os espanhóis respeitaram seus direitos. O mesmo não se deu com os franceses, cujo rei (Francisco I) afirmava desconhecer a cláusula do Testamento de Adão que reservara o mundo unicamente a portugueses e espanhóis. Assim eles virão também, e a concorrência só se resolveria pelas armas.

Era necessária a ocupação efetiva do território por um processo mais amplo e seguro - o povoamento e a colonização. O estabelecimento de núcleos permanentes de povoação através de feitorias, a exemplo do que Portugal havia feito no Oriente, não se mostrou aqui bem sucedido. Também as fortificações militares erigidas em vários pontos do litoral pelos governadores gerais, por si só, não surtiram o efeito desejado.

Ocupar e colonizar o Brasil afigurava-se uma tarefa grande demais para um reino que, na época, possuía menos de 2 milhões de habitantes e achava-se assoberbado de problemas, gerados pela política mercantilista européia e pela conseqüente expansão de centros urbanos.

Para o Brasil, ficou então a opção do Sistema de Capitánias Hereditárias, repetindo-se a experiência das ilhas da Madeira, de Porto Seguro, dos Açores, de Cabo Verde, de São Tomé e do Príncipe e do Território de Angola, no continente africano. Concomitantemente com a divisão da propriedade em sesmarias, cuja ocupação era assegurada, juridicamente, pelas Cartas de Doação e pelo Foral, estavam lançadas as sementes da formação do Estado.

GUIMARÃES (36) viu nessa primitiva organização brasileira traços feudais:

Estruturavam-se, assim, tanto a propriedade como o Estado, sob os mesmos moldes e princípios que regiam os domínios feudais: grandes extensões territoriais entregues a senhores dotados de poderes absolutos sobre as pessoas e as coisas.

ALENCAR et alii (5) completaram o pensamento de Passos:

É importante lembrar, no entanto, que - embora existam traços feudais na estrutura jurídica e política do sistema de Capitánias Hereditárias - sua base econômica era uma produção escravista e exportadora, voltada para um mercado externo. A vida econômica da Colônia estava determinada pelo comércio internacional da época, um dos pilares da acumulação de capital nessa fase de transição. O trabalho nas Capitánias nunca foi predominantemente servil, nem sua produção era fechada, dominial.

Embora pesem estas considerações acerca das características dos processos de colonização, levados a efeito no Brasil, o importante é a observação de que a perspectiva principal dos negócios nas Capitánias estava no cultivo da cana-de-açúcar.

PRADO JÚNIOR (63), analisando este ponto, assegurou:

Já se conhecia o bastante do Brasil para esperar que nele a cana-de-açúcar dar-se-ia bem. O clima quente e úmido da costa ser-lhe-ia altamente favorável, e quanto à mão-de-obra, contou-se a princípio com os indígenas, que como vimos, eram relativamente numerosos e pacíficos no litoral.

A opção pela cultura da cana determinou o tipo de exploração agrícola adotada no Brasil e, ainda, foi PRADO JÚNIOR (63) que assim se manifestou:

... As doações foram em regra muito grandes, medindo-se os lotes por muitas léguas. O que era compreensível: sobravam terras, e as ambições daqueles pioneiros recrutados a tanto custo, não se contentariam evidentemente com propriedades pequenas; não era a posição de modestos camponeses que aspiravam no novo mundo, mas de grandes senhores e latifundiários. Além disso, e sobretudo por isso, há um fator material que determina este tipo de propriedade fundiária. A cultura da cana-de-açúcar só se prestava, economicamente, a grandes plantações.

Com a grande propriedade e a monocultura instalou-se no Brasil o trabalho escravo.

O trabalho indígena, esperançosamente olhado a princípio, mostrou-se decepcionante.

O indígena brasileiro, afeito a uma vida livre, nômade, que explica, em parte, a sua colaboração na extração do pau-brasil, em um regime de escambo, não se adaptou aos duros e rotineiros trabalhos dos engenhos de açúcar e da lavoura, de modo geral.

A tentativa de forçá-los a este tipo de trabalho, inaugurando uma "escravidão indígena", custou lutas sangrentas e prolongadas. Os índios eram guerreiros, valentes e não temiam a luta. A princípio, internavam-se nas florestas longe dos centros de colonização, mas tiveram logo de enfrentar os colonos que os iam buscar em seus mais recônditos refúgios. A proteção dos jesuítas não os livrara dos massacres impiedosos que levaram a raça a uma quase completa extinção, no Brasil.

Esta perseguição ao índio e seu aprisionamento iriam seguir até o século XVII, e os paulistas em bandeiras preadoras iriam buscá-los nos mais longínquos territórios, sem, contudo, resolver o problema do braço servil (64).

O índio brasileiro, saindo de uma cultura primitiva, não podia adaptar-se, com a necessária rapidez, aos parâmetros de uma cultura superior que lhe era imposta, com brandura, pelos jesuítas, ou a ferro e fogo, pelo colonizador comum.

Nesse impasse, o negro africano é que veio resolver o problema do trabalho no Brasil colonial, e o processo de substituição do índio

pelo negro prolongou-se até o fim da era colonial, rapidamente em algumas regiões, de modo lento e até mesmo imperceptível em outras. Sua importância ia ser tão grande que JOSÉ (40), citando Eschwege, disse:

Sem seu auxílio o branco poderia considerar-se pobre, mesmo que suas arcas regorgitassem de ouro. Com efeito, as terras permaneceriam incultas e a mineração desapareceria, caso não existisse o escravo que fizesse todos os serviços.

3.1.2.1. O Tráfico Negreiro. Segundo ALENCAR et alii (5):

A valorização mercantilista do homem negro, fonte de riqueza para quem traficava e para quem utilizava sua força de trabalho, custou muito caro. Em quatro séculos, do XV ao XIX, a África perdeu, entre escravizados e mortos, 64 a 75 milhões de pessoas, e estas constituíam uma parte selecionada da população, uma vez que ninguém, normalmente, escraviza os velhos, os aleijados, os doentes.

De acordo com alguns autores, segundo estimativas de Afonso Taunay, entraram no Brasil, nos séculos XVI, XVII e XVIII, 100.000, 600.000 e 1.300.000 negros escravizados, respectivamente.

Contudo, um esclarecimento a respeito do montante de escravos introduzidos e existentes no Brasil, em épocas diversas, é tarefa difícil. Não há dados exatos disponíveis sobre o problema porque, além do desaparecimento de documentos elucidativos, os autores divergem quanto ao critério básico usado em suas estimativas.

BASTIDE (11) assim se referiu ao assunto:

... No Brasil, é com o desenvolvimento da cultura do café, que o tráfico se acentua no século XIX, em 1798 havia, para uma população de 3.817.000 hab., 1.930.000 escravos e 585.000 negros livres.

PRADO JÚNIOR (63) comentou a respeito dos primeiros escravos vindos para o Brasil:

Não se sabe ao certo quando apareceram pela primeira vez no Brasil, há quem o afirme que vieram já na primeira expedição exploradora (1532). O fato é que na metade do século eles são numerosos.

O conhecimento deste aspecto do tráfico negreiro no Brasil - número de escravos importados - é importante porque, pelo número, eles formavam grandes comunidades e os quilombos atestam a grande identidade de pensamento e ação existente entre eles. Esta identidade e esta coesão nos modos de pensar e agir, o conjunto de crenças, arte, moral, lei e costumes fizeram deles uma força que iria ter decisiva influência na formação do brasileiro, tanto pela miscigenação racial como pela dinâmica própria da cultura.

Recife e Salvador, nos séculos XVI e XVII, e o Rio de Janeiro, no século XVIII, foram os principais centros receptores de negros importados da África.

No século XVIII, com o crescimento das atividades auríferas em Minas Gerais, é do Rio de Janeiro que irão subir as levadas e levadas de cativos para rasgar a terra, batear córregos, abrir grupiarias e, mais tarde, plantar café, enriquecendo os senhores e construindo a economia mineira.

ALBUQUERQUE (2) assim se referiu ao braço escravo:

No Brasil, o escravo africano e seus descendentes foram utilizados prioritariamente não apenas nas atividades realizadoras de produtos destinados à exportação, como na agromanufatura do açúcar, no plantio do algodão, do café, no extrativismo mineral. Foi também a força de trabalho explorada no artesanato, nas manufaturas, na produção de serviços e, em menor escala, na pecuária. Pode-se assim, afirmar que o trabalhador escravo de origem africana foi a força de trabalho fundamental até a segunda metade do século XVIII, quando se iniciou a transição do Escravismo para o Capitalismo.

A segunda metade do século XVIII viu o esgotamento progressivo das minas de ouro da região de Ouro Preto e Mariana. Em vários pontos do Estado começou, então, a emigração das zonas auríferas e, paulatinamente, a substituição de uma economia baseada no extrativismo mineral para aquela assentada na pecuária e lavoura de café. As fazendas iam-se formando com a imprescindível colaboração do braço escravo.

O conhecimento da procedência dos negros africanos introduzidos

no Brasil apresentou sérias dificuldades e RAMOS (69) assim a elas se fereriu:

Qual a procedência dos negros africanos introduzidos no Brasil, com o Tráfico? Aqui, como nas outras partes do Novo Mundo, as dificuldades desta discriminação serão as mesmas. Desde os tempos coloniais até os nossos dias, houve designações populares de Nagô, Mina, Angola, Moçambique... o que indicava vagamente os pontos do continente africano de onde provieram os negros. Mais comuns eram as designações gerais: "peça da Índia", "preto da Guiné", "negro da Costa". Para o branco senhor, não havia povos negros diversos, mas apenas o negro escravo.

O conhecimento das origens étnicas do negro no Brasil é importante, quando se trata de explicar a sobrevivência, ou não, de antigas tradições e valores que são peculiares às diversas culturas negras.

É comum falar na cultura negra no Brasil, englobando em um todo homogêneo as diversas etnias que aqui vieram ter, o que não procede, por serem a religião, o folclore, os usos, os costumes e vários outros aspectos culturais peculiares às diversas culturas negras e, portanto, diferentes de grupo para grupo.

Na tentativa de analisar as culturas negro-africanas no Brasil, RAMOS (69) abandonou qualquer ponto de partida com relação a dados históricos, a números, absolutos ou relativos, e às listas de nomes tribais, repetidos pelos historiadores. Guiado pelo método preconizado pelo Prof. Nina Rodrigues e utilizando-se de pesquisas por ele já realizadas em diversas regiões do Brasil, Ramos apresentou um quadro dos padrões de culturas negras sobreviventes. Este quadro, em linhas gerais, divide o elemento negro que veio ao Brasil em três grandes grupos, de acordo com as suas características étnico-culturais:

A. Culturas Sudanesas, representadas principalmente pelos povos Yoruba, da Nigéria, pelos Daomeanos e por grupos menores da Gâmbia, da Serra Leoa, da Libéria, da Costa da Malaguete, da Costa do Marfim...

B. Culturas Guineano-Sudanesas Islamizadas, representadas principalmente por grupos do norte da Nigéria.

C. Culturas Bantus, constituídas pelas inúmeras tribos do grupo

Angola-Congolês e de grupos da Contra-Costa.

O autor (69, 70) chamou a atenção para o fato importante de que essas sobrevivências culturais não existiam em estado puro, nem eram facilmente identificáveis... Esclareceu que as culturas sudanesas se misturaram intimamente entre si, com forte predominância da cultura yoruba, e as culturas bantus não puderam ser exatamente delimitadas entre nós, embora os estudos lingüísticos do quibundo e pesquisas efetuadas no Rio de Janeiro e Bahia o tenham autorizado a falar numa predominância angola-congolesa para esse grupo de cultura. Com esta posição, RAMOS (69) fugiu do exclusivismo de Spix e Martius, por ele citado, que: "...julgaram serem bantus os povos negros introduzidos no Brasil. Estes povos seriam os Cabindas e Angolas da Costa Ocidental da África meridional e Macuas e Angicos, da contra-costa".

3.1.2.2. Os Bantus - Características Físicas e Culturais. Não habitam a África apenas os negros puros. Autores diversos estabelecem para os grupos humanos da África uma diferenciação antropológica e cultural, da mesma forma que para os povos brancos da Europa. Assim, segundo RAMOS (69), a Antropologia Física tem falhado no estabelecimento de tipos-padrão para a chamada "raça negra", uma vez que a cor da pele, índices cefálicos e nasais, estatura, entre outros, são características muito variáveis. Estas características podem ser evidenciadas em tipos pertencentes a agrupamentos mais ou menos homogêneos, mas são passíveis de correção pelo critério de especificação das respectivas "culturas".

A África é formada por povos de origens diversas que se amalgamam em misturas difíceis de ser deslindadas.

Além dos negros propriamente ditos, como os Sudaneses e Bantus, há os Semitas e Hamitas (Camitas, Kamitas) ligados à raça branca e os Hotentotes, Boschimanos e Negrilhos (Pigmeus) que também são produtos de mistura racial.

Apesar dessa dificuldade, há autores que descrevem os Bantus como possuidores de traços faciais grosseiros em relação aos Sudaneses e

de compleição forte, embora de menor estatura.

→ Os Bantus dividem-se em inúmeras tribos ou povos que usam uma língua de características comuns, tais como: divisão dos nomes em classes distintas pelo uso de prefixos que se repetem em cada classe de acordo com o nome; ausência de gêneros designativos de sexo e outras. Baseando nestes caracteres lingüísticos, Seligman, citado por RAMOS (69), afirmou:

Os Bantus poderiam ser definidos como sendo todos os negros que se servem da raiz NTU, homem, para qualificar os seres humanos. Com o prefixo plural BA, teremos o nome BA-NTU, "os homens da tribo". E foi este o nome que permaneceu na terminologia etnográfica.

Quanto à pronúncia do vocábulo em português, ainda foi RAMOS (69) quem esclareceu:

A pronúncia exata da palavra seria BANTU, mas como houve uma tendência para a acutização no Brasil, das palavras derivadas do quimbundo (mulungu, calundu) o uso legalizou a pronúncia BANTU no Brasil, a exemplo do francês BANTOU.

Mostrou-se ineficiente o estudo do negro e de sua influência no Novo Mundo, baseado no critério de "raça", designada, pela Antropologia Física, como um grupo de homens que se aparentam unicamente pelos seus caracteres físicos, ou somáticos.

Vários autores, dentre eles Melville J. Herskovits, optaram pelos critérios determinados pela Antropologia Cultural e Psicologia Social, calcados na idéia de áreas culturais.

As áreas culturais não admitem uma nítida separação geográfica e LAKATOS (43) deu-lhes o seguinte sentido: "São áreas geográficas onde há semelhança em relação aos traços, complexos e padrões culturais de grupos humanos... A área cultural nem sempre corresponde às divisões geográficas, administrativas ou políticas".

Por este critério, segundo Herskovits, citado por RAMOS (69), estariam reservadas aos Bantus duas áreas culturais:

a) A área do gado da África oriental (duas ou três regiões)

Segundo o autor, nesta área é o "complexo" do gado que caracteriza o foco de cultura, embora, na verdade, a vida econômica dos povos que a habitam seja assegurada pela agricultura.

RAMOS (69) disse, referindo-se a esta área: "O complexo do gado desses povos bantus chegou a influenciar certos hábitos sociais e festas populares no Brasil, trazidos pelos negros escravos procedentes dessa área cultural...".

b) A área do Congo e a subárea do golfo da Guiné

Para RAMOS (69) estas áreas devem merecer uma atenção especial, tal a importância de seu estudo para a compreensão dos problemas das culturas negras do Novo Mundo. A área do Congo, propriamente dita, compreende toda a vasta bacia do rio Congo, habitada pelos povos bantus.

Segundo o autor, os negros da área do Congo transportaram para o Novo Mundo a sua cultura material, sobrevivente até hoje, e a sobrevivência da cultura espiritual da área do Congo é sentida, de modo especial no Brasil, onde a influência dos negros bantus foi enorme.

Alguns aspectos da cultura bantu são enumerados a seguir:

A agricultura era a base da vida econômica dos povos bantus. A posse da terra era comum. Havia a domesticação da cabra, do porco, da galinha e do cachorro. Vendiam seus produtos agrícolas, os de ferro e de madeira, cestas, balaios e outros em um mercado, isto é, no local onde se reuniam.

→ Habitavam casas retangulares feitas de barro e cobertas de palhas formando aldeias.

Vestiam-se de tecidos feitos de fibras de certas árvores. Fabricavam utensílios domésticos e artefatos de ferro; faziam esculturas de barro e madeira.

Pintavam o corpo com tatuagens de formas geométricas.

Construíam tambores de troncos de árvores, usados para a transmissão de mensagens; a puíta ou a cuíca, amplamente conhecida no Bra-

sil, e ainda armas de caça e de pesca.

Tinham uma organização social complexa com reis e uma corte de cerimoniais pomposos. Na família era adotada a poligamia.

A religião era também complexa e o Zambi, o grande Deus da região costeira, tomava nomes variados, de acordo com a região. RAMOS (69) fez a seguinte alusão a este respeito: "A Crença no ZUMBI é generalizada entre nós; o ZUMBI é um fantasma que vagueia pelas horas caladas da noite. Não deve ser confundido com o ZAMBI, deus".

O culto dos antepassados e as práticas mágicas constituíam parte importante da cultura bantu.

Uma infinidade de deuses e espíritos bons e maus era representada em esculturas de madeiras usadas pelos feiticeiros ou Quimbandas (Ki-mbanda) pendurados ao pescoço.

Dança e música tinham lugar de destaque e o batuque, do qual se originou o nosso samba depois de várias transformações, recebia nomes diversos, de acordo com a região.

A cultura Bantu foi grandemente difundida no Brasil. Influenciando a religião, o folclore e a língua, misturou-se a outras culturas, mas conservou sobrevivências ainda reconhecíveis.

3.1.2.3. Contribuições do Negro Bantu. Para a região de Viçosa, o negro veio como escravo, acompanhando seus senhores, procedentes das regiões de Ouro Preto, Mariana e Piranga, à procura de terras próprias para a lavoura.

Eram Bantus, a julgar pelos assentamentos de óbitos e nascimentos existentes no Santuário de Santa Rita, transcritos por ALENCAR (4) do Livro de Registro n.º 1:

À fl. 2, consta o assentamento do óbito de Antônio Ang.^a (abreviatura com que se designava Angola), escravo do Alferes Antônio Barbosa de Souza Lima, ocorrido em 6-XII-1814.

Ibd., id. de Ignácio B.^a (abreviatura de Benguela), casado com Tereza Ang.^a (Angola), escravo de José Rois Branco, ocorrido em 18-III-1815.

Ibd., id. de Antônio Cabunda, escravo dos herdeiros órfãos do falecido Manoel José Gomes, ocorrido em 24-VII-1815.

Ibd., id. de Joaquina Mina, casada com Manoel Soares B.^a (Benguela), ocorrido em 10-XII-1815.

À fl. 5, o óbito de Tereza Cassange, escrava dos herds. de Manoel José Gomes, em 8-II-1816.

Ibd., id. de Ursula Ca. (Cambinda), escrava de Antônia Maria Angélica da Silva, em 6-3-1819.

De uma longa convivência entre negros e brancos, em diferentes situações, surgiu um legado de contribuições que iriam enriquecer a cultura brasileira.

Em Minas Gerais, a contribuição do negro mostrou-se intensa e duradoura em inumeráveis aspectos: raciais, lingüísticos, religiosos, econômicos, folclóricos e outros.

Estas contribuições sobrevivem e, mesmo modificadas pelo impacto dos meios de comunicação de massa, ainda podem ser percebidas.

Em Viçosa, a análise das sobrevivências culturais encontradas em pesquisas recentes leva a algumas evidências que permitem colocar o negro aqui introduzido pelo colonizador no grupo Bantu.

A tentativa de confronto destas sobrevivências com as características originais dos Bantus encontra, todavia, um sério problema, que merece atenção.

A escravidão rompeu com as tradições africanas e o negro brasileiro mestiçado que formou o "crioulo", o "mulato" e o "pardo" distanciou-se do negro africano puro, em suas características físico-culturais. A necessidade de camuflagem nas manifestações de religiosidade para que elas pudessem ser realizadas com a benevolência dos senhores; a aculturação imposta pela condição de inferioridade em que se achava o negro em seu novo habitat e outros fatores fizeram com que surgissem o sincretismo religioso, as alterações dos rituais e a adaptação dos usos e costumes.

Os Bantus, pela sua resistência e força física e pelas suas qualidades de agricultores, eram os preferidos para os trabalhos no campo,

entretanto, porque eram escravos, não tiveram estímulo para melhorar a qualidade de seu trabalho.

Praticava-se, então, uma agricultura primitiva, seguindo-se padrões importados da África: as curvas de nível não eram utilizadas, não havia a preocupação de um aproveitamento racional da terra, não se utilizava a rotatividade de culturas, eram comuns as queimadas para a limpeza dos terrenos, a colheita era manual e os produtos agrícolas guardados em tulhas rudimentares.

Todo o trabalho era feito com o uso das enxadas, enxadões e foices. A pecuária também, feita de modo extensivo, tinha poucas possibilidades de melhoramentos.

Com o ciclo do café, as lavouras cafeeiras instalaram-se na Zona da Mata, e a agricultura baseada no trabalho escravo deixou de ser uma agricultura de subsistência para se tornar de exportação, mas continuou sendo feita nos moldes rudimentares de até então.

O plantio do café morro acima é uma reminiscência do escravo Bantu que ainda pode ser visto em alguns sítios e fazendas da região de Viçosa.

No campo do folclore, a contribuição do negro foi grande e sobrevive com força quase total. Os Bantus trouxeram-nos suas rimas, suas adivinhas, seus contos, seus provérbios...

BASTIDE (11) fez referência ao bisango, espécie de lobisomem africano, que engolia crianças por um buraco nas costas e que é análogo ao Kimbungo brasileiro.

Em Viçosa, PANIAGO (60) encontrou bastante difundida a estória do Tibungo, bicho-homem, que, morando nas bananeiras existentes nos fundos dos quintais, dali saía para pegar crianças desobedientes, colocando-as num saco que levava às costas.

O Tibungo pode ser uma transformação do Kimbungo (Bisango) africano e isto parece lógico, uma vez que esta estória era contada pelas babás negras do início do século às crianças viçosenses.

É na música e na dança, contudo, que o folclore nacional ou re-

gional enriqueceu-se, numericamente, com a contribuição do negro africano.

LIMA (49), analisando os traços culturais que nos vieram dos Bantus, citou exemplos de instrumentos musicais: a) Membranofones de percussão: (tambores) tambu, candongueiro, quinjengue, engome ou angoma, zambê; b) Membranofone de fricção: cuíca ou puíta; c) Cordofone: Berimbau ou Urucungo (arco musical); d) Idiofone: marimba.

A esta lista, JOSÉ (40) acrescentou o adufe, caxambu (que seria outro nome para o tambu), violão e viola da Angola.

A Igreja, exigindo dos escravistas as folgas dos escravos por ocasião das festas populares, concorreu para que se conservassem as danças e músicas de origem africana.

Entre as danças, as principais eram o jongo e o batuque. Segundo ARAÚJO (7):

o jongo arraigou-se nas "terras por onde andou o café"... Entrou também pela Zona da Mata mineira. No Estado Montanhês o jongo é conhecido por Caxambu, aliás denominação dada ao instrumento fundamental dessa dança - o atabaque grande, membranofônio ora chamado tambu, ora angona, ora caxambu.

O jongo era uma dança onde o canto era importante no desafio em versos - os pontos - e a música tinha uma função rítmica.

Era uma dança de roda, cujos participantes eram, em sua maioria, de cor preta, embora alguns brancos também pudessem dançar.

O batuque, dança de terreiro, era considerado indecente pelas "pessoas bem formadas moralmente", porque tinha movimentos rítmicos frenéticos e terminava por uma umbigada, de forte estalo, entre os participantes que dançavam em fileiras.

ARAÚJO (7) assim se referiu à sobrevivência do batuque:

Algumas danças a igreja abominou, interditou, dentre elas o Batuque por ser sensual, muito ligado à prostituição da senzala; mas o senhor de escravos fazia "vista grossa", permitindo-o e foi por isso que chegou aos nossos dias.

... a dança do Batuque, possivelmente seja originário de Angola ou Congo.

O autor descreveu o batuque da seguinte maneira: homens e mulheres ficavam em fileiras, uns em frente aos outros, separados cerca de 10 a 15 metros, onde dançavam dando umbigadas.

Um batuqueiro não dançava sempre com a mesma batuqueira. Após três umbigadas, procurava batucar com outra. Dentro do ritmo do tambu, os batuqueiros, ao se defrontarem com sua dama, faziam meneios do corpo, ajoelhavam-se e executavam outros movimentos chamados de "jongar". Ao amanhecer, no final do Batuque, a dança "saideira" era o "leva-e-traz": o cavalheiro fazia uma vênia, não dava umbigadas e levava sua dama ao seu lugar inicial. Podia também haver cantos no batuque.

Proibido pelas autoridades municipais em alguns lugares, o batuque atraía os brancos das classes menos favorecidas socialmente e tornou-se a dança preferida da época.

Na região de Viçosa, informantes disseram ter sido comum, nas fazendas, o batuque dançado nos terreiros, enquanto nas salas realizavam-se os bailes familiares, ao som de pequenas orquestras organizadas por pessoas do lugar.

O gosto pelo batuque teria sido um atestado da presença do negro bantu, na região.

Atualmente, a presença do Bantu se fez mais perceptível, nos grupos de Congos, Congadas ou Congados ainda existentes em vários núcleos do meio rural e nos povoados de São José do Triunfo (Fundão) e de Cachoeira de Santa Cruz (Cachoeirinha), quando são apresentados nos festejos de Nossa Senhora do Rosário.

ALMEIDA e MEDEIROS(6) descreveram as Congadas da seguinte maneira:

Os negros trouxeram suas embaixadas, que são formas dramáticas. Os seus autos se dividem em cortejo, que é o desfile seguido de danças, havendo depois a embaixada que é a representação. Os mais conhecidos são os Congos, ou Congadas, Congados, que nos mostram uma luta guerreira entre o Rei Coriongo e o embaixador da Rainha Ginga. No entanto, em São Paulo, Minas e Brasil Central, há muitos grupos ditos Congadas que representam o tema de Mouros e Cristãos.

Mário de Andrade, citado por BASTIDE (11), mostrou as origens da luta representada e que não é senão a dos portugueses contra os Reis ou Rainhas de Angola (A Rainha Ginga Bândi, D. Henrique).

RAMOS (69) viu nos Congos uma sobrevivência das organizações políticas das monarquias africanas, quando disse: "... sobrevivências do patriarcado e do matriarcado, aí estão nos festejos dos reis Congos e das Rainhas Gingas".

PANIAGO (60) colheu esta manifestação folclórica ligada às festas da Igreja numa demonstração inequívoca da existência de um catolicismo popular com raízes que remontam aos Bantus, na região de Viçosa (Figuras 13, 14, 15 e 16).

A festa começa de madrugada, com o levantamento do Mastro de Nossa Senhora do Rosário, em frente à Igreja do povoado, já com o acompanhamento dos Congos e da Bandeira do Rosário.

Os componentes do grupo (cortejo) vestem roupas próprias com postas de saiotos coloridos (azuis e rosas) por cima de calças brancas; capacetes de papelão enfeitados com fitas e espelhos e tênis branco. Quanto mais fitas, mais importante é o grupo.

De modo geral, o cortejo compõe-se de um Rei, uma Rainha, às vezes, Príncipe e Princesa; um Capitão-do-Meio, um Secretário, cinco vassalos, o Bamba e dançarinos.

Durante a missa, o rei e a rainha se assentam em um trono armado dentro da Igreja e os Congos ocupam os lugares previamente reservados para eles.

As embaixadas são realizadas antes da missa, na porta da Igreja. Após as cerimônias religiosas, o cortejo percorre as ruas do povoado dançando ao som de instrumentos de percussão e violas, numa coreografia variada, onde o toque de espadas significa a guerra. As músicas, em ritmo sincopado, têm letras religiosas, letras alusivas à Princesa Isabel e à extinção do cativo.

JOSÉ (40), analisando o problema do negro em Minas Gerais, sob a ótica do racismo, assim se expressou:

Dominado pelo branco, escravizado por ele, o negro sentia que não dispunha de meios maiores e eficientes para se opor a quem o reduzia à condição de semovente ou coisa... Contudo, espelhavam inconformidades, legítima defesa, corajosa disposição para luta, expectativa de ações mais amplas e radicais se condições viessem a ocorrer.



FIGURA 13 - Os Congados na Região de Viçosa, MG.
A Cruz é Levada em Procissão no Dia da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao Lado, o Mastro Levantado no Início da Novena. São José do Triunfo, 1981.



FIGURA 14 - Os Congados na Região de Viçosa, MG.
Rei, Rainha, Príncipe e Princesa dos Congos Assistem à Missa da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Distrito de São José do Triunfo, 1981.



FIGURA 15 - Os Congados na Região de Viçosa, MG.
Os Congos Acompanham a Procissão de Nossa Senhora do Rosário, no Distrito de São José do Triunfo, 1981.



FIGURA 16 - Os Congados na Região de Viçosa, MG.
Dança dos Congos na Festa de Nossa Senhora do Rosário. São José do Triunfo, 1981.

O autor enumerou fatos que exteriorizavam o racismo do negro contra o racismo do branco:

- a. Quilombos
- b. Irmandades religiosas (só para negros)
- c. Delitos contra senhores e seus familiares
- d. Festas e cultos religiosos
- e. Festas populares
- f. Casamento ou amancebamento com brancos
- g. Trabalho escravo
- h. Abandono das lavouras.

De acordo com esta idéia, principalmente nas festas e cultos religiosos e nas manifestações populares, é que o negro passa de dominado a dominador, de escravo a senhor. Nos terreiros de Umbanda, os seus deuses e espíritos, os pais-de-santo e congêneres dominam as reações, os sentimentos e as ações dos brancos que, ainda hoje, vão procurá-los. Os escravos, as amas de leite, as babás negras já inculcavam em seus jovens senhores seus mitos, suas crenças, o medo e, desse modo, dominava-
-os.

JOSÉ (40), referindo-se à Umbanda, disse:

A macumba, agora denominada de preferência, quimbanda ou umbanda, vem portanto, através dos tempos e desde as épocas da escravidão, apoiando-se em suas bases africanas e transformando-se em processo de domínio, pelo negro, da mente do branco atemorizado.

Assim, o negro vai, pouco a pouco, impondo-se aos descendentes dos antigos senhores de seus ancestrais.

LIMA (49) sintetizou alguns pontos da religião do negro Bantu:

Ao Buntu devemos alguns traços culturais nossos... Da sua cultura espiritual, vamos encontrar entre nós, com sincretismo Yoruba e Gegê e até indígena, espírita e católico, vários traços religiosos que podem ser observados nas macumbas do Rio de Janeiro e Minas Gerais e nas sessões de terreiro de São Paulo, mais conhecidas como cerimônias de umbanda.

Esse autor continuou descrevendo alguns aspectos do culto como se segue:

Os sacerdotes chamam-se, no geral, quibanda, umbanda ou embanda, e também ganga, além de pai-de-santo ou babaloxá. Seu auxiliar é o cambone ou cambono, quando homem, e mucamba, quando mulher. O peji ou santuário e, mais comumente, um altar, é colocado no próprio terreiro, tenda ou centro e chamado barquice, gongá ou congá. Há também, filhos e filhas-de-santo designados pelos nomes de mediuns, instrumentos, cavalos, aparelhos ou serviçais. Além do espírito familiar, que caracteriza o terreiro de traços Bantu - Pai Joaquim, Pai Velho, Pai Guiné - o qual se encarna no sacerdote ou sacerdotisa, no início dos trabalhos, aparecem no decorrer das sessões, outros espíritos, guias ou encantados que são subordinados a este ou àquele "orixá". Nos terreiros da Capital (São Paulo), os orixás podem se constituir em duas falanges, legiões ou nações, que compreendem cada uma sete linhas: a de Umbanda e a de Quimbanda. Os trabalhos nas sete linhas de Umbanda visam sempre a prática do bem e os de Quimbanda, do mal.

A invocação dos espíritos familiares e dos "orixás", que se manifestam através dos seus espíritos, guias ou encantados, é feita por meio de cânticos especiais, que se denominam ponto. Esta palavra, também, indica os símbolos escritos no chão do terreiro com a pomba ou giz: signo de Salomão, flechas, estrelas, espadas, machados - colocações num círculo ou não.

O negro Bantu integrou na nossa cultura popular alguns dos seus deuses, a exemplo do Zambi-Maior (grande deus) Zambi-Menor (identificado a Jesus Cristo) que correspondem ao Zambi ou Nzambi dos angolezes; Zambiapongo, Zaniapombo e Abias Pongo, como fomos encontrar na congada de Iguape, que também se refere ao grande deus, mas dos negros do Congo: Zambi-Ampungu; Calunga ou Calunga Grande, a deusa do mar, o reino da morte, "o que é facilmente explicável pelo fato de seu símbolo na África ser uma figurinha de madeira"; Ganga-Zumba, relacionado a Jesus Cristo. O mesmo grupo cultural nos trouxe o nome de certos espíritos ou deuses inferiores: Zumbi, Lemba ou Sinhô Lemba, Cariapomba, Calundu.

Em Viçosa, a presença de terreiros de Umbanda, com características dos cultos bantus, apesar de introduzidos oficialmente só na década de 60, pode ser vista como um resquício da cultura do negro Bantu. PANIA GO (60), colhendo alguns aspectos dos cultos de Umbanda em Viçosa, encontrou muita afinidade com os rituais bantus, embora tenha percebido alguns nomes de entidades e algumas partes dos rituais mais próximos dos Yorubas. Também foram notados muitos traços da cultura indígena, através dos guias: índio Jaraguá, Ubiratan, Jerônimo, Pena Branca e outros.

O "Boi Totêmico" dos bantus, segundo alguns autores, figura, no

Brasil, no bailado popular do Bumba-Meu-Boi que toma nomes diversos conforme a região: Boi Bumbá, Boi de Mamão, Boi, Boizinho e outros. O Bumba-Meu-Boi brasileiro é um boi de armação feito de taquaras ou madeira cortada em ripas finas recoberto por um pano. Em alguns lugares, a cabeça é uma caveira de boi ou de vaca, com os respectivos chifres.

Nesta armação se introduz o homem que dança e faz evoluções dentro do tema do bailado no qual entram várias figuras humanas e de animais que cantam e falam.

Na região de Viçosa, o bailado do bumba-meu-boi se restringe à figura do boi que percorre as ruas das cidades, ora dentro de festejos religiosos, ora no carnaval.

JOSÉ (40) encontrou em São Geraldo (MG), até a década de trinta, o "BOI DE SÁ ROSÁRIA", nas comemorações do treze de maio, como símbolo da eliminação do racismo branco.

TARANTO (82) encontrou o "BOI SAPIROCA", hoje conhecido como "BOI LARANJA", na localidade de Guaraciaba (MG), nos festejos da Páscoa.

Em Viçosa, PANIAGO (60) encontrou o "BOI DO PINTINHO", hoje "BOI DO ZÉ BÓIA", nos festejos carnavalescos (Figura 17).

Tantas são as contribuições do negro africano para a cultura brasileira, que se torna impossível analisá-las no contexto deste trabalho.

Preferiu-se fazer uma pequena referência àquelas que pudessem servir de base, dentro do critério das sobrevivências culturais, a uma possível conclusão de ter sido BANTU - o escravo vindo para Viçosa.

Repetindo LIMA (49): "Com razão escreveu Luiz da Câmara Cascudo: 'muitos são os ventos que sopram na terra brasileira, vindos d'África, 'unser Afrika' como dizia Frobenius, nossa África"...

3.1.3. O Elemento Branco

3.1.3.1. O Português - Características Físicas e Culturais. O colonizador português representou o elemento branco que, predominantemente, con-



FIGURA 17 - "O Boi do Zé Boia", Figura
Comum nos Carnavais de Viçosa,
sa, MG.

correu para a formação do povo brasileiro. Investigar os traços físicos destes ancestrais é tarefa difícil. Portugal, pela colocação geográfica entre o continente africano e a Europa, tornou-se, muito antes do descobrimento do Brasil, um cadinho onde diferentes raças interagiram em épocas diversas.

A ocupação mourisca na península ibérica, o comércio com as Índias, Gênova e Veneza, a colonização de Goa, Diu, Gamão, a hegemonia Inglesa, as Companhias de Comércio Holandesas, entre outros, foram eventos que fizeram de Portugal um país socialmente híbrido e do português um tipo físico indefinível.

FREYRE (33), analisando as características físico-culturais do português, deu ênfase ao ponto de que não há nenhum exclusivismo de tipo no passado étnico do povo português. Citou alguns autores que davam como características fundamentais da população portuguesa, no meio de toda a extraordinária variedade de tipos, a estatura abaixo da média, a dolicocefalia, os olhos e cabelos escuros, nariz longo, leptorrínico, de base um tanto longa. Estas características, segundo o autor, acusam a persistência de raça pequena, doliocéfala, morena que se supõe ter formado o fundo autóctone da população, cujos representantes mais puros se encontram hoje nas regiões do alto Minho, Trás-os-Montes e Beira.

Em outras regiões do norte, contudo, foram encontrados tipos ligados à raça branquicéfala, enquanto em vários pontos do Minho, em Gaia, Póvoa de Varzim, havia representantes mais puros das raças louras do norte, que várias vezes invadiram o território, hoje português.

A estes elementos juntaram-se características semito-fenícios encontradas nas populações litorâneas e aquelas próprias dos invasores mais recentes, judeus, bérberes, mouros, negros, flamengos e ingleses. Daí FREYRE (33) dizer que Portugal é, por excelência, o país do louro transitório ou meio-louro. Nas regiões mais penetradas de sangue nórdico muita criança nasce loura para tornar-se, depois de grande, morena e de cabelos escuros. Ou então - o que é mais característico - homens de barba loura e cabelos escuros; homens morenos de cabelos louros, mesti-

ços esses que formaram, no ponto de vista do autor, a maioria dos portugueses colonizadores do Brasil, nos séculos XVI e XVII.

Esta raça extremamente mestiçada desde as mais remotas origens iria, no Brasil, juntar-se ao negro africano, ao indígena e, mais tarde, aos imigrantes vindos de vários pontos da Europa para formar o brasileiro também mestiçado e de extraordinária variedade de tipos físicos.

3.1.3.2. Contribuições do Português. A mesma diversidade de caracteres físicos que especificam o português repete-se nos aspectos culturais da população, e esta diversidade cultural também iria reproduzir-se no Brasil.

LIMA (49), assinalando a origem dos traços culturais europeus existentes no folclore brasileiro, comentou sobre a contribuição portuguesa, com ênfase nas procedências do colonizador e das dificuldades de análise que daí vieram:

Parece que os mais antigos elementos do grupo português chegados ao Brasil, procediam das províncias do centro e do sul de Portugal: Estremadura, Alentejo, Algarve. Só depois é que vieram os casais dos Açores, alguns da Madeira e, afinal, os portugueses da Beira, Minho, Trás-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho. E aqui eles se misturaram com indígenas, africanos, espanhóis, italianos, franceses, holandesas etc. de tal maneira, que hoje já se vai tornando difícil precisar o que pertence à cultura portuguesa ou pelo menos o que foi difundido entre nós pelo grupo português. Esclareça-se ainda que este tem muito da cultura espanhola, francesa e outros elementos europeus e até mesmo de africanos, asiáticos e judeus.

Apesar da dificuldade de análise, a contribuição portuguesa à cultura brasileira é evidente:

O tipo de habitação - casas de varandas e alpendres, portas e janelas na frente, telhados de biqueira - o mobiliário, os oratórios, os baús e arcas de couro ou de madeira para guardar roupas e as camas de tábuas atestam a cultura portuguesa no Brasil.

No artesanato, ficaram, entre outras coisas, os teares para con-

fecção de redes, colchas e roupas diversas, os monjolos e as rodas d'água, as figuras de presépios, as imagens, as rendas, os crivos, os labirintos e os crochês.

As cadeirinhas conduzidas por escravos, depois as carroças e os carros-de-bois, transitavam e transitam pelos arruados, nas aldeias e vilas cheias de chafarizes, cruzeiros e "vestidos de missa", chales e tamancos de pau de origens tipicamente portuguesas.

As crianças divertiam-se e divertem-se com pernas de pau, papagaios ou pipas, com o catavento de papel e vareta e bonecas de pano (bruxas) entre formas de escolha para pular corda e terminar estórias; parlendas, adivinhas e ditados populares.

Na literatura aparecem a poesia de quadrinhos ou trovas, as rimas de pé quebrado, a anedota, as lendas, as estórias, os romances e as fábulas.

Nas festas populares, o acervo português se distingue logo: Festa de Reis e de São Sebastião, Festa de Santa Cruz, Festas Juninas - Santo Antônio, São João e São Pedro - Festas do Divino, de São Benedito, de Nossa Senhora do Rosário e de São Gonçalo do Amarante.

Nas características folclóricas destas festas há inumeráveis traços da cultura portuguesa: os padrinhos de São João, as alvoradas com Bandas de Música, as Cavalhadas, as Danças de São Gonçalo, principalmente no norte de Minas e outras regiões, as Pastoris, as Folias de Reis, do Nascimento e outras manifestações.

Em Viçosa, a contribuição do Português se faz presente, de modo inconfundível, até nos dias atuais e é na celebração das festas religiosas e populares que podem ser identificados, em sua grande maioria, os traços culturais e as manifestações folclóricas de origem portuguesa.

Na celebração da festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, ainda figura, na paraliturgia, a encenação do ato da aparição da Virgem Maria aos pequenos pastores de Fátima.

No ciclo Natalino é notada a presença de crianças que representam as pastorinhas, em seus trajes de camponesas com cestinhas de flo-

res nas mãos, cantando e dançando nas ruas, em frente às Igrejas e nas casas, onde estão armados presépios.

As Cavalhadas, que até a década de cinquenta faziam parte integrante das festas do Divino Espírito Santo, têm hoje grupos remanescentes de corredores que se apresentam em desfiles na cidade e representam o "Auto dos Mouros e Cristãos" nas periferias e zonas rurais (Figuras 18, 19, 20 e 21).

As Folias de Reis, de São Sebastião e do Nascimento, percorrem os povoados e núcleos populacionais rurais com bandeiras e cânticos apropriados a cada fase da manifestação.

As Festas Juninas, com fogueiras, bandeirinhas, casamentos na roça e quadrilhas, antes celebradas apenas nas Festas de São João, Santo Antônio e São Pedro, hoje são realizadas em todos os finais de semanas do mês de junho, nas escolas, nas ruas e praças da cidade. Infelizmente, o consumismo próprio da época atual vem descaracterizando estas festas, tirando-lhes o sabor folclórico, a tradição, a ingenuidade, o significado e a beleza, transformando-as em fontes de lucros destinados a diversos fins. Esta descaracterização dos traços culturais, quando confrontados com o original, é, contudo, uma característica das mudanças sócio-culturais que ocorrem nas sociedades, no fluxo da história, resultado da interação de vários fatores, e, como tal, deve ser vista, percebida e analisada.

A devoção a Santo Antônio permanece, nas Paróquias, com a distribuição do pão dos pobres. Pequenos sermões são feitos por crianças durante a novena, realizada em junho, e, nesta ocasião, correm as lendas e estórias que fizeram de Santo Antônio um casamenteiro por excelência.

Os seresteiros ainda hoje encontram, nas noites frias e claras de Viçosa, o ambiente propício para as suas serestas, para o seu canto acompanhado de violões, e, em alguns grupos, a modinha e as valsas se sucedem ao som dos violinos, trompetes, violões e instrumentos de percussão.

Nos folguedos das crianças, os papagaios e as pipas sobem apro-

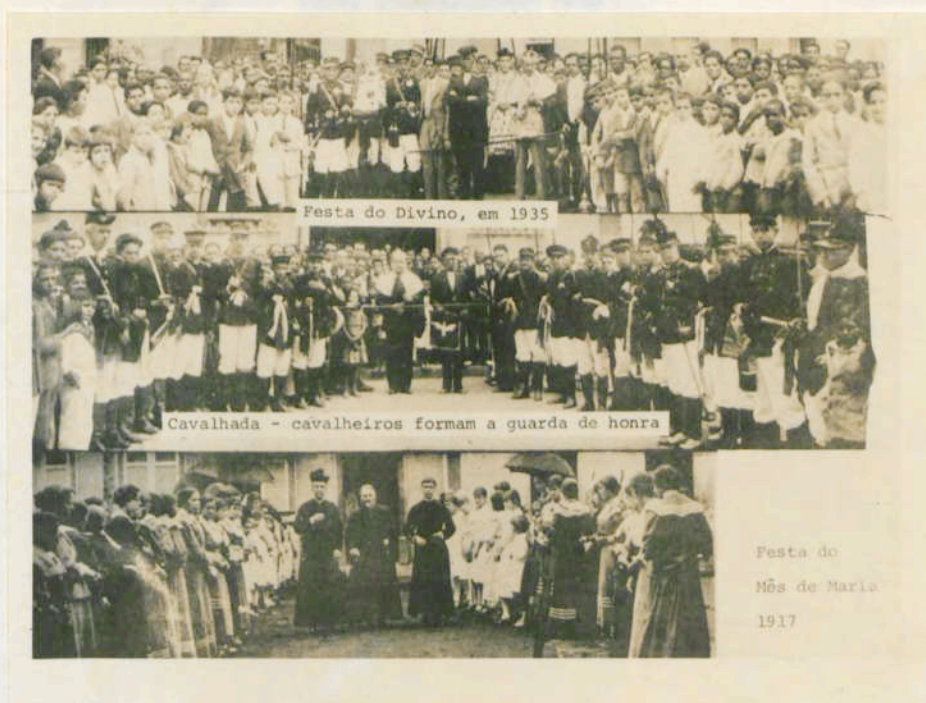


FIGURA 18 - As "Cavalhadas na Região de Viçosa", MG. Cavalheiros Formam a Guarda de Honra do Imperador do Divino, na Festa do Divino Espírito Santo. Viçosa, MG, 1935.

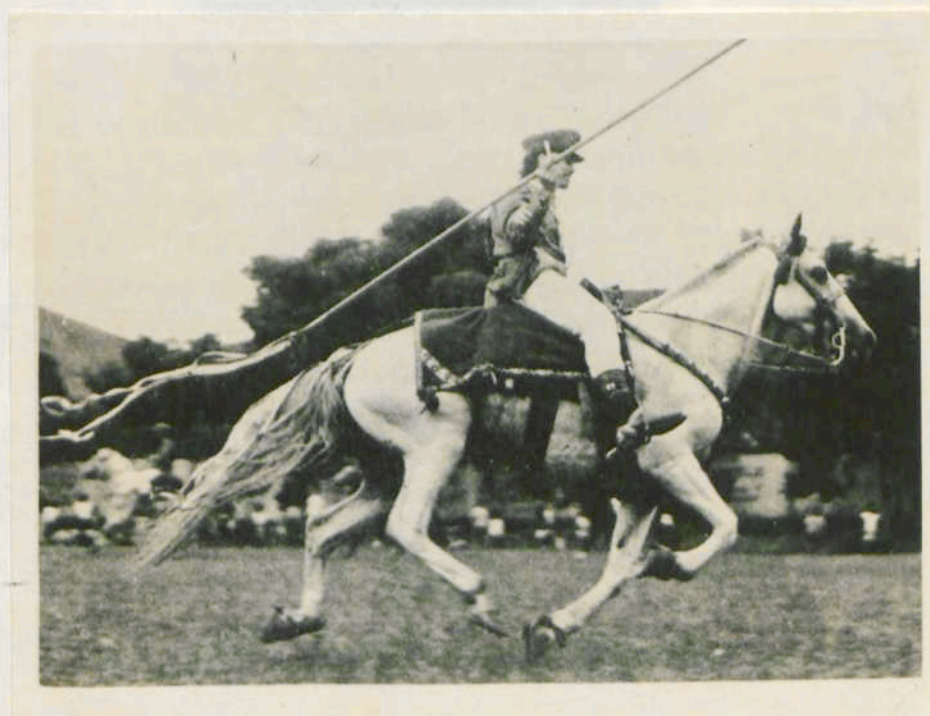


FIGURA 19 - As "Cavalhadas na Região de Viçosa", MG. Jurandy Afonso Magalhães na "Corrida de Lanças das Cavalhadas, na Festa do Divino Espírito Santo. Viçosa, MG, 1979.



FIGURA 21 - "Luta de Espada entre Mouros e Cristãos" nas Cavalhadas, na Festa do Divino Espírito Santo. Viçosa, MG, 1979.



FIGURA 20 - As Cavalhadas na Região de Viçosa, MG.
O "Castelo" do Rei Momo nas Cavalhadas, na Festa do Divino Espírito Santo. Viçosa, MG, 1979.

veitando os ventos comuns no mês de agosto; as cantigas de rodas de origem portuguesa ressoam nas ruas e nos pátios escolares, embora já apresentem deturpações nas letras provocadas pelas propagandas comerciais e músicas populares difundidas pelos meios de comunicação de massa.

Na linguagem oral, sucedem-se as estórias e os mitos, embora modificados pela dinâmica cultural, também de origem portuguesa:

- a. A cabrita e os sete cabritinhos;
- b. A cuca, velha que vem de noite para carregar crianças que não querem dormir, apresentadas, muitas vezes, em forma de acalantos;
- c. A mula sem cabeça, burrinha de padre ou burrinha, mulher que em vida teve ligações amorosas com o padre;
- d. A moura torta, reminiscência da ocupação mourisca em Portugal;
- e. A bruxa ou feiticeira, velha encarquilhada de nariz adunco que voa em cabos de vassoura, e várias outras estudadas e analisadas por diversos folcloristas e historiadores (Celso da Cunha Magalhães, Sílvio Romero, Lindolfo Gomes, Gustavo Barroso).

As contribuições da cultura portuguesa no Brasil tornaram-se, em síntese, a própria cultura brasileira e, como tal, está presente em Viçosa, de modo claro e indiscutível.

3.2. Início de Colonização - Famílias Pioneiras

A etnia do viçosense parece ser o resultado da fusão do índio, do negro e dos colonizadores portugueses e outros que vieram ter à região à procura de melhores terras para a agricultura.

Há um consenso entre autores, quando colocam os primórdios da colonização de Viçosa no princípio do século XIX, isto é, a partir de 1800, e dão a maioria das famílias pioneiras como oriundas das zonas auríferas de Ouro Preto, Mariana e Piranga.

Estes primeiros colonizadores fixaram-se às margens do rio Turvo, abrindo as primeiras sesmarias e formando as propriedades rurais que deram origem a um pequeno núcleo populacional que seria o berço da atual cidade de Viçosa.

Assim, em 8 de março de 1800, um de seus moradores, o Padre Francisco José da Silva, obtinha do quinto bispo de Mariana, D. Frei Cipriano de São José, licença para aqui erigir uma ermida sob a invocação de Santa Rita - a santa de sua devoção.

Pouco tempo depois, a ermida passaria a Capela de Santa Rita e daria seu nome ao nascente povoado, juntamente com o nome do rio que o atravessa - o Turvo.

→ Nascia, então, o povoado de Santa Rita do Turvo.

Em 20 de agosto de 1805, por escritura redigida no Presídio de São João Batista, atual Visconde do Rio Branco, o Capitão Manoel Cardoso Machado e sua mulher, D. Ana Joaquina da Fraga, doaram à capela terras e umas casas cobertas de telhas, para, segundo o Cônego Trindade, citado por ALENCAR (4), "nela se estabelecer o patrimônio de sua capela" (Apêndice C).

Na constituição dos bens do Patrimônio de Santa Rita destacam-se os nomes do Padre Jerônimo Fernandes Lana, nascido em Pilar de Vila Rica, batizado em 30-01-1762 e falecido em Santa Rita do Turvo, em 1811, e do Alferes Vicente Rodrigues Valente - procurador de Santa Rita.

O documento do termo de posse dos bens da Capela acha-se arquivado na Câmara Eclesiástica do Arcebispado de Mariana, datado de 1807, e por ele percebe-se que Santa Rita do Turvo pertenceu, inicialmente, à Freguesia do Pomba e ao Termo de Mariana.

Instituído o Patrimônio, começou a organizar-se a vida religiosa do povoado que, na época, era bastante ligada à vida civil, em decorrência da ligação da Igreja com o Estado, em vigência no Império.

Em março de 1813, já se verificavam lançamentos de nascimentos, casamentos e óbitos no livro que recebeu o n.º 1 na organização do arquivo, ainda preservado no Santuário de Santa Rita.

Nos primeiros tempos do novo povoado, não foi fácil a vida para os primeiros colonizadores. Os temíveis Botocudos ou Aimorés, inimigos dos Puris, atacavam as propriedades e matavam homens, mulheres e crianças. Aventureiros e escravos fugitivos, em suas andanças pela região,

ler e resumi

roubavam e depredavam tudo que lhes estivesse ao alcance. Por esta razão, Sua Alteza Real, D. João VI, determinou que se estabelecessem Divisões Militares na região para a defesa dos colonos. Uma destas divisões foi localizada nas proximidades do povoado que deu origem à atual cidade de Ponte Nova, segundo Manoel Inácio Machado de Magalhães, em seu resumo histórico sobre o município vizinho. Esta divisão protegia, também, os colonos viçosenses.

Dentre os sesmeiros, cujos terrenos confrontavam com o Patrimônio de Santa Rita, figurava o Padre Manoel Inácio de Castro, que teve influência decisiva na formação do caráter dos primeiros habitantes do pequeno povoado.

Possuidor de grande extensão de terras, pelo fato de ser sacerdote, o Padre Manoel contava com a confiança da população que o procurava para ajuda em seus negócios e mesmo para a solução de problemas particulares.

Isto é bastante compreensível, quando se leva em conta que as grandes distâncias dificultavam o acesso a núcleos, como Presídio de São João Batista, Mariana e outros, através de picadas e caminhos abertos em região de matas virgens, onde perambulavam índios, aventureiros, ladrões e escravos fugitivos.

Tinha o Padre Manoel Inácio sua fazenda nas proximidades das pilstras que hoje marcam a divisa dos terrenos da Universidade Federal de Viçosa, bem perto, portanto, do local onde se erguia a primitiva ermida e hoje se encontra o Santuário de Santa Rita de Cássia. A influência benéfica do Padre Manoel Inácio garantia aos moradores uma vida pacata, e o espírito de solidariedade e o fino senso de humor eram a tônica da comunidade nascente.

Com o Padre Manoel Inácio iniciou-se um ciclo de influências marcantes que diversos sacerdotes iriam ter, no decorrer dos tempos, sobre a população do município e que iria vincar profundamente o caráter do viçosense. Entre estes sacerdotes destacaram-se: Padre Serafim Pecci, Padre Álvaro Corrêa Borges, Padre Francisco Lopes da Silva Reis, o Pa-

Lu e resumo

dre Chiquinho, e o Cônego Modesto de Paiva. Talvez, ao lado de outros fatores, estas influências tenham concorrido para que se formasse em Viçosa um núcleo religioso tradicional, pouco permeável a influências externas, rico em fidelidade aos princípios católicos transmitidos de geração a geração. A força deste núcleo tradicional ainda hoje pode ser comprovada pela predominância da religião católica entre os naturais da terra.

Com o tempo, principalmente depois da expansão da Universidade Federal de Viçosa, que trouxe para a cidade um forte contingente de pessoas de outros lugares, começaram a surgir as diversas seitas protestantes e outras religiões hoje existentes no município. Contudo, as festas religiosas católicas, dentre elas as da Sexta-Feira Santa e da Padroeira Santa Rita de Cássia, atraem verdadeiras multidões ao Santuário de Santa Rita.

Este aspecto religioso, que será analisado em outra parte deste trabalho, merece destaque por ter suas origens no alvorecer do povoado de Santa Rita do Turvo.

Em 1830, contava o povoado de Santa Rita do Turvo com vinte e duas famílias, de acordo com o documento "Cidades, Vilas e Povoações da Província de Minas Gerais", com declaração do número de fogos de cada uma (1830), citado por ALENCAR (4).

Em 14 de julho de 1832, por decreto do Conselho da Regência Triana do Império, quando dela participava Diogo Feijó, o Curato de Santa Rita do Turvo foi elevado à categoria de Paróquia, tendo por filiais os Curatos de São José do Barroso e Conceição do Turvo. Foi primeiro vigário (encomendado) da nova Paróquia Agostinho Isidoro do Rosário, seguindo-se-lhe o Padre Manoel Felipe Neri, apresentado por carta imperial de 16 de agosto de 1861.

Se, em 1830, a população era pequena na sede do povoado, ela era bem numerosa nas propriedades rurais e as pessoas deslocavam-se para a sede, por ocasião das festas religiosas. Nestas ocasiões, as famílias se conheciam, negócios e casamentos eram tratados e a vida social da vi

la ia-se formando entre conversas, procissões, missas, o ranger dos carros-de-bois e o tropel das tropas de muares.

Com o falecimento do Padre Manoel Inácio de Castro, ocorrido em 27 de maio de 1819, conforme registro de óbito, fl. 14, Livro 1 do Santuário de Santa Rita, a sua propriedade foi partilhada entre seus herdeiros que conservaram suas partes ou venderam-nas a terceiros. Entre os herdeiros do Padre Manoel figurava o Capitão José Maria Sant'Anna, que, por núpcias contraídas com uma sobrinha do sacerdote, herdara as terras circunvizinhas do local onde hoje se localiza o Hospital São Sebastião.

O Capitão José Maria Sant'Anna nasceu em Porto Firme, veio para Santa Rita do Turvo em 1815 e deixou grande descendência. Em 1854, aqui chegava o Alferes Jacob Lopes de Faria que se casou com Ana Franco, deixando também uma grande descendência - a chamada Família Jacob. Destas duas famílias originou-se, em grande parte, a população de Viçosa.

Em 30 de setembro de 1871, a Freguesia de Santa Rita do Turvo foi elevada à categoria de Vila, com a mesma denominação, pela Lei n.º 1.817, decretada pela Assembléia Provincial de Minas Gerais e sancionada por Francisco Leite da Costa Belém, Vice-Presidente da Província. O Art. 2 da Lei que elevou Santa Rita do Turvo à categoria de Vila diz o seguinte:

O novo município se comporá das freguesias da vila, de São Sebastião dos Aflitos, de Arrepiados e do curato de Coimbra, desmembrado de Ubá; de S. Miguel do Anta, desmembrado de Ponte No - e da Barra do Bacalhau, desmembrado de Mariana.

Em 3 de junho de 1876, foi a Vila de Santa Rita do Turvo elevada à categoria de cidade, com a denominação de Viçosa de Santa Rita, pela Lei n.º 2.216, sancionada pelo Barão da Vila da Barra, Presidente da Província de Minas Gerais.

O recém-criado município recebeu o nome de Viçosa em homenagem a D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, que visitou o local na ocasião (Apêndice B).

Aos poucos, foram chegando ao município novas famílias que vieram formar, juntamente com os pioneiros, os troncos tradicionais da família viçosense, sobre os quais CARVALHO (18) assim se expressou:

A sociedade vale o que valer a família. A decadência desta fere mortalmente a civilização. Todas as grandes urbes se ufanam de suas famílias que projetam os traços prismáticos da genuína grandeza. Viçosa orgulha-se destes pilares de sua grandeza, ali-cerces de suas conquistas, sua gente. Bernardes, Freitas, Araújo, Carvalho, Gouvêa, Lopes Faria, Jacob, Vaz de Mello, Costa Val, Ferreira da Silva, Alencar, Castro, Comastri, Torres e tantas outras famílias ilustres. Delas saíram um Benjamim Araújo, um José Lino de Castro, um Verano Lopes Faria, um Joventino Alencar, treze sacerdotes, vinte e cinco religiosos e todo um batalhão de homens dignos, honrados, semeadores do bem, construtores de uma ordem social humana, profetas da verdade.

No início deste século, segundo PANIAGO (60), Viçosa tinha um aspecto inteiramente diferente do que possui hoje.

Na Rua das Vassouras, atual Virgílio Val, residiam as seguintes pessoas: Mário Vaz de Mello, Francisco Machado Magalhães Filho, Francisco Simonini, Francisco de Salles Tiburcio, José Theotônio Pacheco, entre outras. Na Rua do Comércio, atual Benjamim Araújo, ficavam as residências de Rosalina Jacob e de José Maria Sant'Anna, onde se encontra hoje o Hospital São Sebastião.

Na Rua de Cima, atual Arthur Bernardes, ficavam os Teatros Paladino e Progresso, além de algumas residências.

Na Rua de Baixo, também chamada Rua Direita, hoje Senador Vaz de Mello, havia predominância da chamada família Jacob: Francisco Lopes de Faria Franco, José Lopes de Faria Franco, Antônio Lopes de Faria Franco, Jacob Laureano, Francisco Lopes Jacob, Randolpho Lopes de Faria Franco, Francisca Jacob, entre outros descendentes do Alferes Jacob Lopes de Faria.

Na Rua do Cruzeiro, atual Padre Serafim, residiam as seguintes pessoas: Virgílio Costa Val, José Gomes, Telésforo Lopes dos Santos, Dulce Simplicio, Padre Serafim Pecci e Antônio Vitarelli. No Largo São Francisco, atual Praça Dr. Cristóvão, ficavam a caixa d'água e um cruzeiro,

onde os devotos iam acender velas.

A atual Avenida Santa Rita era parte do pasto dos Barros, que dava acesso à Fazenda da Conceição.

Onde se localiza hoje a Universidade Federal de Viçosa ficavam as propriedades de Alexandre Ferreira da Silva e outras.

No centro da cidade, estava a Praça da Matriz (atual Silviano Brandão) com a igreja, cadeia pública, Hotel do Barão e algumas residências, dentre elas a de Antônio Lopes de Faria Reis, a de José Lopes de Faria Reis e a de Antônio Modesto, casado com a filha de Silvestre Lopes de Faria Reis.

No lugar em que se encontra hoje o edifício do Forum, erguia-se uma residência pertencente à fazendeira Ana Rita de Oliveira, conhecida como Nhanhá do Paraíso, proprietária de uma extensa e próspera fazenda - Fazenda do Paraíso - onde hoje se situa a Rua Nova. Essa fazendeira exerceu grande influência na vida social, religiosa e cultural da população de Viçosa. ALENCAR (4), descrevendo o caráter da nobre "Sinhá Dona" viçosense, referiu-se ao seguinte episódio importante para o contexto deste estudo, porque focaliza um fato da abolição da escravatura com implicações na economia do município.

... A generosidade, apanágio do coração de Nhanhá do Paraíso, procurou, porém, remédio para a vida desajustada que, com o advento da liberdade, iriam levar, por certo, os cativos seus. Dou-lhes um trato de terra, um pedaço daquela mesma terra que eles, durante longo tempo e de modo tão duro, haviam regado, com o suor do rosto, estigmatizado pela cor. Lá fixaram residência. Feita a abolição, passaram a alugar os seus braços, de homens livres, aos proprietários agrícolas das circunvizinhanças.

Nhanhá do Paraíso morreu solteira e distribuiu seus bens em testamento. Entre os beneficiados, segundo ALENCAR (4), figurava Antônio Manoel de Freitas, de numerosa família viçosense.

3.2.1. O Imigrante - Colônias Libanesa e Italiana

No século XIX, chegaram a Viçosa as primeiras famílias que iriam

formar as colônias libanesa e italiana do município.

Os primeiros libaneses que aqui vieram ter, segundo informantes, eram originários, com apenas três exceções, da cidade de El Miten, cidade montanhosa, distante duas léguas de Beirute, capital do Líbano.

Alguns vieram como mascates. Aqui iniciaram eles, praticamente, o comércio de tecidos, armarinhos e calçados do município, inexpressivo até quase metade do século XX e florescente nos dias atuais. O primeiro cinema de Viçosa, que ficava na atual Rua Arthur Bernardes e onde hoje se localiza uma casa comercial, depois de ter sido sede do Viçosa Atlético Clube, era propriedade de um libanês - Nacif Nazar. De sua propriedade foi também o primeiro automóvel que percorreu as ruas de Viçosa, no princípio do século.

Entre as primeiras famílias libanesas de Viçosa figuravam as de Nacif Nazar, Jorge Nazar, Assef Jorge - o Chico Turco, Félix Gibaille, Salomão Gibaille, Jorge Ramos, Said Daguer, Chicre Said Daguer, Chahid Salomão Obeid, Elias Ibrahim, Amin Zacour, Simão Nasser, Abrahão Zaharam, José Nazar, Abdo Nagib Obeid, Abdo Mucci, Amin Balut, pai de Nagib Balut, e Simão Francisco Charcha.

Também, na mesma época, chegaram a Viçosa os primeiros italianos que iriam fazer parte da comunidade viçosense. Eram eles, em sua maioria, artesãos e aqui desempenhavam, entre outros, os ofícios de alfaiates, caldeireiros e de mecânicos da antiga Fábrica de Tecidos São Silvestre.

Entre as primeiras famílias de origem italiana de Viçosa podem ser assinaladas as de: Antônio Lentini, Antônio Vitarelli, Aníbal Comastri, Braz Schitini, Braz Domingues Schitini e Nicolau Domingues Schitini, conhecidos como Braz Caldeireiro e Nicolau Caldeireiro, Carlos Pierri, Carlos Pompeano, Capitão Luiz Megalle, Nicolau Martino, Pedro Pacifico Francisco Simonini, Prosdóximo Domenici, Victor Pônzio, Ítalo Lombardi e Stephani Brustolini, entre outras.

Apesar de pequenos, estes núcleos de libaneses e italianos participaram ativamente na formação de Viçosa.

Trouxeram eles seus costumes, suas crenças e seus valores, enriquecendo o patrimônio cultural da localidade.

Ignorá-los seria negar sua participação na composição de uma cultura própria do viçosense, erigida através da aculturação, interação e de outros elementos próprios da dinâmica cultural.

Hoje, em 1982, estas colônias, já bastante acrescidas de elementos chegados em diferentes datas, constituem parte integrante da população de Viçosa e da família viçosense.

3.3. Formação Administrativa do Município de Viçosa

De acordo com a publicação MUNICÍPIOS DO ESTADO DE MINAS GERAIS (58), a organização administrativa do município de Viçosa sofreu várias alterações, com o correr dos tempos:

a. Na "Divisão Administrativa" de 1911, o município era constituído de 8 distritos:

1. O da sede;
2. Teixeira;
3. São Miguel do Anta;
4. Coimbra;
5. Erval;
6. Araponga;
7. São Vicente do Gama, e
8. Pedra do Anta.

b. Permaneceu com esta composição nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 1.^o-IX-1920, notando-se apenas que, aqui, o distrito de São Vicente do Gama aparece com o topônimo grafado São Vicente do Grama.

c. Em 07 de setembro de 1923, foi criado o distrito de Canaã, pela Lei Estadual n.º 843, em território desligado de São Miguel do Anta. Em consequência, na divisão administrativa do Estado, estabelecida por

essa mesma lei, Viçosa figura integrada pelos 9 seguintes distritos:

1. Viçosa (antiga Viçosa de Santa Rita);
2. Erval (antigo S. Sebastião do Erval);
3. São Miguel do Araponga;
4. Coimbra (antigo São Sebastião de Coimbra);
5. Santo Antônio dos Teixeiras;
6. Pedra do Anta (antigo São Sebastião da Pedra do Anta);
7. São Vicente do Grama;
8. São Miguel do Anta, e
9. Canaã

d. Idêntica situação verificou-se no quadro de divisão administrativa, concernente ao ano de 1933, contido no "Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio", bem como nos de divisão territorial, datados de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, e, ainda, no quadro anexo ao Decreto-Lei Estadual n.º 88, de 30 de março de 1938, devendo notar-se, apenas, que o distrito de Santo Antônio dos Teixeiras, em 1936, denomina-se simplesmente Teixeiras.

e. Por efeito do Decreto-Lei Estadual n.º 148, de 17 de dezembro de 1938, Viçosa sofreu as seguintes alterações:

1. Perdeu o distrito de São Vicente do Grama para o município de Jequeri;
2. Os distritos de Erval e Araponga (ex-São Miguel do Araponga) foram transferidos para o recém-criado município de Erval;
3. Os de Teixeiras (ex-Santo Antônio dos Teixeiras) e Pedra do Anta para o também recém-criado de Teixeiras;
4. Criou-se, ainda, por força desse Decreto-Lei o distrito de Cajuri com território desanexado do distrito-sede de Viçosa.

Conseqüentemente, na divisão jurídico-administrativa do Estado, fixada pelo já citado Decreto-Lei n.º 148, para vigorar no quinquênio 1939-1943, Viçosa passou a constituir-se somente de 5 distritos:

1. Viçosa,
2. Cajuri,
3. Canaã,
4. Coimbra e
5. São Miguel do Anta.

f. A situação permaneceu a mesma pela divisão territorial judiciário-administrativa do Estado, em vigência no quinquênio 1944-1948, estatuída pelo Decreto-Lei Estadual n.º 1.058, de 31 de dezembro de 1943.

g. Por força da Lei Estadual n.º 336, de 27 de dezembro de 1948, que fixou a divisão territorial e administrativa do Estado para o quinquênio 1949-1953, o município de Viçosa perdeu o distrito de Coimbra que passou a constituir o recém-criado município de Coimbra, passando, então, Viçosa a constituir-se de 4 distritos:

1. Viçosa (sede),
2. Cajuri,
3. Canaã e
4. São Miguel do Anta.

h. Em virtude da Lei Estadual n.º 1.039, de 12 de dezembro de 1953, que constituiu os quadros da divisão judiciário-administrativa do Estado, para vigorar no quinquênio 1954-1958, o município de Viçosa perdeu os distritos de São Miguel do Anta e Canaã, desmembrados para formar o novo município de São Miguel do Anta. De acordo com a referida Lei, Viçosa ficou formada apenas pelos distritos de

1. Viçosa (sede) e
2. Cajuri.

i. Pela Lei n.º 2.764, de 31 de dezembro de 1962, o distrito de Cajuri foi elevado a município e foram criados os distritos de Cachoeira de Santa Cruz e Silvestre.

j. Desde 1980, permanece a seguinte formação administrativa do município:

1. Viçosa (sede);
2. Silvestre, e
3. Cachoeira de Santa Cruz (Cachoeirinha).

3.4. Formação Judiciária do Município de Viçosa

A Comarca de Viçosa foi criada pelo Decreto Estadual n.º 230, de 10 de novembro de 1890, tendo pertencido antes à Comarca de Piranga.

Até 1953, a Comarca de Viçosa era composta dos seguintes termos: Viçosa, Ervália e Teixeiras.

Pela Lei Estadual n.º 1.039, de 12 de dezembro de 1953, os municípios de Ervália e Teixeiras foram elevados à categoria de Comarca.

Atualmente, a Comarca de Viçosa jurisdiciona os municípios de:

1. Cajuri,
2. Canaã,
3. Coimbra e
4. São Miguel do Anta

Pelo Censo de 1925, Viçosa possuía uma área de 2.103 km² reduzida hoje para 279 km².

Cada transformação sofrida pelo município em sua divisão político-administrativa e judiciária acarreta sempre mudanças nos sistemas de relacionamento das pessoas, no município e fora dele.

A produção e a circulação de produtos sofrem a influência de uma nova organização econômica e é possível que sistemas de valores sejam grandemente influenciados por novas atividades decorrentes dos problemas daí surgidos.

É, portanto, importante conhecer a evolução histórica, político-administrativa e judiciária do município para o desenvolvimento de trabalhos como este.

4. ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS E CULTURAIS

4.1. Religião

4.1.1. Religião e Religiosidade

A opção por um referencial teórico, baseado em Becker, que enfatizasse os aspectos sócio-econômicos e culturais sob dois prismas, isto é, dentro de uma sociedade sagrada e uma sociedade secular, levou, em princípio, à admissão tácita de que os valores religiosos estariam sempre englobados na sociedade sagrada.

Nada mais falso, porquanto dentro deste raciocínio, no pólo da racionalidade, feito equivalente à sociedade secular, escolhido para de marcar uma das extremidades do "continuum" que iria expressar as tendências de mudanças sócio-culturais no município de Viçosa, estariam excluídos os valores religiosos.

Outro pensamento, menos avisado, poderia igualmente conduzir à constatação de que a passagem da tradicionalidade para a racionalidade deveria implicar uma eliminação progressiva dos valores religiosos, à medida que se fosse aproximando da racionalidade. É necessário, então, que se faça uma redefinição mais precisa dos termos sagrado e profano para dimensionar e justificar o fluxo dos valores religiosos entre os pólos da tradicionalidade e racionalidade.

BECKER (12) preocupou-se em afirmar que "sagrado" (sacred) e "se

cular" (secular) não são sinônimos de "santificado" (holy) e "profano" (profane), na acepção dos termos.

Citou Webster's: "Sacred, not holy, is opposed to secular" e continuou dizendo que "sagrado" significaria mais do que "espiritual" (spiritual), religioso (religious), "sagrado" (holy), "abençoado" (blessed), "sacrossanto" (sacrosanct) e termos afins". O termo "sagrado", aplicado às sociedades em contraposição à secular, teria um significado mais amplo: os valores religiosos estariam, ao lado de outros, constituindo a cultura e seriam constituídos por ela e, como tal, sujeitos a mudanças e, por esta razão, vistos por um prisma dinâmico.

Neste contexto, os valores religiosos poderão ser encontrados no pólo da tradicionalidade como um dos pilares da sociedade sagrada, quando exercem forte influência no sistema de controle dos indivíduos e prevalecem, não raro, sobre todos os outros valores. Poderão também ser encontrados no pólo da racionalidade, revistas as características de misticismo, com os sistemas de crenças, cultos e rituais revestidos de características mais racionais, ao lado de outros valores, mas com funções diferentes.

Esta racionalidade, contudo, quando se trata de valores religiosos, jamais será inteiramente aberta e permeável a influências exógenas. Nela haverá sempre uma resistência, ainda que inconsciente, ao ecumenismo religioso, se colocada em termos sectários.

Para LAKATOS (43):

Ao sociólogo não interessa responder à indagação sobre se a religião é ou não verdadeira; ele se preocupa em analisá-la como fenômeno social que pode ser encontrado em todas as sociedades, a despeito de ser, entre todas as instituições existentes nas soiedades humanas, a única que não se baseia apenas em necessidades físicas do homem.

Para Sumner e Keller, citados por LAKATOS (43), a religião seria o meio pelo qual o homem ajustar-se-ia ao seu ambiente sobrenatural, colocado ao lado do social e do natural.

Johnson, ainda citado por LAKATOS (43), definiu o sobrenatural

"como qualquer coisa em cuja existência se acredita, baseando-se em provas não fundamentadas pela ciência".

Do modo de encontrar este "sobrenatural" surgiriam as diversas religiões organizadas como instituições.

O presente trabalho foi direcionado para o Cristianismo, de modo geral, mais especificamente para o Catolicismo romano, trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses. Deu-se ênfase não a uma religião institucionalizada, mas ao valor religioso dentro da cultura.

A abordagem da religião, em estudos referentes ao catolicismo, divergiu entre os autores. Entretanto, vários deles fizeram alusão a um catolicismo popular, em contraposição ao catolicismo ortodoxo oficial, o catolicismo do clero e da teologia.

Este catolicismo popular compreenderia a fé impregnada de misticismo, de sincretismo, de credices espelhadas nos ritos, cultos e rituais.

Seria a religião que o povo pratica a seu modo, com ou sem a assistência e permissão do padre e de outras autoridades religiosas.

Seria a religião do homem do campo, dos lugares onde a escassez de ministros religiosos coloca as tarefas de condução dos cultos nas mãos dos beatos, dos líderes naturais da comunidade, das pessoas mais velhas e daquelas que se arvoram em pastores de almas.

ALMEIDA e MEDEIROS (6) disseram que:

O culto católico é apreendido pelo povo através de uma espessa camada folclórica. É a maneira pela qual ele o recebe, interpreta e folcloriza, em formas ingênuas, piedosas e muitas vezes, não raro deformadas por superstições... tratando os santos a seu modo, fazendo cultos particulares, estabelecendo credices inteiramente absurdas e fora mesmo dos princípios da religião.

QUEIROZ (66) chamou a atenção para o fato de que a maioria dos brasileiros, por ocasião dos recenseamentos, declarou pertencer à Igreja Católica; contudo, pode-se afirmar que coexistem dois tipos de catolicismo no Brasil e que esta dualidade é antiga:

Já no período colonial, escreve Roger Bastide, encontramos dois catolicismos diferentes e muitas vezes em oposição: o catolicismo doméstico dos primeiros colonos, dos chefes de família, e o catolicismo mais romano, mais universalista, das ordens religiosas e principalmente dos jesuítas.

A autora distinguiu na sociedade brasileira uma sociedade rústica, no sentido que lhe deu Antônio Cândido em seu livro "Os Parceiros do Rio Bonito", e dentro desta sociedade descreveu um catolicismo rústico que seria mais ou menos um catolicismo popular.

Esta civilização rústica, descrita pela autora, seria a princípio uma só, tanto nas zonas rurais quanto nas cidades. A este respeito reafirmou:

Durante o período colonial, a civilização tradicional era uma só, tanto na zona rural quanto nas cidades. Práticas religiosas - como a Dança de São Gonçalo eram realizadas nas Igrejas de Salvador e de Recife. A transmigração da família real portuguesa em 1808, a modernização urbana decorrente de sua instalação no Rio de Janeiro impeliu pela primeira vez a civilização rústica para o interior. O processo de modernização, progredindo cada vez mais, foi aos poucos expulsando-a das cidades maiores, em seguida das pequenas capitais provinciais para finalmente se refugiar nos vilarejos e povoados.

Para QUEIROZ (66), a função do catolicismo na sociedade rústica brasileira é antes social do que propriamente religiosa e tem também um segundo atributo que é ser utilitário - a relação religiosa básica entre os homens e o sobrenatural é a do "ut des": dou para receber. Em outra obra, QUEIROZ (67), ainda discutindo o catolicismo rústico, disse que:

Comparado, pois, ao catolicismo ortodoxo, o catolicismo encontrado no interior é sui generis. Esta afirmação apóia-se no testemunho de padres que passaram sua vida em paróquias do sertão, que se queixam da frieza, da indiferença, da ignorância do caboclo em matéria de religião, e que procuram desenraizar uma coleção de práticas religiosas tradicionais entre o povo que para eles têm sabor nitidamente supersticioso e pagão.

A autora colocou a falta de padres, comum no Brasil desde os tempos mais recuados da colonização, como um dos fatores responsáveis pela

formação desse tipo de catolicismo independente da Igreja e de seus legítimos representantes.

Revelou, para o Brasil, dois tipos de catolicismo: um catolicismo urbano, centralizado em torno dos sacramentos e obediente aos representantes oficiais da Igreja, e um catolicismo rústico, popular, centralizado em torno dos "sacristãos" e "beatos" e das cerimônias utilitárias e festivas.

LEERS (46), que também analisou o catolicismo popular e mundo rural, encontrou também uma dualidade no catolicismo e a este respeito assim se expressou:

A consciência do povo identifica sua religião geralmente com a Igreja Católica, mas, esta identificação não garante nem a doutrina oficial nem a prática que esta Igreja exige...

A experiência religiosa é condicionada por fatores grupais, mas em última análise inclui algo pessoal e interior que se esconde e nem a própria pessoa chega a verbalizar e comunicar por completo.

O autor alegou que nos meios eclesiásticos o povo rural é considerado "ignorante", "coitado", "pobre", mas que esta pobreza não é interpretada no sentido econômico ou conforme código reinante de bem-estar material e, sim, na perspectiva religiosa, em relação à ampla produção teológica e clerical.

Para o autor nada é mais falso, uma vez que a organização de uma simples "Folia de Reis" corresponde a um complexo de regras e papéis. Rituais do benzedor ou feiticeiro são, às vezes, bem complicados, com inclinações, passos, gestos, velas, horários exatos. O povo é imensamente criativo, contrastando com a sistematização teológica oficial que inclui, no mínimo, apenas uma parcela de originalidade criativa.

Esta dualidade, vista no catolicismo por Queiroz e outros autores, foi analisada por BRANDÃO (15) de modo mais abrangente, englobando todas as seitas cristãs, sob a ótica da relação - dominante, dominado - em aspectos específicos do comportamento das classes subalternas:

... mais visível do que na face profana do domínio popular, é na religiosa que os proletários e, sobretudo, os camponeses criam as suas crenças mais duradouras, derivando-as da docência erudita das igrejas, ou recriando-as segundo as suas próprias experiências em todos os setores de trocas sociais. ... Não é estranho que, depois de uma vigorosa concentração de estudos sobre os aspectos profanos da cultura popular, exista hoje uma multiplicação tão acentuada de pesquisas a respeito das religiões dos subalternos: o catolicismo popular, o pentecostalismo, os cultos de possessão da umbanda para a esquerda.

CESAR (19) reuniu, em seu estudo, as diversas modalidades das religiões cristãs, e deu ênfase aos aspectos crendeiros, denominação usada pelo autor para fazer uma diferença entre credices e crenças nas manifestações religiosas:

Credice é uma crença incongruente e insólita gerada pelo modo dentro de pessoas que possuem religiosidade exarcebada... A crença é mais abstrata. O crendeiro sublima a religião que professa com desusada fé nos santos, nas rezas e promessas que fazem, tudo em vacilação de convicção. O crendeiro é eclético, acredita um pouco em todas as religiões e de todas segue retalhos de ritos.

LEERS (46), ao contrário de Cesar, colocou certos atos que expressam religiosidade não como credices, mas como uma linguagem religiosa:

O ato de ajoelhar-se e de benzer-se, uma imagem de santo, o cruzeiro no cemitério, a igreja e sua arquitetura, a procissão, a romaria, o levantamento do mastro na festa de São Gonçalo, as fitas e opas, o foguetório são fatos sociais humanos que exprimem e comunicam, cada um de seu modo, a sensibilidade criativa do homem que está atrás dos fatos e produz os comportamentos. Tais sinais são expressões de religiosidade para quem os forma e repete e são entendidos pelos outros como um engajamento adequado numa situação religiosa que todos comumente interpretam em sua especificidade, condicionando atitudes correspondentes.

CESAR (19) viu credices na quase totalidade das manifestações religiosas:

O Espiritismo está cheio de credices e de crendeiros... Em uma denominação protestante, nos seus cultos, até o Espírito Santo aparece para batizar os seus adeptos, os escolhidos que en-

tram em transe; mas nessas aparições só se ouvem ruídos estranhos, não se percebe uma única palavra por Ele pronunciada, ou melhor, pelo batizando... Os pastores julgam que interpretam os rumores que os crentes pronunciam...

Parece que o autor, em seu estudo, preocupou-se mais com os aspectos folclóricos que, geralmente, acompanham as manifestações externas da fé e que são importantes, quando se analisam os aspectos sociais dos cultos religiosos.

Os autores citados colocaram uma perspectiva bem clara para a análise que se pretendeu realizar. De um lado, a existência de um catolicismo popular, eivado de credices, fruto de religiosidade exacerbada e, de outro, a existência de um catolicismo regido hoje pelas normas do Concílio Vaticano II.

O enfoque da religião como um valor associado a mudanças sócio-culturais exigiu uma visão, ainda que superficial, de aspectos inerentes a outras seitas cristãs e mesmo de alguns fenômenos específicos de manifestações de umbanda, espiritismo e congêneres.

4.1.2. A Religião no Brasil - Um Ligeiro Retrospecto

A religião no Brasil teve características diversas no período colonial, no império e na república. Utilizaram-se dados obtidos de fontes variadas, considerados importantes por permitirem perceber a evolução da religião institucionalizada.

De início, o catolicismo era virtualmente a única religião e a catequese dos índios, de certa forma, justificava a conquista do território brasileiro.

O caráter missionário dado à religião pelos jesuítas que aqui aportaram em 1549 permaneceu por todo o período colonial. Foram os jesuítas que fundaram os primeiros colégios, a base da instrução na Colônia.

O primeiro bispado foi instalado na Bahia, em 1549, e seu primeiro bispo, D. Pero Fernandes Sardinha, vítima de um naufrágio, foi devorado pelos índios.

Outras ordens religiosas seguiram os jesuítas no Brasil: em 1581, aqui chegaram os beneditinos; em 1584, os franciscanos; em 1640, os mercedários e, em 1665, os carmelitas.

Os escravos negros organizaram, por esta época, suas irmandades, sob o beneplácito das autoridades eclesiásticas. Os cultos africanos absorviam elementos das crenças indígenas, espíritas e principalmente católicas e formavam o sincretismo religioso que atravessaria os tempos, firmando as bases do atual catolicismo popular.

Segundo OLIVEIRA (59), "O sincretismo é um processo longo, quase imperceptível, de produção religiosa. Combinando elementos religiosos diferentes, produz uma expressão religiosa original".

Desde o início da colonização, o Brasil recebia imigrantes, cristãos novos (convertidos), que vinham fugindo da Inquisição na Europa. No período das invasões holandesas no Nordeste, eles puderam praticar livremente sua fé, formando grupos religiosos diferentes do catolicismo. Contudo, de modo geral, protestantes e judeus não eram vistos com bons olhos no Brasil colonial.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a religião e principalmente a educação entraram em crise e as perseguições religiosas só terminariam quando, em 1773, o marquês de Pombal acabou com a distinção entre cristãos novos e velhos.

O período imperial marcou o fim da hegemonia católica no País. Nesta fase foram introduzidos aqui grupos protestantes e espíritas, bem como a maçonaria e o positivismo, que, então, era visto como religião.

Esta mudança foi uma consequência da influência de idéias liberais européias.

A religião católica, embora reconhecida pela Constituição de 1824 como a religião do Estado, sofreu grandes embates neste período. O poder político da Igreja diminuiu e foram extintas várias ordens e agrêmiações católicas. Em alguns pontos do território, chegou mesmo a haver repressão a cultos católicos e ao ensino religioso nas escolas.

A Questão Religiosa de 1872, que, de certa forma, apressaria o

advento da república, evidenciou esse descrédito da religião oficial do império. As relações entre a Igreja e o Estado, a partir daí, permaneceram tensas até que o governo provisório da república, em 7 de janeiro de 1890, separou a Igreja do Estado. Ao contrário do que se podia supor, a consequência imediata deste decreto de 1890 trouxe a revitalização do catolicismo e o aumento do número de paróquias e dioceses com a vinda de sacerdotes estrangeiros.

Ao lado deste crescimento do credo católico, o período republicano viu a expansão dos cultos sincréticos afro-brasileiros e o aparecimento de cultos orientais trazidos pelos imigrantes.

A fundação das primeiras comunidades luteranas em Nova Friburgo, RJ, e São Leopoldo, RS, marcou o estabelecimento definitivo do protestantismo no Brasil, a partir de 1823-1824.

Em 1855, chegava a Petrópolis (RJ) a primeira missão Congregacional norte-americana, sob a chefia do missionário e médico escocês Robert Reid Kalley, amigo pessoal do Imperador.

Em 1859, o Pastor Ashbel Simonton fundou a primeira missão presbiteriana no Brasil.

A partir daí, sucederam-se as denominações protestantes em atuação no Brasil: em 1867 chegaram os Metodistas; em 1882, os Batistas, e em 1890, os Episcopais.

Nos primeiros anos do século XX, a Igreja Católica firmou-se como religião oficial da maioria dos brasileiros, de acordo com os censos demográficos, embora esta declaração não tenha importado a abdição da prática de cultos e rituais de outras religiões, principalmente espiritismo e umbanda, por vários segmentos da população.

OLIVEIRA (59), endossando a opinião de Juana Elbein dos Santos, assinalou a diferença entre sincretismo e mistura, chamada por ele de adições.

De acordo com a autora, como um exemplo, a religião nagô é sincrética por ser resultante da combinação de diferentes grupos étnicos, produzindo um sistema religioso original. Contudo, nega o caráter de

sincretismo ao fato de alguém frequentar o terreiro de candomblé e ir à missa, pois, nesse caso, os dois sistemas religiosos continuam subsistindo sem alteração. Estas adições, até hoje, são comuns na religiosidade do brasileiro.

Em 1903 foi construído o primeiro templo Maronita em São Paulo.

Em 1905, o arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, foi elevado às honras do cardinalato e se tornou o primeiro latino-americano a integrar o Sacro Colégio. Seguiram-se a ele:

1930 - D. Sebastião Leme da Silveira Cintra,

1943 - D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, D. Jaime de Barros Câmara,

1953 - D. Augusto Álvares da Silva,

1965 - D. Agnello Rossi,

1969 - D. Eugênio de Araújo Salles, D. Vicente Scherer,

1973 - D. Paulo Evaristo Arns e D. Avelar Brandão Vilela.

Em julho de 1945, a Igreja Católica sofreu uma cisão em sua estrutura, quando D. Carlos Duarte Costa, bispo de Maura, excomungado pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, fundou a Igreja Católica Brasileira, sagrando-se bispo do Rio de Janeiro.

Levou com ele grande número de sacerdotes e de fiéis que consideravam ultrapassadas as normas do Vaticano, dentre elas o celibato sacerdotal, o uso de batina fora dos rituais litúrgicos e o posicionamento contrário ao divórcio.

Em 1890, foi realizada em São Paulo a primeira Conferência Episcopal e, em 1915, em Nova Friburgo, foram definidas as "Constituições das Províncias Eclesiásticas no Brasil".

Contudo, a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, só se daria em 1952, tendo D. Hélder Câmara como seu primeiro secretário.

A expansão das denominações protestantes no Brasil, iniciada no período imperial, continuou e no fim do século XIX chegaram os Adventis

tas do Sétimo Dia, em 1894.

O ano de 1910 registrou para o protestantismo uma época de grande envolvimento popular com a chegada dos primeiros missionários pentecostais. Deste grupo faziam parte a Congregação Cristã do Brasil, a Assembléia de Deus e o Brasil para Cristo, dentre outras seitas.

O pentecostalismo tinha todos os ingredientes necessários para o agrado do povo. Seus cultos eram descontraídos e celebrados em linguagem simples, com grande participação dos fiéis. Os cânticos eram sempre acompanhados por um grande número de instrumentos musicais, tais como pandeiros, trompetes, trombones, sanfonas, de percussão ou outros, de acordo com a possibilidade da assembléia. Isto talvez explique seu rápido crescimento no Brasil: em 1930, o pentecostalismo englobava 10% dos protestantes do País; em 1958, 50%, e, em 1964, 74%.

Até hoje as seitas pentecostais contam, em suas agremiações, com uma expressiva parcela popular de status sócio-econômico cultural peculiar e, quase sempre, pertencente à camada de renda baixa.

O ano de 1928 marcou a vinda para o Brasil dos adeptos da seita dos Santos dos Últimos Dias ou Mórmons e 1936 assistiu à instalação da Fraternidade Rosa Cruz, por muitos não considerada como religião.

Em 1950, os gregos ortodoxos estabeleceram-se em São Paulo. As religiões trazidas pelos imigrantes, como o Islamismo e algumas seitas orientais, limitaram-se, a princípio, a seus adeptos estrangeiros. Contudo, alguns ramos do budismo, como o Zen e o Seicho-no-iê, estavam em franca expansão entre os brasileiros.

Em 1955, foi criada no Rio de Janeiro uma Sociedade Brasileira de Budismo.

O judaísmo, marginalizado e mesmo perseguido no Brasil Colônia, foi beneficiado com a instituição da liberdade religiosa em 1810 e, em 1812, o primeiro grupo de sefaradim (judeus orientais) radicou-se na Amazônia. A partir de 1850 os judeus de variadas procedências espalharam-se pelo Brasil.

O início do século XX assinalou o predomínio da imigração de gru

pos ashkenazim (judeus europeus) que se instalaram, principalmente, no sul do País. Esta imigração intensificou-se entre 1933-1934 com a chegada de judeus alemães fugitivos do nazismo.

A primeira sinagoga ashkenazim foi construída, em 1910, no Rio de Janeiro, e, em 1966, foi fundado, em Petrópolis, um seminário para a formação de rabinos.

Já o espiritismo, introduzido em 1865, em Salvador, teve no Brasil um forte aspecto religioso, contrastando com o caráter científico que lhe era dado em outros países.

Forneceu subsídios importantes para a formação do sincretismo religioso brasileiro, e as comunidades que se desenvolveram a partir de 1977 realizavam também intensas atividades sociais, muitas vezes subvencionadas pelo Estado.

Em 1884, foi fundada a Federação Espírita Brasileira e, em 5 de outubro de 1949, a assinatura do Pacto Áureo marcou a reunião de todas as entidades espíritas para a divulgação de sua doutrina. Baseando quase que exclusivamente nos fenômenos mediúnicos, merecem destaque no espiritismo do Brasil os seguintes médiuns: Ana Prado; Carlos Mirabeli, que possuiria poderes de levitação, transporte e outros; José Pedro de Freitas, o Arigó, que poderia operar curas através do espírito de um médico alemão Dr. Fritz, e Francisco Cândido Xavier, que, além de publicar diversas obras doutrinárias, teria o poder de psicografar mensagens ditadas por espíritos do além.

Os aspectos relativos ao crescimento e organização das igrejas como Instituições no Brasil, embora não sejam elementos de análises específicas no contexto deste trabalho, tiveram de ser lembrados por trazerem implícitas conotações que alteram o enfoque da religião como um valor da população.

A Igreja como uma Instituição pode e tem desempenhado papel relevante na determinação de linhas-mestras que fazem da religião um valor para os indivíduos e para a sociedade, além de instrumento para mudanças sócio-culturais e políticas no País.

4.1.3. A Religião em Viçosa - Características e Mudanças

A religião teve um valor predominante em Viçosa, desde o início de sua colonização, marcada, quase sempre, pela influência de padres e ministros da fé.

À ação benfazeja, mas ao mesmo tempo e de certo modo dominante, do Padre Manoel Inácio de Castro, seguiram as de outros sacerdotes, no decorrer dos tempos, formando um arcabouço religioso, que pode ser considerado tradicional, em contraposição às inovações depois do Vaticano II, até hoje relevantes na comunidade.

As linhas religiosas trazidas pelo jesuíta, que, com seu espírito catequético, obrigou o negro ao sincretismo para salvar suas crenças e absorveu ou anulou as religiões indígenas, foram as linhas-mestras do catolicismo de Viçosa.

Os primeiros colonos tinham seus valores pautados pelas normas rígidas de uma religião ortodoxa e clerical e, como sempre acontece em tais casos, as pessoas complementavam a sua fé revestindo a religião de elementos estranhos, mas que lhes garantiam maior satisfação pessoal.

Aos ofícios religiosos, realizados na pequena ermida de Santa Rita, foi acoplado o sentido de "festas" não na acepção litúrgica da palavra, mas com uma grande conotação social.

O grande afluxo às festividades da padroeira, às missas, à celebração da Semana Santa talvez pudesse ser explicado pela carência de um povo isolado em uma região coberta de matas, onde o contato com outros núcleos populacionais constituía uma temeridade. O resultado foi a formação de um núcleo populacional fechado em si mesmo, com seus modos de vida característicos, com suas crenças e fé peculiares. A figura do padre, neste contexto, firmou-se como um líder, até certo ponto, carismático.

O Padre Manoel, segundo assentamentos de ALENCAR (4), de formação tradicionalista portuguesa, iniciou, então, o já referido surto de influências de sacerdotes sobre a população do povoado de Santa Rita do

nada daqui

Turvo, da qual o autor ressaltou o aspecto religioso:

Gente boa, mas destemida, aqui se localizou, primeiro! Religiosa, mas valente... à cabeceira da improvisada cama onde, à noite, repousava o corpo moído, do pesado trabalho diário, ergue-se velha imagem do santo de sua devoção. Ao lado dela, contudo, por via de dúvida, já escorvada e ao alcance da mão, com o cano apoiado num moirão da choupana, e o coice no piso de terra batida, descansa também a velha espingarda de pederneira, com grosso carregado de pólvora e chumbo, companheira fiel e inseparável das muitas aventuras em que se metera, até ali, o valente desbravador destas selváticas paragens, na contínua luta que travava pela sua própria sobrevivência...

Com o passar do tempo, os costumes austeros começaram a sofrer transformações. No povoado florescente, o homem começou a contrapor à "santa esposa" - mãe de seus filhos, companheira no recesso do lar, que convivia com seus oratórios repletos de santos e com as manhas das negras domésticas - a amante negra, mulata ou mesmo branca, sensual e frívola, mas que lhe garantia o prazer proibido nas alcovas do lar.

Os valores religiosos eram manipulados para a convivência social com o respaldo do clero impotente e, às vezes, conivente com situações que fugiam ao seu controle.

A fé crescia, eivada de credices e superstições com as quais o homem procurava compreender e solucionar problemas que escapavam ao alcance limitado do seu dia-a-dia.

A uma força sobrenatural maior eram atribuídos os percalços da vida, as doenças que matavam, as tempestades, as geadas que atrapalhavam as lavouras e geravam a fome.

A "vontade de Deus" presidia a vida, sobrepondo-se ao livre arbítrio que pouca possibilidade tinha de se expandir em situações tão adversas. A fé inabalável era fatalista e as expressões "Deus assim o quis", "Deus o levou", "se Deus quiser", passaram a significar mais do que expressões semânticas.

Uma acomodação às intempéries e aos problemas que o povo não podia resolver, bem como a transferência da origem destes problemas para um sobrenatural intangível, poderoso, que só poderia ser aplacado com

orações e cultos específicos, começou a delinear uma religiosidade alienada da Igreja Ortodoxa, à procura de soluções concretas de problemas corriqueiros.

A falta de assistência médica e de condições de higiene e a pre-cariedade de bens materiais que elevavam o índice de mortalidade nos primitivos núcleos populacionais, ainda hoje visíveis nos bolsões de pobreza do País, carreavam para a esfera do sagrado a esperança de uma "vida futura plena de felicidade", não encontrada no sofrido presente.

A religião passou a ter um caráter utilitário que compensava a falta de bens materiais.

Sim O povo, apossando-se da liturgia, começou a realizá-la a seu modo, ante a impotência do clero que, muitas vezes, proibia, sem sucesso, a realização de determinadas manifestações religiosas.

Embora não se tenha pretendido realizar uma análise dialética baseada na oposição dominantes-dominados, é necessário que se diga que o valor religioso contribuiu para que se formasse uma dualidade classista de culto: o ortodoxo, de raízes jesuíticas, das classes dominantes, e o popular, dos dominados, cuja característica marcante foi a folcloriza-ção dos rituais da Igreja.

daqui As dádivas para os leilões das festas da Igreja passaram, com o tempo, a constituir sinal de "status" para os fazendeiros, que assim demonstravam, de forma visível, a sua prosperidade material. Contribuir para o patrimônio da Igreja e dar esmolas polpudas colocavam em desta-que pessoas que possuíam "terres e haveres". Ser eleito "Imperador do Divino" nas festas do Divino Espírito Santo, celebradas pelo calendário litúrgico, era uma honraria que permaneceu como valor predominante em Viçosa, *até aqui* até meados do século XX, como assinalou PANIAGO (60), em pesquisa realizada no município, publicada em 1977.

Sim Começaram a aparecer as cruzes nos caminhos, testemunhando mor-tes acidentais ou crimes de tocaias ocorridos na calada da noite, ou não, por questões de somenos importância.

Uma evidência deste costume é encontrada no local denominado "no

ve cruzes", onde uma composição ferroviária colheu um caminhão que leva eleitores da zona rural da Piúna, para votar na sede do município, deixando um saldo de nove mortes. De acordo com Nair Pereira da Silva, filha de Edmundo Jorge Pereira, que, na ocasião, conduzia o caminhão com os eleitores, o acidente ocorreu em 14 de outubro de 1934, na eleição para a escolha dos representantes do povo nas Câmaras Estadual e Federal. Atestando a religiosidade do viçosense, é comum, ainda nos dias atuais, pessoas fazerem promessas e, depois de uma caminhada a pé até o local, acenderem velas e oferecerem preces pelas almas dos acidentados, para obter graças espirituais e materiais por sua intercessão junto a Deus (Figuras 22 e 23).

Os cruzeiros imponentes, feitos de madeira de lei, duras e resistentes, encimados com os símbolos do martírio de Cristo, a lança, a coroa de espinhos e o galo que anunciou a histórica negação de Pedro, começaram a ser erguidos nos largos do povoado e nos altos dos morros e neles eram acesas velas e feitas orações, principalmente nas noites de sextas-feiras (Figuras, 24 e 25).

As casas passaram a ostentar cruzes de madeira nos portais da frente, ainda hoje encontradas em profusão na periferia da cidade e nas zonas rurais, invariavelmente enfeitadas de papéis coloridos que são, invariavelmente, trocados no dia três de maio, Festa da Santa Cruz.

As histórias destas cruzes são as mais variadas; desde as que remontam ao episódio das "cruzadas medievais" à "Invenção da Santa Cruz", no Brasil, àquelas que, folclorizadas, têm as mais pitorescas interpretações (Figuras 26 e 27).

CESAR (19) assim se referiu ao culto da Santa Cruz:

As cruzes das estradas merecem do nosso povo um culto especial e crendeiro. Os rurícolas respeitam as cruzes que encontram às margens das estradas: persignam-se, e muitos rezam ajoelhados diante da cruzinha abandonada... De Portugal nos vieram esses costumes crendeiros de se reverenciar uma cruz isolada na estrada, como diz essa trova:



FIGURA 22 - As "Nove Cruzes", Local de Trá-
gico Acidente Ocorrido no Dia
14/10/1934. Viçosa, MG.



FIGURA 23 - As "Nove Cruzes", Cruzamento da
Ferrovia com a Rodovia, Local
onde se Deu o Acidente, Depois
de Removido o Barranco Que Impe-
dia a Visão do Motorista. Ainda
Hoje Local de Oração para o Po-
vo.

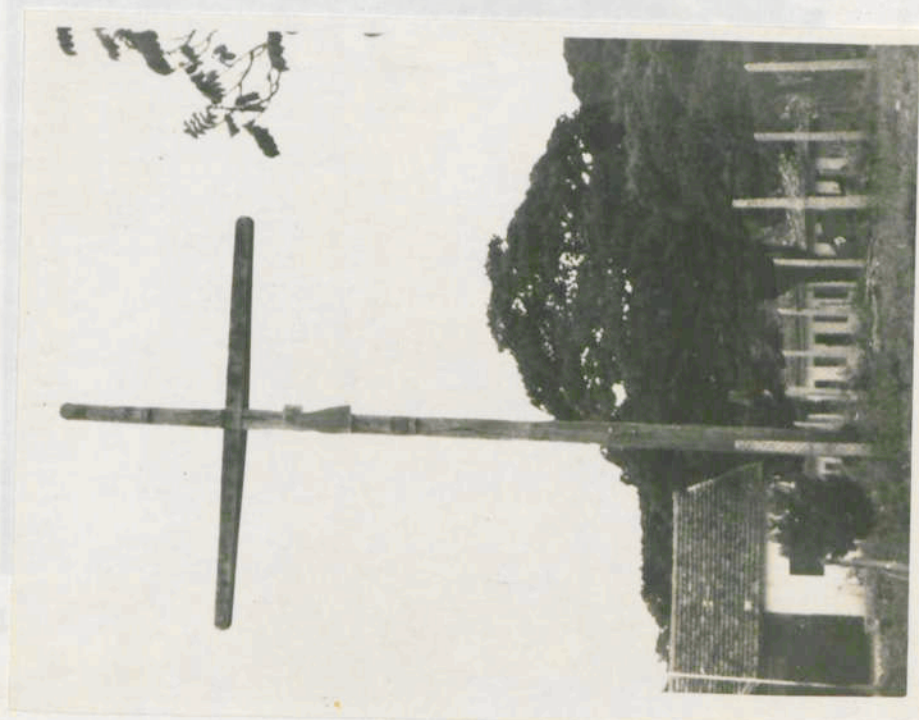


FIGURA 25 - Cruzeiro do Distrito de Cacho-
eira de Santa Cruz. Viçosa,
MG.



FIGURA 24 - Cruzeiro do Distrito de Sil-
vestre. Viçosa, MG.



FIGURA 26 - "A Devoção da Santa Cruz" na Região de Viçosa, MG.
Cruz Enfeitada de Papel e Colocada na Frente de u-
ma Residência. São José do Triunfo, 1981.



FIGURA 27 - "A Devoção de Santa Cruz". Viçosa, MG.

"Passaste e não tiraste
o chapéu à bela cruz,
Eu passei, tirei o meu
Que nela morreu Jesus".

Este misto de fé, credices, crenças e superstições vai sedimentar um tipo de valor religioso que irá formar uma cultura altamente resistente a inovações que signifiquem mudanças sócio-culturais bruscas, em futuros próximos ou remotos.

As inovações nos cultos e rituais religiosos, em fases de transição, pressupõem, de início, uma série de abusos que, chegando a extremos, obriga posteriormente uma volta ao equilíbrio. A resistência da população a estas inovações apóia-se nestes abusos e só é minorada à medida que o tempo, sedimentando-as, colocam-nas nos parâmetros aceitáveis pela cultura local.

Esta dinâmica é perceptível na evolução dos valores religiosos na comunidade de Viçosa.

4.1.3.1. O Catolicismo e a Influência do Padre

4.1.3.1.1. O Padre Serafim Pecci. À influência pioneira do Padre Manoel Inácio seguiram-se outras, com aspectos marcantes, de outros sacerdotes.

Dentre eles, é necessário que se faça alusão ao Padre Serafim Pecci. Italiano de origem, o Padre Serafim veio para Viçosa, a fim de assumir a já então Paróquia de Santa Rita de Cássia. Sacerdote íntegro, com fortes princípios morais, tornou-se logo um líder espiritual da comunidade. De temperamento jovial, visitava seus paroquianos, ajudava-os a solucionar seus problemas e enfatizava, assim, os aspectos sociais em seu ministério religioso.

Músico, compositor, foi um dos responsáveis pelo estímulo dado à tendência musical inata do viçosense, que iria colocar a comunidade em destaque neste setor, através da criação e manutenção de sucessivas bandas musicais, conjuntos orquestrais e, sobretudo, das "cantorias" que

abrilhantavam as festas religiosas e outras.

Ensaiaava músicas sacras em sua residência, onde possuía um harmônio e um piano, tocava e cantava em solo nas pequenas festas da Igreja.

Suas ações consolidaram na região o catolicismo eclético que se vinha delineando desde a formação do município.

A influência do negro bantu e do português do início da colonização ainda se fazia sentir poderosa na organização e realização das festas religiosas do município. Partindo dos fins do século XIX, as manifestações religiosas de cunho folclórico firmaram-se nas décadas iniciais do século XX, para daí em diante sofrerem modificações sucessivas, variadas e sensíveis, até o seu gradual deslocamento para as zonas rurais e periféricas da cidade.

As apresentações dos grupos de Congos, nas festas de Nossa Senhora do Rosário; das Cavalhadas, nas festas do Divino Espírito Santo; das danças das Pastorinhas e das Folias de Reis, nas festas natalinas; das Encomendas das Almas e das Charolas, no ciclo da Paixão de Cristo, dariam à religião em Viçosa uma conotação mista de religiosidade e afirmação social.

Foi tão forte a ascendência do Padre Serafim sobre a população que, em 9 de janeiro de 1925, quando ele foi transferido para outra paróquia, o povo fez um longo abaixo-assinado às autoridades eclesiásticas de Mariana, pedindo a sua permanência em Viçosa, já revelando, assim, um indício da resistência do viçosense a mudanças no campo religioso (Apêndice C).

Não tendo sido atendido o pedido do povo, o Padre Serafim voltou à Itália, mas, não se adaptando mais à sua Pátria de origem, voltou ao Brasil indo prestar seus serviços religiosos na Paróquia de Mar de Espanha, pertencente à Arquidiocese de Juiz de Fora, por provisão de 9 de abril de 1928.

A saída do Padre Serafim custou ao Arcebispo de Mariana, D. Helvécio, uma queda de popularidade na comunidade viçosense, expressa, veiadamente, pelo pequeno comparecimento do povo às solenidades religio-

sas por ele presididas e pelo isolamento social quase total que lhe era imposto, quando de suas visitas pastorais ao município.

Esta resistência ao Arcebispo se fez presente, segundo informantes, durante todo o paróquiato de seu sucessor, Padre Álvaro Corrêa Borges, e só declinou com a vinda do Cônego Modesto de Paiva.

O catolicismo se fez religião única na região, pelo menos de modo ostensivo, até o início do século XX, no paróquiato do Padre Serafim. Por esta época, um fato social normal ocasionou a abertura em Viçosa de trabalhos da seita protestante Batista: o casamento de Maria de Souza Pimentel, descendente do Alferes Jacob Lopes de Faria, com José de Souza Fortes, espanhol recém-vindo para Viçosa e que professava a fé batista.

No início, os cônjuges conservaram sua fé original - ela, católica; ele, batista. Depois, com a conversão da esposa ao protestantismo, o casal começou a organizar, em sua sala de visitas, cultos de "pregação da Palavra de Deus" que foi o germe do núcleo de batistas em Viçosa. Esta iniciativa, contudo, permaneceu limitada até a segunda metade do século XX.

VASCONCELOS (91), em estudo realizado em 1960, ainda encontrou a seguinte situação religiosa no município:

Na Comunidade, o serviço de religião está inteiramente a cargo da Igreja Católica, única denominação existente na área. Os poucos protestantes domiciliados na sede e na zona rural não chegam nem mesmo a ter consciência do grupo, pois, jamais se reúnem para qualquer atividade de culto.

A introdução de novas religiões no município, mormente a de variadas seitas protestantes, só teria lugar a partir da década de sessenta, com a expansão da Universidade Federal de Viçosa que traria para o local um forte contingente de pessoas de outras regiões do País e mesmo do exterior.

O Padre Serafim deixou marcas indelévels no município e hoje tem seu nome dado a importante rua da cidade, a antiga Rua do Cruzeiro.

4.1.3.1.2. O Padre Álvaro Corrêa Borges. Ao Padre Serafim seguiu o Padre Álvaro Corrêa Borges que dirigiu a Paróquia de Santa Rita de Cássia por 25 anos consecutivos. Padre de temperamento alegre consolidou em Viçosa aquele catolicismo que, ao lado de ensinamentos de uma religião ortodoxa, firmava os aspectos sociais, integrando clero e povo em todas as situações vivenciais. Visitava constantemente seus paroquianos, tanto na sede do município como na zona rural. Tomava o cafezinho com broa, ao pé do fogão de lenha do lavrador, do homem simples do povo, batizava e era padrinho de centenas de crianças viçosenses, casava os noivos e comparecia às festas do casamento e organizava com pompas os leilões e as festas religiosas.

Conversava sobre política, estimulava a música nas festividades da Igreja e, em suas homilias, tanto ensinava o Evangelho como ajudava a resolver problemas comunitários.

Conta-se que, certa feita, chamado a solucionar uma rixa entre vizinhos, cujas galinhas de um comiam a horta do outro, achou a solução que a todos agradou: "galinhas presas, hortas soltas..."

O humanismo, a caridade e o bom humor do Padre Álvaro, aliados a princípios morais rígidos, foram a tônica de um paroquiato longo e fecundo no município de Viçosa.

Tem hoje o sacerdote, numa homenagem do viçosense, seu nome ligado a uma Escola Estadual de 1.º grau, a Escola Estadual Padre Álvaro Corrêa Borges, situada no Bairro Nova Era, antigo Pau de Paina.

4.1.3.1.3. O Cônego Modesto de Paiva. Com a saída do Padre Álvaro, assumiu a Paróquia de Santa Rita, em 28 de fevereiro de 1947, o Cônego Modesto de Paiva que tinha vindo para Viçosa, a fim de responder pela Capelania da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo e do Hospital São Sebastião, dirigidos pelas Irmãs Carmelitas da Divina Providência.

Com o Cônego Modesto teve início uma mudança sensível no panorama religioso da comunidade. O catolicismo, que até então mostrava uma predominância de aspectos sociais nas festas religiosas e nas manifesta

ções visíveis da fé, começou a sofrer uma transformação quase radical.

A construção de um novo e imponente templo e uma orientação religiosa rígida por parte do pároco iriam reconduzir o culto às raízes extremamente ortodoxas. O elemento masculino assentava-se na Igreja em uma das fileiras de bancos e o feminino na outra, para estimular, através do conforto, a freqüência do primeiro às atividades religiosas.

Era exigida a "decência nos trajés femininos", sendo vedada a entrada no templo de pessoas com vestidos decotados e de mangas curtas.

Esta frase "haja decência nos trajés femininos", criado pelo Cônego Modesto, figura até os dias de hoje, invariavelmente, nos programas dos festejos da Semana Santa, embora já não lhe seja dada a devida importância, nem pelo clero nem pelo povo.

A música orquestral formada por instrumentos de metais, harmônio, violinos e vozes foi substituída por corais de vozes acompanhados apenas pelo harmônio e violinos.

As músicas sacras barrocas, quase sempre longas, e outras de difícil execução foram substituídas por músicas mais simples, com linhas melódicas, às vezes, dentro do estilo romântico, além do grande uso do gregoriano. Formou-se o Coro Santa Cecília com uma maioria de elementos jovens. O uso de músicas da "Harpa de Sião", compêndio musical de peças facilmente aprendidas pelo povo, encorajou o canto comunitário nas solenidades religiosas, não sem as costumeiras deturpações de letras e músicas, próprias da cultura popular.

As Ladainhas, os Tantum Ergos e outras peças eram cantadas por todos os fiéis, nos rituais da Igreja.

A ênfase foi posta na fé embasada nos Sacramentos. A recepção da comunhão passou a ser o centro do culto, e as missas de primeiras sextas-feiras, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a devoção Mariana tiveram ascendência sobre as demais.

A assistência social que era exercida de modo difuso passou a ser mais consistente com a revitalização da Sociedade S. Vicente de Paulo, das Associações do "Apostolado da Oração" e "Pia União das Filhas de Ma

ria", já existentes, e da criação da "Legião de Maria" que congregava a maioria da população jovem da comunidade.

O pároco não mais fazia visitas de caráter social aos paroquianos, já agora muito numerosos.

A Semana Santa, as festas de São Sebastião e da Padroeira continuaram a ser organizadas, mas diminuíram de importância a apresentação dos Congos, Cavalhadas e outras manifestações de fé que tivessem cunho folclórico. As coroações de Nossa Senhora, realizadas no mês de maio, "Mês de Maria" eram feitas com gosto e alegria e, nos dias atuais, fazem parte integrante do calendário das festas católicas, no município de Viçosa (Figuras 28, 29, 30, 31, 32 e 33).

Os leilões de Santa Rita cresceram para custear as despesas da construção e obras de acabamento do novo templo localizado no mesmo lugar onde ficava a antiga Matriz, na praça principal da cidade (Figuras 34 e 35).

As criações típicas do catolicismo popular, as rezas, o curandeirismo, as danças que espelhavam um sincretismo religioso-folclórico foram, até certo ponto, desencorajadas na realização das festas religiosas, embora as procissões se tornassem mais concorridas. O uso de carregar velas acesas nas procissões e ornamentar as ruas por onde deveriam passar foi bastante aumentado e continua vivo até os dias atuais, principalmente nas procissões do Enterro, na Semana Santa, de "Corpus Christi", em junho, e da Padroeira, Santa Rita de Cássia, em maio.

Foi esta também uma época que envolveu resistências veladas, em nome de um saudosismo dos tempos do Padre Álvaro, traduzidas por um discreto boicote às cerimônias do culto que expressassem as mudanças iniciadas e que, já se tinha a certeza, seriam irreversíveis.

A inauguração do majestoso templo, atual Santuário de Santa Rita de Cássia, marcou a retirada do Cônego Modesto, hoje Monsenhor Modesto, para Belo Horizonte (Figuras 36 e 37). Não se adaptando às inovações advindas das resoluções do Concílio Vaticano II, o sacerdote, já ancião, retirou-se, recentemente, de uma vida religiosa ativa para uma merecida



FIGURA 29 - Coroação de Nossa Senhora no "Mês de Maria" - Santuário de Santa Rita de Cássia. Viçosa, MG, 1969.



FIGURA 28 - Coroação de Nossa Senhora no "Mês de Maria" - Santuário de Santa Rita de Cássia. Viçosa, MG, 1963.



FIGURA 30 - Coroadeiras de Nossa Senhora no "Mês de Maria". Viçosa, MG, 1983.



FIGURA 31 - Coroação de Nossa Senhora no "Mês de Maria" - Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Viçosa, MG, 1983.



FIGURA 32 - Procissão das "Coroadadeiras e Anjos" - Santuário de Santa Rita de Cássia. Viçosa, MG, 1982.



FIGURA 33 - Procissão das "Coroadadeiras e Anjos" - Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Viçosa, MG, 1983.



FIGURA 34 - Animais para o "Leilão da Festa da Padroeira Santa Rita de Cássia. Viçosa, MG, 1982.



FIGURA 35 - Leiloeiro nos "Leilões de Santa Rita". Viçosa, MG, 1982.

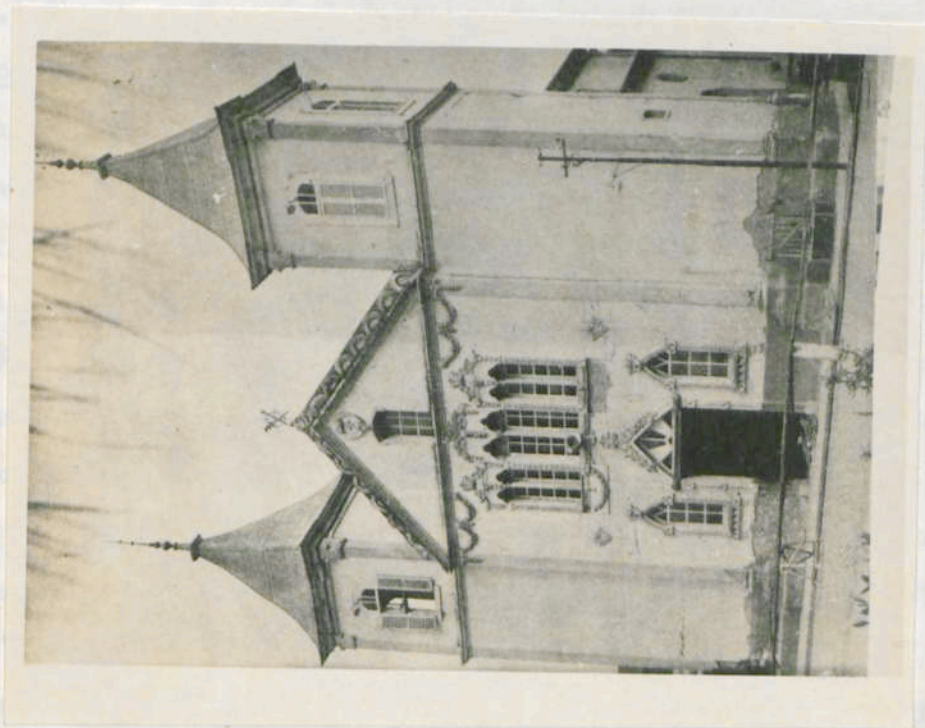


FIGURA 36 - Antiga Matriz de Santa Rita de Cássia. Viçosa, MG.

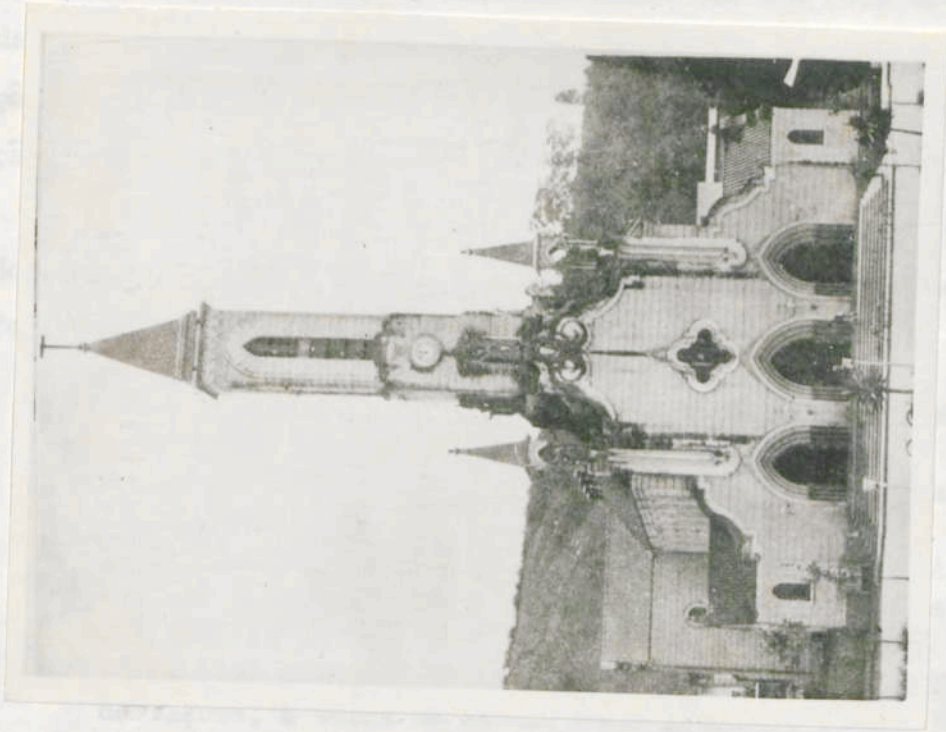


FIGURA 37 - Atual Santuário de Santa Rita de Cássia. Viçosa, MG.

aposentadoria, na Casa dos Padres em Belo Horizonte, onde ainda vive.

Querido e admirado, este sacerdote tem seu nome dado a uma rua de Viçosa, situada no bairro Monte Líbano, e a uma novíssima organização assistencial, dirigida por jovens da comunidade viçosense - Associação Promocional Monsenhor Modesto de Paiva.

Os autores de um álbum comemorativo do centenário de nascimento do Presidente Arthur da Silva Bernardes, ocorrido em 1975, assim se referiram ao Cônego Modesto de Paiva:

Edificada sob um clima de fé, sacrifício e esperança, a matriz de Santa Rita conheceu, desde seus alicerces, a t \hat{e} mpera e o dinamismo de um padre que n \tilde{a} o se deixou vencer pelas dificuldades que encontrou.

... Nos caminhos espirituais de Viçosa, de seus muitos vig \acute{a} rios que por aqui passaram e aqui ainda permanecem, o rebanho guarda com carinho a lembrança deste velho amigo, de quem a matriz de Santa Rita \acute{e} presen \tilde{c} a permanente. Enfeitando a praça principal de Viçosa, a terra de Bernardes \acute{e} grata ao Cônego Modesto de Paiva, velho pastor e grande e virtuoso amigo. Viçosa conta com o privil \acute{e} gio de conhecer um Santo (68).

4.1.3.1.4. Outras Influ \hat{e} ncias - Os Padres Geraldo Maia, Efraim Solano Rocha e Carlos dos Reis Baeta Braga. Com a sa \acute{i} da do Cônego Modesto de Paiva, passaram pela Par \acute{o} quia de Santa Rita o Padre Geraldo Maia e o Padre Efraim Solano Rocha.

Apesar de ter permanecido pouco tempo \grave{a} frente da Par \acute{o} quia de Santa Rita, o Padre Geraldo Maia, que era tamb \acute{e} m Capel \tilde{a} o da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo e do Hospital S \tilde{a} o Sebastião, continuou o trabalho do Cônego Modesto, conservando a mesma linha de a \acute{c} o \tilde{a} o s \acute{o} bria e ortodoxa que caracterizou seu antecessor.

Em 1957, assumiu o Paroquiato o Padre Dr. Carlos dos Reis Baeta Braga que, em mar \tilde{c} o de 1982, comemorou festivamente suas "Bodas de Prata" - 25 anos - como p \acute{a} roco de Viçosa e ainda permanece \grave{a} frente da Par \acute{o} quia de Santa Rita de C \acute{a} ssia. Sua gest \tilde{a} o tem sido marcada por contradi \tilde{c} o \tilde{e} s e problemas advindos de um clima de fortes tend \hat{e} ncias a mudan \tilde{c} as s \acute{o} cio-culturais no munic \acute{i} pio, fruto de fatores variados.

Dotado de grande capacidade intelectual, o Padre Carlos fundou, em 1966, o Ginásio Santa Rita, para atender à população feminina carente do município. Atualmente, é professor na Universidade Federal de Ouro Preto, MG, e no Seminário de Mariana, MG. Suas atividades acadêmicas, contudo têm gerado certo descontentamento latente, e às vezes, manifesto, por parte de alguns segmentos da população que gostaria de contar com o seu pároco em tempo integral nos afazeres da Igreja local.

Seguindo as linhas moderadas da Arquidiocese de Mariana, o Padre Carlos tem incentivado a participação dos jovens na Igreja, apoiando as iniciativas do Cônego José Geraldo de Carvalho, orientador dos grupos de jovens católicos do município.

Em seu paroquiato, foi demolida a antiga Casa Paroquial existente na Rua Benjamin Araujo e que, hoje, já terminada, passou a fazer parte do prédio, em construção, que será sede do "Centro Social Santa Rita de Cássia".

No térreo e no primeiro pavimento da obra já estão funcionando lojas e outros setores comerciais, cujo aluguel ajuda a cobrir as despesas com o terceiro pavimento, onde ficarão as dependências da Igreja.

Em 1962, Padre Carlos viajou para Roma, com a finalidade de estudos, tendo sido substituído, temporariamente, pelo Padre Efraim Solano Rocha que permaneceu à frente da Paróquia por dez meses. Com o Padre Efraim, verificou-se um retorno às cerimônias rituais tradicionais de cunho popular em forma de paraliturgia, como um novo modo de participação do povo nos rituais da Igreja.

Organizou ele, na Semana Santa, o primeiro grupo de jovens que representariam as figuras bíblicas do Antigo e Novo Testamento. Essa apresentação evoluiu para a representação de cenas bíblicas, na Semana Santa ao Vivo, parte integrante das Semanas Santas atuais em Viçosa. Esta encenação, de cunho teatral, realizada em palco armado em frente à Igreja Matriz de Santa Rita, tornou-se uma tradição e é repetida, anualmente, com grande afluência popular (Figuras 38, 39, 40 e 41).

Músico, clarinetista, o Padre Efraim reorganizou, ainda, em 1962,



FIGURA 39 - A crucificação de Jesus -
Semana Santa ao Vivo em
Viçosa, MG, 1981.



FIGURA 38 - Cenas da Primeira Semana Santa ao Vivo Realizada em Viçosa, MG, 1962.



FIGURA 40 - Cristo e os Apóstolos na Cerimônia da Santa Ceia
- Semana Santa ao Vivo, Viçosa, MG, 1981.



FIGURA 41 - A Cerimônia do Lava-Pés - Semana Santa ao Vivo.
Viçosa, MG, 1981.

a Banda de Música Lira Santa Rita que até hoje toca nas cerimônias religiosas e profanas em Viçosa.

4.1.4. A Década de Sessenta - Um Marco de Mudanças

Começou nos finais da década de cinquenta e, principalmente, na década de sessenta um movimento intenso de modificações sociais que iria forçosamente repercutir na esfera religiosa.

Esta década notabilizou-se por uma ruptura dos cânones sociais tradicionais e pela busca de uma liberação individual e grupal expressas em movimentos contestatórios, nas diversas partes do mundo.

Apareceram os grupos "Hippies", com filosofia de vida peculiar apoiada no slogan "Paz e Amor".

Insinuou-se um movimento para a liberação da mulher, da postulação de liberdade sexual para os jovens, dos anseios de congraçamento e de paz entre os povos.

A música veio a conhecer a era da eletrônica: as guitarras e os baixos eletrônicos passaram a liderar os conjuntos instrumentais e vocais, dentre eles, os Beatles e os Rolling Stones marcaram época.

Na ciência, o homem ingressou na era espacial com o lançamento dos satélites artificiais.

A segunda guerra mundial deixara marcas profundas e um mundo dividido em duas ideologias lideradas por duas superpotências emergentes da hecatombe: Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a U.R.S.S..

O espectro do cogumelo atômico, que pairou sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki e determinou o fim do conflito mundial, em 1945, colocou o mundo sob o signo do medo e das incertezas que iriam marcar as gerações pós-guerra.

Iniciou-se, então, um ciclo de grandes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais irreversíveis e de imprevisíveis consequências a curto e longo prazo.

A partir desta data, os sistemas de valores e a cultura passaram a sofrer inversão total com base no consumismo e no lucro, de um lado, e com base nas idéias marxistas, de outro, em uma sociedade dividida entre o capitalismo e o socialismo.

Os meios de comunicação de massa passaram a desempenhar papel importante no novo contexto sócio-econômico cultural.

A partir de sessenta, o mundo já não era o mesmo.

4.1.4.1. O Valor Religioso Depois da Década de Sessenta em Viçosa. Em Viçosa, a década de sessenta foi de crucial importância para o estudo das tendências de mudanças sócio-culturais.

A energia elétrica passou a ser fornecida pela CEMIG, Centrais Elétricas de Minas Gerais, possibilitando maiores realizações nos campos econômico e social.

A cidade foi ligada por asfalto a grandes centros como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Juiz de Fora, em datas variadas.

A expansão da Universidade Federal de Viçosa, bem como o aumento dos salários de seu pessoal, aumentou o poder aquisitivo do povo, trazendo como consequência uma grande expansão no setor de construção civil.

Foi visível o aumento da população no município.

Neste contexto, no campo religioso, as mudanças se revestiram de características que merecem análise.

O concílio Vaticano II, ditando novas normas de participação dos fiéis no culto, determinando uma progressiva laicização na Igreja e adotando, de certa forma, o evangelho social, provocou profundas modificações na Igreja com a devida repercussão em Viçosa.

O catolicismo viu uma maior predisposição para o ecumenismo religioso, a participação política através de uma opção pelos pobres. A chamada Teologia da Libertação dividiu o clero entre progressistas e conservadores, com alguns grupos radicais em ambos os lados. Em decorrência disto, a Igreja Católica vem atravessando, na atualidade, períodos

de crises sociais e religiosos que vêm gerando uma inversão, quase total, dos valores estabelecidos.

Um relaxamento dos princípios éticos e morais indica claramente esta fase de procura de uma nova ordem de coisas que, pela solução de problemas, possa proporcionar o equilíbrio necessário para o desenvolvimento das pessoas e sociedades, com um mínimo de conflitos.

KUHN (42), tentando explicar este fenômeno em sua Teoria da Estrutura das Revoluções Científicas, classificou como de intensa busca os períodos de crise, quando os paradigmas existentes já não respondem aos problemas da época, e o aparecimento de anomalias provocava o desempenho de uma ciência extraordinária, em contraposição à ciência normal.

Parece que os eventos, os conflitos e as incertezas dos tempos atuais constituem ingredientes que podem colocá-los como um daqueles de crise nos pensamentos, nos costumes, nas ações e em todos os âmbitos da vida social, política, econômica e religiosa, provocando uma revisão total da cultura.

Esta nova ordem de coisas, inevitavelmente, atingiria Viçosa em seus alicerces religiosos, de maneira sui generis.

Começaram a ser instaladas na cidade diversas seitas protestantes e, mais recentemente, lojas maçônicas e seitas orientais.

A vinda destas novas agremiações religiosas, mormente das primeiras, acendeu o espírito de resistência a mudanças, já observado no próprio seio do catolicismo, entre os viçosenses.

Esta resistência iria se agravar pelo fato de serem as inovações introduzidas, em grande parte, por pessoas estranhas à comunidade.

O inusitado, o novo, mesmo nos dias atuais, de modo geral, parecem provocar na comunidade viçosense um primeiro sentimento instintivo de autodefesa contra situações sociais e valores ainda não definidos e assentados claramente.

A própria aceitação de pessoas de fora, que vêm radicar-se em Viçosa, passa por um processo lento de interação que inúmeros informantes permitiram captar nas entrevistas e que uma observação participante

já havia possibilitado a percepção.

O viçosense, de modo geral, recebe o recém-chegado a Viçosa com a hospitalidade característica do mineiro, dispensando-lhe um trato cortês e amável, mas, ao mesmo tempo, com certa reserva que o faz compreender que "ele ainda não faz parte integrante do grupo". A integração total só será verificada, com o tempo, quando o elemento estranho demonstrar mais por atos do que por palavras, e, em muitos casos, pelo casamento, que gosta de Viçosa e quer pertencer ao grupo dos viçosenses.

Daí em diante, caem as barreiras e o recém-chegado de ontem torna-se parte integrante da comunidade, com aceitação geral. Esta peculiaridade do viçosense pode ser percebida quando, na realização de festas e eventos sociais, nota-se a presença de grupos nitidamente separados.

Ainda nos dias atuais, este sentimento de nativismo é percebido e estimulado.

Com relação aos resultados do pleito eleitoral, realizado em 15 de novembro de 1982, que deu a vitória ao P.D.S. (Partido Democrata Social) em detrimento do P.M.D.B. (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) que detinha o poder no município desde 1972, o jornal "Integração" em seu n.º de 06/02/1983, trouxe a seguinte nota:

Importados

Viçosa acaba de empossar seus novos dirigentes, o que aconteceu no dia 1.º de fevereiro. Vale ressaltar que esta cidade que já teve filhos da terra na Presidência da República, no Ministério, no Senado Federal, na Câmara Federal e na Assembléia Estadual, hoje "importa" seus governantes. Assumiu o Poder Executivo (Prefeitura) o Prof. José Américo Garcia que é de Carangola e no Poder Legislativo o novo Presidente da Câmara é o Engenheiro Agrônomo Roberto Proença Passarinho que veio de Campinas-SP. Isso não tira os méritos e a capacidade dos novos dirigentes. Esta, é só uma anotação, para que conheçam os rumos seguidos pela atual política viçosense. Ah! Estava esquecendo que o empresário José Borges Neto, Vice-Prefeito empossado que exercerá as funções de Chefe de Gabinete é de Lafaiete.

Embora não se possa generalizar nem precisar os motivos que impulsionam esta reação típica do viçosense no convívio com indivíduos estranhos ao meio, o fato é que ela aflora mais agressivamente nas relações intergrupais.

A instalação da primeira seita protestante em Viçosa, bem como os fatos que daí decorreram e que serão narrados em outro local deste trabalho, é um exemplo claro do fenômeno rejeição-aceitação em Viçosa.

4.1.5. O Catolicismo Depois da Década de Sessenta em Viçosa

Mesmo com o advento das normas do Concílio Vaticano II e com as divergências daí surgidas, o catolicismo continuou sua caminhada de evangelização e assistência social no município com a força total que o caracterizou desde os primórdios da colonização.

As exigências da Igreja pós-conciliar forçaram transformações nos rituais e na liturgia, em direção a uma maior racionalização, com prejuízo para o gosto tradicionalista de cunho folclórico e popular.

Para maior participação dos fiéis nos rituais litúrgicos, foi instituído o canto comunitário nas cerimônias religiosas, na Igreja, colocando em segundo plano os corais paroquiais, agora restritos a algumas solenidades, dentre elas a do casamento.

A utilização de violões para o acompanhamento de músicas religiosas, a eliminação de detalhes festivos externos nas corações do Mês de Maria, o gradual desencorajamento de manifestações que tinham conotações folclóricas nas cerimônias religiosas, tais como as Cavalhadas e os Congados, deixam, às vezes, um sentimento de frustração na massa popular, provocando a emergência de um culto católico ligado de forma persistente às normas tradicionais populares de rituais religiosos.

Certas manifestações religiosas paralitúrgicas e folclóricas encontram modos incríveis de sobrevivência diante das pressões inovadoras. Determinados grupos chegam a reinventar meios de organização dos rituais para poder coexistir com formas, para eles, inovadoras de cul-

tos e tradições, principalmente na periferia da cidade e no meio rural.

Esta dualidade de gostos, de opiniões e de tendências permite a coexistência facilmente identificável de duas modalidades do culto católico, embasadas em sistemas de valores diversos que determinam diferentes atitudes e comportamentos das pessoas envolvidas. De um lado, observa-se um catolicismo popular, consubstanciado nas multidões presentes e procissões e aos rituais paralitúrgicos, e, de outro, a frequência à Eucaristia e a organização de trabalhos espirituais e assistenciais, apoiados na conscientização popular e em um conhecimento pleno da doutrina cristã católica.

4.1.5.1. Movimento de Grupos de Jovens Católicos. Entre os movimentos espirituais e assistenciais atualmente desenvolvidos no município merecem destaque os "Grupos de Jovens Católicos".

Estes movimentos têm como finalidade primordial a promoção das massas menos favorecidas economicamente através de trabalhos de assistência religiosa, nos campos espiritual e social. Congregam vários grupos de jovens ligados entre si, que têm, ao mesmo tempo, ampla liberdade para o desenvolvimento de diferentes ações grupais e individuais.

Vários são os grupos de jovens em atuação no município que desempenham papel relevante em termos de uma consolidação de valores éticos, morais e religiosos dentro dos ditames de uma igreja renovada.

No Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo funcionam dois grupos que congregam alunos, ex-alunos e universitários:

DOAR - Deus, Oração, Amor, Responsabilidade e

TAC - Temos Amizade com Cristo.

O grupo DOAR desenvolve atividades de ação promocional e grupos de oração.

O TAC, grupo específico de adolescentes, tem como finalidades principais a oração, a reflexão e a ação.

Na Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres há o grupo JSC - Jovens Seguidores de Cristo - com atividades sociais desenvolvidas no Lar

dos Velhinhos, no Hospital São Sebastião e em outras Instituições da comunidade, além de trabalhos diversos na periferia da cidade.

Ligado à Paróquia de Santa Rita e aberto, sem distinções, a todos os jovens do município que dele queiram participar está o GJV - Grupo Jovem de Viçosa - sob a orientação espiritual do Cônego José Geraldo de Carvalho, viçosense nato, culto e dinâmico (14).

Com uma linha de ação mais ampla do que os outros grupos o GJV define, em seu estatuto, nos artigos 1.º, 2.º e 3.º, as finalidades da agremiação: fins educacionais, filantrópicos e culturais:

Artigo 1.º

O Grupo Jovem de Viçosa, cuja sigla será GJV, entidade jurídica de direito privado sem finalidade lucrativa, terá sede e foro na Cidade de Viçosa, Estado de Minas Gerais, e se regerá pelo presente estatuto.

Artigo 2.º

O GJV seguindo diretrizes do TLC (Treinamento de Líderes Cristãos), terá por finalidade:

- a. Dar aos jovens uma autêntica imagem cristã e comunitária, por fases de purificação, iluminação e união, termos estes clássicos para definir o progresso de cada um na vida espiritual que deverá resultar em apostolado;
- b. Formar uma comunidade apostólica ou comunidades apostólicas de jovens que sejam vivência evangélica nos planos humano, social e espiritual;
- c. Oferecer aos jovens oportunidades de serem apóstolos principais e diretos dos jovens, de acordo com o documento do Concílio "O Apostolado dos Leigos", Cap. III, § 12;
- d. Dar aos jovens vivência litúrgica e sacramental dentro de uma responsabilidade de Igreja;
- e. Oferecer meios para que cresçam na fé, esperança e caridade, seguindo assim mais de perto a Cristo, segundo a graça recebida no encontro de TLC.

Artigo 3.º

Para atender às finalidades o GJV promoverá:

- a. Assistência social às favelas, doentes e aos necessitados, sem interferir no trabalho de outras associações de caridade;
- b. Criação de um grupo vocálico;

- c. Contato permanente entre os participantes, antigos participantes e os que frequentaram as promoções do grupo;
- d. Auscultará sempre os desejos do Pároco para prontamente atendê-los;
- e. Escola de Dirigentes em julho e Encontro TLC em dezembro, uma Manhã de Reflexão em cada semestre.

Ligados à paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima existem também vários grupos jovens com orientação semelhante à dos demais grupos católicos de Viçosa.

4.1.5.2. Outros Grupos Católicos. Além dos trabalhos promovidos pelos grupos já citados, outros grupos também atuam, em Viçosa, com finalidades espirituais e assistenciais. Dentre eles podem ser notados:

- a. FAPOV - Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral de Oração de Viçosa
 - . Pastorais de Oração
 - . Cursos Bíblicos
 - . Ação Social
- b. Círculos Bíblicos
- c. Sociedade São Vicente de Paulo
- d. MFC - Movimento Familiar Cristão
- e. Pastorais de Saúde
- f. Cursilhos de Cristandade

Com organização diferente, de acordo com os objetivos e as peculiaridades de cada um, estes grupos reúnem grande número de pessoas, sob a orientação de leigos e de sacerdotes.

Para desenvolver suas atividades, os grupos contam, dentre os locais de reunião, com a Casa de Retiro Bom Jesus, que possui instalações para internato, situada no povoado de São José do Triunfo.

Embora as preocupações e finalidades desses movimentos estejam direcionados para uma igreja renovada, pode-se perceber que eles se distanciam substancialmente da Teologia da Libertação e são literalmente conservadores, em muitos aspectos.

Leonardo Boff, conhecido representante da Teologia da Libertação no Brasil, citado em editorial do Jornal do Brasil, A ECLESIOLOGIA militante de Leonardo Boff (3), descreveu o nascimento da "sua" Igreja como uma igreja formada de "baixo para cima" num processo que desemboca diretamente na política:

Tudo, geralmente, começa com círculos bíblicos. Depois se passa à criação da pequena comunidade eclesial de base. Sua tarefa, inicialmente, é aprofundar a fé internamente, preparar a liturgia, os sacramentos e a vida de piedade. Num estágio um pouco mais avançado, passa-se a tarefas de mútua ajuda nos problemas da vida dos membros. Na medida em que estes se organizam e aprofundam a reflexão, dão-se conta de que seus problemas possuem um caráter estrutural. Sua marginalização é consequência do tipo de organização elitista, de acumulação privada, enfim, da própria estrutura econômico-social do sistema capitalista. Aí emerge a questão política, e o tema da libertação ganha conteúdos concretos e históricos.

... "É aqui - prossegue Boff" - "que se faz importante a verificação de como o povo faz a passagem do religioso para o político". Geralmente para ele (o povo), as duas realidades vêm unidas. Começa pelo religioso. Aí ele se dá conta das injustiças que são pecado que Deus não quer. Depois passa para a compreensão das estruturas reais que produzem as injustiças. Importa mudá-las para que não produzam mais o pecado social. Isto é, "o compromisso político nasce da própria reflexão da fé que exige mudança".

... "A unidade fé-vida, Evangelho-Libertação, se dá concretamente, sem o artifício de difíceis mediações institucionais". "Está em curso uma verdadeira eclesiogênese, a Igreja nascendo da fé dos pobres".

Pelo exposto, pode-se inferir que a Teologia da Libertação pressupõe uma nova Igreja em que a tomada do poder temporal e a reformulação política, iniciadas nas Comunidades Eclesiais de Base, são necessárias para que ela possa realizar a sua vocação cristã, em favor do pobre.

Neste ponto, ela se contrapõe frontalmente ao Evangelho, quando Cristo reafirma a espiritualidade de sua Igreja, em JOÃO, Cap. XXVIII, vr. 36:

O meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora não é daqui o meu reino.

A Teologia da Libertação tem suscitado opiniões controvertidas, diante de um chamado universalista de Cristo, sem distinções de ricos ou pobres para a sua Igreja, e tem concorrido para que se acentuem as divisões no seio do clero católico em todo o mundo.

Se forem analisadas as atividades dos grupos de Viçosa pelos parâmetros da "Eclesiologia Militante de Leonardo Boff", chegar-se-á à conclusão de que os movimentos religiosos em Viçosa, pelo menos em seu atual estágio de desenvolvimento, estão bastante distanciados desta orientação.

Segundo alguns informantes, está longe um engajamento total nesta linha de ação, principalmente em decorrência da posição conservadora ditada pela Arquidiocese de Mariana, à qual pertencem as paróquias de Viçosa, através de seu Arcebispo D. Oscar de Oliveira.

As tentativas esporádicas de uma "libertação teológica" e de ações comunitárias nela baseadas esbarram sempre em resistências, claras ou veladas, dos grupos conservadores majoritários.

O povo, de modo geral, e as camadas de baixa renda, de modo específico, apesar dos esforços de conscientização realizados pelos grupos de trabalho católico, ainda respondem aos chamados com uma fé impregnada de misticismo que atesta a profundidade dos valores tradicionais arraigados e que lhes chegaram de épocas remotas, frutos do trabalho dos primeiros sacerdotes de Viçosa.

O povo cultua seu Deus, à sua maneira...

4.1.5.2.1. FAPOV - Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa. Dentre os grupos católicos atuantes em Viçosa, é necessário que se faça notar a "Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa - FAPOV, pela extensão de seus trabalhos.

O jornal UFV INFORMA, na nota REITOR recebe homenagem da

FAPOV (71) a ela faz alusão:

A FAPOV, fundada pela professora Leda de Bittencourt Bandeira, do Departamento de Educação, foi organizada como uma extensão da Pastoral da Oração.

Ela é formada por 18 professores, 23 esposas de professores, 12 servidores e 92 estudantes da UFRV e cerca de 60 elementos da comunidade viçosense.

O seu funcionamento é dividido em setores: Habitação e Saneamento, Higiene e Saúde, Nutrição e Alimentação, Administração do Lar, Orientação Educacional, Orientação Profissional (masculina e feminina) Esporte, Lazer, Grupo Jovem e Formação Religiosa.

BANDEIRA (10), em trabalho intitulado "O que é a FAPOV", disse que, para se entender bem o que é a FAPOV, é necessário que se remonte à Pastoral da Oração, sua geradora.

Em seguida, a autora analisou os passos que culminaram com a organização da FAPOV - Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral de Viçosa:

A Pastoral da Oração de Viçosa tem por objetivos: a) estimular pessoas já engajadas na vida cristã à prática da Oração-Vida, ou seja, intensificação da vida de piedade e aprimoramento do testemunho cristão, condição indispensável a qualquer trabalho apostólico, segundo a orientação da Igreja; b) informar sobre a prática religiosa da Oração - em suas formas Oração-Atitude e Oração-Exercício, ensinando e treinando técnicas de oração reflexiva.

A Pastoral da Oração de Viçosa desenvolveu, inicialmente, a Campanha "Um Grupo de Oração em Cada Rua", através da qual foram organizados 30 grupos de oração na cidade e alguns em Teixeira e Coimbra, MG, com encontros semanais em casas de famílias.

Uma segunda Campanha "Sem Bíblia Não Tem Cama" constou de um Curso de Oração e Reflexão Bíblica dividido em duas partes: Antigo e Novo Testamento.

Desdobramento da Pastoral de Oração de Viçosa

Em agosto de 1981, a convite do Revmo. Padre Dr. Antônio Mendes,

Capelão da Universidade Federal de Viçosa, foram iniciados Cursos de Oração e Reflexão Bíblica que contaram, até o momento, com cerca de 90 estudantes da UFV.

Das Pastorais de Oração e dos Cursos Bíblicos partiu-se para a Ação Social, consubstanciada em trabalhos diversos da FAPOV. Esta organização, surgida das necessidades e aspirações da Comunidade, para crescer, agregou ao setor religioso setores de assistência social e promocional.

De acordo com BANDEIRA (10), esta entidade foi inspirada nas diretrizes da Igreja da América Latina em relação ao trabalho junto aos irmãos mais carentes, através da "opção preferencial pelos pobres". Em entrevista, Bandeira afirmou que os trabalhos estão sendo direcionados por uma linha de ação moderada, eqüidistantes das alas progressistas e tradicionalistas da Igreja, consoante com as diretrizes, também moderadas, da Arquidiocese de Mariana.

As atividades da FAPOV foram iniciadas, como uma primeira etapa, no bairro de Nova Viçosa de onde serão estendidas a outros bairros carentes, na medida do possível.

A FAPOV foi instalada, solenemente, no dia 19 de maio de 1982, às 14 horas, no salão do Viçosa Atlético Clube, com a presença de autoridades municipais e de elementos ligados a POV, Pastoral de Oração de Viçosa.

Cursos Bíblicos

Em decorrência dos trabalhos da FAPOV, principalmente da reflexão bíblica, funcionam, na Universidade Federal de Viçosa, classes semestrais para estudo da Bíblia, abertas a estudantes, professores, funcionários e operários com uma média de freqüência de 80 alunos por semestre.

4.1.5.2.2. Círculos Bíblicos. Trata-se de um movimento religioso católico, leigo e particular. Sua finalidade é o estudo da Bíblia.

Os Círculos Bíblicos foram iniciados em Viçosa, em 1970, por Moacir Sebastião Grossi, José Antônio Rodrigues Dias e Décio Souza Couto. Com o afastamento dos dois primeiros, o movimento é dirigido, atualmente, por Décio de Souza Couto.

Para o estudo da Bíblia, as famílias são reunidas em pequenos grupos, num total de, no máximo, 15 membros por grupo, nas residências, em sistema de rodízio para encontros semanais.

Segundo Décio de Souza Couto, a princípio, o movimento sofreu forte resistência por parte das famílias católicas de renda baixa que alegavam ser "este negócio de bíblia, coisa de protestante".

Ainda segundo o dirigente dos Círculos Bíblicos, foram necessários seis anos de trabalhos iniciais, visando a esclarecimentos e conscientização popular, para que eles se firmassem em Viçosa, dentro de sua finalidade principal - o estudo da Bíblia.

Os participantes, em suas reuniões, preferiam rezar o terço e fazer outras orações.

A resistência inicial foi, em grande parte, superada pelo fato de serem os dirigentes Ministros da Eucaristia.

Este é um movimento aberto a todos que dele queiram participar, mas possui ainda uma forte predominância de elementos femininos das famílias. Esta predominância feminina pode ser resultado de valores fortemente arraigados nas famílias, que determinam caber à mulher a orientação religiosa no lar.

Congrega, atualmente, um total de 180 famílias de Viçosa e, no distrito de Silvestre, já foram distribuídos 300 exemplares da bíblia.

4.1.5.2.3. Sociedade de São Vicente de Paulo. As Sociedades São Vicente de Paulo foram fundadas pelo francês Antônio Frederico Osanan, em Paris, em 1833, e dali se espalharam pelo mundo.

Tendo São Vicente de Paulo como Patrono, as Sociedades Vicentinas constituem o maior e mais antigo movimento leigo católico de âmbito internacional.

Sua finalidade principal é a assistência social através da prática da caridade para com o próximo.

O traço mais marcante de sua filosofia de ação é o anonimato das pessoas engajadas nos trabalhos assistenciais baseado em ensinamentos bíblicos, entre eles (29):

MATEUS, cap. 6, ver. 2:

Guardai-vos não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles: doutra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está no céus. 2. Quando pois dás a esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hipócritas nas sinagogas, e nas ruas, para serem honrados dos homens. Em verdade vos digo, que eles já receberam a sua recompensa. 3. Mas quando dás a esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita. 4. Para que a tua esmola fique escondida, e teu Pai, que vê o que tu fazes em secreto, tá pagará.

Em Viçosa, a Sociedade São Vicente de Paulo foi aberta em 1912, no paróquiato do Padre Serafim Pecci, mas obteve sua Carta de Agregação, isto é, sua filiação ao Conselho Geral de Paris, em 1926, com 32 fundadores, no paróquiato do Padre Álvaro Corrêa Borges. Por iniciativa destes fundadores, foi construída a Vila Vicentina à Rua dos Passos, com nove casas para abrigar, temporariamente, pessoas necessitadas, sem nenhuma discriminação, seja de cor, religião, sexo ou outra qualquer.

Também na Rua dos Passos fica a Sede dos Vicentinos, em fase de reformas.

A Sociedade São Vicente de Paulo atravessa, no momento, etapa de grande expansão. Seu Conselho Regional, sob a presidência de Décio de Souza Couto, abrange 14 cidades da região de Viçosa. Estando filiado ao Conselho Central de Ponte Nova, o Conselho Regional de Viçosa espera dali se desligar, constituindo também Conselho Central, ligado diretamente ao Conselho Metropolitano de Ouro Preto, conforme noticiou o Jornal INTEGRAÇÃO, de 25/7/1982, na nota S.S. VICENTE de Paulo aguarda promoção a Conselho Central (80):

Após ter obtido êxito em sua missão de apoiar e incentivar os conselhos particulares e conferências vicentinas isoladas, o Conselho Regional de Viçosa - Sociedade S. Vicente de Paulo, segundo nos informou seu presidente Décio de Souza Couto, aguarda com ansiedade resolução do Conselho Metropolitano de Ouro Preto, no sentido de ser promovido, em caráter definitivo, a Conselho Central. De acordo com declarações do presidente Décio de Souza Couto, esta promoção é uma velha aspiração dos vicentinos viçosenses, que vêem nela uma resposta de apreço do Conselho Metropolitano à laboriosa luta que vem marcando os anos de existência da associação na comunidade e região.

Décio de Souza Couto ressaltou que a importância desta resolução, está na manutenção das frentes de trabalho, abertas junto aos 14 municípios, que definitivamente receberão sua assistência direta.

Com um rigoroso serviço de contabilidade e com todo o movimento lavrado em atas arquivadas na Sede, desde a 1.^a reunião da entidade, a Sociedade São Vicente de Paulo é estruturada em vários níveis de decisão e execução.

O Conselho Regional coordena os Conselhos Particulares que são formados no mínimo por três Conferências e tem uma Diretoria formada por um presidente, um vice-presidente, um secretário e por membros representantes das Conferências que os formam. Esta estrutura de Diretoria pode variar, de acordo com as necessidades.

Em Viçosa, são dois os Conselhos Particulares:

1. Conselho Particular de Viçosa, que obteve de Paris, em 13/06/1938, a Lettre D'Institution du Conseil Particulier du Viçosa e que congrega doze Conferências com uma média de 35 confrades e consórcias em cada uma.

Presidente: Manoel Felipe Neto

2. Conselho Particular de Fátima, que congrega três Conferências:

- a. Conferência Sagrados Corações,
- b. Conferência Bom Jesus e
- c. Conferência Santo Tomás de Aquino.

A Sociedade São Vicente de Paulo de Viçosa, atualmente, socorre, de modo regular, 111 famílias, fornece assistência médica hospitalar a quem necessitar, providencia registros civis e funerais, dá assistência aos encarcerados da cadeia local e, diariamente, serve uma sopa para uma média de 80 crianças pobres.

A construção e reformas de casas é também uma de suas atividades e, somente em julho de 1982, foram entregues oito residências a famílias necessitadas.

Periodicamente, são realizados retiros espirituais para os vicentinos, na Casa de Retiros de São José do Triunfo, com uma média de 130 participantes por vez.

4.1.5.2.4. Conferência Santo Tomás de Aquino. Com 32 anos de atividades, esta Conferência reúne alunos, professores e funcionários da Universidade Federal de Viçosa e, por esta razão, tem várias frentes de trabalhos assistenciais e várias modalidades de assistência religiosa.

Começou a funcionar em 1/05/1950 sob a coordenação do Padre Dr. Antônio Mendes, Advogado, Capelão e Professor da Universidade Federal de Viçosa, tendo como fundador o Professor Nestor Carlos dos Santos.

Possui dois tipos de membros: os confrades, num total de 42 em 1982, e os contribuintes, num total de 400 nesta mesma época. Aos confrades cabe a orientação e a execução dos trabalhos assistenciais. Atuando, de preferência, na periferia da cidade e na zona rural do município, os confrades recebem inestimável ajuda do Dr. Raimundo Lopes de Faria na organização e consolidação dos trabalhos de assistência médica.

Além dos trabalhos próprios a todas as Conferências, este grupo coordena um Grupo de Jovens Universitários, colabora na organização de Páscoas festivas e de Cursos Bíblicos, participa na organização de grupos musicais religiosos e em outras atividades inerentes à Capelania da UFV.

Na página seguinte, encontra-se a Estrutura de Organização da Sociedade São Vicente de Paulo, de Viçosa (Figura 42).

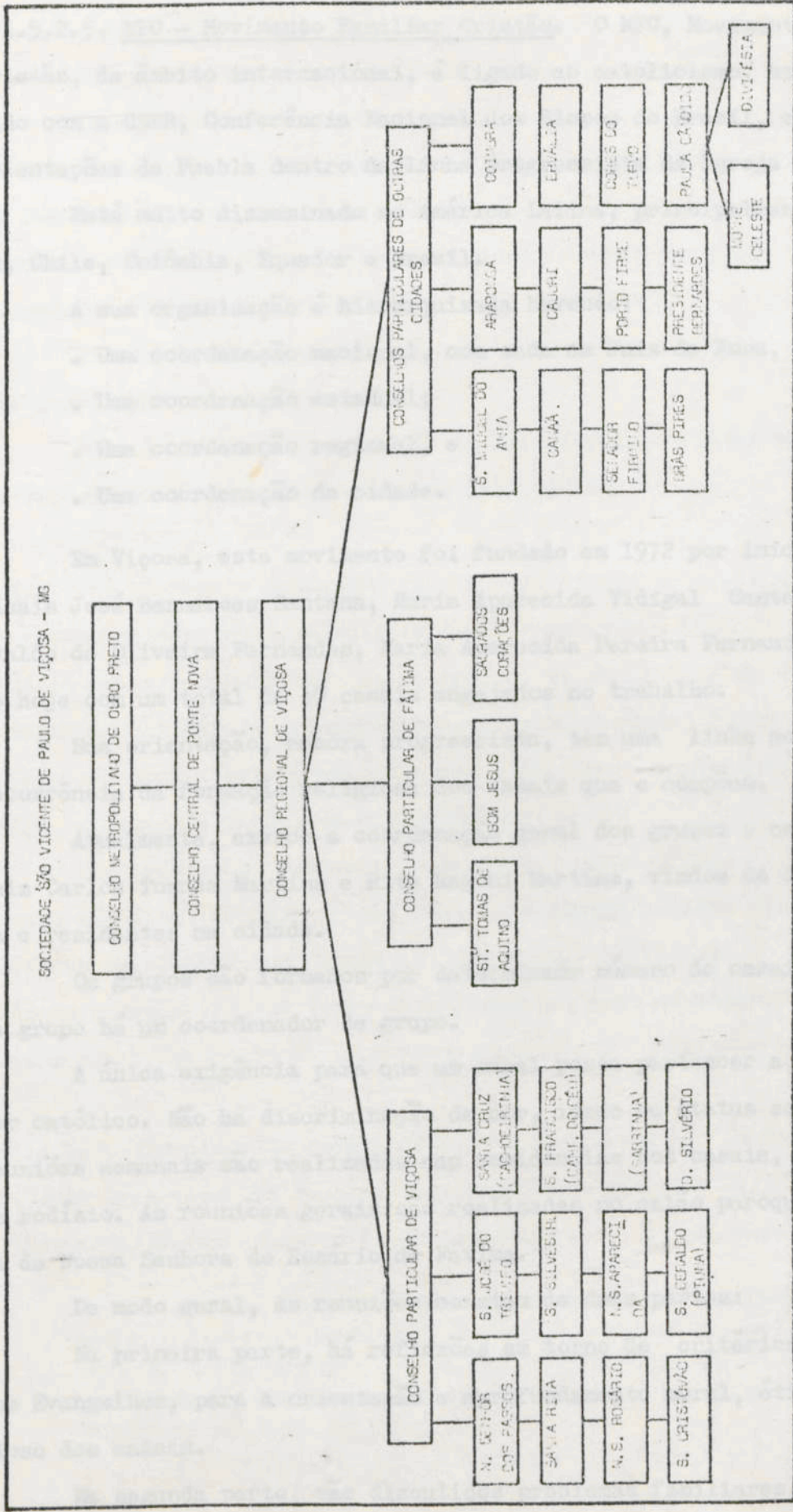


FIGURA 42 - Estrutura de Organização da Sociedade de São Vicente de Paulo. Viçosa, MG.

4.1.5.2.5. MFC - Movimento Familiar Cristão. O MFC, Movimento Familiar Cristão, de âmbito internacional, é ligado ao catolicismo, bastante afinado com a CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e segue as orientações de Puebla dentro da linha progressista da Igreja Católica.

Está muito disseminado na América Latina, principalmente no Peru, Chile, Colômbia, Equador e Brasil.

A sua organização é hierarquizada havendo:

- . Uma coordenação nacional, com sede em Juiz de Fora, MG;
- . Uma coordenação estadual;
- . Uma coordenação regional, e
- . Uma coordenação de cidade.

Em Viçosa, este movimento foi fundado em 1972 por iniciativa dos casais José Bernardes Santana, Maria Aparecida Vidigal Santana e Dr. Evaldo de Oliveira Fernandes, Maria Aparecida Pereira Fernandes, contando hoje com um total de 30 casais engajados no trabalho.

Sua orientação, embora progressista, tem uma linha moderada em decorrência da formação religiosa dos casais que o compõem.

Atualmente, exerce a coordenação geral dos grupos o casal Dr. Luiz Carlos Torres Martins e Rita Ragoni Martins, vindos de Juiz de Fora e residentes na cidade.

Os grupos são formados por determinado número de casais e em cada grupo há um coordenador de grupo.

A única exigência para que um casal possa pertencer a um grupo é ser católico. Não há discriminação de cor, idade ou status social. As reuniões semanais são realizadas nas residências dos casais, em sistema de rodízio. As reuniões gerais são realizadas no salão paroquial da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

De modo geral, as reuniões constam de duas partes:

Na primeira parte, há reflexões em torno de critérios, tirados dos Evangelhos, para a orientação e aprofundamento moral, ético e religioso dos casais.

Na segunda parte, são discutidos problemas familiares, conju-

gais, de educação de filhos e outros, à luz dos ensinamentos evangélicos. Não há, contudo, preocupação de estudos bíblicos.

As atividades são desenvolvidas dentro de pequenos grupos, mas há outras de maior âmbito programadas sob o título: "Estudo Aberto a To da Comunidade", com palestras e discussões sobre planejamento familiar, namoro, casamento, partos normais e cesários e outros temas de interesse para as famílias cristãs.

A freqüência às reuniões é boa, o que atesta o real engajamento dos participantes no movimento.

Esta é mais uma organização da Igreja pós-conciliar que coexiste em Viçosa com o catolicismo tradicional popular.

4.1.5.2.6. Pastorais de Saúde. Dentro das linhas progressistas da Igreja pós-conciliar, as Pastorais de Saúde desenvolvem amplas atividades sociais ao lado da assistência religiosa, na comunidade de Viçosa. São integradas por vários grupos de pessoas que, freqüentemente, visitam hospitais e asilos, levando aos enfermos e anciãos o conforto da palavra amiga, através de trabalhos assistenciais.

Promovem ainda festas e reuniões por ocasião do natal, do ciclo junino e outras. Segundo a Irmã Beatriz Monteiro Salles, diretora do "Iar dos Velhinhos", em Viçosa, as festas e reuniões ali realizadas, além de constituírem um ótimo entretenimento para os anciãos, concorrem para o estabelecimento de um contato mais amigável e afetuoso entre todos.

4.1.5.2.7. Cursilhos de Cristandade. Os Cursilhos da Cristandade estão bastante difundidos em Viçosa. O jornal INTEGRAÇÃO, de 27/06/82, em CURSILHISTAS promove encontro (21) noticiou um evento programado:

O Sub-Secretariado do Movimento de Cursilhos, que é um movimento religioso subordinado à Arquidiocese de Mariana, estará promovendo neste domingo (27/06/82), um encontro de confraternização (Ultréya Festiva) no Sítio da Mundial, localizado na estrada Viçosa-S. José do Triunfo...

O diretor Espiritual do Movimento do Cursilho é o pároco de

Santa Rita de Cássia, Pe. Carlos dos Reis Baeta Braga. O presidente do Sub-Secretariado de Viçosa é José Damaceno Pereira.

4.1.5.3. Instalação da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Com o aumento populacional verificado no município de Viçosa, tornou-se necessário o desdobramento da Paróquia de Santa Rita de Cássia.

Por decreto emanado da Arquidiocese de Mariana, datado de 13/05/1975, foi criada a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tendo a posse do primeiro pároco ocorrida a 15/06/1975.

Foi designado para a paróquia o Padre Geraldo Martins Paiva, viçosense que havia sido vigário cooperador da Paróquia de Santa Rita.

Abrangendo, em sua maioria, bairros populares da cidade, a Igreja iniciou seus trabalhos em uma barraquinha construída com bambus e varas de eucalipto, coberta com telhas de amianto, situada no Bairro de Fátima.

Esta Igreja cresceu rapidamente e hoje, há apenas seis anos de sua instalação, conta com um templo de linhas modernas e funcionais com: 800 m² de área útil para o povo: 500 pessoas assentadas em 120 bancos e uma média de outras 500 em pé, uma capela para o Santíssimo Sacramento, um presbitério, uma sacristia, um órgão elétrico com pedaleira e dois teclados e área externa para estacionamento de veículos.

A paróquia já possui uma casa paroquial anexa, devidamente mobiliada, e uma área coberta para a realização de festas populares, tais como barraquinhas e leilões.

A Igreja segue orientação da Arquidiocese de Mariana, dentro de uma linha litúrgica moderada. O pároco e seus auxiliares leigos desenvolvem na evangelização um intenso trabalho de conscientização das massas em movimentos de características pós-conciliares, tais como: Cursos de Cristandade, Movimento Familiar Cristão, Aulas de Catecismo, Missa especial para crianças, Conferências Vicentinas e outras atividades assistenciais de caráter social e promocional.

O pároco de Nossa Senhora de Fátima atende, ainda, à população

do Bairro Nova Viçosa, onde está em fase de acabamento um templo construído, quase todo, em regime de mutirão, pela população local.

A festa da padroeira, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, realizada em 13 de maio, reúne verdadeira multidão de fiéis que acompanham a procissão e os rituais da Igreja.

Nesta ocasião, a família Araújo, membros da família Jacob e colaboradores organizam, na porta da Igreja, uma paraliturgia representando o aparecimento da Virgem aos três pastorzinhos de Fátima, com grande afluência popular (Figuras 43, 44, 45 e 46).

A paróquia vê crescer, dia a dia, o número de fiéis que frequentam a Igreja e parece que o poder de comunicação do pároco com as camadas populares muito tem concorrido para este crescimento.

4.1.6. Outras Denominações Cristãs em Viçosa

4.1.6.1. A Igreja Presbiteriana em Viçosa. Em 1960, instalou-se na cidade o primeiro grupo de protestantes, como uma organização definida e definitiva.

O evento trouxe à tona, mais uma vez, a resistência inicial a mudanças, já demonstrada e superada pela população, em outras ocasiões, no seio do catolicismo.

O sentimento conservador e tradicionalista, que vinha sendo consolidado e sedimentado em Viçosa, desde a colonização, iria se opor à abertura de templos de outras denominações cristãs, na cidade, principalmente em decorrência da forma como os trabalhos iniciais fossem conduzidos.

O pioneirismo sempre traz um ônus expresso no desafio da resistência encontrada em determinados grupos, em maior ou menor escala, de maneira clara ou velada, de forma passageira ou duradoura.

Isto é perfeitamente explicável se se levar em conta que qualquer inovação acarreta um desequilíbrio no status sócio-econômico-cultural estabelecido.



FIGURA 44 - Os "Pastorzinhos de Fátima" - Francisco, Lúcia e Jacinta. Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Viçosa, MG, 1983.



FIGURA 43 - Paraliturgia Realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima - "Os Pastorzinhos de Fátima" Acompanham a Procissão. Viçosa, MG, 13/05/1983.



FIGURA 45 - "Os Pastorzinhos de Fátima" - Cenas da Para
liturgia - Igreja de Nossa Senhora do Rosá-
rio de Fátima. Viçosa, MG, 13/05/1983.



FIGURA 46 - "Os Pastorzinhos de Fátima" - Cenas da Para
liturgia - Igreja de Nossa Senhora do Rosá-
rio de Fátima. Viçosa, MG, 1983.

115

Este desequilíbrio influencia os indivíduos em seus valores e princípios já aceitos e incorporados, de geração a geração.

A volta ao equilíbrio em outro nível, isto é, em um contexto já modificado pela inovação introduzida, pressupõe uma fase de transição social quase nunca isenta de conflitos, por vezes dolorosos, nos planos social e individual. Daí, a importância do conhecimento prévio do contexto sócio-cultural da comunidade para definir as estratégias de ação que serão usadas para a introdução da inovação, idéia ou ideologia, com um mínimo de conflitos.

A resistência encontrada em Viçosa pelo grupo de presbiterianos talvez tenha sido uma consequência da maneira pela qual a inovação foi introduzida no seio da comunidade, desde que outros grupos de outras seitas aqui instalaram seu culto, com uma resistência inexpressiva, ou mesmo sem nenhuma resistência.

Contando hoje com um templo erigido à Avenida P.H. Rolfs, 275, com uma congregação no Vale do Sol e uma creche - Rebusca - para atendimento de 40 crianças, a Igreja Presbiteriana foi a primeira seita protestante a se organizar em Viçosa e congrega, atualmente, em sua maioria, estudantes de pós-graduação e pessoas de outras cidades.

Em 1960, estudantes e professores da Universidade Federal de Viçosa, dentre eles Daison Olzany Silva, Osmar Ribeiro, Américo José da Silveira e Sônia da Silva começaram a se reunir para a realização de cultos e estudos bíblicos.

A eles se juntou Maria José de Andrade, esposa de Plínio Dias de Andrade (ele, católico; ela, protestante) e a família do recém-chegado gerente do Banco de Crédito Real, Jacy Ferreira de Souza. De Ubá, onde residia, vinha o Reverendo Elben Magalhães Lens César trabalhar com o grupo.

Viçosa era considerada campo missionário, pertencente ao Presbitério de Campos, e o Pastor Elben batalhava junto às autoridades, para que se destacasse um pastor, para prestar serviços no município.

No mesmo ano, 1960, foi o próprio reverendo Elben designado para

Viçosa, onde permanece até os dias atuais, já integrado à sociedade viçosense, ajudado pelo Pastor Elson da Silva Morais.

Por ocasião da instalação da Igreja Presbiteriana, do lado católico, coube ao Padre Dr. Carlos dos Reis Baeta Braga a ingrata tarefa de conduzir um rebanho em uma fase de efervescência social.

As circunstâncias colocaram-no entre dois fogos: de um lado, havia a pressão de viçosenses conservadores, para que não se permitisse a entrada de novas seitas religiosas no município. De outro, as reivindicações de grupos de pessoas de fora chegadas a Viçosa que aqui queriam exercer seu culto de modo organizado e definitivo e que, para conseguir seu intento, segundo informantes, tinham atitudes e comportamentos considerados acintosos e agressivos pela população, tal como o uso excessivo e desnecessário de alto-falantes nas pregações.

Alguns informantes que presenciaram os fatos classificaram, ainda, como acintosos as atitudes e os comportamentos pelos quais os crentes desejavam mostrar a sua superioridade moral, pessoal e religiosa em relação àqueles que professavam a fé católica. Esta posição de comparação, com o conseqüente desmerecimento dos dogmas e rituais católicos, assumida pelos crentes pode ter concorrido para que se aflorasse a rejeição dos católicos, feridos em seu orgulho, em seus valores, dentro da fé que professavam através de gerações.

Assim, como sói acontecer nestas fases de desentendimentos, havia conversas e pequenas provocações de ambos os lados.

Ao Padre Carlos foi imputada a responsabilidade pelas ações de represália realizadas por pequenos grupos, conscientes ou não. Foi-lhe atribuído até mesmo o fato de ter mandado que crianças da rua espoucassem bombinhas no local de cultos ao ar livre realizados pelos protestantes. Por outro lado, informantes católicos asseguraram ter havido críticas severas dos protestantes às procissões e aos cultos em honra da Virgem Maria, com atitudes agressivas, em ambos os casos.

A resistência passiva manifestou-se, segundo alguns informantes,

com a queda do movimento bancário na agência local do Banco de Crédito Real, cujo gerente era protestante, fruto de retiradas e transferências de depósitos para outras casas bancárias do município.

Remanescentes protestantes desta época alegaram ter havido cartas de viçosenses aos diretores do Banco de Crédito Real, pedindo a remoção do gerente, o que aconteceu realmente.

Contudo, para as pessoas, a remoção aconteceu porque o Banco estava receoso de que a condição de protestante de seu gerente, em um local onde a população era católica, pudesse prejudicar os negócios da casa bancária.

O fato é que, removido Jacy Ferreira de Souza, foi designado Antônio Felício, católico, para substituí-lo e que logo se entrosou com a comunidade e reorganizou a situação do Banco. Todavia, nunca mais o estabelecimento conseguiu se firmar de modo definitivo em Viçosa e, por fatores diversos, foi extinta a agência local em 1973.

A oposição dos católicos se consubstanciou, de modo mais agressivo, em uma campanha de âmbito municipal, para que não se alugassem os cômodos disponíveis na cidade para a realização dos cultos protestantes. Este fato motivou o empenho dos presbiterianos na construção de um primeiro templo, situado na Avenida Bueno Brandão, n.º 18, transferindo depois para a Rua da Conceição, 156, e hoje localizado, como foi dito, na Avenida P.H. Rolfs, 275.

Com uma orientação prioritariamente religiosa, somente em 1982 a Igreja Presbiteriana de Viçosa iniciou trabalhos de caráter social com a instalação da creche Rebusca.

Segundo o Reverendo Elben, a principal finalidade de Cristo é resolver o pecado do mundo, o que explica o não-engajamento da seita no Evangelho Social. Resolvido o pecado, tudo o mais virá por acréscimo. A Igreja segue linha conservadora com preceitos morais rígidos dentro das normas bíblicas.

Para que se pudesse reconstituir esta fase de conflitos, própria de períodos de mudanças sócio-culturais, foram ouvidos informantes cató

licos e protestantes que presenciaram os fatos narrados.

Não se trata aqui de endossar ou não a veracidade dos fatos ocorridos. O importante é a constatação, mais uma vez, de que as mudanças sócio-culturais em Viçosa são, quase sempre, precedidas por uma fase de resistência, velada ou não, à introdução de inovações no campo religioso ou noutros. Esta resistência arrefece com o tempo e parece estar diretamente ligada aos valores, atitudes e comportamentos dos responsáveis pelo ato da introdução de inovações na comunidade e pelas estratégias de ação empregadas.

4.1.6.2. Igreja Assembléia de Deus. Em 1964, o Pastor Pedro Marques, vindo de Alvinópolis (MG) e hoje exercendo seu ministério em Ponte Nova (MG), organizou em Viçosa a Igreja Assembléia de Deus. Até 1980, a Congregação pertenceu a Ponte Nova, mas, a partir desta data, tornou-se Igreja com administração própria.

Em 1974, assumiu a direção o Pastor Rubens Luiz Valadares, vindo de Governador Valadares (MG), e que trabalhava, inicialmente, com o Pastor Pedro Marques.

Quando começaram os trabalhos, a Congregação contava com dez (10) crentes apenas, hoje eles somam 330 membros fichados na Igreja, fora os frequentadores não registrados que elevam este número para cerca de 500 congregados.

Além da sede situada na Rua da Conceição, 156, a Assembléia de Deus conta com uma Congregação no Cantinho do Céu (Bairro Santo Antônio), outra no Alto da Rua Seca (Rua do Pintinho) e um templo no povoado de São José do Triunfo.

Atua em vários pontos de pregação na zona rural, principalmente no Cascalho e nos bairros da periferia da cidade, Nova Viçosa e Sagrada Família.

A Igreja possui, também, salões alugados no Alto das Amoras e no Pau de Paina (Bairro Nova Era). A Igreja Assembléia de Deus, Pentecostal e de cunho popular, parece ser hoje a maior denominação cristã não-católica existente em Viçosa.

A fé é impregnada de misticismo, o que se percebe nas interrupções dos sermões com palavras e expressões tais como "Aleluia" e "Louva do seja Deus" e outras. Todos podem manifestar-se e se manifestam, como e quando querem.

Os cânticos são acompanhados por uma pequena orquestra composta de: um baixo de tuba, um baixo de cordas, três guitarras, dois pistons (trompetes), dois trombones, um acordeom, uma escaleta e uma bateria (percussão) quase completa, o que garante um grande volume de sons, bem do gosto popular.

Segundo o Pastor Rubens, é ativa a participação da mocidade, embora sejam rígidos os cânones da Igreja.

São vedados aos fiéis o uso do fumo e de bebidas alcoólicas, os jogos e diversões e mesmo a TV sofre grandes restrições porque "perde-se o tempo que deveria ser gasto com trabalhos na Igreja e ocupações com as coisas espirituais".

Com um grande contingente popular, os dízimos são pagos apenas pelos membros que têm melhor poder aquisitivo, e a assistência social é feita em pequena escala, havendo, assim, a predominância dos aspectos espirituais nas atividades da Igreja.

Ao contrário da Igreja Presbiteriana, não se registraram conflitos com a Igreja Católica na organização da Assembléia de Deus. Talvez a maneira pela qual ela foi organizada e o seu caráter eminentemente popular tenham provocado a sua identificação com as faixas de um expressivo catolicismo também popular atuante no município de Viçosa.

4.1.6.3. Igreja Batista. As atividades da Igreja Batista em Viçosa foram iniciadas, conforme já foi dito, em 1923, quando José de Souza Fortes abriu o primeiro salão batista em sua residência, na atual Rua Benjamin Araújo.

A congregação era pequena, composta de umas poucas famílias: a família Fortes, a de Raimundo de Campos, Gumercindo Iglésias e sua esposa Primitiva e Manoel Iglésias.

Com a morte de José de Souza Fortes foram paralisados os trabalhos batistas na cidade.

Em 1974, o Pastor Sinésio Vilaça veio para Viçosa reorganizar a Igreja.

Instalada, inicialmente, em um rancho com varanda de bambus, situado à Rua José Norberto Vaz de Mello, a Congregação construiu um templo, inaugurado no dia 20/06/1982, com capacidade para 100 pessoas assentadas (20 bancos). A Igreja conta, atualmente, com uma média de 80 congregados, pertencentes, em sua maioria, à classe média e classe média baixa. Possui também pontos de pregação no meio rural, principalmente nas Posses, Córrego São João e Cascalho.

Os cultos são celebrados aos domingos e quartas-feiras com cânticos acompanhados por um harmônio.

Há escola dominical para crianças e a mocidade batista reúne-se aos sábados, mormente no período letivo, quando a Igreja é também frequentada pelos estudantes batistas da UFV.

O batismo dos novos adeptos é feito por imersão e a Igreja possui um batistério adaptado para esta cerimônia.

Informantes disseram não ter havido resistência manifesta por parte da população católica do município na reorganização da Igreja Batista, embora haja resistência, quando se trata da conversão de fiéis católicos para a seita batista.

O fato de a Igreja Batista ter sido iniciada, em tempos remotos, por famílias viçosenses e como tal considerada patrimônio da cidade talvez possa explicar a aceitação da população católica do município à sua reorganização.

4.1.6.4. Casa da Bênção - Tabernáculo Evangélico de Jesus. Igreja Pentecostal, considerada herética pelo ramo presbiteriano de Viçosa, a Casa da Bênção foi instalada em 15/08/1979, à Rua dos Passos, s/n.º, e já possui uma história de realizações, segundo o Pastor Antônio Pedro Fialho.

Suas características bastante diversas das outras seitas colocam-na em situação que merece alguma atenção, no contexto deste estudo.

Sua instalação não provocou nenhuma resistência por parte da população católica da cidade. Verificou-se mesmo uma aceitação pouco comum, explicada, talvez, pela sua filosofia de ação, pelas suas bases eminentemente populares e pela permissão de uma ampla "mistura religiosa".

As Igrejas Casa da Bênção estão subordinadas a um Supremo Concílio que funciona em Brasília onde fica uma Catedral da seita. A Igreja de Viçosa pertence ao Presbitério de Juiz de Fora e o Pastor Antônio é presbítero registrado naquela cidade. Contudo, ele foi consagrado Pastor pela vontade popular, tendo em vista seus trabalhos realizados em Viçosa.

A Casa da Bênção é uma seita independente do protestantismo que prega a salvação e coloca a ênfase de seus trabalhos nos aspectos espirituais da religião.

Possui 45 membros registrados, mas é freqüentada por pessoas de várias religiões, porque, segundo o Pastor Antônio, sua finalidade é libertar o povo e, por esta razão, tem as portas abertas para todos que queiram utilizar para suas orações.

O seu grande apelo popular está baseado no "poder de cura" através da oração.

O próprio Pastor Antônio, natural de Pedra do Anta, antigo distrito de Viçosa, conta que estava doente no Rio de Janeiro, quando obteve a cura na Casa da Bênção. Orou, então, a Deus para que o trouxesse de volta à sua terra natal e que, se assim fosse, ele pregaria o Evangelho de Cristo. Veio e fundou a Casa da Bênção e assegura que, em três anos de atividades, já curou umas 3.000 pessoas e resolveu uma série de problemas particulares dos participantes.

Como Igreja Pentecostal, a Igreja é de "fogo" e as orações são feitas em voz alta e ao mesmo tempo, pois todos os que dela participam podem-se encher do Espírito Santo e de suas graças. São feitas orações

comunitárias e correntes de oração por sete dias consecutivos em favor dos necessitados. Se a pessoa não estiver presente, as orações são feitas sobre peças de roupas, fotografias, bilhetes ou qualquer outra coisa que lembre o pedinte.

Há também unção de óleos e imposição de mãos.

Os fiéis têm o direito de proceder de modo idêntico aos apóstolos da Bíblia, pois cada crente é um apóstolo da fé e instrumento de Jesus para realizar milagres, promover curas, ter o dom da profecia, das línguas e outros narrados nos Evangelhos.

Baseada na afirmativa bíblica de que o corpo é o templo do Espírito Santo, a religião não proíbe o fumo, nem bebidas e outros vícios porque, depois de recebida a graça do Divino Espírito, a própria pessoa renuncia a estas coisas por vontade própria.

O Pastor mostra aos crentes os caminhos da vida que são largos e os que são estreitos e a própria pessoa faz sua opção para ingressar na quele que dá facilidades no mundo ou naquele que leva à salvação.

Os sermões são inflamados, tirados principalmente das passagens bíblicas que falam de milagres, curas e do poder da fé, e visam a avivar a fé dos crentes para que consigam as graças pretendidas.

A Igreja é baseada, principalmente, nos seguintes textos bíblicos (29):

JOÃO, Cap. 14, vr. 12:

Crede-o ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade eu vos digo, que aquele que crê em mim, esse fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores: porque eu vou para o Pai.

LUCAS, Cap. 9, vr. 2:

Tendo porém Jesus convocado os doze apóstolos, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e virtude de curar enfermidades. 2. Depois enviou-os a pregar o Reino de Deus, e a curar os enfermos.

MARCOS, Cap. 16, vr. 16:

O que crer e for batizado, será salvo; o que porém não crer

será condenado. 17. E estes sinais seguirão aos que crerem: Expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas.

TIAGO, Cap. 5, vr. 14:

Está entre vós algum enfermo? Chame os Presbíteros da Igreja, e estes façam oração sobre ele, unguindo-o com óleo em nome do Senhor; 15. e a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará: e se estiver em alguns pecados, ser-lhe-ão perdoados.

16: Confessai pois os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes salvos: porque a oração do justo, sendo fervorosa, pode muito.

A Igreja conta, ainda, com a participação ativa da evangelista Ides Valente Fialho, irmã do Pastor, de quem se diz ser muito abençoada e conseguir muitas graças por intermédio do Espírito Santo.

4.1.6.5. Outras Seitas. Além das seitas descritas, Viçosa conta com outras denominações protestantes instaladas, mais recentemente, sem resistência de espécie alguma por parte dos católicos, passando, muitas vezes despercebidas pela maioria da população:

- Uma Igreja Adventista do Sétimo Dia;
- Uma Igreja de Testemunhas de Jeová;
- Uma Congregação Brasil para Cristo.

Estas seitas têm poucos adeptos e estão em fase de trabalhos iniciais na cidade.

Pelo exposto, pode-se deduzir que a diversificação das atividades sociais e profissionais e o crescimento demográfico, com um aumento expressivo de pessoas de fora que fixam residência na cidade, dentre outros fatores, estão contribuindo para a modificação dos sistemas de valores cristalizados e transmitidos de geração em geração e, consequentemente, para uma acentuada tendência para a modificação da cultura, no campo religioso viçosense.

4.1.7. O Espiritismo

A doutrina espírita tem em Leon Hippolyte Denizart Rivail - o Alan Kardec - um de seus expoentes máximos.

Nascido em Lyon, na França, em 1804, Alan Kardec estudou pedagogia, interessava-se pelos problemas mentais e é possível que tenha sofrido influências de Mesmer e Charcot.

Sua grande obra foi a codificação do espiritismo em doutrina, em basando-a no cristianismo, mormente em sua parte ética - os Evangelhos - daí surgindo o "Evangelho segundo o Espiritismo".

Neste livro, as sagradas escrituras são revistas sob um enfoque mediúnico, base do espiritismo.

O espiritismo na França concentrou-se em torno das idéias Kardecistas, com a característica na crença da reencarnação e que, de acordo com KARDEC (41), foi aceita imediatamente por todo o mundo latino e mal recebida nos meios anglo-saxônicos:

Dessa forma, o mundo espírita ficou assim dividido, até os dias de hoje:

- 1) Os que aceitam a reencarnação;
- 2) Os que não aceitam a reencarnação;
- 3) Os que aceitam a reencarnação e o corpo fluídico.

Em 1858, Kardec fez circular, em Paris, a "Revista Espírita" que tinha por subtítulo "Jornal de Estudos Psicológicos", o que pode indicar as tentativas de se dar ao espiritismo um cunho científico, além do religioso.

A mediunidade Kardecista, segundo BENTO (13), englobaria a posse por espíritos e os demais fenômenos excepcionais (hodiernamente chamados de paranormais, parapsicológicos ou extra-sensoriais) de todas as culturas. O homem seria, então, o instrumento de uma vontade exógena.

Continuando, BENTO (13), comparando o Kardecismo à Umbanda, assim se expressou:

O Kardecismo representa uma tentativa de retorno a hábitos e instituições esquecidas, enquanto a Umbanda representa a tentativa de sobrevivência de uma cultura. O Kardecismo significou, para a história religiosa da Europa, um desvencilhar-se do tabu a respeito da possessão, que fora imposto pelo cristianismo romano. ... Sua codificação pretende representar uma sùmula conciliatória entre o iluminismo cientificista liberal e o espiritualismo metafísico cristão. Mostra-se um trabalho de grande preocupação lógica que pretende não deixar nenhuma pergunta sem resposta. Constrói-se sobre silogismos simples, de rigor cartesiano bem expresso na citação: "Todo efeito tem uma causa; Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito".

A mediunidade seria um transe místico que permitiria a comunicação do homem com entidades do além, já desencarnadas (mortos). Também o cristianismo das catacumbas conheceu um transe místico, o chamado Pente Kosté, que era o recebimento do Espírito Santo e que ainda orienta as seitas protestantes pentecostais e, recentemente, tem encontrado campo no catolicismo através do "movimento carismático", onde se recebe do Espírito Santo o dom das línguas e outros.

A doutrina Kardecista, tentando englobar a ciência e tornando científica a religião pela racionalização da fé, segundo os preceitos ditados pelos espíritos, através de comunicações mediúnicas, difundiu-se rapidamente.

BENTO (13) descreveu a entrada do espiritismo no Brasil da seguinte maneira:

Foi durante o império de Pedro II que o espiritismo emigrou para o Brasil, difundindo-se em meio a uma parte da classe dominante. O novo sistema filosófico-religioso estava devidamente vestido de cientificidade e a possessão já transformada em mediunidade, sob controle. Dessa forma, o transe não se tratava mais de "coisa de negro". O próprio imperador parece ter sido simpático ao movimento francês. ...O fato de ser cismática com a Igreja Católica não oferecia problemas para a aceitação da elite, porque desde a questão entre a Igreja e a Maçonaria a classe dominante estava dividida, mas as facções coexistiam sem choques. O conjunto de crenças que constitui a codificação do Kardecismo trazia alguns pontos fortes que vinham a calhar com o momento de transição do Império à República. A chamada lei de causa e efeito permitia a aceitação de qualquer relação injusta como expiação de culpas passadas...

Acceptando ou não a explicação de Bento, o fato é que o espiritismo encontrou no Brasil campo fértil para a sua expansão e tem produzido médiuns de grande aceitação popular como Zé Arigó, Chico Xavier e outros. A revista VEJA (92), de 28/07/1982, em reportagem denominada "Chico dos Espíritos", assim se referiu ao fenômeno da expansão da doutrina espiritualista no Brasil:

O censo de 1980 revelou que há no Brasil cerca de 1 milhão de espíritas, mas a julgar pelo sucesso editorial do médium de Uberaba, a doutrina de Kardec talvez conte com outros milhões de simpatizantes. ...Seu público está predominantemente na classe média - e essa é uma das explicações para a altíssima vendagem dos livros que Chico Xavier credita ao Além...

Recusando altares, sacerdotes e hierarquias, o espiritismo coloca ênfase na prática da caridade, como um meio de aperfeiçoamento espiritual nas reencarnações sucessivas neste planeta, e na influência dos espíritos, tese controvertida e bastante discutida por autores diversos:

BRANDÃO (15), concluindo o trabalho "Os Deuses do Povo", citou Fly, 1976:4 que assim se referiu aos espíritos:

Espíritos, em última análise, são criações da sociedade; eles são inventados, entram em graça e caem dela através da energia de seus médiuns, que procuram satisfazer as aspirações religiosas das pessoas a quem servem e a realizar as suas próprias vocações de profetas, adivinhos e curadores.

Neste estudo não se cogita, todavia, em analisar os postulados principais inerentes às diversas religiões nem mesmo aprofundar em suas raízes históricas ou na gênese de seus preceitos religiosos. A finalidade principal é trazê-las, como um valor, de um contexto mais amplo para aquele restrito do município de Viçosa e analisá-las em termos de uma possível aceitação ou rejeição dentro da dinâmica cultural que rege, em parte, as mudanças sócio-culturais.

4.1.7.1. O Espiritismo em Viçosa. Embora a crença nos fenômenos que caracterizam o espiritismo (mediunidade, cura de doenças, comunicação com

os mortos) possa ter estado presente na população de Viçosa, de modo la tente, consubstanciada no que OLIVEIRA (59) chamou de "mistura religiosa", o espiritismo, como uma religião organizada, só surgiu em 1961.

Esse autor estabeleceu uma diferença entre "sincretismo religioso" e "mistura religiosa":

Tomo então como ponto de partida que o sincretismo só ocorre quando dois ou mais sistemas religiosos se combinam, de modo que ambos deixam de existir como tais e produzem um sistema religioso original.

Chamo de mistura a prática de atos ou a adesão a crenças de diferentes sistemas religiosos, que está ao nível do indivíduo, e não afeta diretamente nenhum dos sistemas religiosos (59).

Por esta época, isto é, 1961, um pequeno grupo de seis pessoas reunia-se em casa do Agente da Estação Ferroviária - Agostinho José Moreira, para realizar cultos da religião espírita.

Estas reuniões, mais tarde, já sob a liderança da viçosense Adélia Maffia, receberam a adesão de alguns estudantes da U.F.V. vindos de Barbacena, dentre eles Dirceu Teixeira Coelho, que viria a se tornar um dos líderes do movimento espírita em Viçosa. O grupo passou, então, a ter uma média de 10 pessoas e as reuniões passaram a ser realizadas em casa de Adélia Maffia, à Rua Padre Serafim.

Pensou-se, por esta época, na aquisição de um imóvel para a instalação do "Centro Espírita Camilo Chaves", o primeiro de Viçosa. Este movimento suscitou, novamente, a resistência da população católica, e segundo informantes, houve grande dificuldades para a compra do imóvel. Depois de feitos os contatos iniciais para o negócio, o vendedor, normalmente, desistia da venda, ao se inteirar do fato de que o imóvel seria usado para a instalação de um "Centro Espírita". Finalmente, conseguiu-se uma casa à Rua Gomes Barbosa, 476, que, depois de adaptada, tornou-se a sede do "Centro Espírita Camilo Chaves".

Neste centro, os trabalhos de desenvolvimento de mediunidade e de desobsessão e outros congêneres estão, em parte, desativados. Há uma preocupação maior com o desenvolvimento de trabalhos assistenciais e estudo da doutrina espírita.

De acordo com informações dadas por Dirceu Coelho, a seriedade e assiduidade com que eram realizados estes trabalhos concorreram para minimizar a resistência inicial da população e levar as pessoas a uma a-ceitação passiva dos movimentos espiritistas no município. Ainda, segundo o informante, o Centro adotou esta linha de ação porque os trabalhos mediúnicos no espiritismo, apesar de constituírem uma "ferramenta básica", não são de todo imprescindíveis.

Enfatizou ele a característica do espiritismo de não ter rituais próprios como cerimônias de casamentos, batizados ou funerais. Daí, o cônjuge espírita casar-se na igreja do cônjuge não-espírita, seja ela qual for.

A crença na reencarnação leva a uma grande resignação frente à morte, considerada apenas como uma simples passagem de uma dimensão a outra e uma libertação do espírito de seu invólucro ou aparelho carnal.

Uma das diferenças entre Centros Espíritas e Terreiros de Umbanda é exatamente a não-existência, no espiritismo, de rituais e trajes a eles apropriados e a ausência de símbolos concretos, tais como talismãs, amuletos e outros.

O Centro Espírita Camilo Chaves dá assistência a famílias necessitadas em sistema de rodízios através da "Campanha do Quilo" que vem sendo realizada, aos sábados, sem interrupção, há 18 anos, com uma coleta regular de gêneros alimentícios nos cinco setores em que foi por ele dividida a cidade de Viçosa.

Mantém, ainda, um lactário que conta com o trabalho de um funcionário fixo e de voluntários espíritas. São preparadas com 30 litros de leite, diariamente, mamadeiras de maizena ou de outros tipos, quando há prescrições médicas.

A responsável pelo lactário, Marília Messias de Rezende, coordena um trabalho para a manutenção constante de três conjuntos de cestas, com seis mamadeiras cada, trocados diariamente com os beneficiários do programa, sem discriminação de religião ou outra qualquer.

Não há, ainda segundo o informante, a preocupação de conversão

das pessoas às doutrinas espíritas, o que, talvez, explique a diminuição gradual e a quase extinção da resistência da população à existência do Centro.

Nos finais do ano de 1980, Viçosa presenciou a instalação de outro Centro Espírita: Associação Cristã Espiritualista "Alan Kardec" por iniciativa de Expedito Luiz Leão, advogado, viçosense nato.

Em entrevistas com os responsáveis pelo Centro ficou constatado que não houve resistência de espécie alguma, por parte da população católica de Viçosa, aos trabalhos do novo Centro, o que vem demonstrar a tendência para mudanças sócio-culturais que está ocorrendo no município no campo da religião.

Enfatizando, também, o estudo da doutrina espírita, a Associação Cristã Espiritualista Alan Kardec recebe, aos domingos, palestristas de Belo Horizonte e de outros lugares que vêm a Viçosa para esta finalidade.

Também são feitos trabalhos mediúnicos por intermédio de três médiuns que recebem de entidades do além mensagens de fé, amor, caridade e perdão, base da doutrina.

Há uma preocupação para que haja, por parte dos fiéis, uma pronta aceitação das condições humanas, sejam elas quais forem, uma vez que estas são apenas uma decorrência dos estágios das pessoas aqui na terra.

Segundo informantes, é grande a freqüência de adeptos de várias religiões às reuniões, o que vem confirmar a "mistura religiosa" existente no município, no que se refere a religiões espiritualistas.

4.1.8. A Umbanda

A contribuição do escravo negro está patente em vários aspectos da cultura brasileira. Contudo, é na religião que ela se firmou como resultado da convivência entre crenças tradicionais ameríndias, africanas e o cristianismo católico dos primeiros séculos da colonização portuguesa.

Assumindo expressões variadas, dependendo da origem étnica do es cravo africano, é na macumba, da qual se derivou a umbanda, que está o interesse primordial para o contexto deste trabalho, pela sua ligação com os povos bantus, vindos para o Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A expansão do Kardecismo no Brasil, dos meados do século XIX até o início do presente século, facilitou aos grupos de elite brasileira, de herança cultural nitidamente europeia, a aceitação dos fenômenos anímicos negros, que já os atraíam, embora discriminados culturalmente.

Por outro lado, os bantus encontraram na aceitação dos brancos à teoria da reencarnação kardecista a oportunidade de reintegrar seu antigo culto dos antepassados, que guardavam, nostalgicamente, de seus se-
nhores brancos.

Assim, o sincretismo do catolicismo com o espiritismo ao lado da assimilação de traços indígenas é hoje regra geral nas macumbas de procedência bantu.

Entre os povos bantus há uma infinidade de deuses e espíritos bons e maus.

BASTIDE (11) viu traços religiosos da antiga Nação Cambinda no Brasil e assim se expressou, citando Luciano Gallet:

... Compreendia três grandes cerimônias ou "mesas" (a mesa designando o altar) anuais: a de Santa Bárbara, a de Santa Maria e a de São Cosme e São Damião; as reuniões eram secretas; realizavam-se em geral no mato, sob a direção de um sacerdote chamado embanda, assistido por um cambono; e a reunião dos iniciados (camnãs), chamada de engira, tinha como função essencial atrair para cada indivíduo seu espírito protetor (Tata) por meio de cantos e de rodas; esse estado de "transe chamava-se "ter o santo".

BASTIDE (11) continuou falando sobre a macumba:

A macumba atual do Rio de Janeiro deriva diretamente desses cultos, mas sincretizada, como dissemos, cada vez mais e mais, com elementos yorubas, índios, católicos e espíritas. Apesar disto, é ainda a influência bantu que permanece como a mais forte, como se pode verificar, consultando a lista dos espíritos (ou divindades) adoradas: Ganga-Zumba (Ngana Zumbi, o Senhor Deus), Zambiapongo (o Zambiapungo do Congo), Lemba (deus da geração em An

gola), Calunga (espírito da Morte e do Mar), os zumbi (espírito dos mortos) Calundu etc...

A mesma influência bantu na hierarquia sacerdotal: o sacerdote chama-se Quimbanda (Ki-mbanda) de onde se derivou Umbanda; ele é assistido por um ajudante, cambone ou cambonde (talvez o feiti ceiro dos Bengala, Cambundu); o altar se chama gongá. No culto, enfim, em que todos os espíritos que vêm encarnar-se são principalmente espíritos de mortos, é o que resta do culto dos antepas sados; mas, como não existem mais linhagem, os antepassados que encarnam no corpo dos "médiuns" (assim são chamados os iniciados por influência do espiritismo) não são mais os antepassados da família, mas os antepassados da raça negra escravizada, conside rada como a nova "linhagem" das crianças negras do Brasil: Pai João, Pai Joaquim, Tia Maria etc.

BENTO (13) situou a Umbanda no contexto das religiões africanas no Brasil como síntese de crenças e ritos, não uniformemente homogenei zados, de origem africana, européia e americana.

O culto da Jurema (árvore sagrada do centro do mundo, para o Catimbó), presente em toda Umbanda, de uma forma ou de outra, cul tuada com maior ou menor intensidade; o uso do tabaco de fins ri tuais (charutos e cachimbos) e o culto das Iaras são, com certe za, heranças ameríndias. Já o Congá ou Gongá (altar) com suas ve las, o uso da pólvora e aguardente (que provavelmente substituiu o vinho de missa) são sem dúvida empréstimo europeu cristão, além de outros menores como o uso do alecrim e da arruda, ervas de bom augúrio. Os demais aspectos, a Umbanda recebeu-os da África, dos diversos povos escravizados. Dentre eles, devemos ressaltar a pos sessão pelos espíritos da natureza, orixás e voduns, e dos mor tos ancestrais, os eguns que vêm iniciar o sensitivo nos misté rios da magia e fazer profecias.

Há uma forte identificação das divindades dos cultos afro-brasi leiros com os santos do catolicismo e, segundo BASTIDE (11), o sincre tismo por correspondência Deuses-Santos é o processo mais fundamental, além de ser o mais estudado.

As variações neste campo são muitas, mas, ainda segundo o autor, não são fundamentais e sempre é possível "traduzir" uma religião em ou tra, fazendo corresponder cada divindade africana com um santo particu lar do universo católico.

Estas identificações se dão em um sistema bastante coerente, mas com um conteúdo arbitrário, visto que variam em épocas, regiões e mesmo de um culto para outro. Contudo, sempre podem ser encontradas as razões que ditaram a escolha: Omulu, deus da peste, será identificado com São Sebastião, transpassado de flechas, cujos ferimentos, segundo BASTIDE (11), evocam as pústulas de bexiga.

Ainda de acordo com o autor, é a função terapêutica, corporativa ou social do santo que é encarada; assim, Xangô pode identificar-se com São João, por causa dos fogos de São João, e Iansan, deusa das tempestades, com Santa Bárbara, patrona dos artilheiros que disparam o canhão.

O estudo da Umbanda como uma religião é tema amplo com vasta literatura à disposição, todavia, interessa ao contexto deste trabalho o seu aspecto religioso, assumido, abertamente, pelas classes menos favorecidas economicamente e, de modo dissimulado ou latente, pelas outras classes sociais.

4.1.8.1. A Umbanda em Viçosa. O aparecimento de terreiros de Umbanda, em Viçosa, é relativamente recente. Entre os existentes está o Centro Espírita "São Jorge" localizado no distrito de Silvestre, filiado ao Centro Espírita "São Miguel Arcanjo", de Ponte Nova (MG), registrado na Federação Espírita Mineira, em Belo Horizonte, sob o n.º 20.635. Tendo atualmente como Presidente Sebastião Fabiano Alves e Vice-Presidente Luiz Alves de Oliveira, o Centro possui dezoito médiuns atuantes e outros em desenvolvimento.

Na parte espiritual o orientador é o Preto Velho Pai João de Angola e o Chefe é o Caboclo Jaguará.

No local dos trabalhos há um altar, iluminado a velas, onde são colocadas as imagens dos guias (espíritos de luz) protetores do terreiro.

O Centro tem seu funcionamento normal às segundas, quartas e sextas-feiras.

Segundo Sebastião Fabiano Alves, os Pretos Velhos são entidades

de luz que, quando encarnados, viveram na África, ou em outra parte, geralmente como escravos. Desencarnados, praticam a caridade a todos aqueles que lhes dirigem prece. Caboclos são entidades incumbidas de afastar os maus fluidos e as entidades sofredoras dos caminhos das pessoas de fé.

As sessões decorrem mais ou menos na mesma linha de trabalhos de todos os terreiros de Umbanda:

Na abertura dos trabalhos são cantados pontos (várias modalidades de invocar uma entidade espiritual). O primeiro ponto é do Exu Tranca-Rua, cantado pelo chefe do terreiro. Depois ele reza o Pai-Nosso, que é oferecido aos anjos da guarda dos inimigos, faz a Prece de "Caritas" e a chamada de todos os orixás incumbidos da proteção do terreiro.

Nessa chamada, canta o ponto das almas, ou seja, o ponto da defumação. Em seguida, o ponto de Yemanjá, traçado na linha de Oxalá; outro ponto na linha de Oxóssi com Xangô e o dos caboclos, na irradiação de Ibejê.

O presidente continua com o ponto dos pretos velhos, na linha das almas, e, no meio do ponto, recebe o Preto Velho Pai João de Angola.

O Preto Velho faz a saudação e defuma o Otás (diferentes planos do altar) com seu cachimbo, que lhe é dado pelo cambono (pessoas incumbidas de assistir o médium incorporado), corre a gira do terreiro e, não necessitando mais de sua presença, sobe, isto é, deixa o corpo do médium, dando lugar ao Caboclo Jaguará, que passa, com a devida permissão, a comandar o terreiro. O Caboclo defuma todos os médiuns e todo o terreiro. Canta o ponto de chamada, que é feito na irradiação de Oxalá, e invoca os guias que devem ser incorporados nos outros médiuns. Forma-se a corrente com os médiuns dando as mãos uns aos outros. O médium mais próximo do chefe do terreiro é chamado Pai Pequeno. Ele é o primeiro a ser incorporado. Nesse momento, cada médium recebe o seu guia, na linha de Caboclo, podendo atuar os caboclos Manjebu, Mata-Virgem, Lago do Azul, Três Coroas, Sucuri, Estrela Dalva, Cerejeiro, Gentil, Índio

Jerônimo, Sete Coroas, Três Marias e Índio Ubiratan.

Dependendo da necessidade, o Caboclo Jaguará determina alguns médiums a incorporarem pretos velhos. Pode ter um ou mais pretos velhos no Terreiro, de acordo com o andamento dos trabalhos, mas, sempre, terá um Preto Velho assistindo o terreiro.

No ano (dia) de segunda-feira o dirigente do culto se veste de branco e os outros médiums também. Usam apetrechos, colares de vários tipos, supostos idênticos aos que os respectivos guias usavam quando encarnados. Cada conta do colar representa uma falange. A segunda-feira é destinada a gira (desenvolvimento), sendo cantado vários pontos, a fim de que o médium se identifique com seu guia (protetor).

A identificação se dá quando o ponto cantado atinge o médium, isto é, a entidade se manifesta tomando o corpo do médium. Assim, o médium que recebe a Sereia do Mar trabalha balanceando, como as ondas.

O ano (dia) de quarta-feira é destinado a passes (cura de males, provindos da espiritualidade), resolução de problemas como falta de emprego, dificuldade nos estudos, no trabalho, em casa, com os amigos e outros. Não se "arranja casamentos" neste dia, ou seja, o terreiro neste dia não trabalha para este fim.

No ano (dia) de sexta-feira é feito o descarrego (limpeza) dos médiums e do terreiro. O trabalho se realiza através da linha de esquerda, Exus, que são entidades vingativas que gostam de trabalhar para o mal, contudo, trabalham para o bem, se encaminhadas e dependendo do Exu. Um exemplo é Omulu, Rei das Almas, Exu dos Cemitérios, tomador de conta dos escravos sofredores. Hoje se encontra na linha de Oxalá, entre as almas santas e benditas. Outro caso é o das Pombas-Gira, mulheres de Sete Exus. A maioria delas, se encaminhadas, pode fazer o bem.

Nas sessões de sexta-feira o altar é coberto por uma cortina. Atuam os Exus Tranca-Rua, Poeira, Veludo, Sete-Encruzilhadas, Maria Padilha, Pomba-Gira da Encruza...

No término de todas as sessões (segundas, quartas e sextas-feiras) o Caboclo Jaguará canta o ponto de subida das entidades. Depois

canta o ponto de agradecimento a Oxalá, pedindo a este Orixá proteção para todos os médiuns que emprestaram seus corpos às entidades que vieram ajudar os filhos de fé. Terminado o ponto, o caboclo sobe. Os médiuns em conjunto cantam o ponto de agradecimento a Oxalá, agradecem todas as entidades que estiveram presentes e pedem a Tupã (Deus) que dê mais luz aos irmãos do espaço.

Reza-se em conjunto o Pai-Nosso. Ainda em conjunto cantam o ponto do Exu Tranca-Rua para fechar o terreiro e, a essa altura, dão-se por encerrados os trabalhos da noite.

O terreiro conta com uma grande freqüência de fiéis, principalmente das classes populares de renda baixa e média.

Não houve resistência aberta à instalação do terreiro, exemplo claro do sincretismo do culto e de mistura religiosa, pois às suas sessões, muitas vezes, comparecem pessoas que professam a religião católica e crentes, que ali vão à procura de solução para algum problema de ordem material, como cura de uma doença, arranjo de casamentos, conserto de relações matrimoniais e outros.

4.2. Educação

Não se pode negar o fato de ser a educação um poderoso fator de mudanças sócio-culturais. Contudo, ela assim se afigura, quando aliada a outros fatores de igual importância, tais como religião, política e, sobretudo, a economia.

Atribuir à educação a primazia do desenvolvimento ou o atributo de mola-mestra de mudanças sócio-culturais é supervalorizar seu poder e isso é tão pernicioso quanto ignorá-la ou relegá-la a segundo plano entre as forças que dinamizam a cultura e direcionam atitudes relativas às mudanças.

Jaquie Como Instituição, a Educação é um todo complexo de normas e valores, idéias, ideologias e hierarquias que faz dela um sistema apreciável sob vários aspectos ou facetas.

Neste trabalho, pelo seu próprio conteúdo, foi necessário selecionar apenas o aspecto que faz da educação um subsistema da cultura, responsável, em grande parte, pela transmissão de valores e idéias, embora ela própria possa constituir um valor encarado de modo diferente nos diversos contextos histórico - sociais e avaliada de modos diversos por diferentes indivíduos. Assim, este trabalho se interessa por aspectos da Educação que coadunam com o conceito de Instituição de Herskovits, já citado, isto é, um "conjunto de valores" nucleados em torno de necessidades essenciais à vida da sociedade.

Como um valor ou conjunto de valores, a educação pode ser vista por um ângulo tradicional, bem colocada entre os atributos que caracterizam as "sociedades sagradas" ou como uma força capaz de se mover em direção ao pólo oposto da racionalidade, peculiar às "sociedades seculares", parâmetros analíticos escolhidos para este trabalho.

SILVA (78), analisando os aspectos sócio-econômicos e educacionais e o conceito de Educação de um grupo rural na região de Primeiro de Maio, Paraná, encontrou posições referentes à educação bastante tradicionalistas em um contexto que já permitiria o aparecimento de posições típicas de uma sociedade secular.

A própria história da educação descreve uma trajetória através dos tempos, englobando filosofias diversas e definindo escolas pedagógicas que espelham o todo político, econômico, social e cultural de cada época. A história da educação é, portanto, uma história de valores e de culturas.

4.2.1. A História da Educação - Um Rápido Retrospecto

De acordo com suas características principais, em diferentes contextos históricos, a educação tem recebido denominações específicas que condensam diferentes teorias pedagógicas.

LARROYO (44) separou, em grandes unidades, a História da Educação e da Pedagogia, de acordo com os valores predominantes a cada época, a saber:

a) De início, apareceu a época do TRADICIONALISMO, representada pelos povos orientais e indo-americanos. O ideal desta Educação era transmitir os costumes do passado e as antigas tradições às gerações mais novas. Esta educação revestiu-se de formas específicas, de acordo com os diferentes tipos de vida de cada povo: Educação Mágica, como na Babilônia; Teocrática, com o povo hebreu; Nacionalista, com os persas, e outras.

b) Da educação dos povos clássicos e das culturas greco-romanas foram tiradas as idéias-mãe da Educação e do Futuro. A Grécia descobria a idéia da PERSONALIDADE HUMANA e rompia com a cega subordinação às tradições, afirmando o princípio da liberdade. Trazia um ideal estético-ético, e o cultivo da personalidade levava ao equilíbrio do corpo e alma.

Roma inaugurava a Pedagogia da HUMANITAS. Em um sistema de educação cívica muito adequado à sua realidade social, o ponto culminante da educação romana era haver-se elevado à idéia de que só ao homem era dado criar e assimilar.

c) A Idade Média viu a EDUCAÇÃO CRISTOCÊNTRICA E ECLESIOCÊNTRICA, que concebia Cristo como modelo e finalidade da Educação.

O final da Idade Média assinalou a emergência de um modelo menos dependente do clero - a EDUCAÇÃO SECULAR.

d) A PEDAGOGIA DO RENASCIMENTO caracterizou-se como uma renovação da HUMANITAS, seguida pela PEDAGOGIA DA REFORMA E CONTRA-REFORMA, que se opunha à concepção pagã ou semipagã dos humanistas.

Reformadores e contra-reformadores, animados por um profundo sentimento religioso, preparavam as bases sociais para a organização da Escola Popular Moderna. Nesta época, século XVI, a América incorporava-se ao desenvolvimento geral da educação.

e) Com o despontar do século XVII, desenvolveu-se o REALISMO PEDAGÓGICO, resultado da Filosofia moderna (Bacon, Descartes), das novas doutrinas políticas (Hobbes), do progresso das Ciências Naturais (Copérnico, Galileu, Kepler, Newton) e dos feitos nacionais e econômicos contemporâneos.

Wolfgang Rakte e João Amós Comenius são os autores desta corrente na qual ganha terreno a idéia de que os conhecimentos reais (res = coisa) não são adquiridos nos escritos antigos, mas por via da experiência (indução) e que deverão ser postos a serviço útil. É o início do PRAGMATISMO em Educação, mais tarde desenvolvido por Dewey.

f) O NATURALISMO PEDAGÓGICO, tendo por pano de fundo a Filosofia da "Época das Luzes", adotado por Jean Jacques Rousseau, viu na idéia da natureza humana o fim e o método da educação e exaltou a soberania da inteligência, da "RATIO".

g) O final do século XVIII e princípios do século XIX viram surgir a PEDAGOGIA NEO-HUMANISTA, contra a orientação histórica e racionalista da Época das Luzes. Foi uma revisão do "homem clássico" do Renascimento e teve em Johann Heinrich Pestalozzi o mais notável representante.

Ainda no século XVIII, a educação das classes populares começou a receber impulso. Os pensadores da época perceberam a emergência de uma classe trabalhadora que podia e devia ter um papel preponderante na vida coletiva e isto só seria possível se ela chegasse a ser mais culta e consciente de seu papel.

Era, contudo, uma educação direcionada aos trabalhadores das cidades que começava a se consubstanciar numa educação diferenciada de classes com ideais e alcances práticos distintos: a Educação Nobiliária, a Educação dos Letrados e a Educação das Classes Populares.

h) A Pedagogia do século XIX herdou e capitalizou a educação das épocas precedentes; foi um século histórico.

A Revolução Francesa promoveu uma crescente laicização das instituições pedagógicas, assim como uma completa organização e regulamentação destas por parte do Estado.

Das novas exigências econômicas emergiu uma PEDAGOGIA SOCIAL E SOCIALISTA e, com isto, teve origem a ESCOLA DO TRABALHO.

i) A idéia da Evolução, que teve extraordinária repercussão em todos os ramos do saber, criou a Ciência da Educação de base empirista

e positivista. Herbert constituiu a atração da época.

j) A PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA apresentou um movimento muito variado, tanto no que tange às teorias metodológicas quanto à doutrina dos fins da Educação: Pedagogia Experimental, Pedagogia Ativista, Pedagogia Neo-Hegelianista, Pedagogia Cultural dos Valores e outras formas.

A política educativa assumiu importância e os governos passaram a organizar, remodelar ou aperfeiçoar os sistemas de educação pública.

Esta classificação de Larroyo não foi a única dentro da História da Educação. O tema tem sido tratado por vários autores e cada um deles coloca-o sob determinados ângulos, construindo tipologias educacionais diversas, analisando-as por parâmetros diferentes.

Contudo, a educação continua a mesma em sua essência: um complexo de valores inerentes às culturas.

Conceituado o fenômeno cultural, DUARTE JÚNIOR (24) enfocou o tema da educação e procurou entendê-la como "um processo pelo qual os indivíduos adquirem sua 'personalidade cultural' e daí viu o aspecto dialético da educação", citando Freire:

(...) Há uma luta no interior da educação e do sistema escolar entre a necessidade de "transmissão de uma cultura existente (ciência, valores, ideologia)", que é tarefa conservadora da educação, e a necessidade de "criação de uma nova cultura", que é a tarefa revolucionária da educação. O que ocorre, numa sociedade dada, é que uma das duas tendências é sempre dominante.

Conservando valores de determinada cultura ou criando uma nova cultura, a educação está sempre envolvida pelos aspectos valorativos da existência humana, tornando-se, ela própria, um valor que se modifica e se transforma no processo histórico do homem e da humanidade.

Cada época histórica tem o seu bloco de valores e a sua cultura, e a educação com eles é condizente.

Fases de mudanças culturais e de percepção de novos valores geram crises educacionais que abalam as instituições e iniciam novas etapas históricas.

4.2.2. A Educação Brasileira

Analisada sob o prisma escolhido para este trabalho, a educação brasileira também descreveu, através dos tempos, a história da cultura e dos valores.

Ao tentar focalizar a educação brasileira no contexto da cultura e dos valores, dois problemas devem ser, primordialmente, encarados: o da invasão cultural, advindo da adoção de modelos exógenos, e seu oposto, o da interdependência ou influência da inter-relação das culturas em um país de dimensões continentais.

DUARTE JÚNIOR (24), tentando entender as formas mais gerais das relações interculturais, assim se expressou:

... Somente porque a vida é vivida e interpretada de diferentes maneiras, em culturas diversas, que se pode, por exemplo, falar do "estilo de vida chinês", no "american way of life" ou no "jeiinho" que o brasileiro sempre dá. Cada povo apresenta traços característicos em sua maneira de assumir a vida e construir suas significações. Há que se observar, todavia, que as diferentes culturas não se isolam, mas, antes mantêm relações entre si. Especialmente entre as culturas "civilizadas", e após o advento de nossa "era das comunicações", é bastante difícil que uma delas se feche sobre si mesma, sem manter contatos com outras, estejam à sua volta ou não. A partir deste fato podemos tentar entender as formas mais gerais das relações interculturais.

Pode-se classificar esses tipos de relações num contínuo, que varia entre dois extremos: a interdependência (ou influência) e a invasão cultural.

No primeiro extremo, as relações entre duas culturas são, de certa forma, equilibradas. Há uma troca mútua de bens e mensagens, que contribuem para mudanças em ambas. Os sentidos provenientes de cada uma influenciam a outra, sem, no entanto, substituírem as maneiras de viver até então adotadas.

... A nova significação é interpretada, a partir do sentido vivido pelos seus membros; ou seja: os novos sentidos são filtrados por aqueles já existentes, podendo então, ser a eles integrados. ... Já no outro extremo, no processo de invasão cultural, sucede o inverso. Aqui os sentidos alienígenas são assumidos integralmente substituindo os já existentes. Isto é, deixam-se de lado valores e sentidos próprios e adotam-se os "importados" da outra cultura. Esses novos sentidos são então veiculados "in bruto", não sendo repensados adaptados à cultura invadida. Conseqüente-

mente, significações assim adquiridas, não constituindo expressão de situações vividas, não são significativas, no sentido forte do termo. Em termos de processo de aprendizagem pode-se dizer que ele não ocorre, na invasão cultural. Os novos sentidos não são aprendidos, mas apenas imitados. ... a cultura invadida não cria suas significações, mas imita as alheias. Tal processo de substituir as expressões próprias por alheias acaba por gerar uma despersonalização cultural.

... A identidade cultural, brotada de uma mesma estrutura de valores, torna-se difícil de ser mantida, já que a coerência desta estrutura se fragmenta.

... A cultura invasora cria na invadida uma certa "vergonha" de seus valores originais, classificando-os como "atrasados" ou "in-civilizados". Os sentidos dos invasores é que são "modernos" e "civilizados" devendo assim ser adotados.

A educação brasileira tem sofrido, em todos os níveis, as consequências da invasão e despersonalização cultural, abstração feita do modelo construído por Duarte para a compreensão das relações interculturais.

O problema se torna mais agudo quando se tenta analisar a educação no meio rural. Pelo rápido esboço histórico da educação, anteriormente traçado, pôde-se facilmente deduzir que não houve, através dos tempos, uma maior preocupação com a educação do CAMPESinATO, massa amorfa que representava uma classe subalterna no regime feudal e que, ainda hoje, continua marginalizada, colocada em relevo apenas em alguns momentos históricos com objetivos políticos ou outros além dos relativos à educação em si mesma.

FREIRE (32), analisando a percepção e o relacionamento dos fatos, chegou ao que ele denominou culturas mágicas ou preponderantemente mágicas, estágio em que está a maioria camponesa da América Latina, e assim se expressou:

O pensamento mágico não é ilógico e nem pré-lógico. Tem sua estrutura lógica interna e reage, até onde pode, ao ser substituído mecanicistamente por outros. Este modo de pensar, como qualquer outro, está indiscutivelmente ligado a uma linguagem e a uma estrutura como uma forma de atuar. Sobrepor a ele outra forma de pensar, que implica noutra estrutura e noutra maneira de atuar lhe desperta uma reação natural. Uma reação de defesa ante o "invasor" que ameaça romper seu equilíbrio interno.

No início da colonização portuguesa no Brasil, SODRÉ (79) já via uma "civilização" transplantada, que teve, como decorrência da tarefa da catequese, o efeito de destruição dos valores da cultura indígena:

A cultura indígena, não somente quanto à língua, mas na espontaneidade e variedade de suas formas, se foi lentamente substituindo, no raio de influência dos missionários, por um outro tipo de cultura, de acordo com os ideais dos jesuítas, e sua concepção de vida e do mundo, idêntica para todos os povos.

Este caráter de invasão cultural, pela adoção de modelos alienígenos embasados em blocos de valores e idéias diversos daqueles próprios da cultura brasileira, tem sido a tônica do processo educacional no Brasil em todas as suas fases.

FONZAR (30), para efeito didático, dividiu a história da educação brasileira em seis períodos:

1. De 1549 (chegada dos primeiros missionários com Tomé de Souza) a 1759 (expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, Ministro de D. José I, Rei de Portugal);
2. Da expulsão dos jesuítas à chegada da família real portuguesa à terra brasileira, em 1808;
3. Período da permanência da corte portuguesa no Brasil;
4. Brasil Império - de 1822 a 1880;
5. De 1889 a 1930 - Período de intensas mudanças;
6. Entre os anos de 1930 e 71.

Cada uma destas etapas caracterizou-se por valores e idéias específicos, de acordo com o contexto econômico, cultural e político que orientava a evolução do País.

Primeiro Período: 1549-1759 - A Escola Tradicional

Fonzar assim definiu a primeira etapa da educação brasileira: no primeiro momento, a educação estava inteiramente nas mãos dos padres da Companhia de Jesus.

Culturalmente, o jesuíta estava mais ligado ao mundo antigo do

que ao moderno. A filosofia da Companhia de Jesus é aristotélica, como a sua teologia é tomista. Do ponto de vista literário, os clássicos gregos e latinos formavam os discípulos de Inácio de Loyola. O humanismo jesuítico diferiu do humanismo renascentista nisto: o jesuíta incorporava na sua concepção humanística valores que os renascentistas da primeira hora repudiavam, como são os contidos no aristotelismo e na escolástica.

SODRÉ (79) viu nesta primeira etapa da educação no Brasil a transplantação de valores e a alienação:

Esse ensino se caracterizava pela alienação, e essa alienação, no caso do Brasil, acrescenta à transplantação - historicamente necessária, nessa fase inicial, como ficou dito - uma dimensão nova. "Ensino destinado a formar uma cultura básica, livre e desinteressada, sem preocupações profissionais, e igual, uniforme em toda a extensão do território" - definiu-o Fernando de Azevedo.

SANDER (75), analisando os valores formais e valores reais da educação brasileira, assim se referiu à educação jesuítica:

Ainda que a evangelização e a "civilização" dos índios fosse o objeto específico dos missionários, eles se tornaram para antropólogos, "puros agentes europeus de desintegração de valores nativos" na expressão de Gilberto Freyre.

TEIXEIRA (83) viu no período colonial um período de poder absoluto, de caráter mais medieval do que moderno:

Sociológica e espiritualmente, vivemos os três primeiros séculos em um regime praticamente teocrático e intencionalmente de transplantação - restauração feudal, educados, formados e verdadeiramente governados pelos padres jesuítas e outros - com acidentais conflitos entre o poder temporal e o espiritual, graças aos quais, às vezes conseguia o indivíduo parcelas de liberdade, quando as conseguia.

A educação da época era a educação dos jesuítas, isto é, uma educação destinada a formar um pequeno grupo de instruídos para o serviço de direção, por eles orientada, da sociedade.

Esses instruídos seriam os sacerdotes e alguns leigos, a serviço dos senhores da Igreja. A profissão da inteligência não tinha autonomia na época e em tais condições, e ainda menos a poderia ter com a formação jesuítica, cuja excelência era exatamente

a de conseguir treinar a inteligência e mantê-la em completa e passiva subordinação.

FONZAR (30) concluiu sua análise deste primeiro período da educação brasileira da seguinte forma:

O modelo humanista que importamos não era certamente o mais apropriado para o desenvolvimento tecnológico dum país recém-des coberto em que tudo estava para ser feito. Mas, não padece dúvida que esse modelo nos trouxe riquezas que não podem ser subestimadas. O respeito pela dignidade do homem, o amor, a liberdade, a liberalidade, a fidalguia, a sutileza intelectual, o gosto pelo belo, o espírito heróico, uma justa apreciação dos valores religiosos e eternos, tudo isto e mais ainda passou a integrar nos o caráter e faz hoje parte de nossa psicologia.

Pelo visto, a educação brasileira da época colonial, embora analisada e justificada de modos diversos, encontrou um ponto comum em vários autores: a imposição dos padrões educativos adotados em Portugal. Educação que nasceu discriminatória e sob a égide do humanismo religioso, valores que irão permear, em grande parte, a educação brasileira, através dos tempos.

2.º Período: 1759-1808 - Pombal ou a Tentativa de Renovação

A ascensão de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, Ministro de D. José I de Portugal, iria trazer grandes modificações no campo educacional do Brasil, com a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias em 1759.

Segundo TEIXEIRA (83), este ato do Marquês de Pombal iria marcar a história da nossa independência intelectual.

SANDER (75) alegou que, segundo muitos observadores, a expulsão dos jesuítas representou um duro golpe ao sistema educacional brasileiro, numa época em que, em razão do rápido desenvolvimento sócio-econômico, ele poderia ter vencido sua marginalidade e formalismo inicial e ampliado sua real função social e cultural.

A experiência de Pombal representou uma tentativa inicial de inovação e modificação da tradição pedagógica, pela introdução das matemá-

ticas e, posteriormente, das línguas modernas e do desenho no currículo -
lo.

Para FONZAR (30), a época se caracterizou pelo iluminismo versus jesuitismo:

É bem verdade que o método pedagógico jesuítico não correspondia às aspirações científico-utilitaristas que caracterizaram o movimento iluminista da época, ao qual Portugal acabou aderindo.

... O ideal educativo brasileiro no período que vai da expulsão dos jesuítas à chegada da Família Real é, assim, o mais anêmico e o menos definido, não obstante as boas intenções que teve o poderoso e controvertido Marquês em seu empreendimento renovador.

Para AZEVEDO (9), a cultura humanística, que nunca foi democrática, satisfazia os gostos de uma aristocracia rural e da burguesia urbana, que nela procuravam exatamente esse princípio de refinamento ou de qualidade, inerente a toda cultura superior, e com que se marcava mais fortemente a distinção de classe.

De acordo com SODRÉ (79), nessa época, a educação passou dos colégios de padres às aulas das escolas régias, com mestres de formação deficiente, ou nos próprios latifúndios, com os padres-mestres que, de capelães, passaram para professores, situação ironizada por uns e outros como "espessa ignorância das matérias que ensinavam" e "ausência absoluta de senso pedagógico".

Foi o início da interferência do Estado na solução do problema educacional que perduraria na educação brasileira e seria objeto de contendas e especulações entre ensino público e ensino particular, pelos tempos afora.

3.º Período: 1808-1822 -- O Início da Renovação de Nossa Escola

A filosofia de Bacon (1561-1627) que postulava o emprego do método indutivo em substituição ao dedutivo como uma necessidade para a saída da estagnação em direção ao desenvolvimento previu, com clareza, que o processo das ciências dependia de um melhor conhecimento da natureza.

Esta filosofia de Bacon iria ter influência marcante na educação

4

e Ratke (1571-1634), Comenio (1592-1670), Locke (1632-1704), Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827) dariam à prática pedagógica uma nova dimensão.

A utilização da experiência como instrumento de descoberta abriu caminho para o pragmatismo que, mais tarde, teria em Dewey um de seus expoentes máximos. Com ela, iniciou-se a criação das condições ideais para o desenvolvimento da tecnologia que iria constituir uma das molas-mestras do aumento da produção e das riquezas, em épocas posteriores. Essa tendência que se caracterizava pelo prático e imediato marcou, com a vinda de D. João VI para o Brasil, a ruptura com os padrões escolásticos e literários que direcionavam a educação brasileira do período colonial.

A simples presença da corte portuguesa no Brasil criou novas necessidades que deveriam, urgentemente, ser atendidas. O caráter pragmático de D. João VI iria imprimir uma nova forma à educação brasileira, sobrepondo à tradicional formação literária uma característica em que o prático e a ação iriam prevalecer sobre o belo e sobre o discurso. Assim, além dos conhecidos cursos de Matemática, História, Retórica e Filosofia, foram criados novos, tais como os de Medicina e Cirurgia, Engenharia Civil e Militar, de Química e Geologia, Mineralogia, Desenho Técnico e outros.

Contudo, apesar da política de D. João VI poder ser vista como renovadora, a educação continuou, a despeito de todas as modificações de cunho utilitarista introduzidas, uma educação aristocrática e culturalmente alienante.

4.º Período: 1822-1889 - Independência e Império

De acordo com SANDER (75), desde a Constituinte de 1822 até o Ato Adicional de 1834, travou-se uma luta constante entre os liberais, que, sob a influência do pensamento político e pedagógico francês, defendiam uma educação pública de aplicação nacional, e os conservadores, que queriam um ensino restrito e específico às povoações urbanas.

Havia a preocupação da formação dos elementos que seriam recrutados para os altos postos do magistério, da política e da administração. Daí as grandes reformas do ensino que visavam às escolas superiores de tipo profissional e o grande brilho do Colégio Pedro II e do ensino secundário.

Segundo AZEVEDO (9), somente com a abolição do regime de escravidão e com o advento da República, em 1889, as novas instituições iriam determinar a expansão liberal do ensino geral ou comum, de grau primário, cuja história, tão apagada no Império, começava a desenvolver-se nos Estados, sob o influxo dos ideais democráticos, expansão esta assinalada não somente por um notável crescimento quantitativo como também pela introdução, no ensino elementar, de novas formas e novos métodos de educação.

FONZAR (30) viu o reaparecimento do humanismo jesuítico transfigurado na história pedagógica da fase imperial e acentuou a ausência, nesse período, de qualquer abertura de fronteiras para uma filosofia pedagógica mais condizente com a conjuntura político-administrativa dum país que começava a usufruir a liberdade que tantos sacrifícios lhe haviam custado.

5.º Período: 1887-1932 - O Positivismo Republicano

A laicização do ensino constituiu a característica principal deste período. A Igreja perdeu o direito de se imiscuir nos negócios do Estado e até mesmo na educação, agora sob a responsabilidade deste último.

O positivismo como credo religioso, como filosofia política e como método de ciência tomou conta das lideranças brasileiras.

O agnosticismo religioso e o enciclopedismo francês tiveram lugar proeminente na história brasileira e Fonzar põe em relevo a reação salutar, embora tardia, de Dom Sebastião Leme, Jackson de Figueiredo, Leonel Franca e Tristão de Athayde que lideraram um movimento de fé sem precedentes na história do Brasil, movimento que ultrapassou os limites

deste período da história da educação brasileira.

6.º Período: 1932-1971 - O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova

A década de 30 marcou uma fase de agitação na história pedagógica brasileira. Segundo FONZAR (30), os quarenta e três anos de República (1889-1932) não haviam ainda conseguido criar um sistema de organização escolar condizente com as necessidades do País. ...Não tinha havido maior interesse por parte do Governo em conjugar a política econômica com a política educativa.

Educadores da época, teóricos da educação, como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Almeida Júnior e outros, analisaram a educação com realismo e, secundados por personalidades influentes, lançaram ao Povo e Governo um MANIFESTO em que foram expostos os novos ideais da educação. Os signatários dessa Carta Pedagógica defendiam nela a "laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e co-educação" como decorrência da tese que afirma a necessidade duma escola pública comum ou única, no sentido de oferecer a todos os cidadãos de 7 a 15 anos uma educação comum, igual para todos.

Houve uma tentativa de conciliação entre o humanismo e o pragmatismo em que se procurou harmonizar a teoria com a prática, a contemplação com a ação, os valores espirituais com os valores temporais.

Seria o fim do dualismo, nos dizeres de TEIXEIRA (83):

A constante brasileira de dualismo (mais um) entre o Brasil que "resiste" e o Brasil que "se adapta" vai também encontrar-se no ensino superior, onde se manifesta o conflito entre o "ensino livre" e o "ensino oficial", paralelo ao conflito "alfabetização versus educação" no ensino primário e ao conflito "ensino técnico profissional versus ensino acadêmico" no ensino médio.

A educação e a política engajam-se, definitivamente, e os meios de produção, na economia, definem correntes educacionais diversas na atualidade brasileira.

Os valores se entrecrocaram, num pluralismo político e educacional, gerando uma fase de transição idêntica à postulada por Kuhn que, cer-

tamente, influenciará a dinâmica cultural na qual já se pode vislumbrar a gênese de uma nova ordem sócio-econômico-cultural na história brasileira.

Valores e cultura se entrelaçam nos meandros da educação.

4.2.3. Evolução dos Aspectos Educacionais no Município de Viçosa

Viçosa, no final do século XIX, princípios do século XX, era uma cidade provinciana onde os trabalhos agrícolas constituíam a principal atividade.

O valor religioso predominava sobre os demais, situação que parece mudar a partir da década de sessenta, com um nítido deslocamento para o predomínio dos valores educacionais e políticos.

A influência do Padre Manoel Inácio de Castro e dos primeiros sacerdotes da Paróquia de Santa Rita de Cássia fazia-se sentir de modo claro, pautando as atitudes e comportamentos da população, de modo geral, pelas normas de um catolicismo tradicional e exigente.

Plantava-se algodão, café, cana-de-açúcar ao lado de outros produtos necessários à subsistência diária da população, tais como: o arroz, o feijão, a mandioca e o milho.

Uma indústria precoce era representada pela Fábrica de Tecidos "São Silvestre", localizada no atual distrito de Silvestre, que garantia emprego para moças e rapazes. Funcionava ela em barracões com divisões de madeira para as máquinas e escritórios.

O algodão plantado nas fazendas dos arredores era levado à fábrica em carros-de-bois e, quando eles apontavam rangendo e cantando nos morros, branquinhos de algodão, era uma verdadeira festa para a pequena população que se concentrava ao redor da fábrica. Também em carros-de-bois eram os fardos de tecidos levados à estação ferroviária da Leopoldina Railway, localizada então na região hoje denominada Estação Velha. Esta Estrada de Ferro fora inaugurada em 26 de março de 1914 e o jornal da época "Cidade de Viçosa", do dia 29/03/1914, noticiava o evento em

um artigo que terminava da seguinte forma:

... E foi com uma satisfação indizível que o povo desta cidade viu a locomotiva, silvando pelas nossas encostas, dar o seu grito animador e aportar, finalmente, a esta terra que a aguardava com patriótica ansiedade. A cidade se abalou, e nas ruas, milhares de pessoas festejavam.

Eram tecidos grosseiros: riscados, fazendas listradas e, segundo informantes, um "americano" alvo e muito bom. Os fardos eram vendidos para fora da cidade, através de compradores, viajantes, que aqui vinham para este fim.

A precocidade da iniciativa e a dificuldade de transporte para os centros consumidores levaram a fábrica à falência no início do século.

A cana-de-açúcar plantada nas roças era levada aos "banguês", pequenos engenhos construídos de madeira de lei resistente, e transformada em açúcar cansado (açúcar preto ou mascavo) e rapaduras vendidas em Teixeira e Cajuri, em sua maior parte.

Os banguês eram puxados por animais, bois ou cavalos que dormiam presos ao toco e eram trocados ou revezados no duro trabalho de girar em volta de um eixo.

Na época da escravatura, os escravos eram escolhidos cuidadosamente para os afazeres do campo e domésticos. Deviam ter "canela fina", porque os de "canela grossa" eram preguiçosos e os trabalhos nos banguês eram pesados.

Depois da abolição, as domésticas e empregados para o campo continuaram sendo mão-de-obra barata e abundante, e a convivência com as famílias que os empregavam conferia-lhes "status" de pessoas da casa.

O afilhadismo (nepotismo) era um valor também predominante que extravasou do coronelismo da República Velha para existir até os dias atuais, sob formas atenuadas ou mascaradas, nas manobras sutis de empresas e instituições.

É este um valor que as intensas mudanças sócio-culturais no município não conseguiu ainda extirpar, mas apenas atenuar, porque ele vem da própria formação do povo, das influências recebidas em sua fase de

colonização e do próprio caráter do povo mineiro, afeito a lutas árduas em um ambiente físico não fácil de ser moldado.

O café em Viçosa teve também a sua história; parte da história do café em todo o território brasileiro, no início do século. Plantado, primeiramente, sem técnicas adequadas, morro acima, conforme já foi dito neste trabalho, apesar de tudo, produzia bem, graças à fertilidade da terra, esgotada, mais tarde, por queimadas e maus tratos. Era, também, vendido em Teixeira e Cajuri ou, então, entregue para beneficiamento do produto, à Avenida P.H. Rolfs, onde se encontra hoje uma concessionária da Volkswagen.

As ruas lamacentas, iluminadas a lampiões de bicos de querosene, as tardes amenas, as noites frias, as casas de telhados de biqueiras, as festas da Igreja, o padre, o juiz, os teatros de amadores viçosenses, as bandas de música e os conjuntos musicais sacros e profanos, o cinema mudo, o "footing" na pracinha, as comadres, os coronéis e o senso de humor "sui generis" típico do viçosense faziam de Viçosa uma pequena comunidade idêntica e, ao mesmo tempo, diferente de suas vizinhas mineiras.

Neste ambiente é que deveriam ser iniciados os trabalhos sistemáticos da educação.

4.2.3.1. As Escolas Isoladas e as Escolas Públicas. Como em todo o Estado de Minas Gerais, a educação em Viçosa, nos seus primeiros tempos, seguiu os mesmos parâmetros descritos por RIBEIRO (73): "Nos primeiros tempos da formação de Minas Gerais, o trabalho educativo era muito rudimentar, nele tomando parte os pais, o mestre-escola, o mestre de reza, e, em algumas casas, um tio-padre" (76).

O ensino era ministrado pelo mestre-escola em estabelecimentos particulares que funcionavam na residência do professor e se limitava à aprendizagem da leitura, das operações fundamentais da aritmética e, às vezes, do catecismo. Nestes tempos, sobressaíram as figuras dos mestres Manoel de Deus Mello, professor de Arthur Bernardes, Randolpho Sant'Anna e Emílio Jardim.

Em seguida, começaram a funcionar as "Escolas públicas isoladas do sexo feminino" e as "Escolas públicas isoladas do sexo masculino". Foram mestres viçosenses desta época Juca Soares, Ana Macário Soares e Francisca Soares. Estas escolas, já mistas, para alunos de ambos os sexos, ensinavam, além da leitura e aritmética, outras matérias do currículo e eram, segundo alguns informantes, boas escolas onde se aprendia mais do que nos grupos escolares atuais. Não havia classes separadas e, muitas vezes, uma única professora lecionava para as quatro séries primárias; eram as "Escolas unitárias", ainda hoje comuns no meio rural brasileiro.

Desta época, ficou a figura de Alice Loureiro, que acumulava as funções de parteira na comunidade e professora da escola de Silvestre auxiliada pelas filhas, ainda jovens, Márcia e Carmen Loureiro. Os pais dos alunos compravam folhas de papel nas quais era escrito o ABC, porque as cartilhas eram difíceis de ser adquiridas.

Aprendia-se a religião em casa; as crianças liam e aprendiam o catecismo. As "falhas às aulas" eram comuns, porque a maioria das crianças, mormente no meio rural, precisava trabalhar para ajudar os pais.

Neste época, não se dava à educação o lugar que lhe era devido na comunidade.

O valor político predominante, mormente no meio rural, não descobria ainda que a escola poderia ser o principal instrumento para a consolidação de sistemas políticos vigentes ou para a promoção de mudanças substanciais no jogo do poder.

A educação institucionalizada só teria início com a criação do "Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes".

4.2.3.2. Escola Estadual Coronel Antônio da Silva Bernardes. Em 1916, foi criado o primeiro Grupo Escolar de Viçosa, pelo Decreto n.º 4.572, de 16/05/1916, publicado no "Minas Gerais", órgão oficial do Estado, em 17/05/1916.

Esta escola foi instalada em 30 de setembro de 1922, em prédio

próprio, situado à Praça Silviano Brandão, com o nome de "Grupo Escolar Cel. Antônio da Silva Bernardes", hoje funcionando à Rua Benjamim Araújo, 71.

Dados do Censo de 1925 fazem referência ao Grupo Escolar da seguinte maneira:

O Grupo Escolar Cel. Antônio da Silva Bernardes é um modelar estabelecimento de ensino, instalado em prédio próprio, construído pelo governo do Estado, sito à Praça Silviano Brandão, conta actualmente com 8 classes, tendo sido matriculados em 1925, 586 alunos. A frequência do primeiro semestre foi de 364 alumnos e de 312 no segundo. É seu diretor o professor João Baptista Alves de Lima. Professoras: Anna Macário Soares, Francisca Soares, Sylvia da Silva Araújo, Francisca da Costa Val, Maria Val de Castro, Paulina de Assis, Márcia Loureiro, Etelvina Brandão de Rezende, Anna da Conceição Machado, Dylia Pieri e Sylvia Del Giudice, esta última de trabalhos manuais. Porteiro: Francisco Simoni. Servente: D. Anna Ferreira. Anexos a este estabelecimento funciona a Caixa Escolar Dr. Lucio dos Santos, que relevantes serviços tem prestado aos alumnos pobres, auxiliando-os com roupas, merendas e livros. São seus diretores: Biolchino de Andrade, presidente; João Baptista Alves de Lima, secretário; Dr. Prisco Raymundo Gomes, thesoureiro.

Contando hoje com instalações modernas, foi esta a primeira escola, oficial ou pública, em Viçosa, a contar com o serviço de orientação pedagógica levado a efeito pela diretora Eny Tafury, a partir de 1963.

Em 1968, teve a primeira orientadora pedagógica, em caráter oficial, na pessoa da professora Maria Carmem de Castro Silva Araújo.

Possui, hoje, quatro especialistas de educação em seu quadro: duas supervisoras, uma orientadora educacional e uma administradora educacional, além de uma diretora e uma auxiliar de diretoria e professores especializados em Educação Física e Educação Artística.

Apontada, em 1975, por pesquisa realizada no Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, como o melhor estabelecimento de ensino de 1.º grau da comunidade, a Escola Estadual Cel. Antônio da Silva Bernardes atende, actualmente, a uma média de 600 alunos matriculados nas quatro primeiras séries do primeiro grau, com 18 classes, em dois turnos de funcionamento.

Concomitantemente com esta escola, continuaram a funcionar, em Viçosa, escolas particulares como as das professoras Elvira Soares Coelho, Argina Silvino Ferreira, Durvalina Queiroz e suas filhas Maria Aparecida e Maria do Rosário Gonçalves.

Estas escolas, que funcionavam na residência dos professores, preparavam os alunos para prestar exames no Grupo Escolar, a fim de conseguirem o diploma de Curso Primário (4 primeiras séries do 1.º grau). Mais tarde, ofereciam cursos preparatórios, habilitando os alunos para os "exames de admissão" que eram feitos no Ginásio de Viçosa e na Escola Normal Nossa Senhora do Carmo (4 últimas séries do 1.º grau).

Com a criação da Escola Estadual Cel. Antônio da Silva Bernardes iniciaram-se, em Viçosa, os trabalhos educacionais, de forma sistematizada.

A reprodução dos valores predominantes na época era a finalidade primordial de uma educação, ainda não entendida de outra forma, em todo o País.

Preocupava-se muito com a instrução: a excelência do ensino da leitura, escrita e de todas as matérias do currículo era fato notório.

O ensino do "catecismo" era a decorrência natural da predominância dos valores religiosos no município.

Preparar os meninos para um "futuro melhor", domar os rebeldes, adestrar as inteligências e "educar" no sentido de levar à aquisição de comportamentos sociais aceitos eram normas da escola em termos valorativos.

Disciplina, aplicação ao estudo, mestres dedicados conferiam "status" ao estabelecimento, que, deste então, vem mantendo, através dos tempos, posição de destaque na comunidade, incorporando novos valores, acompanhando e provocando mudanças sócio-culturais no município.

4.2.3.3. Colégio de Viçosa. O Colégio de Viçosa teve sua origem no "Gymnasio de Viçosa", instalado em primeiro de outubro de 1913, com uma Escola Normal anexa, pelo Professor Alípio Peres, que veio para Viçosa

a convite do Dr. Arthur da Silva Bernardes para este fim.

O Professor Alípio Peres permaneceu pouco tempo em Viçosa, entregando a direção do estabelecimento ao Professor Emílio Jardim de Rezende, que providenciou a vinda das Irmãs Carmelitas para esta cidade, surgindo, dessa forma, a Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, em 3 de maio de 1917.

Por volta de 1916 ou 1917, o Professor Arnaldo Carneiro Vianna adquiriu do Professor Alípio Peres o Ginásio de Viçosa e trouxe de Ubá, para trabalhar com ele, o Professor Lívio Carneiro. Mais tarde, quando o Professor Lívio Carneiro retornou a Ubá, onde fundou o Ginásio Ubaense, o Professor Arnaldo Carneiro Vianna continuou à frente do Ginásio de Viçosa, dirigindo-o até 1925.

Em 1918, o Professor Arnaldo Carneiro Vianna abriu inscrições de alunos para exames finais de todas as disciplinas. A gripe "Espanhola" impediu que as escolas funcionassem regularmente, e, por decreto, o governo da República considerou aprovados, em todo o Brasil, os alunos que estivessem regularmente inscritos para exames finais. De 1918 é a primeira Ata de Exames existente nos arquivos do atual Colégio de Viçosa.

A partir de 1919, o estabelecimento começou a receber Bancas Examinadoras, organizadas pelo Departamento Nacional de Ensino, do Ministério da Educação, constituídas de professores vindos, quase todos eles, do Rio de Janeiro, e a proceder os exames finais preparatórios.

Quando, em 13 de janeiro de 1925, foi instituído o regime de estudos seriados, pelo Decreto n.º 16.782-A, o "Gymnasio de Viçosa" continuou a receber Bancas Examinadoras nomeadas pelo Departamento Nacional de Ensino.

O Ginásio de Viçosa adquiriu grande prestígio na região da Mata mineira e, de 1920 a 1924, era procurado por estudantes de toda as regiões do Estado de Minas Gerais e de outros estados vizinhos.

Em 1925, o Prof. Arnaldo Carneiro Vianna transferiu-se para Belo Horizonte. Assumiu, então, a direção do Ginásio o Padre Álvaro Corrêa

Borges, ajudado pelo Dr. João Carlos Bello Lisboa, na qualidade de Diretor Comercial. De 1925 a 1932, estiveram também na direção da escola: Biolchino de Andrade, Adesílio Bicalho, Leopoldo Catoud e Padre José Xavier.

De 1929 a 1931, o Ginásio de Viçosa passou por sérias dificuldades financeiras, a ponto de ter sido proposto o seu fechamento, em uma reunião de pessoas interessadas da comunidade. Então, o Professor Alberto Álvaro Pacheco, discordando dos que assim pensavam, assumiu a sua direção, em 1932.

A partir de 1931, o Ginásio prosseguiu com o Curso Fundamental, sob regime de Inspeção, preliminarmente instituído pelo Decreto n.º 18.890, de 18 de abril de 1931, e registrado no Ministério da Educação e Cultura sob n.º 11.304, em 1933.

Em 1934, o governo federal concedeu ao Ginásio de Viçosa, por Decreto-Lei n.º 24.374, de 11 de junho de 1934, o regime de Inspeção Permanente, passando a escola a funcionar como Estabelecimento Livre de Ensino, o que concorreu para aumentar o seu prestígio na região. Com o desenvolvimento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, pessoas que se interessavam pelo progresso da cidade pensaram em dotá-la de um grande estabelecimento de ensino médio que fizesse convergir para ela estudantes de outras cidades. Foi então adquirido o Ginásio do Professor Alberto Álvaro Pacheco e, em 30 de dezembro de 1943, constituiu-se a Sociedade Civil Colégio de Viçosa, por escritura lavrada no Cartório Torres, desta cidade. Para satisfazer às exigências do Decreto-Lei n.º 4.244, o Ginásio de Viçosa obteve autorização para funcionar com a denominação de "Colégio de Viçosa" pelo Decreto n.º 14.961, de 7 de março de 1944.

A idéia nascida de um pequeno grupo de pessoas - José Sant'Anna, Edgard de Vasconcelos Barros, José Ubirajara Euclides, Edson Potsch Magalhães e Dr. Sebastião Ferreira da Silva, entre outros - tomou forma em reuniões realizadas no Viçosa Clube e tornou-se uma realidade.

Acertados os detalhes para a formação das Diretrizes Administra-

tiva e Técnica, o Colégio de Viçosa funcionou, primeiramente, no prédio da Praça Silviano Brandão, onde hoje está a Lanchonete Minas, 136.

A primeira diretoria da Sociedade foi constituída por José Sant'Anna, Alino Corrêa Borges, Edson Potech Magalhães, Edgard de Vasconcelos Barros, Padre Álvaro Corrêa Borges, Dr. Raimundo Alves Torres, Saulo Moretson e o Diretor Técnico Moacir Pavageau. Em 18 de fevereiro de 1946, por escritura lavrada pelo Tabelião Almiro Torres, a Sociedade Civil Colégio de Viçosa foi transformada em Sociedade Anônima, com a denominação "Colégio de Viçosa S.A.".

Ainda em 1946, começaram os trabalhos para a construção da nova sede do Colégio, conforme assentamentos do Livro de Atas n.º 1, fl. 1, das Assembléias Gerais do Colégio de Viçosa S.A., de 19 de maio de 1946, lavrada por Duarte Tafuri, secretário aclamado para a reunião.

Nesta Assembléia, foi aprovada a proposta da Diretoria Administrativa para o aumento do capital social da empresa, na base de um milhão de cruzeiros, por subscrição pública. Com a Portaria n.º 282, de 9 de junho de 1948, do Ministério da Educação e Cultura, criou-se, anexa ao Colégio, a Escola Técnica de Contabilidade. Foram os primeiros professores desta Escola: Duarte Tafuri, José Basílio de Figueiredo Júnior, Pedro Gomide Filho e Januário de Andrade Fontes.

Construído o novo prédio à rua Gomes Barbosa, 803, para ali se transferiu o Colégio de Viçosa, em 1950, sob a direção de Alexandre Alencar, onde funciona até os dias atuais (Figuras 47 e 48).

Muitas foram as pessoas que contribuíram para o êxito da iniciativa, dentre elas: Dr. Sebastião Ferreira, Mário Dutra dos Santos, Francisco Simonini, João José Araújo, Jorge Ramos, Felício Brandi e José da Costa Vaz de Melo.

Em 1957, o Colégio de Viçosa passou por uma séria crise financeira, resultante das despesas com a construção e retração na aquisição das ações da Sociedade, pois a dívida do estabelecimento era de Cr\$3.000.000,00 aproximadamente. Assumiu, então, a diretoria do educandário Januário de Andrade Fontes, que, com competência e dedicação, conseguiu conduzir o



FIGURA 47 - Antigo "Colégio de Viçosa" Que era Localizado na Praça Silviano Brandão, n.º 136. Viçosa, MG.



FIGURA 48 - Atual "Colégio de Viçosa" Situado na Rua Gomes Barbosa, n.º 803. Viçosa, MG.

1973
652

Colégio, conservando a excelência do ensino ali ministrado. Paga a dívida, entrou o Colégio de Viçosa em fase de prosperidade, chegando as suas matrículas a 1.000 alunos. A história do Colégio de Viçosa entre idealismo, abnegação, divergências de opiniões, conflitos e, finalmente, vitória é bem a história da própria comunidade de Viçosa.

Estabelecimento de linhas tradicionais de ensino, o Colégio de Viçosa viu passar pelos seus bancos vários viçosenses que desempenharam e desempenham papéis relevantes na vida pública e política do município e do Estado e, mesmo, nas altas esferas federais.

Pautando suas normas de ensino, até os dias atuais, pela procura incessante de uma transmissão eficiente de conteúdos programáticos, o Colégio de Viçosa conserva aqueles valores tradicionais que moldaram a educação em Viçosa, em suas etapas iniciais.

Dentro desta perspectiva, a educação é vista ali através dos princípios rígidos da ética e da moral tradicional, o que talvez explique a fase de conflitos esporádicos entre linhas de pensamento pedagógico diferentes dos diversos segmentos da comunidade escolar. Contudo, essas divergências são características da fase de transição e mudança de valores, fase que hoje, é, nitidamente, detectada nos contextos sócio-culturais no município de Viçosa.

4.2.3.4. Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo. A Escola Normal, fundada em 1914, anexa ao "Gymnasio de Viçosa", passou à direção das Irmãs Carmelitas da Divina Providência, em 3 de maio de 1917, por iniciativa do Dr. Emílio Jardim de Rezende e do Dr. Arthur da Silva Bernardes.

A transferência foi oferecida à Congregação das Carmelitas por carta do Dr. Emílio Jardim de Rezende à Irmã Bernadete, Superiora das Carmelitas, datada de 06 de setembro de 1916. Este evento acha-se registrado no jornal "A CIDADE DE VIÇOSA", transcrito da Ata n.º 1, de 1917:

A Escola Normal desta cidade festejou condignamente, no dia três do corrente a sua transferência às Revdmas Irmãs Carmelitas da Divina Providência. Foi realizada uma sessão solene músico-li

terária, com o comparecimento de famílias e seleta assistência. O Sr. Deputado Emílio Jardim de Rezende, Diretor da antiga Escola Normal de Viçosa, proferiu um discurso e leu o Decreto governamental de transferência, ficando a Escola denominada Escola Normal Nossa Senhora do Carmo. Fez as mais justas referências às exímias educadoras e aludiu ainda à Escola Normal, como elemento poderoso de engrandecimento local. Referiu-se, com aplauso geral, aos esforços empregados pelo benemérito chefe Sr. Dr. Arthur da Silva Bernardes. Em nome da Escola Normal falou a professora S. Maria José Picorelli. Em seguida, crianças ofereceram flores artificiais ao Sr. Dr. Arthur da Silva Bernardes e ao Dr. Emílio Jardim uma rica almofada confeccionada pelas alunas da Escola. A Lira Paladinos executou brilhantes peças.

As irmãs, vindas de Cataguases, chegaram a Viçosa no dia 3 de fevereiro de 1917. Foi designada como diretora da escola e superiora das irmãs a Irmã Maria Verônica da Santa Face. Vieram com ela as irmãs Maria da Conceição, como primeira conselheira, e Antônia de Pádua, como segunda conselheira, além das irmãs Maria do Carmo e Maria Ignez de Nossa Senhora de Lourdes. Ficaram hospedadas, a princípio, no Hospital São Sebastião, que ainda não estava em funcionamento, e, no dia 21 de fevereiro, fixaram residência no prédio do Grupo Escolar cedido, provisoriamente, para a Escola Normal.

Em oito de setembro de 1919, as Irmãs Carmelitas da Divina Providência instalaram-se definitivamente no novo prédio construído para a Escola Normal, à Rua Virgílio Val, n.º 118, depois da bênção das dependências feita pelo Padre Serafim Pecci, Vigário da Paróquia de Santa Rita.

O jornal "Luz do Carmelo" n.º 4, de 1942 (65), órgão da escola, assim se referiu aos primeiros tempos do educandário:

Pelo decreto 4.108, de 27 de janeiro de 1914, o benemérito governo do Estado, tendo como Presidente o Exmo. Snr. Dr. Júlio Bueno Brandão e por Secretário da Educação Dr. Américo Ferreira Lopes, havia criado a Escola Normal de Viçosa, anexa ao Ginásio do mesmo, do qual era diretor o Exmo. Snr. Alípio Peres, emérito educador que assumiu também a direção da Escola. Figuraram em o n.º dos primeiros professores da mesma, os Exmos. Snrs. Dr. Emílio Jardim de Rezende, Dr. Heitor do Nascimento e Dr. Antônio Gomes Barbosa, aos quais a Escola é devedora de muitos e inestimáveis benefícios.

Em 1916, a Escola Normal passou a funcionar no prédio do Grupo Escolar, sob a direção de Emílio Jardim de Rezende, e o ginásio continuou sob a direção do diretor Alípio Peres, até que, em três de maio de 1917, as Irmãs Carmelitas assumiram, definitivamente a direção do estabelecimento.

Ainda o jornal "Luz do Carmelo" relatou a este respeito:

As distintas autoridades de Viçosa daquela época, o eminente Dr. Arthur da Silva Bernardes, então ilustre parlamentar federal, e Exmo. Dr. Emílio Jardim de Rezende, deputado estadual e o Exmo. Snr. Dr. José Ricardo Rebelo Horta, mui digno Presidente da Câmara Municipal, desejosas de proporcionar à mocidade feminina de Viçosa uma formação intelectual e moral consuetânea com as exigências sociais e religiosas da missão que lhe é destinada, convidaram as Irmãs Carmelitas da Divina Providência para tomarem a seu cargo a direção da Escola.

Em 1930, a escola tornou-se Escola Oficial, desoficializando em 1933. Em 1936, foi lançada a pedra fundamental de um pavilhão de dois andares, destinado a dormitório e salas de aulas, orçado em 133:471\$000 e que teve como construtor Jacob Lopes de Castro.

Em 1946, foi criado o Ginásio, pela Portaria n.º 379, de 17 de julho de 1946, e, em 1947, o Curso de Formação de Professores.

A construção do atual prédio foi iniciada em 1962, interrompida em 1969, por motivos financeiros, e mais tarde, concluída. Hoje, a escola funciona, normalmente, em prédio próprio.

Em 1966, começaram a funcionar cursos noturnos de 1.º e 2.º graus, para atender a alunos que trabalhavam durante o dia. Em 1967, o internato foi totalmente abolido, terminando, assim, a realização dos grandes retiros espirituais na escola: das Irmãs, das ex-alunas e das "Filhas de Maria", associação religiosa do município, que fortaleciam os valores religiosos tradicionais da Instituição.

Às Irmãs Carmelitas parece ter sido reservado importante papel na educação das jovens viçosenses. Deveriam elas consolidar os valores religiosos, éticos e morais inculcados pelos primeiros sacerdotes do município no seio da população.

Contudo, no início de seus trabalhos, as Irmãs concorreram para uma discriminação: freqüentavam a Escola Normal somente filhas das famílias que pudessem arcar com o ônus do pagamento das mensalidades, ficando reservada à outra parte da população a educação no curso primário do Grupo Escolar "Cel. Antônio da Silva Bernardes".

Esta situação de "escola de elite econômica" perdurou até bem pouco tempo, quando o Estado de Minas Gerais responsabilizou-se pelo ensino de 1.º grau (quatro primeiras séries) no estabelecimento.

A escola deixou, então, de atender somente a jovens do sexo feminino para receber clientela mista.

A mudança da orientação da Igreja, a partir das Conferências de Medelim e Puebla, modificou a estrutura da Congregação das Carmelitas e, conseqüentemente, exigiu uma redefinição dos valores educacionais em suas instituições escolares.

Fundado para "proporcionar à mocidade feminina de Viçosa uma formação intelectual e moral consetânea com as exigências sociais e religiosas", conforme documento da época, o Colégio Normal teve como objetivo inicial a reprodução dos valores predominantes no contexto sócio-político de então.

Hoje, afinada com a busca de novos valores no campo educativo, a escola pode ser arrolada entre os fatores responsáveis pelas mudanças sociais que, no momento, se verificam em Viçosa, caracterizando a fase de transição já referida anteriormente.

4.2.3.5. Escola Agrícola "Arthur Bernardes" - FUNABEM. Na educação, Viçosa parece ter encontrado a sua vocação cultural que mantém até os dias atuais.

Quando o Decreto-Lei n.º 12.983, de 28 de fevereiro de 1918, autorizou a criação de patronatos para o atendimento do menor desamparado, foi criado, em Viçosa, o Patronato Agrícola Arthur Bernardes, por iniciativa do Dr. Arthur da Silva Bernardes.

O estabelecimento de ensino teve sua pedra fundamental lançada

no dia 1.º de junho de 1926 e sua inauguração em 7 de novembro de 1927.

Foi construído no imóvel denominado "Fazenda da Vargem", adquirido pelo governo de Minas Gerais, de acordo com a autorização constante do Decreto-Lei n.º 7.195, de 6 de junho de 1926.

Teve como seu primeiro Diretor, Carlos de Araújo Moreira, que foi substituído, em 1932, por Luiz da Rocha Vianna.

Esteve sob a jurisdição do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio até 12 de abril de 1934, quando, pelo Decreto n.º 24.115, passou para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1946, o estabelecimento de ensino recebeu nova denominação por força do Decreto n.º 21.975, passando a chamar-se Escola Agrícola Arthur Bernardes.

Com a criação do Serviço de Assistência a Menores (SAM) a ele ficaram subordinados todos os estabelecimentos de ensino federais de assistência a menores e, entre eles, a Escola Agrícola Arthur Bernardes, de Viçosa.

De 1941, data da aposentadoria do Prof. Luiz da Rocha Vianna, até 1965, a escola foi dirigida pela Prof. Anna da Conceição Saraiva Brandi.

Em 1964, a escola passou a integrar o quadro da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), criada pela Lei n.º 4.513, com a finalidade de "formular e implantar a política do bem-estar do menor". A partir desta data, a escola teve vários Diretores: Sergio Carlos Botelho Padim, Irmão Leão de Maria, Flávio Soderro Toledo, Prof. José Ferreira de Lima, Arthur Pereira da Silva, Claudeni Siridol Pereira e, atualmente, Gilson Cerny.

Ao lado do ensino básico, a Escola Agrícola "Arthur Bernardes" mantém cursos profissionalizantes para a formação de sapateiros, bombeiros hidráulicos, mecânicos de automóveis, carpinteiros de forma e outros profissionais. São também ministradas noções de agricultura e os trabalhos agrícolas têm ênfase no estabelecimento.

A própria condição dos menores recebidos pela escola determinou a sua orientação básica - educação para o trabalho - e, daí, decorreram,

normalmente, os valores esposados pela instituição. Com uma clientela formada, em sua maioria, por alunos vindos das camadas populares de baixa renda das periferias da cidade do Rio de Janeiro ou por menores desamparados, a escola viu a necessidade de, ao lado da educação geral, fornecer a seus alunos um início de profissionalização que lhes garantisse um mínimo de subsistência, ao deixarem a escola.

Veio deste objetivo a característica eminentemente pragmática e utilitarista da educação ministrada, embora a valorização da pessoa humana esteja sempre presente em todos os trabalhos educacionais desenvolvidos.

Alguns pontos são discutíveis no que se refere aos valores que direcionam os trabalhos na Instituição: alunos vindos de determinado contexto sócio-cultural e ao qual deverão retornar são educados em outro diametralmente oposto. Neste caso, os objetivos educacionais não podem, pela própria injunção do meio ambiente, ser totalmente atingidos. A volta dos alunos à cidade de origem trará sempre um impacto emocional diante de um novo ajustamento social, exigido pelas dificuldades econômicas e de trabalho que terão de enfrentar.

Os valores anteriores dos alunos, provenientes de um ambiente sócio-cultural de uma cidade grande, litorânea e industrial, chocam-se com os valores predominantes em uma cidade pequena, de raízes tradicionais, de um meio interiorano e agrícola.

Os valores, neste caso, interferem na obra educativa. Atualmente, a Escola está abrindo um número de vagas, cada vez maior, para o atendimento de crianças e adolescentes da comunidade e da microrregião de Viçosa, em regime de semi-internato.

4.2.3.6. Universidade Federal de Viçosa: Evolução Histórica, Valores, Expansão e Conseqüências para o Município de Viçosa. Viçosa é tida como uma das cidades de maior índice cultural do Estado. O Censo de 1970 já acusava uma freqüência às escolas de 73,9% de crianças em idade escolar, com índices de escolaridade de 81,7%, na cidade, e 67,1%, na zona rural.

O fator que, sem dúvida, concorreu, definitivamente, para que se firmassem em Viçosa determinados valores educacionais foi a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), hoje Universidade Federal de Viçosa (UFV). A influência da Universidade Federal de Viçosa, contudo, mormente em seus primeiros tempos, estaria ligada aos valores e cultura já fortemente influenciados pela personalidade marcante de Arthur Bernardes, líder carismático, incontestado no município.

Dentro do enfoque analítico escolhido para este trabalho, a expansão da Universidade tem um papel proeminente.

A linha em que se vinha processando a evolução dos aspectos educativos na localidade sofre, sob a influência da UFV, uma guinada significativa: aos valores humanísticos e tradicionais que orientavam a educação em Viçosa vêm sobrepor os valores tecnológicos e pragmáticos advindos da filosofia que norteou, inicialmente, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) teve sua origem na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), criada pelo então Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Arthur da Silva Bernardes, que, num rasgo de visão do futuro, lançou as bases para a solução do angustiante problema da agricultura mineira na época.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (86), em sua publicação Escola Superior de Agricultura -- Origem-Desenvolvimento-Atualidade, assim se referiu à criação da ESAV:

Finda a época da exploração do ouro que proporcionou ao Estado uma fase de opulência e brilho, as atividades agrícolas passaram a ocupar grande parte da população de Minas Gerais. Com o correr do tempo, a imprevidência e as práticas de rotina saquearam os solos mineiros e as enxurradas levaram sua preciosa fertilidade. A pecuária, embora um derivativo para o aproveitamento das terras empobrecidas, não constituiu uma solução do problema para a população rural, dado o empirismo com que era praticada. A miséria e o desespero castigavam os rurícolas, pedindo uma providência. Muitos homens públicos, em diversas épocas, preocuparam-se com o problema, porém, coube ao Dr. Arthur da Silva Bernardes a glória de lançar as bases para sua solução. Foi assim que,

na qualidade de Presidente do Estado e tendo como seu Secretário de Agricultura o Dr. Clodomiro Augusto de Oliveira, iniciou o processo pela assinatura da Lei n.º 761, de 6 de setembro de 1920, que autorizava o Governo do Estado a criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária, situando-a no local que melhores condições apresentasse para seu funcionamento.

De acordo com a Lei n.º 761, de 6 de setembro de 1920, o Vice-Presidente em exercício, Dr. Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, criou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, pelo Decreto n.º 6.053, de 30 de março de 1922.

A Lei determinou, claramente, o espírito que deveria nortear a Instituição, conforme Art. 4.º:

Esta Escola terá por objetivo ministrar o ensino prático e teórico da Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentais, que concorram para o desenvolvimento de taes sciencias no Estado de Minas Gerais.

À preocupação com o desenvolvimento das ciências agrônômicas e veterinárias juntava-se a referente ao desenvolvimento do Estado e da população mineira. Valores pragmáticos já podiam ser vislumbrados na iniciativa.

No dia 28 de julho, quando a Universidade Federal de Viçosa completou seu 53.º ano de existência, foi dado a público um documento do Dr. Arthur da Silva Bernardes, datado de 1929 (Apêndice E), para uma reflexão, e que está ligado ao que foi dito:

Impressionado, na Presidência do Estado de Minas, com o facto de já contar o Brasil um século de vida politica independente sem cuidar sèriamente do ensino profissional, em que deve alicerçar sua futura grandesa industrial, creei esta Escola Superior de Agricultura e Veterinaria com o alto objectivo de abolir o empirismo agrícola, a que tantos mineiros consagravam suas energias, no amanho diuturno da terra como na criação e pastoreio dos seus rebanhos. Tendo me cabido a fortuna de creal-a como Presidente de Minas e tendo tido a satisfação de assistir, como Presidente da República, à sua inauguração official, regosijo-me ao vel-a, hoje, em pleno funcionamento e já despertando novos estímulos nas gerações moças, empenhadas, agora, numa actividade racional e scientifica, que ha de conduzil-as a maior e mais facil

prosperidade. É o alvorecer de uma nova era que se abre nos destinos economicos do Estado e do Paiz, já se podendo antever uma larga messe e uma proxima e pujante colheita. Satisfeitos e contentes devem sentir-se quantos collaboraram nesta iniciativa victoriosa, sobretudo os governantes que me succederam, o fundador tecnico e ex-diretor da Escola, Professor P.H. Rolfs, e o encarregado da construção das obras e seu director actual, o illustre engenheiro J.C. Bello Lisboa, com os quaes me congratulo ainda uma vez.

Viçosa, 12 de Março de 1929.

Arthur Bernardes,
Senador da Republica

Ficou decidido, desde o início, pelo Governo do Estado que a nova escola seria inspirada nos "Land Grant Colleges", responsáveis pelo ensino, pesquisa e extensão, voltados para os problemas da agricultura e dos agricultores dos Estados Unidos da América do Norte e que estavam obtendo grande êxito em suas atividades. Para este fim, ainda em 1920, o Presidente do Estado conseguiu do governo norte-americano a colaboração do Dr. Peter Henry Rolfs, da Escola de Agricultura da Flórida, que chegou ao Brasil em 4 de fevereiro de 1921. Em Minas, iniciou ele os seus trabalhos que, de acordo com o contrato, consistiriam na direção do estabelecimento, na colaboração na escolha do local para a instalação da escola e na tarefa de apresentar ao governo os planos das construções e os programas gerais de ensino.

Foi criada, então, uma comissão formada pelo Diretor de Agricultura da Secretaria de Estado, Dr. Álvaro da Silveira, e do Dr. Peter Henry Rolfs, auxiliados pelos Drs. Arduíno Bolivar e Mario Monteiro Machado.

Esta comissão, depois de visitar áreas dos municípios de Ubá, Visconde do Rio Branco, Ponte Nova e Viçosa, decidiu que a escola seria construída na cidade de Viçosa, à pequena distância do local denominado "Maria Luiza", em virtude de ali terem sido encontradas as condições mais favoráveis. Esta escolha, contudo, parece ter sido, em parte, fruto de uma decisão política, pelo fato de ser Viçosa a terra de nascimento de Arthur Bernardes, na época, figura de proa no cenário político brasileiro.

Com base no relatório da comissão, o Governo do Estado aprovou os planos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), pelo Decreto n.º 5.806, de 30 de dezembro de 1921, autorizando a desapropriação dos terrenos necessários à sua edificação.

Para tentar a aquisição amigável dos terrenos, evitando uma desapropriação, veio a Viçosa o Procurador Geral do Estado, Dr. Fernando de Mello Vianna, a fim de realizar a compra das áreas escolhidas.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (86), em sua publicação Escola Superior de Agricultura - Origem-Desenvolvimento-Atualidade, fez referência a esta compra:

As dificuldades que enfrentou foram realmente sérias, conforme se pode julgar por suas próprias palavras: "O peor é a resistência passiva dos vendedores. Não sei se conseguirei levar a cabo a empreitada, pois nunca tive missão igual. É preciso ter uma dose grande de paciência e provisão de coragem".

Contudo, esta resistência passiva, alegada pelo Procurador Geral do Estado, pode sofrer algumas restrições, tomando-se por base documentos existentes no Cartório de 2.º Ofício de Viçosa, MG, do titular General do Lopes de Faria. Segundo informantes, Dr. Mello Vianna teria dito ao chegar a Viçosa que o Presidente Bernardes recomendara-lhe evitar, ao máximo, desapropriações, adquirindo os terrenos pela compra, porque, entre outros motivos, alguns dos proprietários eram seus adversários políticos e ele não queria ferir susceptibilidades.

Os primeiros proprietários que venderam suas terras no local denominado Boa Vista foram Lino Lopes Rosado e Christiano Machado, em escrituras lavradas na mesma data, 22/08/1921, seguindo-se-lhes outros. Segundo o tabelião Francisco Machado, filho de Christiano Machado, seu pai teria efetuado a transação dando ao Estado um prazo de 15 dias para efetivar o pagamento, numa demonstração de acordo e boa vontade para a realização do negócio que viria beneficiar a comunidade, o Estado e o País.

Analisando as Escrituras de Compra e Venda de Bens de Raiz realizadas pelo Estado de Minas Gerais, por intermédio de seu advogado e Pro

curador Geral, Dr. Fernando de Mello Vianna, encontrou-se a seguinte relação de vendedores:

a. Lino Lopes Rosado

Livro n.º 70 - Fl. 65

Preço - 40:000\$000

Data - 22/08/1921

b. Christiano Machado

Livro n.º 70 - Fl. 66 v.

Preço - 26:000\$000

Data - 22/08/1921

Observação: Pelos dados obtidos no Cartório, pode ser observado que a resistência referida pelo Dr. Fernando de Mello Vianna não foi realmente geral, pois os vendedores Lino Lopes Rosado e Christiano Machado venderam suas terras ao Estado em 21/08/1921, antes mesmo do Decreto de Desapropriação de 30/12/1921.

A resistência, se houve, parece ter sido logo quebrada.

c. Alberto Álvaro Pacheco

Livro n.º 71 - Fl. 16 v.

Preço - 25:000\$000

Data - 23/01/1922

d. Octavio Otaviano Pacheco

Livro n.º 71 - Fl. 17 v.

Preço - 33:000\$000

Data - 23/01/1922

e. Laurentino Gonçalves de Paula

Livro n.º 71 - Fl. 19

Preço - 3:600\$000

Data - 23/01/1922

f. Alexandre Ferreira da Silva

Livro n.º 71 - Fl. 22

Preço - 130:000\$000

Data - 24/01/1921

Observação: Parece ter havido algum engano nesta data. Os livros de escrituras consultados obedecem a rigorosa ordem cronológica e constam do livro n.º 71 as escrituras referentes ao ano de 1922; logo, a venda efetuada por Alexandre Ferreira da Silva deve ter sido efetuada em 24/01/1922 e não em 1921, conforme o registro.

g. João Tristão Gonçalves Guimarães

Livro n.º 71 - Fl. 24 v.

Preço - 9:000\$000

Data - 24/01/1922

h. Antônio Vitarelli

Livro n.º 71 - Fl. 31

Preço - 14:000\$000

Data - 06/02/1922

i. Laurentino Gonçalves de Paula

Livro n.º 71 - Fl. 33

Preço - 3:600\$000

Data - 06/02/1922

j. Joventino Otávio de Alencar

Livro n.º 71 - Fl. 34

Preço - 2:000\$000

Data - 06/02/1922

l. Joaquina Cândida de Miranda

Livro n.º 71 - Fl. 35

Preço - 4:500\$000

Data - 07/02/1922

m. Randolpho Lopes de Faria Franco

Livro n.º 72 - Fl. 12

Preço - 4:000\$000

Data - 22/06/1922.

Esta última aquisição foi feita pelo Dr. Honório Hermeto Corrêa da Costa, Engenheiro e Encarregado da construção da ESAV, representando o Estado de Minas Gerais.

O decreto que autorizou a desapropriação dos terrenos data de 30 de dezembro de 1921 e as escrituras de venda estão, em sua maioria, concentradas nos meses de janeiro e fevereiro de 1922, logo, se houve "re-sistência passiva", alegada pelo Dr. Fernando de Mello Vianna, esta re-sistência parece ter durado pouco tempo.

A desconfiança típica do viçosense pode ter influído para uma hesitação inicial, mas, por outro lado, a confiança nos atos de um Presi-dente de Estado, viçosense, pode ter concorrido para a anulação de uma resistência persistente que pudesse dificultar ou mesmo impedir a cons-trução da ESAV.

Afinal, foram comprados os 453 hectares da área necessária para o início das obras por 294:800\$000, cuja pedra fundamental foi lançada, em 10 de junho de 1922, com assistência de grande público.

De acordo com a publicação BRASIL UNIVERSITÁRIO (16), a constru-ção do prédio principal ficou sob a chefia dos seguintes engenheiros: Mário Pena, Honório Hermeto Corrêa da Costa (até 11 de julho de 1922), Mário Monteiro Machado (até 14 de setembro de 1922) e João Carlos Bello Lisboa (de 14 de julho de 1922 até 15 de dezembro de 1922), como Enge-nheiro-Auxiliar, e, depois, como Engenheiro-Chefe até o final da cons-trução. Paralelamente, foram construídas obras complementares: residên-cias para professores e operários, dormitórios para alunos, abrigos pa-máquinas e animais, estradas e outras.

Os trabalhos agrícolas iniciaram-se no mesmo ano de 1922, bem como os trabalhos de combate à saúva, ocasião em que foram extintos mais de mil formigueiros somente no vale principal da Escola.

Episódio pitoresco ocorreu por ocasião do início dos trabalhos agrícolas: não havia, na região, burro que soubesse puxar grade ou cultivador. Foi então que o primeiro diretor disse: "Os burros daqui não podem ser mais burros do que os burros do meu país e a famosa "Ruana" foi adestrada pelo próprio diretor".

A inauguração oficial da Escola deu-se em 28 de agosto de 1926, com a presença do Dr. Arthur Bernardes, então Presidente da República, e do Dr. Fernando de Mello Vianna, que ascendera ao governo de Minas Gerais, em cerimônias presididas pelo Dr. Peter Henry Rolfs, primeiro Diretor da ESAV.

No dia 29, foi hasteado, pela primeira vez, o pavilhão nacional na nova Escola Superior de Agricultura e Veterinária.

No dia 1.º de agosto de 1927, a Escola iniciou seus trabalhos com a instalação dos cursos Fundamental e Médio, com um total de 25 alunos matriculados.

A solenidade inaugural foi presidida pelo Diretor, Dr. Peter Henry Rolfs, e pelo Vice-Diretor, Dr. João Carlos Bello Lisboa, com a presença dos primeiros professores: Diogo Alves de Mello, Hermann Rehaag, Nelson Lelis, Otávio do Espírito Santo e Francisco Horta. Compareceram à primeira reunião os alunos: Henrique Rímolo, Luiz Jannuzzi, José Serafim da Silva, Joaquim Fernandes Braga, José Thomás Teixeira, Antônio Monteiro Bastos, Carlos Veríssimo Infante Vieira, Clóvis Abreu, José de Aquino, Carlos Alberto Lott, Luciano Guadagnin, José Cândido dos Passos Maia, Benito Furtado de Mendonça, Clóvis Garcez e Joventino de Alencar Filho, que são considerados alunos fundadores.

A primeira aula foi ministrada pelo Prof. Diogo Alves de Mello aos alunos do curso Médio, no mesmo dia 1.º de agosto de 1927. Estava a Escola Superior de Agricultura e Veterinária dando os seus primeiros passos em direção ao futuro.

Na entrada da avenida que liga a UFV à cidade de Viçosa, desde o início dos trabalhos, estão quatro pilastras ostentando os dizeres: "Estudar, Saber, Agir, Vencer", palavras que sintetizam, em mensagem sim -

ples, os valores que iriam direcionar atitudes e comportamentos na nova Instituição. Os trabalhos educacionais seriam pautados pela "Ciência e Prática" e pelo "Aprender Fazendo", em contraposição à educação livre e acadêmica própria da época. Era necessário, contudo, que se dignificasse o trabalho em todas as suas modalidades, sem se descuidar dos livros, razão porque, ainda nos primórdios da Instituição, foi organizada a Biblioteca, hoje uma das maiores "Bibliotecas Universitárias" da América Latina.

No dia 1.º de março de 1928, foi ministrada a primeira aula do Curso Superior de Agricultura pelo Dr. Hermann Rehaag, professor de Zootecnia, assistida pelos alunos: José Coelho da Silva, Fernando Távora Barreto, Carlos Thomaz de Almeida, Paulo Pena de Salvo, Henrique Floriano Galante Sauer, Antônio Secundino de São José, Jayme Araújo, Luiz Martins Soares e Luiz Roxo da Motta.

Finalmente, em 1.º de março de 1932, instalava-se na Instituição o Curso de Medicina Veterinária, completando, dessa forma, os cursos regulares que seriam oferecidos. Estiveram presentes na inauguração do Curso de Veterinária os seguintes alunos: Carlos Braz Cola, Pedro Costa Filho, Nestor Giovani, José Dolores de Avelar, Antônio Olivier de Paula Sobrinho, Carlos Domingos Craveiro Durand, Miguel Gione Pardi e Ruy de Araújo Lima.

Quando, em 26 de junho de 1928, foi inaugurado o internato, reunindo estudantes de curso superior, começava-se, com sucesso, uma iniciativa malograda em tentativas diversas já realizadas em outras partes do País. A primeira administração do internato coube a Germana de Carvalho, mais tarde auxiliada por Hermengarda Gomes e Souza.

Assim, ao mesmo tempo em que se iam firmando os trabalhos administrativos e acadêmicos, ia-se esboçando o quadro de valores pragmáticos que se cristalizariam na ESAV, fazendo dela uma escola de tradições marcantes no Estado de Minas Gerais.

Na publicação Escola Superior de Agricultura - Origem-Desenvolvimento-Atualidade da UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (86) podem-se encontrar

trar traços culturais e valores incipientes, em descrições diversas:

A atuação esportiva dos estudantes teve início em 1928, quando fundaram seu primeiro quadro de futebol, tendo ficado célebres as partidas contra o time local, o "Pó-de-Arroz", que quase sempre terminavam em pancadaria. Antes desse ano, porém, já existia o quadro dos operários.

A alegria, a cordialidade e a união são características da rapaziada esaviana, desde os primeiros tempos. A passeata, da Escola à cidade denominada "Marcha Nico Lopes", muito simples e puxada a sanfona naquela época, ainda hoje comemora o fim do "trote" dos calouros. A Marcha "Nico Lopes" era sátira, crítica de fatos pitorescos, pois todas as brincadeiras eram atribuídas ao Nico Lopes, espírito folgazão, responsabilizado pelas coisas erradas ou más que aconteciam. Um dos atuais ex-alunos, o Dr. Secundino de São José, reunia os calouros, arregaçava-lhes uma das pernas da calça e fazia com que corressem em volta do jardim ao som de uma sanfona de 8 baixos e fole rasgado. Daí o nome da brincadeira.

A primeira solenidade para conferência de certificados a alunos que concluíram cursos da Escola, realizou-se a 14 de julho de 1929, sob a presidência de honra de D. Helvécio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Mariana, tendo sido na mesma data entronizada, no Salão Nobre do estabelecimento, a imagem do Crucificado, oferecida à instituição por sua Excelência Reverendíssima.

Pelo exposto, pode-se verificar que a escola, cujos primeiros passos foram ancorados em valores importados, numa transculturação, que, apesar de benéfica, não deixa de ser um tipo de invasão cultural, com o correr dos tempos, começou a firmar sua identidade cultural. O senso de humor típico do viçosense talvez tenha influenciado a criação e perfeita aceitação da "Marcha Nico Lopes", humorística em sua essência, e que visava a união e estimulava a alegria no meio dos alunos, através de críticas construtivas, bem planejadas e montadas, muitas vezes, com arte.

A tendência para a mudança de valores na Instituição, mormente em tempos mais recentes, pode ser percebida por um simples pormenor - a distorção da "Marcha Nico Lopes" - hoje, quase que, inteiramente, instrumento de contestação política, com muita bebida e pouca arte.

Os valores religiosos dominantes em Viçosa por ocasião da cria-

ção da escola fizeram-se presentes em suas arrancadas iniciais com as mesmas características do catolicismo tradicional, então absolutamente reinante. A preocupação do arcebispo de Mariana em ofertar à Instituição recém-nascida uma imagem do crucificado ilustra esta asserção.

O "Centro dos Estudantes", congressos, competições esportivas, viagens ao exterior para estudos, assistência contínua aos estudantes, tudo concorria para a formação de um "espírito esaviano" que nada mais era do que a crença e vivência de determinado bloco de valores. Este "espírito esaviano" também constitui um indício das transformações por que passa a UFV na atualidade. O "espírito esaviano", conservado com carinho por alunos e professores da ESAV, é, antes de tudo, um "modo de ser" que vem perdendo substância, gradualmente, em decorrência dos valores exógenos trazidos pelo grande contingente de pessoas estranhas à comunidade e pela própria expansão da Universidade.

A instituição do sistema de créditos acadêmicos, que levou à extinção de turmas regulares de alunos, provocou um arrefecimento do espírito de solidariedade grupal cultivado, anos a fio, por professores, alunos e servidores, de modo geral, na ESAV, UREMG e, posteriormente, UFV.

O aumento de recursos financeiros e, conseqüentemente, o aumento do poder aquisitivo dos corpos docente, administrativo e de funcionários, de modo geral, veio colocar em posição de destaque o aspecto econômico nas relações pessoais e grupais, dentro da entidade educativa.

A expansão da Universidade, que se originou da cédula mater ESAV, é, pois, responsável por uma série de tendências a transformações sócio-culturais no município de Viçosa, já claramente perceptíveis.

No que se refere à Extensão Universitária, hoje tão difundida, a ESAV pode ser colocada entre as instituições pioneiras no campo. A Semana do Fazendeiro, a primeira no gênero no País, teve seu início em julho de 1929, com a presença de 39 agricultores. Foi instituída pelos Drs. João Carlos Bello Lisboa e Jacinto Soares de Souza Lima e pelos alunos Joaquim Fernandes Braga e José Coelho da Silva.

Realizada, ininterruptamente, desde essa data, a Semana do Fazendeiro, precursora da Extensão Rural, hoje um dos baluartes da UFV, foi inspirada em uma visita que o Dr. Jacinto Soares de Souza Lima, médico e agricultor no município de Ubá, MG, fez à Escola, em 1928, com um grupo de fazendeiros.

A preocupação com a preparação e educação do elemento feminino esteve presente, também, desde os primórdios da ESAV. Esta preocupação gerou o "Mês Feminino" que constava de cursos sobre assuntos domésticos e problemas do lar, realizados, pela primeira vez, de 7 a 26 de janeiro de 1935.

Já mais tarde, em 1.º de agosto de 1952, entrava em funcionamento a Escola Superior de Ciências Domésticas, a primeira no gênero no Brasil. Contudo, no caso da criação desta escola, o pioneirismo da ESAV, já então transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), sofreu restrições no município, cuja população não via a razão de ser de um curso de nível superior para tratar de temas desenvolvidos nas Escolas Normais e em cursos profissionalizantes. Esta escola, pautada, no início, por moldes americanos, numa patente invasão cultural e, somente hoje, adaptada ao modelo brasileiro, está abrindo seu caminho nos meios educacionais, embora ainda seja pequeno o número de escolas de 3.º grau deste teor, nas universidades brasileiras.

Se no caso da Escola Superior de Ciências Domésticas o pioneirismo da UFV sofreu restrições, o mesmo não se deu com a Extensão Rural.

Embora oscilando, de tempos em tempos, na determinação dos valores e filosofia que a devem orientar, a extensão rural já provou ser um instrumento valioso para o desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente, para o homem do campo. Este é um fato perfeitamente observável, a despeito das controvérsias surgidas, quando se fazem análises dialéticas na educação.

A publicação de artigos e trabalhos científicos em revistas da Universidade (Seiva e Ceres) está em consonância com a diretriz pragmática da Instituição, segundo a qual conhecimentos e tecnologia devem ser

difundidos para serem empregados com fins utilitários.

Pioneira em vários campos do saber, a ESAV também o foi na pesquisa e experimentação. Do primeiro regulamento da ESAV, transformado em Decreto n.º 7.323, de 25 de agosto de 1926, já constava a exigência da realização de trabalhos experimentais. A partir daí, a pesquisa tem sido uma constante na Instituição e tem concorrido com soluções práticas de problemas variados para o desenvolvimento do Estado e mesmo do País.

Um exemplo pode ser dado com a variedade de arroz "Agulha ESAV", bastante cultivada hoje no Estado, pela sua grande resistência à seca, o que o torna apropriado para cultura em terras altas. Essa variedade teve sua origem de uma seleção feita pelo Prof. Diogo Alves de Mello em material não identificado, existente nas proximidades da ESAV, na década de 30.

Atualmente, vários projetos têm sido desenvolvidos na UFV, em convênio com órgãos que financiam pesquisas, com resultados que podem ser considerados ótimos. Dessa forma, têm sido estudados e solucionados problemas relativos à agricultura, tais como as pragas do cafeeiro, seleção de tomates, feijão, dentre outros.

A variedade de feijão preto 'Rico 23' foi lançada, em Minas Gerais, pelo Professor Clibas Vieira, em 1959.

A pesquisa na UFV tem também sido ampliada para outros campos do saber, como zootecnia e veterinária, e mesmo para as ciências humanas, que constituem uma área relativamente nova na Instituição.

Assim, a ESAV, numa trajetória crescente, projetou-se de tal forma no cenário do Estado e do País que a sua transformação em Universidade seria uma consequência lógica e inevitável.

A publicação Escola Superior de Agricultura - Origem-Desenvolvimento-Atualidade da UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (86), assim se referiu ao fato:

Coube ao Governador do Estado, Dr. Milton Soares Campos, com a colaboração de seu Secretário de Agricultura, Dr. Américo René Gianetti e do Advogado Geral do Estado, Dr. Darcy Bessone de Oliveira Andrade, dar forma e concretizar os sonhos e idéias pragmtistas de ex-alunos, de modo a assistir-se à transformação da

ESAV em UREMG. Essa transformação não resultou de mero acidente ou situação casual; foi seguramente, a consequência da evolução positiva da antiga Escola, cuja seriedade de propósitos, trabalhos e ensino cedo conquistaram amplo reconhecimento.

A Lei n.º 272, de 13 de novembro de 1948, assinada pelo Governador do Estado, Dr. Milton Soares Campos e pelos seus Secretários de Agricultura, Dr. Américo René Gianetti e de Finanças, Dr. José de Magalhães Pinto, criou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, nela incorporando a Escola Superior de Agricultura, Escola Superior de Veterinária, Escola Superior de Ciências Domésticas, Escola de Especialização, Serviço de Experimentação e Pesquisa e Serviço de Extensão.

O Decreto n.º 3.211, de 15 de novembro de 1949, declarou a UREMG instalada e com sede em Viçosa (86).

Também a UREMG continuou na trilha de trabalhos de sua antecessora ESAV, pautando-se pelos mesmos valores que a direcionaram. Essa mesma publicação assim se referiu ao desenvolvimento da UREMG:

É digno de nota o surto de progresso verificado na UREMG, e consequentemente na ESA, a partir de 1962, durante a gestão de Dr. José de Magalhães Pinto, como Governador do Estado, tendo como seu Secretário de Agricultura o Dr. Roberto Ribeiro de Oliveira Resende, não só quanto ao número de alunos, professores e formados, como na construção e ampliação de várias obras de vulto e no desenvolvimento de valiosos projetos em todos os setores.

Este desenvolvimento assinalado a partir de 1962 coincide e é parte da década em que as tendências a mudanças sócio-culturais na comunidade viçosense começaram a ser mais facilmente detectadas, caracterizando a fase de transição por que passa o município em sua atual fase de crescimento.

De fato, a partir de 1968, principalmente, a UFV tem conhecido um surto de grande expansão, que tem concorrido para um deslocamento dos aspectos valorativos da Instituição, com grande influência no município de Viçosa, pela rapidez das mudanças e de seu conteúdo. A vinda de um forte contingente de pessoas de outras localidades do Estado, do País e mesmo do exterior está delineando situações de integração cultural e outras de verdadeira invasão cultural para uma população que vinha sendo formada, desde os primeiros tempos da colonização do município, por

princípios tradicionalistas dentro do que se convencionou chamar "tradicionalismo" no contexto deste trabalho.

Foi, ainda, dentro da década de 60, em 8 de maio de 1969, que o Presidente Arthur da Costa e Silva firmou o Decreto-Lei n.º 570, autorizando o Poder Executivo a instituir, sob forma de fundação, a Universidade Federal de Viçosa, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura. Em 30 de junho de 1969, a Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais promulgou, pelo seu Presidente Orlando de Andrade, a Resolução n.º 880, aprovando o convênio de 10 de abril de 1969, que estipulava uma colaboração mútua entre os governos estadual e federal, visando à manutenção da UREMG.

Finalmente, por força do Decreto n.º 64.825, de 15 de julho de 1969, assinado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva, instituiu-se a Universidade Federal de Viçosa (UFV), à qual foi incorporada a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG).

Em 1969, o então Reitor Edson Potsch Magalhães entregou ao arquiteto Cláudio Augusto de Magalhães Alves a tarefa de fazer o estudo do Campus da UFV em um "Plano de Desenvolvimento Físico" da Instituição. Este trabalho foi realizado, tendo em vista dois propósitos: a) cumprir uma das exigências do "Contrato de Empréstimo do BID" (Banco Interamericano de Desenvolvimento) ao governo brasileiro para atendimento de 9 (nove) Universidades e b) colocar à disposição da Universidade um estudo de seu próprio "Campus", capaz de orientar seu esquema de crescimento e desenvolvimento (87).

O trabalho realizado mereceu a aprovação da CETES (Comissão Especial para Execução do Plano de Melhoramento e Expansão do Ensino Superior) e do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Este plano, publicado em pormenores em documentos apropriados, serviu e tem servido de guia para a notável expansão da Universidade em anos posteriores, bem como para a aplicação dos recursos conseguidos pelo Reitor Edson Potsch de Magalhães na ocasião.

O período de 1974 a 1978 marcou, de modo inequívoco, a aludida

expansão da UFV, sob a direção do Reitor Antônio Fagundes de Souza, de acordo com o Relatório da Administração de 8 de março de 1978 (85).

Até 1974, estavam em funcionamento os seguintes cursos:

Graduação: Agronomia, Economia Doméstica, Engenharia Florestal, Pedagogia, Zootecnia, Matemática, Física, Química, Biologia;

Pós-Graduação: Mestrado: Economia Rural, Engenharia Agrícola, Extensão Rural, Fitotecnia, Fisiologia Vegetal, Microbiologia Agrícola, Zootecnia. Doutorado: Economia Rural, Fitotecnia, Zootecnia;

Nível Médio: Colégio Universitário e Técnico Agropecuário.

A partir de 1975, foram criados os seguintes cursos:

Graduação: Educação Física, Engenharia Agrícola, Engenharia e Tecnologia de Alimentos, Tecnólogo em Cooperativismo, Tecnólogo em Laticínios, Agrimensura, Administração de Empresas, Ciências Econômicas, Letras, Engenharia Civil, Medicina Veterinária e Nutrição. O curso de Medicina Veterinária já existira na ESAV e fora transferido para Belo Horizonte, em 20 de janeiro de 1942, pelo Decreto-Lei n.º 824, pelo Governador do Estado, Dr. Benedicto Valadares Ribeiro, e pelo seu Secretário de Agricultura, Dr. Israel Pinheiro da Silva;

Pós-Graduação: Mestrado: Ciência Florestal, Engenharia e Tecnologia de Alimentos, Genética e Melhoramentos, Fitopatologia, Sociologia Rural, Solos e Nutrição de Plantas. Doutorado: Genética e Melhoramento e Fitopatologia;

Nível Médio: Curso Técnico de Florestas.

Neste período, a Universidade firmou convênios com várias entidades e seu orçamento, em 1974, que era de Cr\$ 51.698.107,00, passou, em 1978, para Cr\$ 502.900.000,00.

Foi consolidada a expansão física do Campus, orientada, de início, pelo Plano de Desenvolvimento existente, depois, acrescida ou modificada de acordo com as necessidades e recursos disponíveis. Este crescimento em termos de número de cursos oferecidos determinou o aumento do corpo docente da Instituição. De acordo com o Relatório da Administração Antônio Fagundes de Souza - 1974-1978 (85), a Universidade cresceu

também no contexto administrativo e de valorização dos recursos humanos:

Em março de 1974, havia 36 auxiliares de ensino, 84 professores-assistentes, 57 professores-adjuntos e 9 professores-titulares, perfazendo o total de 186 e em março de 1978, a Universidade passou a contar com 170 auxiliares de ensino, 99 professores-assistentes, 75 professores-adjuntos e 109 professores-titulares, totalizando 453 professores.

A universalização dos conhecimentos, implícita no próprio termo "Universidade", consubstanciada na criação de cursos na área de Ciências Humanas, Letras e Artes, concorreu para que se efetivasse uma ruptura incipiente dos sistemas de valores vigentes até então.

Esta mudança de valores, embora lenta, faz com que a Universidade Federal de Viçosa caminhe, partindo de um eixo pragmático, tecnológico e utilitarista para desembocar, inexoravelmente, em um eixo econômico-político-ideológico. As tendências de mudanças sócio-culturais detectadas têm gerado conflitos, por vezes dolorosos, no município de Viçosa, caracterizando a fase de transição vivida pela UFV e por toda a comunidade viçosense.

O valor "política", com todas as suas nuances ideológicas, está se sobrepondo a todos os outros.

Sem dispor de uma infra-estrutura física e econômica para suportar, sem maiores problemas, mudanças tão radicais e de tão variados aspectos em sua Universidade, o município resiste e adapta-se aos novos valores, debate, rejeita ou aceita valores e comportamentos, ora reivindicando atitudes paternalistas da Universidade, ora rejeitando esquemas de valores impostos, aberta ou veladamente, à população viçosense.

Em suma, esta transição sócio-cultural faz com que possam ser percebidas em Viçosa características que se enquadram perfeitamente nas "sociedades seculares" de Becker, ao lado de outras tradicionalistas, nos moldes das "sociedades sagradas", descritas pelo mesmo autor. Neste contexto, a influência da UFV não pode ser contestada. Alguns aspectos da evolução histórica da UFV são mostrados nas Figuras 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 57.

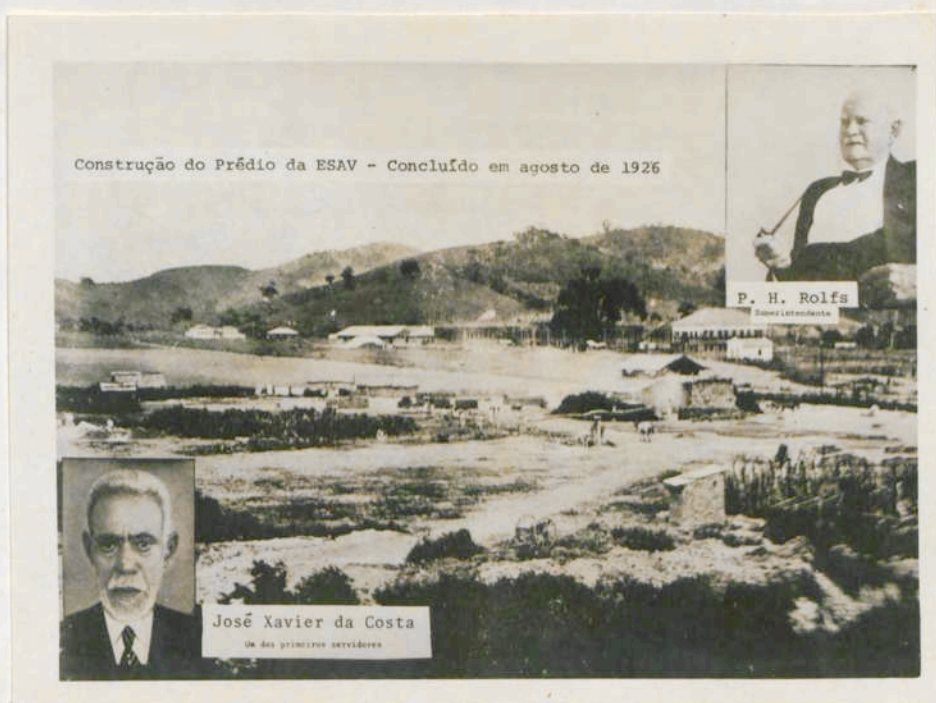


FIGURA 49 - Construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Viçosa, MG.

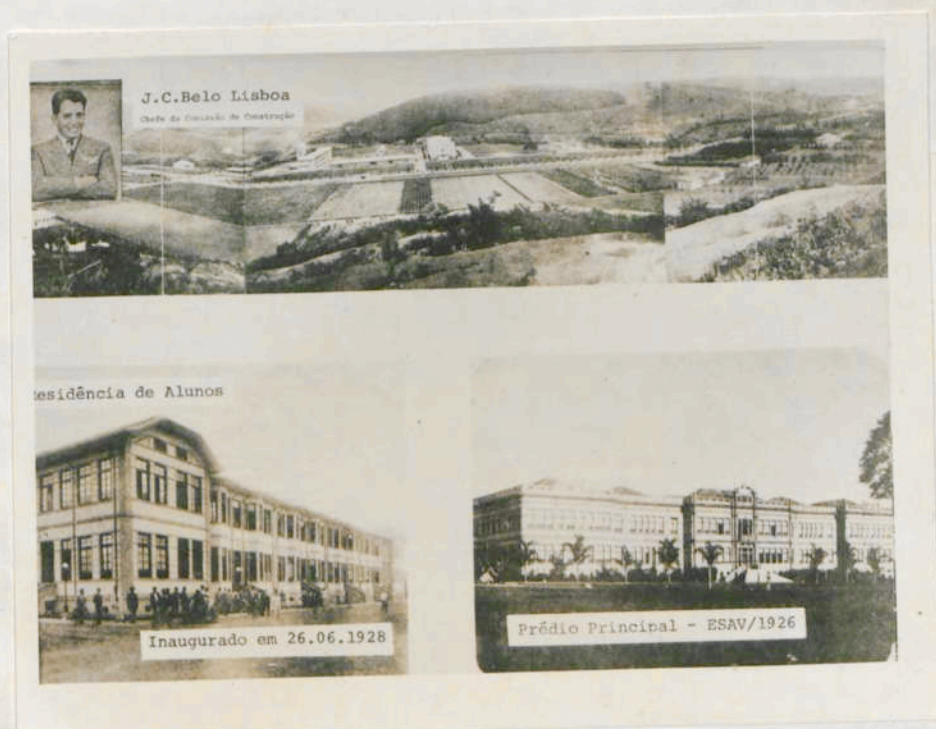


FIGURA 50 - Prédios da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Viçosa, MG, 1926 e 1928.



Trem Presidencial, no dia da Inauguração da Escola - 28.08.1926

FIGURA 51 - Trem Presidencial - Inauguração da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Viçosa, MG, 28/08/1926.



Fundadores da Semana do Fazendeiro - 1928

José Coelho da Silva - Dr. J.C. Belo Lisboa - Dr. Joaquim J.F. Braga

Dr. Jacinto Soares Souza Lima

FIGURA 52 - Fundadores da Semana do Fazendeiro na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Viçosa, MG, 1928.

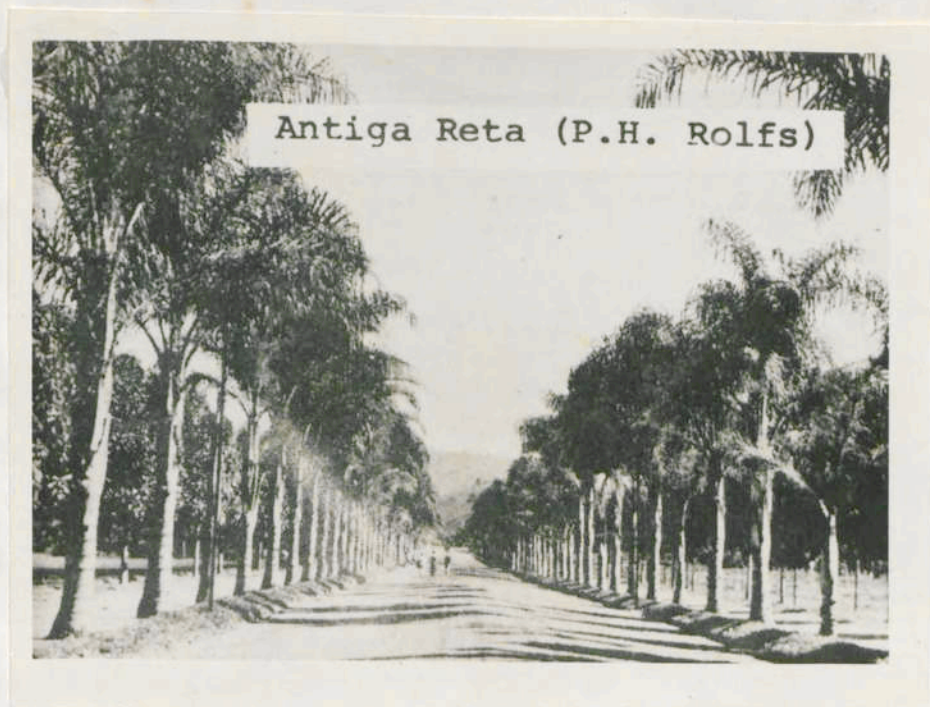


FIGURA 53 - Antiga Avenida de Acesso à ESAV. Viçosa, MG.

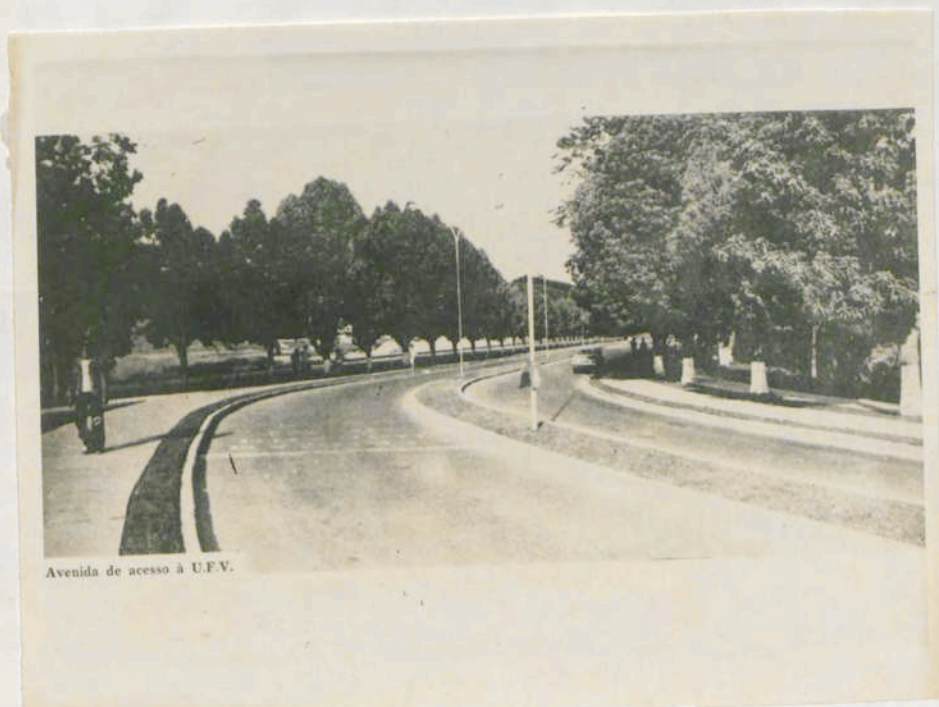


FIGURA 54 - Atual Avenida de Acesso à ESAV. Viçosa, MG.



FIGURA 55 - As Quatro Pilastras da ESAV - "Estudar, Saber, Agir, Vencer". Viçosa, MG.

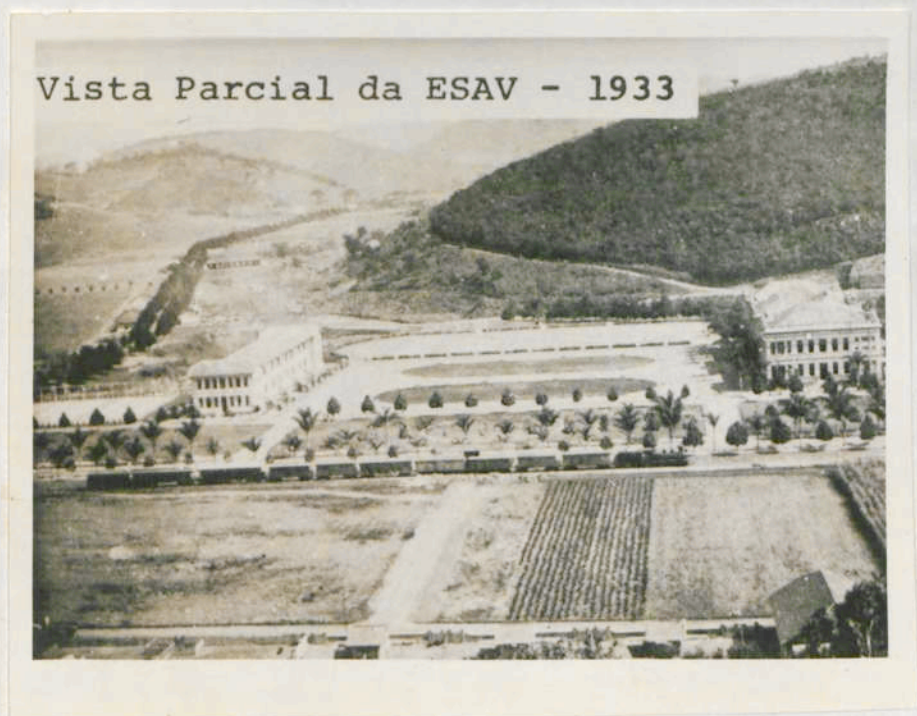


FIGURA 56 - Vista Parcial da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Viçosa, MG, 1933.

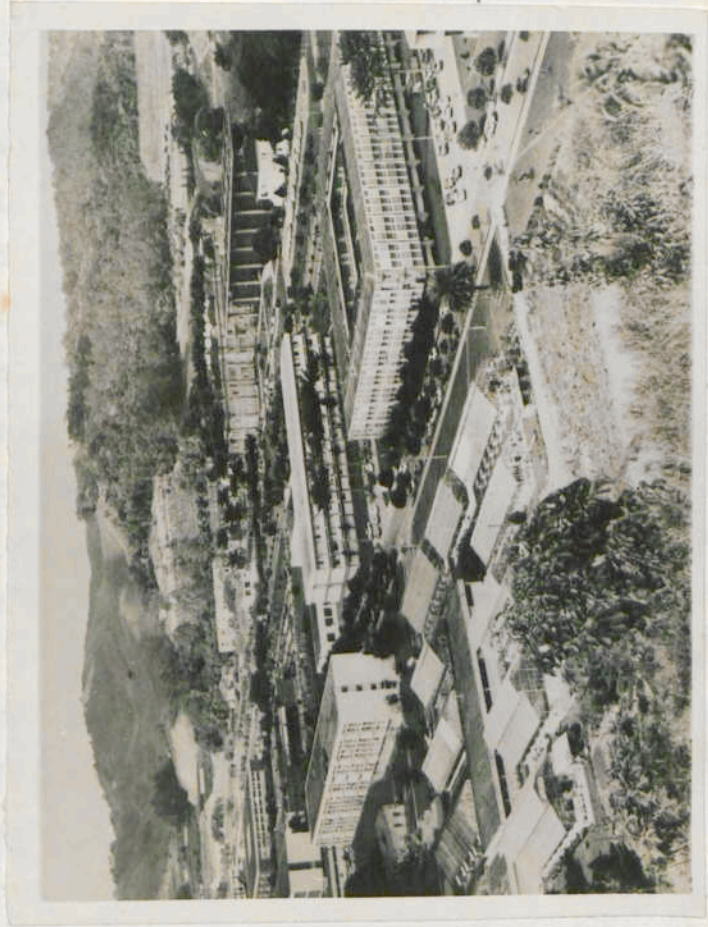


FIGURA 57 - Vista Parcial da Universidade Federal de Viçosa (UFV) na Atualidade. Viçosa, MG.

4.3. Política

4.3.1. Cultura, Sistema de Valores e Política - Algumas Considerações

As linhas adotadas para a análise, neste trabalho, impuseram uma busca das associações possíveis entre valores e mudanças sociais por meio da descrição dos fatos históricos e culturais do município de Viçosa.

Isto é importante, principalmente, se o povo é pensado como uma coletividade onde os indivíduos são capazes de ações e reações singulares na pluralidade grupal. Tais indivíduos tornam-se, quase sempre, líderes carismáticos populares ou constituem lideranças políticas grupais no âmbito institucional.

Do crescimento destas lideranças e do fortalecimento de grupos, dentro dos contextos históricos que os geraram, surgem os diversos valores políticos que engendram mudanças sociais.

Nestes complexos históricos podem estar presentes, em doses variadas, os valores econômicos, religiosos, educacionais e outros. A predominância de um deles irá delinear as características da política e as conseqüências das ações realizadas, a curto ou médio prazo, planejadas ou não.

A configuração cultural dos grupos, neste caso, estará sempre modificando ou sendo modificada pela dinâmica gerada pelos valores políticos, dos quais o "coronelismo" pode ser um exemplo.

Este fenômeno, bastante comum no interior do Brasil, pode servir como resultante de uma série de valores e condições sócio-culturais vigentes nos grupos, em determinado momento histórico.

LEAL (45) o concebeu da seguinte forma:

... concebemos o "coronelismo" como resultado da superposição de formas desenvolvidas no regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. ... O aspecto que logo salta aos olhos é o da liderança, com a figura do "coronel" ocupando o lugar de maior destaque.

As sociedades de estrutura "sagrada", fechadas em si mesmas, facilitaram a emergência do fenômeno, embora hoje, nas sociedades ditas "seculares", ele ainda apareça revestido de outra roupagem: a manipulação de idéias e de indivíduos ou de grupos por indivíduos ou grupos que se servem de meios sofisticados, a serviço de ideologias diversas.

Basílio de Magalhães, escrevendo notas em LEAL (45), citando o Barão de Rio Branco, em suas "Efemérides", assim descreveu o coronelismo, nascido da instituição da Guarda Nacional, em 18 de agosto de 1831, por inspiração do Padre Diogo Antônio Feijó:

A Guarda Nacional brasileira, criação dos liberais em 1831, prestou relevantíssimos serviços à ordem pública e foi um grande auxiliar do exército de linha nas nossas guerras estrangeiras, de 1851 a 1852 e de 1864 a 1870.

Magalhães concluiu este pensamento dizendo que da última guerra estrangeira para cá, isto é, "de grande auxiliar do exército de linha nas nossas guerras estrangeiras", a Guarda Nacional brasileira tornou-se meramente decorativa.

De fato, desta posição decorativa, sem função nos campos de batalha, a Guarda Nacional passou ao coronelismo, com função de política local ou regional.

Achando campo fértil numa estrutura agrária de latifúndios e num regime social e econômico que dividia o povo em classes distintas de dominantes e dominados, o coronelismo emergiu como uma consequência lógica desses fatores.

Os "coronéis" eram comumente os fazendeiros, o médico ou o "doutor" advogado das comunidades.

Ainda Basílio de Magalhães, em LEAL (45), descreveu o "coronel":

Durante quase um século, em cada um dos nossos municípios existia um regimento da Guarda Nacional. O posto de "coronel" era geralmente concedido ao chefe político da comuna. Ele e os outros oficiais, uma vez inteirados das respectivas nomeações, tratavam logo de obter as patentes, pagando-lhes os emolumentos e a verbações, para que pudessem elas produzir os seus efeitos legais. ...Eram, de ordinário, os mais opulentos fazendeiros ou

os comerciantes e industriais mais abastados, os que exerciam, em cada município, o comando-em-chefe da guarda nacional, ao mesmo tempo que a direção política, quase ditatorial, senão patriarcal que lhes confiava o governo provincial.

Tal estado de coisas passou da Monarquia para a República, até ser declarada extinta a criação de Feijó. Mas, o sistema ficou arraigado de tal modo na mentalidade sertaneja, que até hoje recebem popularmente o tratamento de "coronéis" os que têm em mãos o bastão de comando da política edilícia ou os chefes de partidos de mais influência na comuna...

Constituíam características fundamentais do coronelismo: o mandonismo, o filhotismo e o poder de conseguir votos para candidatos a cargos eletivos. Tais características, em alguns momentos, podem ser explicadas como uma consequência das condições de vida no interior, mormente nas grandes fazendas. O difícil acesso às localidades rurais, o isolamento dos centros urbanos, o escasso poder aquisitivo do trabalhador rural fazia com que ele procurasse o fazendeiro em suas agruras, e ele os ajudava em suas doenças, no nascimento e casamento dos filhos e em outras ocasiões.

O fazendeiro era o "padrinho" dos filhos dos empregados, o "compadre" e esta visão rústica e parcial da figura do "patrão" obscurecia os outros aspectos que caracterizavam a dominação do "senhor", do "coronel".

O valor familismo, até hoje profundamente dominante no caráter do brasileiro, de modo geral, garantia a perpetuação do poder dentro do clã familiar ou de grupos políticos mais amplos.

Basílio de Magalhães citou Emil Farhar, em LEAL (45), assim se expressando a respeito da força do familismo:

Novas condições... forçaram o velho tipo de chefe municipal a uma retirada estratégica: o coronel foi para o fundo do cenário. Mas cautelosamente, deixou no primeiro plano, na direção política de seu feudo, o genro-doutor, a fachada moderna do coronelismo como força política.

O familismo concorreu também para que a liderança local nos municípios rurais ou predominantemente rurais ficasse quase que como prerro

gativa das classes dominantes, incluindo seus aliados.

Embora, nas cidades, já exista, hoje, a figura do operário como líder político, no meio rural, ainda há resquícios do coronelismo, e os rurícolas, dificilmente, aceitam a possibilidade de "mando" fora daqueles que para isto "estão preparados" os doutores, os fazendeiros, os comerciantes...

O coronelismo pode assim ser explicado como um sistema de valores que predominou em determinados momentos históricos, determinando mudanças sociais, e que foi absorvido ou modificado por estas mudanças.

Outro fator importante, quando se quer situar os valores políticos dentro de um quadro analítico, refere-se às tradições e ao conhecimento da história local dos municípios.

TORRES (84) assim se posicionou a este respeito:

O conhecimento da história local... representa colaboração i nestimável para uma administração eficiente. Apesar de todas as transformações ocorridas no tempo, há questões que permanecem e problemas que voltam sempre ao mesmo ponto. A Política, sob certos aspectos, é uma ciência monótona, pois é um constante repisar dos mesmos problemas.

... Muitos espíritos hostis à tradição, amigos de novidades, aborrecidos ao passado, costumam depreciar a história, pelo desamor que nutrem pelo pretérito. Ora, nem sempre a história consiste numa ressurreição do passado como lição para o presente. O estudo da história pode ser inspirado numa atitude de reação às tendências que nos vieram de outros tempos. Se pretendemos construir um futuro "contra" aquilo que constitui o nosso passado, carecemos de conhecer esse passado... A tradição não é a simples imobilidade: é a transição do passado para o futuro sem perda de continuidade.

... O político possui matéria viva, que são sociedades. Se o político conhece a natureza do seu povo e as suas razões próprias, quase diríamos as suas "razões seminais" fará o povo caminhar para a Terra da Promissão pelos próprios pés, e não à força.

Dessa forma, a política é feita à base de sistemas de valores pretéritos ou atuais, que são analisados, pesados e medidos pelo povo ou aceitos sem maiores reflexões. De um modo ou de outro, o estudo dos valores políticos dentro da cultura, ditados por contextos históricos, é complexo. As mudanças sociais determinadas por estes valores só ocor-

rerão a longo prazo, através de uma mudança de mentalidade que é um processo lento e difícil de ser trabalhado. Por isso é que se pode perceber traços eminentemente tradicionalistas em sociedades já secularizadas e traços próprios de sociedades seculares em sociedades tradicionalistas.

Esta, talvez, seja a característica mais marcante de sociedades em fase de transição.

4.3.2. Os Valores Políticos e a Política como um Valor no Município de Viçosa

As características físicas, ambientes e culturais, se não determinam, pelo menos influenciam a formação do povo.

TORRES (84) disse que: "A situação geográfica de um povo é constituída pelo conjunto de ações e reações entre o povo e o seu contorno natural", contorno este que se compõe de quatro elementos fundamentais: o tempo, o clima, o solo e a paisagem. A ação do tempo, meramente ocasional e singular, é uma realidade destituída de caráter histórico ou social. ...Da "influência do meio" não se pode isolar o homem.

Contudo, segundo TORRES (84), o "meio não é um dado positivo ativo e o homem "tábula rasa": ... O fato de determinada realidade ser um "meio" já é uma consequência do esforço humano que isola uma situação concreta de várias outras possíveis.

As relações homem-meio podem ser vistas, portanto, como uma interação constante: o homem modifica o meio ou adapta-se a ele, quando não o pode modificar. Atitudes, comportamentos e valores que determinam e são resultado desta interação homem-meio são permeados pela cultura.

ARAÚJO (7) dividiu o Brasil em áreas culturais, para localizar no espaço os fenômenos da cultura, isto é, do "conjunto da tradição social". As áreas são delimitadas graças ao predomínio de determinados padrões culturais, tipificadores desse espaço geográfico, identificado através das "técnicas de subsistência".

Também LAKATOS (43) definiu áreas culturais:

São áreas geográficas onde há semelhança em relação aos traços, complexos e padrões culturais de grupos humanos. Portanto, em determinada região domina certo número de características, de traços e de complexos culturais. A área cultural nem sempre corresponde às divisões geográficas, administrativas ou políticas.

Referindo aos padrões culturais, a autora disse que:

... algumas culturas dão mais valor a determinadas concepções ou temas, que se refletem nos inúmeros aspectos da atividade grupal, norteando suas instituições sociais básicas: família, religião, organização econômica, política etc. Esses interesses dominantes, significativos, dão origem aos padrões culturais.

O viçosense é a soma das interações de meio e cultura, de homem e montanha e, em suas ações e reações, sempre há uma conotação de povo e contorno natural, conforme ensinou Torres.

Seguindo Lakato, pode-se dizer que a cultura em Viçosa valorizou determinadas concepções que se refletiram em inúmeros aspectos da ação grupal. Dentre elas, foram fortemente valorizadas a religião e a política.

A política tornou-se, assim, para o viçosense, um valor pelo qual, dentro da tenacidade do homem de montanha, ele enfrentou e enfrenta os maiores obstáculos.

A desconfiança, as manobras sutis e a capacidade para contornar dificuldades ao invés de enfrentá-las de peito aberto, qualidades estas inerentes ao homem da montanha, moldaram a maneira típica de fazer política em Viçosa.

O esforço, a perspicácia, o senso de humor com o qual o viçosense percebe criticamente a realidade político-social, bem como sua inteligência e criatividade para contornar situações difíceis, criaram o meio propício à emergência de lideranças políticas municipais que, não raro, extrapolam os limites locais, atingindo o âmbito estadual e mesmo federal.

Contudo, o caráter tradicionalista de sociedades sagradas, que

gera a resistência a inovações e mudanças rápidas, também influenciou a formação do perfil do viçosense, fazendo com que os valores políticos em Viçosa tivessem uma trajetória sinuosa -- expressivos, atuantes e ativos, em determinadas fases, e acomodaticios, passivos e inexpressivos, em outras.

Dessa forma, situando-se em um contexto maior, pode-se dizer que, a história política de Viçosa teve momentos de engajamento atuante e outros de completa inércia e indiferentismo no cenário nacional. Blocos descontínuos de acontecimentos marcaram a política local e os de maior expressão podem ser encontrados nas afinidades valorativas do município com as tendências maiores dos valores nacionais, acontecimentos estes -- Coronelismo, Revolução de 1930/32, Estado Novo, 1937 -- marcados, fortemente, pela figura ímpar do maior estadista e líder político viçosense -- Arthur da Silva Bernardes.

4.3.3. Arthur da Silva Bernardes -- o Homem e o Político

Para compreender a política em Viçosa, é necessário que se conheçam alguns fatos e acontecimentos ligados à figura de Arthur Bernardes, bem como os traços predominantes de seu caráter, que lhe valeram a seguinte observação publicada no Álbum Comemorativo do Centenário de Nascimento do Dr. Arthur Bernardes -- Universidade Federal de Viçosa (68): "Arthur Bernardes foi um homem que nunca transigiu os sólidos princípios que sempre o sustentaram: a coragem, a honra, a honestidade".

Se a vertiginosa ascensão de Bernardes no cenário político brasileiro se deveu, em parte, às injunções que norteavam a política na República Velha, como um complexo de valores que direcionavam as atitudes e o poder decisório, é bem verdade que a inteligência, os princípios morais e éticos e o próprio esquema de valores de Bernardes, como homem, garantiram-lhe a posição de destaque a que teve direito, em sua época.

Uma sucinta cronologia de sua vida política leva à reflexão e análise de sua personalidade:

1875 - 8 de agosto: nasceu em Viçosa, Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes.

1887 - Iniciou seus estudos no tradicional Colégio Caraça, Ouro Preto, MG, instituição famosa pela rigidez dos métodos de ensino adotados.

1889 - Saiu do Caraça e foi trabalhar no Comércio, na Firma Pena e Graça, estabelecida em Coimbra, então distrito de Viçosa.

1894 - Reiniciou os estudos, em Ouro Preto, prestando exames preparatórios, terminando em fins de 1896.

1899 - Transferiu-se para a Faculdade de Direito de São Paulo.

1900 - Tornou-se bacharel em Direito, pela Faculdade paulista.

1905 - Iniciou a carreira política em sua terra natal, Viçosa, tendo sido eleito vereador especial pelo distrito de Teixeira, por unanimidade, com 52 votos. Com a morte do Senador Carlos Vaz de Melo, ocorrida no dia 4 de novembro, substituiu o senador na chefia da política municipal, no Partido Republicano Mineiro.

1905 - Dedicou-se ao jornalismo em sua cidade natal, como diretor e redator do jornal "A Cidade de Viçosa".

1907 - Eleito para a Câmara Estadual, em 10 de março, concorreu a uma cadeira de deputado pela 2.^a circunscrição eleitoral que compreendia os seguintes municípios localizados na Zona da Mata mineira: Rio Preto, São Manuel, Santa Luzia de Carangola, Mar de Espanha, São Paulo de Muriaé, Pomba, São João Nepomuceno, Viçosa, Palma, Guarará, Rio Branco, Leopoldina, Ubá, São José de Além Paraíba, Juiz de Fora, Cataguases e Rio Novo.

1909 - Eleito deputado federal.

1910 - Arthur Bernardes foi secretário das Finanças de Minas Gerais, no governo de Júlio Bueno Brandão.

1914 - Teve início a Primeira Guerra Mundial.

1915 - Voltando a Viçosa, foi indicado, pela 2.^a vez, pelo Partido Republicano Mineiro, para deputado federal, tendo sido o candidato mais sufragado da 2.^a circunscrição eleitoral da Zona da Mata Mineira.

1918 - Em 7 de setembro, Bernardes tomou posse, em Belo Horizonte, do cargo de Presidente de Minas Gerais, no meio de grandes manifestações populares. Terminou a Primeira Guerra Mundial.

1921 - Iniciou-se a articulação da candidatura de Bernardes à Presidência da República.

1922 - Eleito Presidente do Brasil em 1.º de março, foi empossado, no dia 15 de novembro, para exercer o oitavo quadriênio presidencial 1922/1926. Em 5 de julho, eclodiu a revolta militar do Forte de Copacabana, em cujos acontecimentos Bernardes não tivera qualquer responsabilidade (62).

1926 - Terminado o seu mandato, passou o cargo às mãos de Washington Luiz.

1927 - Indicado pela Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro como candidato à Câmara Federal, foi eleito, no dia 20 de fevereiro, e empossado, em 25 de maio, depois de ter sua candidatura contestada por Maurício de Lacerda, intendente municipal do Distrito Federal.

1929 - A grande crise econômica mundial teve sérias repercussões na economia brasileira. Arthur Bernardes foi senador.

1930 - Outubro: estourou no Brasil a revolução que encerraria o período da Primeira República. Arthur Bernardes participou da revolução, apoiando a Aliança Liberal.

1932 - Aderiu à Revolução Constitucionalista de São Paulo; foi preso, exilado e perdeu seus direitos políticos por três anos.

1934 - No dia 12 de agosto, a bordo do Astúrias, retornou de Portugal, onde estivera exilado, e assumiu a presidência do Partido Republicano Mineiro.

1935 - Sob a nova Constituição, que marcou o início da Segunda República, elegeu-se deputado federal pelo Partido Republicano Mineiro, quando fez oposição ao governo Getúlio Vargas.

1937 - Com o Estado Novo, Bernardes, a exemplo de todos os parlamentares, perdeu o mandato.

1943 - Apesar de afastado da vida pública, assinou o manifesto

pela redemocratização do País, conhecido como Manifesto dos Mineiros.

1945 - Com a queda do governo de Getúlio Vargas, Bernardes voltou à atividade política, na Terceira República, aos 70 anos de idade. Apoiou a candidatura de Eduardo Gomes e, quando se constituíram os partidos políticos nacionais, ligou-se à UDN, partido que agrupava os opositoristas do país inteiro à ditadura de Vargas. Logo depois, passou a chefiar o Partido Republicano. Foi o representante de Minas Gerais mais votado.

1946 - Bernardes participou da Assembléia Constituinte e, em 16 de setembro foi promulgada a terceira Constituição Republicana.

1950 - Foi eleito suplente de deputado federal.

1953 - Como deputado federal, participou, intensamente, de campanhas de caráter nacionalista. Assumiu papel de liderança na campanha do petróleo e viu seu ponto de vista vitorioso, com a criação da PETROBRÁS, pela Lei n.º 2.004, de 2 de outubro.

Lutou contra o projeto de criação de um órgão internacional na Amazônia: o Instituto da Hiléia Amazônica.

1955 - No ano em que deveria completar 80 anos, em 23 de março, morreu, no Rio de Janeiro, o Presidente Bernardes, entre familiares e amigos.

Filho de Antônio da Silva Bernardes, português, natural de Castanheira da Pera, e de Maria Aniceta Pinto Bernardes, Arthur era o quarto entre os seguintes irmãos: Maria da Graça Souza Pereira, que foi casada com o comerciante José da Graça Souza Pereira; Antônio da Silva Bernardes Júnior, fazendeiro; Angela Bernardes de Souza Lima, que foi casada com Lindolfo Souza Lima; Ana Bernardes de Souza Barros, que foi casada com Francisco Moreira de Souza Barros; Alfredo da Silva Bernardes, funcionário do Banco do Brasil; Olívia Bernardes Pinto Coelho, que foi casada com José Pinto Coelho, e Dr. Olegário da Silva Bernardes, ministro aposentado do Tribunal de Contas da União.

A infância de Bernardes foi marcada pelo trabalho.

Segundo informantes, ao lado do estudo das primeiras letras, os

seus dias eram gastos nas lides das fazendas vizinhas de Viçosa, onde candeava bois e fazia pequenos serviços de roça.

A figura de um menino de calças curtas de tecido de riscado entregando o leite, todas as manhãs, era conhecida por todos na cidade.

O Cel. Antônio da Silva Bernardes educava seus filhos dentro de normas tradicionais rígidas e o pequeno Arthur vivenciava valores que fariam dele uma pessoa de caráter íntegro, pautado por uma ética de princípios morais sólidos.

A educação iniciada na família teria seguimento no Colégio Caraça de Ouro Preto, onde ele se matriculou, em 6 de novembro de 1887, estabelecimento conhecido pela sua severa disciplina e excelência de seus mestres.

Permaneceu no Caraça até 1889, de lá saindo por carência de recursos paternos para custear-lhe os estudos tão bem iniciados. Bernardes, então, ingressando no comércio, foi trabalhar como empregado da firma Pena e Graça, estabelecida em Coimbra, distrito de Viçosa, e da qual era sócio seu cunhado José da Graça Souza Pereira. Dali saiu para se empregar na casa Adriano Telles & Cia, na atual cidade de Visconde do Rio Branco.

As circunstâncias, contudo, vieram a favor de Bernardes que estava ansioso para continuar seus estudos.

Em 21 de fevereiro de 1894, governava o Estado de Minas o Conselheiro Afonso Pena, que, pelo Decreto n.º 611, regulou a Instrução Pública no Estado, que permitia a matrícula avulsa, no Externato do Ginásio Mineiro, aos que quisessem prestar os exames finais das disciplinas do curso ginásial.

Bernardes, aproveitando-se desta oportunidade e valendo-se de suas pequenas economias conseguidas com seu trabalho em Rio Branco, dirigiu-se a Ouro Preto, a fim de se matricular no Externato do Ginásio Mineiro para prestar os exames preparatórios.

Em 1899, Arthur Bernardes transferia-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, e, em 26 de novembro de 1900, o Correio Paulista noticiaria, segundo MAGALHÃES (52):

Os distintos moços Srs. Drs. Raul Soarea de Moura e Arthur Bernardes, bacharelados da Academia de Direito deste Estado, foram aprovados com distinção em todas as matérias do último ano. São ambos naturais de Minas Gerais.

Aos 25 anos, de volta à terra natal, no dia 6 de dezembro de 1900, Bernardes estava pronto para iniciar sua carreira, como primeiro viçosense diplomado em Direito, desde a instalação da Comarca.

Foi recebido com grandes manifestações de carinho noticiadas no jornal "Cidade de Viçosa", de 9 de dezembro de 1900, das quais constaram uma recepção e um baile em sua honra.

O casamento com Clélia Vaz de Melo, em 15 de julho de 1903, permitiu-lhe seguir as pegadas do sogro, Carlos Vaz de Melo, várias vezes deputado geral do Império e principal político de Viçosa, iniciando sua carreira política. Em Clélia Vaz de Melo encontrou a companheira amiga e fiel de todas as horas de sua atribulada vida de político numa fase conturbada do País que marcou o final da República Velha e o início do século XX.

A publicação: GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA (34) fez a seguinte alusão ao caráter de Bernardes: "Profundamente religioso, dotado de grande disciplina pessoal, obstinado na dedicação ao trabalho, inteligente e bem informado, Bernardes iniciou uma carreira política metódica".

Estes valores, interiorizados desde a infância, estariam sempre presentes em todos os momentos de sua vida pública e iriam determinar, de modo preciso, suas ações futuras, no difícil quadriênio (1922-1926) em que governou o País, quase sempre em estado de sítio, determinado pelas circunstâncias.

TORRES (84) assim se referiu ao caráter de Bernardes:

O período histórico assinalado pelo fim do domínio absoluto do feudalismo coronelista e da "política dos governadores", o fim da oligarquia do PRM - oligarquia, aliás, das mais bem intencionadas que o mundo tem conhecido - foi assinalada por uma sucessão de figuras de alto relevo, variadas ao extremo...

Em primeiro lugar (e em último, pois foi quem durou mais tem

po) temos a figura severa e altiva de Arthur Bernardes. Filho da Zona da Mata e educado no Caraça, Bernardes foi um dos últimos políticos de linhas rígidas da vida brasileira. Era um mineiro da linha de Paraná e Ouro Preto. Rijo, inflexível, autoritário, forte. Cultivou, acima de tudo, a virtude da fortaleza. Viveu grandes lutas e enfrentou batalhas sem fim: seu ambiente era a luta e a tempestade.

Estes valores e autodeterminação valeram-lhe a chefia do PRM (Partido Republicano Mineiro), quando mal acabara de chegar ao governo do Estado de Minas Gerais.

A política interna de Minas era feita na base dos "coronéis" e da Comissão Executiva do Partido - a Tarasca - que influenciavam fortemente o governo estadual.

Bernardes não se adaptou a esta regra, pretendia exercer o governo de maneira autônoma e abriu luta com a Tarasca, relegando-a a um segundo plano nas decisões governamentais.

À sua vontade, foram submetidos os partidos e os "coronéis", que só atuavam dentro dos quadros partidários.

Com essas medidas, acabaram-se as dúvidas, Bernardes era, de fato, o chefe do governo de Minas Gerais e do Partido Republicano Mineiro, o PRM.

Seus valores, dentre eles um profundo sentimento nacionalista, também foram responsáveis, em grande parte, pela sua recusa em assinar o acordo proposto a Epietácio Pessoa, presidente da República, por Percival Farquhar, para que a Companhia Inglesa "Itabira Iron Ore" explorasse o ferro brasileiro.

Este acordo, na época, não obteve o consenso da opinião pública brasileira, pelos termos em que estava colocado: a) A Itabira iria possuir estradas de ferro e portos privativos, além de ser dispensada do pagamento de imposto de importação, durante sessenta anos; b) Não se obrigava a utilizar matérias-primas nacionais, nem mesmo o carvão que seria trazido da Inglaterra; c) Teria concessão sobre as jazidas de ferro de Minas Gerais, sem pagamento ao cofre do Tesouro Brasileiro; d) Como contrapartida, a Itabira poderia construir uma siderúrgica, já na épo-

ca, vital para o desenvolvimento da indústria brasileira.

Por este acordo, portanto, Farquhar, representante de interesses estrangeiros, poderia retirar do Brasil as reservas de ferro que quisesse em troca dos ínfimos salários que pagaria aos trabalhadores da empresa.

Bernardes recusou-se a assinar este acordo, taxando-o de antipatriótico porque, para ele, acordos com empresas estrangeiras só deveriam ser firmados, quando trouxessem claros os benefícios que trariam ao Brasil e só deveriam ser sancionados, quando estes benefícios se demonstrassem realmente valiosos.

Neste episódio, interesses econômicos alienígenos se sobrepuseram aos demais, e a Usina Siderúrgica que a Itabira poderia construir passou a servir de arma para os opositores de Bernardes, entre eles Percival Farquhar que não era um "indivíduo isolado" a pleitear uma concessão. Acusavam-no de impedir o progresso do País, e as camadas urbanas emergentes viam, neste fato, a possibilidade de continuação da política agrícola que vinha garantindo o domínio dos cafeicultores.

Bernardes defendia-se, alegando que o contrato não obrigava Itabira a construir uma siderúrgica no Brasil, mas apenas permitia que ela o fizesse, se o quisesse, o que não garantia que esta siderúrgica viesse a se tornar uma realidade.

A bandeira nacionalista empunhada por Bernardes, neste episódio, iria acompanhá-lo em momentos cruciais de sua carreira política e ganhar-lhe inimigos políticos perigosos. Tais inimigos, numa fase tumultuosa da história brasileira, tornariam espinhosa a sua vida pública e a eles foi atribuído o fato que o marcou profundamente, conhecido como "A Campanha Infame".

ALENCAR et alii(5) assim descreveram os momentos que a antecederam:

No início dos anos 20, a insatisfação dominava boa parte dos oficiais jovens do Exército, instituição que desde o governo Floriano, mantivera-se subordinada aos interesses oligárquicos.

... A disputa pela sucessão de Epitácio Pessoa, em meio a forte crise política, marcaria o início de uma série de novas crises

que abalariam o regime. As duas oligarquias dominantes indicaram o mineiro Arthur Bernardes, pois era a "vez de Minas". Pretendendo chegar ao poder nacional, o Partido Republicano Rio-Grandense, sob o comando de Borges Medeiros, opôs-se à Candidatura de Bernardes, e, com o apoio dos militares hermistas e a participação das oligarquias dominantes da Bahia, Pernambuco e do Estado do Rio, formou a "Reação Republicana" lançando para presidente, o fluminense Nilo Peçanha.

Foi desencadeada, então, uma campanha violenta contra Bernardes que surpreendeu o próprio candidato Nilo Peçanha.

TORRES (84) assim se referiu a esta campanha:

... Sofreu uma campanha fantástica, terrível. Não seria o primeiro, obviamente, e nem seria o último. Este nosso gosto pela invectiva, pelo ataque violento sem olhar medidas, que outrora atingira às mais imponentes figuras de nossa história (as infâmias assacadas contra Bernardo de Vasconcelos, a injusta campanha de Rui contra João Alfredo, por exemplo) tudo volveria contra Bernardes. Enfrentou ativa e dignamente a crise, que teria seu climax no caso das "cartas falsas".

FELIZARDO (27), referindo-se a Bernardes e repetindo Cruz Costa, disse a esse respeito:

Nunca, salvo no tempo do Mal. Hermes, candidato foi mais maltratado e ridicularizado que o hirto e autoritário presidente Bernardes, o "Seu Mé" das canções populares daqueles tempos.

... A oposição a tal candidatura adquiria um tom de virulência ainda não atingido, sob certos aspectos, nas disputas anteriores.

O episódio das "cartas falsas" iniciou-se, quando, depois de um banquete realizado no Clube Militar, em homenagem ao Marechal Hermes da Fonseca, foi lida uma carta endereçada a Raul Soares, atribuída a Bernardes, publicada no "Correio da Manhã", datada de 3 de junho de 1921, cujo original figura no Apêndice F.

Bello Horizonte 3-6-921

Am.^o Raul Soares

Saudações affectuosas.

Estou informado do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes, esse sargentão sem compostura, aos seus apaniguados e de tudo que nessa orgia se passou. Espero que com toda energia, de accordo com as minhas ultimas instrucções, pois essa canalha precisa de uma reprimenda para entrar na disciplina. Veja se o Epitacio mostra agora a sua apregoada energia, punindo severamente esses ousados, prendendo os que sahiram da disciplina e removendo para bem longe esses Generaes anarchisadores.

Se o Epitacio com medo não attender, use de diplomacia que depois de meu reconhecimento ajustaremos contas. A situação não admitte contemporisações os que forem venaes, que é quase a totalidade, compre-os com todos os seus bordados e galões.

Abraços do

Arthur Bernardes.

O Clube Militar reagiu violentamente, pois o Exército era chamado de "canalha", e o seu maior líder, o Marechal Hermes, era taxado de "um sargentão sem compostura". Foi, então, lançado um manifesto que dizia, entre outras: ... "existe pois um dilema, com solução única: ou a nossa dissolução, ou o Exército não aceita que S. Exa. seja o presidente da República".

MAGALHÃES (52), em um estudo minucioso deste episódio, assim se expressou:

Nas vésperas de sua partida para o Norte do país, Nilo recebeu em sua casa o Senador Irineu Machado, acompanhado do indesejável cidadão Oldemar Maria de Lacerda, que foi causador de grandes acontecimentos que alteraram o ritmo da História do Brasil. Foram oferecer-lhe uma carta atribuída a Bernardes, contendo referências injuriosas ao Exército, a qual será oportunamente tratada. Muito embora não a houvesse aceito, Nilo sentiu-se ainda mais estimulado para envolver os militares em sua causa.

MAGALHÃES (52), continuando sua análise, fez referência a uma de claração do Marechal Hermes à Gazeta de Notícias, publicada no dia 11 no Vespertino Combate, ilustrado com um retrato de Irineu:

... O Vespertino "Combate", em sua edição daquele dia, noticiou o caso da carta em negrito, ilustrado com um retrato de Irineu, e da maneira seguinte:

"A falsificação dessas cartas não é muito recente. Elas foram forjadas e planejadas há mais de dois meses. Há bastante tempo que o Sr. Irineu Machado afirmava, na roda de seus amigos e conhecidos, que êles da dissidência estavam preparando um tiro formidável contra o Sr. Bernardes. Indagaram do senador carioca o que seria. O Sr. Irineu apenas dizia: - O Bernardes não se aguentará. O mineiro leva a breca. Êsse... vai ver. - Quando seus amigos políticos pareciam desanimar, o Sr. Irineu repetia que êles haviam de ver. O Bernardes ia ser escangalhado..."

... Já o nome de Oldemar estava sendo apontado como o autor da falsificação. Neste dia João Luís Alves procurou o Marechal Hermer e colocou-o a par dos acontecimentos do caso. Cabalmente esclarecido, o Marechal fez as seguintes declarações à "Gazeta de Notícias" publicadas no dia 12: "Não tenho dúvida absolutamente de sua falsidade. Trata-se evidentemente de uma falsificação miserável, porque ninguém pode julgar o Dr. Arthur Bernardes capaz de escrever tamanhas torpezas".

A esta carta seguiu-se outra, também atribuída a Bernardes, publicada no "Correio da Manhã" do dia 13 de outubro de 1921 (Apêndice F), em que Nilo Peçanha era chamado de "moleza capaz de tudo" e na qual Bernardes confessava ter-se apropriado dos dinheiros públicos de Minas Gerais:

Minas 6-6-921

Meu caro Raul Soares

Saudações affectuosas.

Sciante dos dizeres da última carta, fico inteirado dos compromissos - tomados para o resultado seguro da Convenção. Todavia, desacordo com outra prorrogação porque ella devia ter sido realisada antes da chegada do Nilo, pois, como V. disse esse moleque é capaz de tudo.

Remova toda difficuldade como bem entender, não olhando despesas, o que ja fiz ver ao João Luiz. Das classes armadas nada devemos temer, devido aos compromissos assumidos pelo Epitácio, agindo com toda energia.

Da politica Mineira só tenho adeantar que os elementos do Salles estão sendo trabalhados tenazmente para abandoná-lo e que a sua candidatura à presidência do Estado está garantida porque obrigaremos os politicos recalcitrantes, sob pena de perderem as

suas posições, e V. quando me succeder continuará a levar na devida verba o que faltar das grandes despesas que estamos fazendo, para que depois não venha a se dar escando.

Abraços do

Arthur Bernardes.

A respeito desta segunda carta, MAGALHÃES (52) assim se referiu:

... Desorientado com o fracasso do golpe desferido, com a reação da reflexão e do bom-senso, o Correio da Manhã pensou corroborar a autenticidade da carta jogando no ar uma outra "bomba", mas que se transformou num tiro saído pela culatra. Em sua edição do dia 13 de outubro o mesmo matutino publicou a outra carta primitivamente falsificada e já referida, datada de 6 de junho, desenhada da procuração surripiada do Tesouro Nacional, mas que tinha sido posta de lado por sugestão de Irineu Machado. ... Foram tiradas fotocópias de ambas em papel transparente, e pela superposição das palavras comuns nelas contidas verificava-se a coincidência do tamanho e extensão.

... A materialidade da falsificação então se patenteou.

Bernardes afirmava, sem cessar, que as cartas eram falsas, mas, na agitação do momento, ninguém o ouvia. Apontando os erros de gramática existentes nas cartas, ele dizia: "Meu pai, português severo, nunca me permitiria coisas dêsse tipo".

Por outro lado, fato observado levava, quase que de imediato, à constatação da falsidade das cartas:

Bernardes, amigo íntimo de Raul Soares, desde os tempos de Faculdade de Direito de São Paulo, a ele se dirigia, em cartas, chamando-o, simplesmente, pelo prenome - Raul - e assinado, também, apenas o seu prenome - Arthur.

No Apêndice F, figuram duas cartas escritas por Bernardes a Raul Soares que atestam o que foi dito.

Contudo, ainda levaria tempo até que a grosseira falsificação fosse provada e para que o episódio das cartas começasse a perder importância e a servir apenas para caracterizar a audácia de seus manipuladores.

Vários estudos grafológicos foram feitos, além de inquéritos e

outros processos normais em situações deste tipo. Todavia, o importante para este trabalho é a constatação da fortaleza, da altivez, da firmeza de caráter apresentada por Bernardes em todo o doloroso episódio. A sua formação, os valores que integravam sua personalidade ajudaram-no a sair ileso desta ignóbil tempestade moral.

TORRES (84) assinalou um fato que teve grande repercursão na cidade de Viçosa, através de seu líder máximo - Arthur Bernardes:

... Mas, a sua carreira teria prosseguimento, mesmo depois que as formas tradicionais do regime foram abaladas pela revolução de 1930, de que seria um dos chefes. Embora autoritário, embora fosse homem exercendo uma função de mando e, não um títere (talvez por tudo isto), Bernardes não era ditador.

Queria um governo governado, mas não a destruição da liberdade. E, em 1932, estava ao lado dos paulistas, na famosa revolução constitucionalista.

Esta separação, entre Bernardes e os chefes da situação: criaria a primeira cisão partidária na história republicana, Minas volvia a ter dois partidos. O Partido Progressista contendo os homens da situação e o PRM na oposição.

Em 1932, Getúlio Vargas chefiava o governo provisório, e o descontentamento, o desânimo e a desconfiança lavravam entre os brasileiros.

Os ideais da revolução de 1930 começavam a se deteriorar, nos âmbitos nacional e mineiro.

Segundo MAGALHÃES (52):

Olegário recebeu da Capital Federal um telegrama assinado por Oswaldo Aranha, Ministro da Justiça; General Leite de Castro, Ministro da Guerra; Almirante Isaias Noronha, Ministro da Marinha; Francisco Campos, Ministro da Educação; Batista Luzardo, Chefe de Polícia do Distrito Federal e General Góis Monteiro, ex-chefe do Estado Maior das Forças Revolucionárias, sugerindo a formação de uma instituição denominada "Legião de Outubro", destinada a sustentar o movimento vitorioso, o qual foi estampado no Minas Gerais, em sua edição do dia 22 de novembro.

.... A Legião de Outubro organizou-se não como um partido político, mas como uma entidade destinada a formar uma mentalidade revolucionária, em face das novas condições, em que o país começava a viver. Daí, o apoio que recebeu das principais figuras da

Revolução, a começar pelo próprio Bernardes. Cedo, porém, verificou-se que o rótulo da entidade resumia-se numa farsa: um simples ardil para afastar Bernardes da obra revolucionária, realizando assim o anelo da Reação Republicana.

... Enquanto tais coisas ocorriam no ambiente mineiro, outras idênticas ocorriam no setor nacional. A fim de repousarem das fadigas do movimento, viajaram para Poços de Caldas os Generais Juarez Távora, Góis Monteiro e o Ministro Oswaldo Aranha. Durante o tempo em que lá permaneceram, assinaram um pacto em virtude do qual a convocação da Assembléia Constituinte deveria ser protelada indefinidamente. A revolução começava a apodrecer, causando decepção a inúmeros líderes.

Vitoriosa a revolução de 30, dois jornais que não tinham compartilhado ostensivamente o movimento vitorioso - O Correio da Manhã e O Globo - por não se terem juntado à Aliança Liberal em razão da solidiedade de Bernardes à Aliança iniciaram contra ele odiosa campanha, que provocou imediata repulsa e não logrou seus intentos. A imprensa, contudo, começava a se fazer presente neste momento histórico, a favor ou contra as idéias que começavam a se esboçar nos horizontes brasileiros para a constitucionalização do País. Os Diários Associados colocaram-se a serviço da Legião de Outubro. O Clube 3 de Outubro, onde se congregava o tenentismo, tornou-se o centro da resistência à constitucionalização. Ao anoitecer do dia 25 de fevereiro de 1932, outubristas, fardados e armados, desceram de dois caminhões do Ministério da Guerra, e "empastelaram covardemente" o Diário Carioca, órgão da imprensa que mais ardorosamente defendia a constitucionalização, ferindo vários funcionários; não houve punição para os responsáveis de tão abominável ato.

Em Minas, Olegário Maciel, com setenta e quatro anos de idade, solteirão afeito a uma vida de comodidades desfrutada em sua terra natal, Patos de Minas, era presa fácil para políticos mal intencionados.

Em 9 de julho de 1932, o povo e as autoridades de São Paulo levantaram-se, iniciando a Revolução Constitucionalista, objetivando o retorno à legalidade.

FARIA e BARROS (26), fazendo alusão ao movimento revolucionário de 32, assim se expressaram em relação ao comício que se seguiu ao confli

to em que foram mortos os quatro estudantes Miragaia, Martins, Drausio e Camargo e que deu origem à sigla MMDC:

... No mes seguinte, após gigantesco comício, a Frente Única PRP -PD, com o apoio do decrépito interventor Pedro de Toledo, depôs as autoridades de confiança de Getúlio, entre as quais Miguel Costa e Cordeiro de Farias, organizando um governo tipicamente "paulista". Era uma vitória a nível regional, mas as elites "bandeirantes" queriam mais: queriam por em xeque a autoridade de Getúlio Vargas em outros estados. Contudo, logo após a eclosão do movimento Flores da Cunha (interventor do Rio Grande do Sul), até então vacilante, decidiu dar apoio a Getúlio Vargas. Também Olegário Maciel (interventor em Minas Gerais) aceitou negociar com o poder central e os interventores dos outros estados se colocaram ao lado do governo federal, oferecendo tropas para lutar contra os soldados paulistas.

Tendo o governo de Minas posicionado ao lado do governo federal, MAGALHÃES (52) assim descreveu a atitude de Bernardes neste fato histórico brasileiro:

O General Góis Monteiro, Comandante do Exército de Leste, que operava no Vale do Paraíba, a fim de deter a marcha das forças constitucionalistas para a Capital, na qualidade de amigo e admirador de Bernardes escreveu-lhe uma carta, fazendo-lhe um apelo para que, com sua influência e prestígio, concorresse para acabar com a guerra fratricida. As tropas mineiras foram enviadas para o sul do Estado, a fim de conter as forças constitucionalistas. Wenceslau Braz conseguiu de Olegário Maciel o compromisso de que a Polícia Mineira não penetraria no Estado de São Paulo, mas o compromisso foi rompido. Bastante contrariado, Wenceslau escreveu a Olegário. Este convidou-o para ir a Belo Horizonte, mas ele se recusou. ... Nessa ocasião, em Viçosa, onde se achava, Bernardes publicou um MANIFESTO datado de 18 de agosto, em que aderiu à Revolução.

São os seguintes os termos do MANIFESTO, cujo original encontra-se no Apêndice G, que traz a data de 8 de agosto, em contraposição à data de 18 assinalada por Magalhães:

À NAÇÃO

Os que entraram com altos objectivos na Revolução de Outubro, e não desconhecem totalmente as sciencias politicas e as necessidades nacionaes, certamente estarão decepcionados com os resultados negativos daquelle memoravel movimento civico.

Coroadada de successo como foi a Revolução, era de esperar que, irmanados em um só pensamento, os vencedores logo cogitassem dos problemas mais urgentes do paiz, de que o mais instante era então a reconciliação dos brasileiros, sem distincção entre vencidos e vencedores.

Era-lhes fácil reconhecer que a Nação não pertence a grupos ou a classes, mas a todos os brasileiros, indistinctamente, e que é direito de todos actuar na sua reconstrucção, por tratar-se de patrimonio que lhes é comum. E não só é isto um direito, mas DEVER, pois cumpre aos bons cidadãos interessarem-se pela organizaçãõ de sua patria, dada a influencia, bõa ou má, que terá a mesma de exercer sobre o seu futuro e sobre a sorte do povo. Além disso, a Revolução não se fez para a conquista do paiz em favor de uns com injustificavel exclusão de outros.

Foi, portanto, erro, e erro lamentavel, não se ter feito aquelle congraçamento, que importaria no passo decisivo para a pacificação dos espiritos. Erro tanto maior ainda quanto a pacificação interessava grandemente à consolidação da victoria revolucionaria. E como não se quiz e não se promoveu a reconciliação, ahi está a desgraça, fructo da politica extremista, senão de odios incontidos: a Dictadura combatida numa guerra civil, por seus erros graves e imperdoaveis.

Em vez de sobrepôr-se aos homens e ás paixões, é só consagrar-se aos relevantes interesses do paiz, a Dictadura preferiu iniciar uma politica de vôo rasteiro, de mesquinhas vinganças e perseguições, sacrificando victimas innocentes e velhos odios de terceiros. Ahi estão, para comproval-o, as reformas administrativas dos officiais do Exercito e da Marinha, as aposentadorias compulsorias de Ministros do Supremo, a destituição injusta de outros juizes e funcionarios, e, sobretudo, o assalto aos cartorios. Escandalizando a consciencia publica, esses actos comprometteram irremediavelmente a Dictadura aos olhos da Nação. No entanto, muitos daquelles funcionarios foram afastados de seus postos pelo nefando crime DE NÃO HAVEREM FALTADO AO CUMPRIMENTO DE SEUS DEVERES: os militares, por terem defendido os governos constitucionaes de 22 e 24; os Ministros, por haverem executado a lei que a sociedade lhes dera, e que os obrigava a processar e condemnar réos confessos, que, de publico, alardeavam seus crimes em entrevistas á imprensa.

São incalculaveis os danos moraes resultantes para a Nação, de taes reformas e aposentadorias: soffrerá a disciplina nas classes armadas; soffrerá a bõa distribuiçãõ da justiça. Soffrerão os militares, pelo justo receio de serem punidos amanhã, por haverem cumprido, na vespera, o seu dever; soffrerão os juizes, pelo temor de contrariarem homens e governos.

O Governo Provisorio tirou ao Poder Judiciario uma garantia de sua independencia, abolindo a inamovibilidade, que era uma velha tradiçãõ do Direito patrio e cuja annullaçãõ importa numa a-

meça aos direitos individuaes e ás liberdades publicas. Magistrado sem aquella garantia é juiz sem completa independencia, e, assim, sem auctoridade para distribuir justiça e impor o respeito á lei.

Ferindo a intangibilidade do Poder Judiciario, a Dictadura arrancou ao magistrado uma de suas condições de existencia.

Com a supressão da inamovibilidade, soffreu também o professorado da Republica. Professores, de concurso ou não, têm de rezar, hoje, pela cartilha official, pois lançaram-lhes sobre a cabeça o perigo imminente da transferencia para ignotas e longinquas paragens.

Entretanto foi em nome da liberdade que se fez a Revolução! E, por certo, teria sido em nome desta mesma liberdade que se feriram esses direitos adquiridos.

Mais feliz não tem sido a influencia da Dictadura sobre a economia e as finanças do paiz. Arrasta-se de longa data, uma crise que se não tem sabido debellar. E, enquanto ella arruina o paiz, as classes conservadoras - notadamente o commercio e as industrias - assistem ao seu proprio desmoronamento. A Dictadura não quer ver que o maior entrave ao desenvolvimento das transacções e da economia indigena, reside na falta de ordem constitucional no paiz, onde o estrangeiro não quer negocios por suspeitar da estabilidade da situação politica e por ter perdido a confiança na justiça, ministrada por juizes sem as indispensaveis garantias de independencia.

É de extrema gravidade a hora que passa. Minha consciencia me impelle a dizer, de publico, á Nação, que a Dictadura transformou um movimento de reivindicações civicas em arma de oppressão e de ideaes suspeitos. Devo a Nação estas palavras de reprovação ao actual Governo do Brasil, por o haver ajudado a installar-se, sem cogitar de posições, antes, tudo arriscando, enquanto outros, talvez, divisassem nelle vantagens e proventos pessoas.

"Podem os homens ser victimas das suas ideias, mas têm o dever de expô-las quando pensam servir aos interesses de sua patria".

Convencido estou de que, se queremos retomar o rythmo de nossa actividade economica, a volta do paiz á ordem jurídica deve constituir nosso principal objectivo. A falta de Constituição tem sido e será o mais importante factor da aggravação da crise e da sua longa duração. Vivessemos já sob o regimen constitucional, e não estaríamos assistindo ao spectaculo doloroso da guerra civil.

Que motivos serão esses que retardam o advento da Constituinte? Se não ha outras razões, occultas, que não possam vir a publico, as invocadas até agora pela Dictadura são de improcedencia manifesta e não resistem a um debate serio.

A Revolução de 89, que proclamou a Republica, teve difficuldades maiores a vencer, com a profunda transformação de ordem

institucional e substituição de um regimen politico por outro, que se lhe oppunha de modo radical. Entretanto, os monarchistas, que haviam decahido, não puderam obstar a que, em um anno e tres mezes, os republicanos restaurassem no paiz a ordem constitucio-nal: proclamada a nova reforma de governo a 15 de Novembro da-quelle anno, era a Constituição promulgada a 24 de Fevereiro de 91.

Hoje, decorrido cerca de dois annos, e apezar dos clamores da opinião publica, ainda se monta o complicado aparelho de que ha de sahir o futuro eleitorado nacional!

Esse descaso pela opinião e a tardança em converter o paiz ao regimen normal, é que têm inquietado o espirito publico e o faz temer pela sorte das liberdades e pela dos proprios Estados da Federação.

São Paulo tem sido duramente tratado pela Dictadura, se é que não tem sido por ella injustiçado. Nem se diga dos paulistas que hajam contrariado a nova ordem de cousas, creadas pela Revo-lução, porque uns se resignaram com a situação de vencidos, e ou-tros, eram adeptos da situação vencedora, tendo batalhado pela ALIANÇA LIBERAL. É notorio que seus mais graduados representa-tes se cançaram de procurar, junto á Dictadura, uma formula con-ciliadora dos interesses reciprocos.

São Paulo é um Estado que honra a Federação. É o pioneiro do progresso patrio. Pela politica constructora que instituiu e pe-la applicação de seu povo ao trabalho e á producção, creou uma riqueza immensa, NO BRASIL E PARA O BRASIL.

É o Estado que mais contribue para as despesas da União. É, ainda, o maior contribuinte da receita, ouro, dos nossos orçamen-tos. Sua organização modelar tem servido de paradigma para os ou-tros Estados, que alli mandam estudal-a e copial-a sem nenhum des-douro, antes com vantagem manifesta.

Não só, porém, por sua grandeza material ou por sua riqueza, aquelle nobre povo se impõe á consideração nacional: elle merece ainda o nosso apreço pelo alto nivel de sua cultura intellectu-al, que, só por si, illustra uma nação. São Paulo está indissolu-velmente ligado ás glorias do Brasil.

Não é licito occultar que foi o desespero que o arrastou a tomar armas.

Não lhe assistirá, porventura, o direito de opinar sobre os destinos do Brasil? Quando pretenderam negar-lhe esse direito, e procuraram tiral-o tambem aos restantes Estados da Federação, São Paulo pegou em armas e se pôs de pé pelo Brasil. Por que não o acompanharmos?

Quanto a mim, fico com São Paulo, porque para São Paulo se transportou hoje a alma civica do Brasil. E não me preocupam as consequencias que me possam advir da franqueza com que me dirijo á Nação. Tão pouco indago se ella pode occasionar-me amanhã a perda da liberdade ou da propria vida. Na minha idade, quando já

se deu o maximo do esforço pelo bem da Patria, é ainda uma felicidade possuir-se alguma coisa que se lhe possa offerecer em momento de extrema gravidade, como este.

Brasileiros:

A Nação não pôde permanecer de côcoras!

São Paulo encarna os anseios do povo e os interesses supremos do paiz!

Viva São Paulo!

Viva o Brasil!

Viva a causa constitucional!

Viçosa, 8 de Agosto de 1932.

ARTHUR BERNARDES.

São Paulo contava com Bernardes. DONATO (23) assim se expressou em seu livro "A revolução de 32":

De Minas, pela voz do Partido Social Nacionalista, cristalizado em torno de Arthur Bernardes, desce o primeiro substancial apoio ao decálogo e à intimação. Clama por estreita vinculação entre mineiros, gauchos e paulistas na exigência da constitucionalização. ... A operação parecia fácil e perfeita; O Rio Grande do Sul e Minas Gerais levantar-se-ão ao mesmo tempo que São Paulo; o General Klinger descera de Mato Grosso à frente de 5.000 a 6.000 soldados. Reunidos os contingentes constitucionalistas dos quatro Estados e mais os do que se lhes juntarem na oportunidade, marcharão para o Distrito Federal, em um certamente pacífico desfile.

Na mesma obra, DONATO (23) colocou:

Euclides de Figueiredo, a cargo do plano geral do levante, apresenta um balanço das possibilidades militares: "... as ligações com o sul foram dadas sempre como garantidas. Mato Grosso (...) por seus representantes; o general Klinger garantia o concurso de 5.000 homens, com o armamento necessário e boa provisão de munição, os quais passariam de imediato a fronteira do Estado e dentro de quatro ou cinco dias estariam em condições de entrar em operações (...) Minas, apesar dos entendimentos que os seus homens políticos mantinham com os de São Paulo (...) não inspirava confiança (...)

Contudo, a Frente Única não funcionou. DONATO (23) continuou:

Euclides Figueiredo teimava em não avançar se a Vila Militar, no Rio, não se erguesse e se as unidades federais no sul mi

neiro, entre São Paulo e Rio, permanecessem indecisas. Fiel da balança desta decisão é o coronel Eurico Gaspar Dutra, comandante do 4.º RCD, em Três Corações. Ao enviado paulista, coronel Andrade, Dutra responde a molde de enigma - "Vou seguir para aí". Aí era a região do Túnel, ocupada pelos paulistas. Alguns interpretaram a frase como adesão. Alegraram-se. Outros, como ameaça. Acertaram. Dutra moveu-se, posicionou-se entre o 8.º RAM e o 4.º BE, coibindo qualquer movimento destes em favor da Revolução. E os primeiros tiros que soaram na região do Túnel contra os paulistas foram disparados por soldados do 4.º RCD, obedientes a Dutra. O 13.º RI também não se ergueu. Os civis que seguiriam Bernardes não se mexeram porque os militares não se moveram.

Os civis não se mexeram porque, em Viçosa, Bernardes era combatido e preso por ordens do governo mineiro...

O seu exílio atestou seu engajamento na Revolução, ao lado de São Paulo, como ele bem dissera em seu MANIFESTO de 8 de agosto de 32: "Quanto a mim, fico com São Paulo, porque para São Paulo se transportou hoje a alma cívica do Brasil".

De acordo com HILTON (38), terminada a Revolução de 32 com a derrota dos paulistas no combate de Cerro Alegre, município de Piratini, Luzardo conseguira escapar, refugiando-se no Uruguai e depois na Argentina, mas Borges de Medeiros foi capturado.

Para acabar com os conspiradores constitucionalistas, faltava apenas definir a situação em Minas. Segundo HILTON (38), nesta ocasião, um ajudante-de-ordens de Vargas indagou a Gustavo Capanema, ao comuncar-lhe a prisão de Borges: Quando chegará |o| dia |do| nosso Bernardes?, referindo-se ao movimento intenso que a polícia de Minas realizava com a finalidade de prender Bernardes. Foi ainda HILTON (38) quem explicou a campanha contra o ex-presidente:

Aliás, o ex-presidente, porta-voz do Partido Republicano Mineiro, ferrenho adversário do tenentismo, estava nas miras das autoridades estaduais e federais desde o início, devido a sua aberta oposição à ditadura. Essa oposição, como vimos, levou Bernardes a conspirar com Figueiredo, nas semanas que antecederam a revolução, e tornou-o a figura nuclear da "resistência" dentro de Minas após o 9 de julho, tendo seu filho Artur, Mário Brandt e Cristiano Machado como auxiliares mais destacados.

A idéia dos conspiradores mineiros era gerar dificuldades dentro do Estado, de modo que o governo fosse obrigado a desviar tropas dos principais campos de batalha, aliviando, assim, a pressão contra os exércitos constitucionalistas. A este respeito, Paulo Pinheiro Chagas, um dos conspiradores, teria dito: "Deporíamos prefeitos, destruiríamos pontes, dinamitaríamos depósitos de munições, numa cuidadosa sabotagem".

As armas e munições compradas eram despachadas pela Estrada de Ferro Leopoldina, embaladas em caixotes destinados à "Companhia de Força e Luz" de Viçosa, porém o trabalho de concentração de homens e de material dificilmente passaria despercebido. Capanema, consultando prefeitos e delegados na região de Viçosa, recebera informações inquietadoras: "Na terra do homem consta existir muita gente" avisava-lhe um delegado. Do Catete, também chegavam informações a respeito de um movimento que estaria sendo preparado na Zona da Mata.

O delegado Gastão Soares Moura Filho foi então enviado a Viçosa com um batalhão da Força Pública Mineira. Bernardes tentou conciliar a situação, propondo um diálogo com Moura Filho, no que foi recusado. A descoberta feita pela polícia federal de que armas estavam sendo despachadas para Viçosa precipitou os acontecimentos. Brandt foi preso no início de agosto de 1932, em Belo Horizonte; o futuro genro de Bernardes e o jornalista Assis Chateaubriand, este um dos principais conspiradores no Rio de Janeiro, foram presos em Ipanema, na manhã de 6 de setembro, e a fazenda de um sobrinho de Bernardes foi tomada por tropas da FPM (Força Pública Mineira), após um tiroteio de 20 minutos. De Belo Horizonte, neste mesmo dia, veio a ordem de prisão de Bernardes, tarefa que coube ao delegado Alexandrino de Alencar, em 22 de setembro de 1932. A "revolução constitucionalista" em Minas Gerais, de acordo com narrativa de Hilton, chegara ao fim.

Bernardes não se dobrara à política de Olegário Maciel. MAGALHÃES (52) relatou, também, episódios da época, ocorridos em Viçosa:

Chegaram, há dias, ao conhecimento das altas autoridades federais e do governo de Minas a existência de uma conspirata de

elementos reacionários mineiros com ramificação nesta capital tendo por centro e chefe principal o Dr. Arthur Bernardes. ... O objetivo da conspirata era depor o govêrno mineiro para entregar o Estado ao Sr. Arthur Bernardes como delegado do General Bertoldo Klinger.

... Bernardes encontrava-se então em Viçosa. No dia em que o comunicado era divulgado, alguns outubristas exaltados seguiram para Viçosa, a fim de assassiná-lo. Este homiziou-se numa fazenda situada nos arredores. Descoberto pelas autoridades mineiras, a elas se entregou dia 23 de setembro. ... Bernardes era um homem extremamente polido e sereno. Cultivava profundamente a delicadeza. Ninguém jamais lhe conheceu uma explosão de cólera ou uma expressão ríspida.

... De acordo com seu caráter, Bernardes assumiu nobremente a responsabilidade da sua atitude, sem pretender comprometer a quem quer que fosse.

Eis o que ele declarou às autoridades ditatoriais:

Que organizara no Estado de Minas um movimento revolucionário que não teve começo de execução, mas que teria sido vitorioso se não tivesse sido em tempo descoberto. ... Escusava-se de detalhar e citar nomes, mas avocava para si tôda a responsabilidade das ocorrências e preparativos do levante, passando assim a não haver em Minas senão um só responsável, que era êle declarante.

Ainda, segundo MAGALHÃES (52), no dia seguinte ao da prisão, foi Bernardes conduzido em trem especial para a Capital Federal, cercado de grande aparato policial. Os outubristas tramaram-lhe a eliminação, quando fosse desembarcar na Estação Barão de Mauá. Para evitar semelhante covardia, o Ministro da Marinha, Almirante Protógenes Guimarães, acompanhado de outras autoridades, foi aguardá-lo na Estação de Vigário-Geral de onde o conduziu à ilha Rijo. Neste lugar, onde passava o fim-de-semana durante seu período presidencial, permaneceu durante dias, tendo como companheiros Borges de Medeiros e Pedro de Toledo. Diante das constantes ameaças à sua vida por parte dos outubristas, estimulados pelo famigerado DOP (Departamento Oficial de Publicidade, órgão de vida efêmera que funcionava junto da Imprensa Nacional) e pelo "Radical", foi Bernardes transferido para o Forte do Vigia, onde foi tratado com apre-

ço e consideração pela sua guarnição, que o localizou no Cassino dos Oficiais e onde recebeu inúmeras visitas.

Magalhães visitou-o pela primeira vez em companhia dos Drs. Honório Hermeto, Necésio Tavares e Ari Ferreira, seus amigos pessoais, residentes em Belo Horizonte, e uma segunda vez, na manhã de 4 de dezembro de 1932, quando ele se preparava para embarcar para a Europa a bordo do "Astúrias", por determinação da Ditadura.

Lá também se encontravam o jornalista Assis Chateaubriand, Paulo Rapaport, Alaor Prata, Valdemar Loureiro, João Gomes Teixeira, Zito Vaz de Melo, Olegário Bernardes e Arthur Bernardes Filho.

No momento em que embarcava para o exílio, Bernardes presenciou doloroso episódio, assim descrito por MAGALHÃES (52):

Fracassados em Viçosa, Barão de Mauá e ilha do Rijo, os outubristas resolveram, em compensação eliminar-lhe o filho de maneira estúpida, covarde e brutal. No instante em que o Astúrias se afastava do Cais do Pôrto alguns outubristas premeditadamente presentes descarregaram suas armas sôbre Arthur Bernardes Filho, quando êle distraidamente acenava para seus pais e irmãos debruçados na grade do tombadilho, constrangendo-os ao dissabor de presenciarem tão inominável selvageria.

Antes de partir, Bernardes deixou uma mensagem às pessoas amigas do Brasil, sobretudo às de Minas, renovando-lhes o apreço e colocando-se à disposição onde quer que se encontrasse.

A Assembléia Constituinte, inaugurada no dia 15 de novembro de 1933, formada pela melhor lei eleitoral até então elaborada, mandava eger o Legislativo ordinário daí a 90 dias e tornou sem efeito a cassação dos direitos políticos dos revolucionários constitucionalistas. A revolução de São Paulo estava, de certa forma, vitoriosa, apesar de derrotada pelas armas.

Com a volta da normalidade jurídica, Arthur Bernardes regressou ao País, desembarcando no Rio de Janeiro, a bordo do "Alcântara", no dia 12 de agosto de 1934. Sua chegada foi uma consagração popular e ele foi alvo de diversas homenagens por parte de homens públicos e de diversos jornais da época. Ao desembarcar, foi saudado pelo Deputado Acúrcio

Tibúrcio e pelo também Deputado Batista Luzardo, entre uma ruidosa aclamação popular. O País redimia-se das injustiças feitas contra seu filho.

A 53 dias da eleição, Bernardes organizou as forças oposicionistas ao governo de Getúlio Vargas, e seus componentes partiram para seus Estados, a fim de compartilharem as eleições que seriam realizadas em 14 de outubro.

Os situacionistas, interventores candidatos à eleição indireta, tinham todas as vantagens para uma vitória expressiva no pleito, daí a significação dos resultados obtidos pela oposição.

Em Minas, o Partido Republicano Mineiro conseguiu eleger os seguintes deputados federais: Arthur Bernardes, Arthur Bernardes Filho, Bias Fortes, Djalma Pinheiro Chagas, Daniel Carvalho, Carneiro de Resende, Cristiano Machado e Levindo Coelho; elegeu ainda 14 deputados estaduais, numa câmara de 34. LIMA (47) referiu-se ao resultado desta eleição:

Apuradas as eleições de 14 de outubro, verificou-se que Arthur Bernardes foi o deputado federal mais votado, obtendo naquele pleito 38.025 votos.

... Tendo sido eleito, respectivamente, para a Constituinte Mineira e Câmara Federal Bernardes optou por esta última.

Neste período, foi brilhante a atuação de Bernardes fazendo uma oposição séria ao governo federal, sempre coerente com seus valores e pontos de vista, dos quais nunca se afastou.

O ano de 1937 marcou, na história do Brasil, o início de um período melancólico, com o crepúsculo da legalidade política constitucional. Em 10 de novembro, Getúlio Vargas, que não desejava deixar o poder, instituiu o ESTADO NOVO.

Bernardes foi, novamente, condenado ao silêncio, e, como um dos maiores adversários da situação, teve seus passos controlados, ficando sua liberdade de locomoção restringida a idas e vindas para o Rio de Janeiro e sua terra natal - Viçosa.

Francisco Campos executara as ordens de Getúlio elaborando a Cons

tituição de 1937, cognominada de "Polaca" por ter sido inspirada em uma carta autoritária imposta à Polônia pelo Marechal Josef Pilsudski.

FARIA e BARROS (26) assim se referiram a esta Carta Constitucional:

... A compreensão do Estado Novo passa necessariamente pela análise do sistema político estruturado gradativamente a partir da Constituição facista de Francisco Campos. A carta de 1937 tinha o traço curioso de mostrar veladamente o seu caráter autoritário na imensa maioria dos artigos, revelando-se de fato nas chamadas "disposições transitórias e finais".

ALENCAR et alii (5) falaram sobre este período.

O Estado Novo, regido por uma Constituição autoritária inspirada no facismo, representava a instauração no país da "Ditadura". O Parlamento, as Assembléias Estaduais e as Câmaras Municipais foram extintos, passando o Presidente da República a legislar em diversos assuntos por meio de decretos-leis e a intervir nos governos estaduais, confirmando os governadores ou substituindo, de acordo com suas conveniências.

Estes fatos, por si só, explicam a não-convivência de Bernardes com a política nacional deste período. Em 1943, este perpétuo batalhador subscreveu o MANIFESTO DOS MINEIROS ao lado de grandes figuras mineiras, tais como Mendes Pimentel, Afonso Pena Júnior, Estevão Pinto e outros. A Ditadura reagiu de modo violento, exonerando e aposentando os funcionários públicos signatários e confiscando os bens dos não-funcionários. Os inconfidentes, porém, continuaram sua obra e, ao lado de outros fatores e iniciativas, concorreram para que o ano de 1945 surgisse com melhores perspectivas para o Brasil.

TORRES (84) colocou a posição de Bernardes neste período:

... Quando em 1945 reagruparam-se as forças de restauração democrática, estava na frente. Seu partido associado a outros, passaria a um partido nacional, o Partido Republicano... E nos últimos anos, ora apoiando os governos, ora independente, pôs a sua combatividade a serviço da causa nacionalista e, com uma ousadia digna de registro, tomaria da mão dos comunistas a bandeira da nacionalização do petróleo, posição que não seria efeito de um oportunismo político, mas projeção de uma linha de invulgar coerência. Intransigente na oposição, enérgico no governo, severo em quaisquer emergências, foi um homem de força e de fibra.

Iniciara o ano de 1955, data em que Bernardes deveria completar 80 anos. Apesar de estar com saúde, parece que ele pressentiu seu fim, no princípio daquele ano. Em fevereiro, escreveu numa folha de papel, encontrada numa gaveta de sua escrivaninha após a sua morte, ocorrida no dia 23 de março, as seguintes palavras, transcritas de MAGALHÃES (52):

O FIM DO HOMEM
 É DEUS, PARA O
 QUAL DEVEMOS PRE-
 FERENTEMENTE VIVER.
 EU, PORÉM, VIVI
 MAIS PARA A
 PÁTRIA, ESQUECENDO-
 -ME DÊLE. A ÊLE
 DEVEMOS CONTAS
 DO QUE AQUI
 FIZEMOS DE NOSSA
 VIDA, E EU A
 TIVE LONGA.
 RECEOSO DE NÃO
 PODER RESGATAR
 MINHA FALTA
 NO POUCO TEMPO
 QUE ME RESTA,
 APESAR DE SUA
 INFINITA MISERICÓRDIA,
 PEÇO AOS MEUS
 AMIGOS, CORRELIGIONÁRIOS
 E BRASILEIROS DE BOA VONTADE
 QUE ME AJUDEM
 A SUPRI-LA COM
 MINHA PRECE.

Alvo de inúmeras homenagens, o governo federal decretou luto de cinco dias e determinou que lhe fossem prestadas as honras de Chefe de Estado.

A revista MANCHETE (54), de 2 de abril de 1955, publicou, sob o título "O enterro de Bernardes", alguns tópicos referentes à personalidade do grande líder mineiro:

. Alguns traços definidores da personalidade de Bernardes podem ser captados no vasto anedotário que se formou no curso de

sua longa vida de homem público. Bernardes era habitual leitor da Bíblia. As profecias do Apocalipse impressionavam-no fundamentalmente. O "pássaro terrível" do fim do mundo lhe parecia cor-responder ao avião dos tempos modernos, tempos de fim de mundo.

. Governador de Minas, asseguram os testemunhos da época, que Bernardes fazia t^oda a viagem de trem, de Belo Horizonte ao Rio e vice-versa, sentado na sua poltrona, sem se mexer. Muito bem composto, de colarinho duro e "pince-nez", nem sequer ajeitava o casaco. Somente os solavancos do trem abalavam, de quando em quando, a sua postura petrificada, fiel à fôrma modelada nos tempos do Caraça. Os adversários de Bernardes costumavam dizer que a sua vitória foi o triunfo do paletó abotoado.

. Com Bernardes morreu também um estilo político. O ex-presidente era, sobretudo, um homem de rígida educação, que não se deformava sequer nos momentos de grande impacto emocional. O jeito empertigado, o "pince-nez", o paletó abotoado, a compostura impecável, a voz grave, o tratamento indiscriminadamente atencioso, etc., são hoje um comportamento de outra política e de outro mundo, que Bernardes levou para o seu túmulo.

. Bernardes vinculava-se à política municipal como uma árvore à terra. A sua vida pública extravasou de Viçosa e de Minas, mas as raízes estavam lá fincadas na terrinha da Zona da Mata. A base da política bernardista era fundamentalmente municipal. E na tessitura dessa política menor é que a inteireza do velho Bernardes abria algumas frestas. Nesse terreno êle era capaz de concessões. Primeiro que tudo estavam Viçosa e o PR. Mas Bernardes não transigia com os princípios que balizavam e sua vida pública. Será difícil encontrar outro exemplo de tanta coerência, na história republicana.

. O nacionalismo de Bernardes, que na República Velha estêve simbolizado no caso da "Itabira Iron", e mais tarde na questão da Hiléia Amazônica, manifestava-se até ontem, com t^oda a intransigência dos primeiros tempos, nos debates do petróleo. Nunca se soube, por outro lado, que êle houvesse abrandado a sua intolância anti-militarista. Foi com desgosto, certamente, que acompanhou certa tendência do seu partido em direção à candidatura do general Canrobert.

Foi publicada, ainda, sob o título: "Conversa com um varão da República", a entrevista concedida por Bernardes a Otto Lara de Resende, quando ele deixa transparecer sua opinião a respeito do exercício da política pelos civis, antes do que por militares (54):

... Os militares são preparados para outra especialidade, não para a política, que é uma arte difícil que só se aprende a praticar bem ao longo de muitos anos, começando no município e acabando nos postos de amplitude federal.

... Hoje, consultando umas notas tomadas naquele dia, posso reconstituir a conversa. Os tópicos mais curiosos aí estão. Ao retirar-me, perguntei-lhe ainda qualquer coisa sobre a possibilidade de uma candidatura militar que estava nos jornais. "Militar, não" - disse êle. "Como é que o senhor apoiou o Brigadeiro em 1945?" - retruquei. E o velho Bernardes, com sua voz grave, de um estilo "fin-de-siècle", retórico mesmo fora da tribuna: "Naquele momento a situação era diferente. Só tínhamos aquela saída. Mas hoje os militares já podem voltar para a caserna. A política precisa de políticos".

A ele se referiu Afonso Arinos, em discursos pronunciados na Câmara por vários Deputados:

Ele deixa, mais do que tudo uma lição é uma esperança. Quando tantos moços vacilam, hesitam, perturbam-se e se omitem, não deixa de ser uma esperança vermos desaparecer no convés de seu navio, capitaneando o seu barco partidário, com a mão na roda do leme de sua organização política, êste velho marinheiro que conheceu temporais e que conheceu tantos mares.

As Figuras 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64 e 65 mostram fotografias deste grande estadista viçosense:

4.3.4. Viçosa, a Influência de Bernardes

O povo de Viçosa, em sua quase totalidade, acompanhou Bernardes em sua carreira política, colocando-se ao seu lado em todas as vicissitudes, apoiando-o em suas ações em circunstâncias as mais variadas.

Por ocasião da revolução de 32, Viçosa não faltou ao seu grande líder e aqui foi lançado o MANIFESTO que colocava a facção política Bernardes ao lado de São Paulo. Atitudes corajosas e desprendidas aconteceram por todo o canto da cidade. Informantes da época descreveram cenas ocorridas no município, quando as tropas do governo mineiro aqui vieram à procura de Bernardes:



FIGURA 58 - Dr. Arthur da Silva Bernardes e Família.

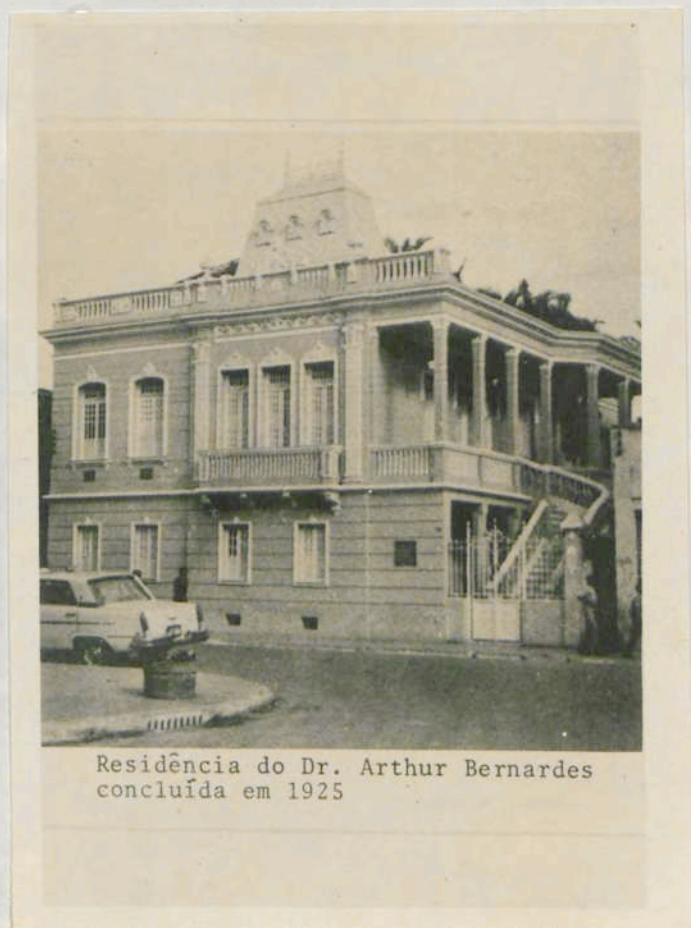


FIGURA 59 - Residência do Dr. Arthur da Silva Bernardes, Situada na Praça Silviano Brandão. Viçosa, MG.



Arthur Bernardes, com seu filho, no dia da sua Bodas de Ouro.

FIGURA 61 - Dr. Arthur da Silva Bernardes e Seu Filho Dr. Arthur Bernardes Filho. Viçosa, MG.



Primeiro Ministério de Bernardes

FIGURA 60 - Primeiro Ministério de Bernardes, Presidente da República de 1922 a 1926.

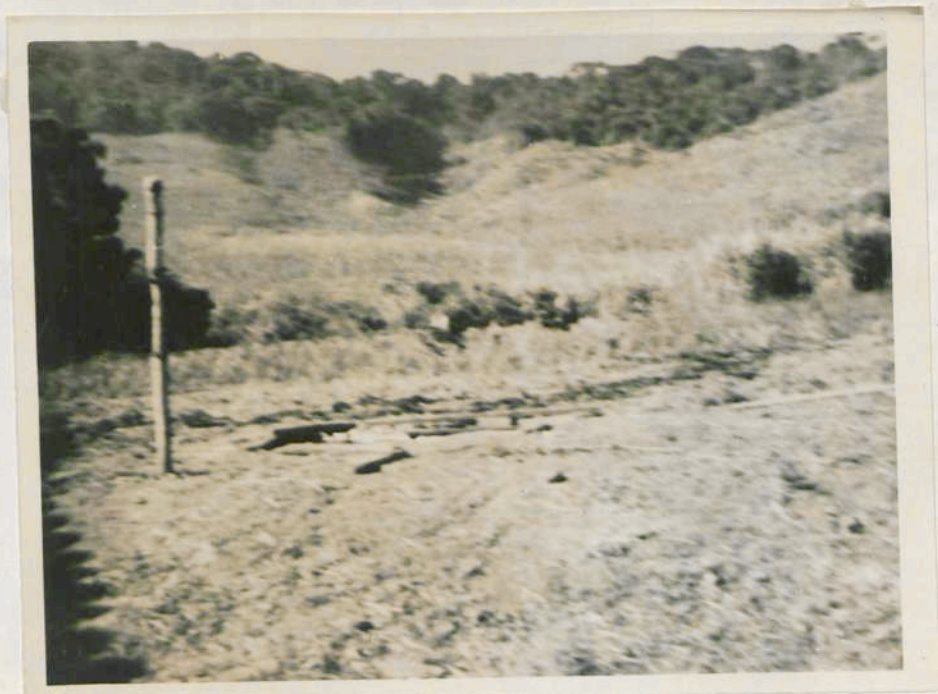


FIGURA 62 - Local onde Bernardes se Escondeu na Revolu -
ção Constitucionalista de 1932. Viçosa, MG.



FIGURA 63 - Casa de onde Bernardes Saiu para a Prisãõ na
Revoluçãõ Constitucionalista de 1932. Viço-
sa, MG.

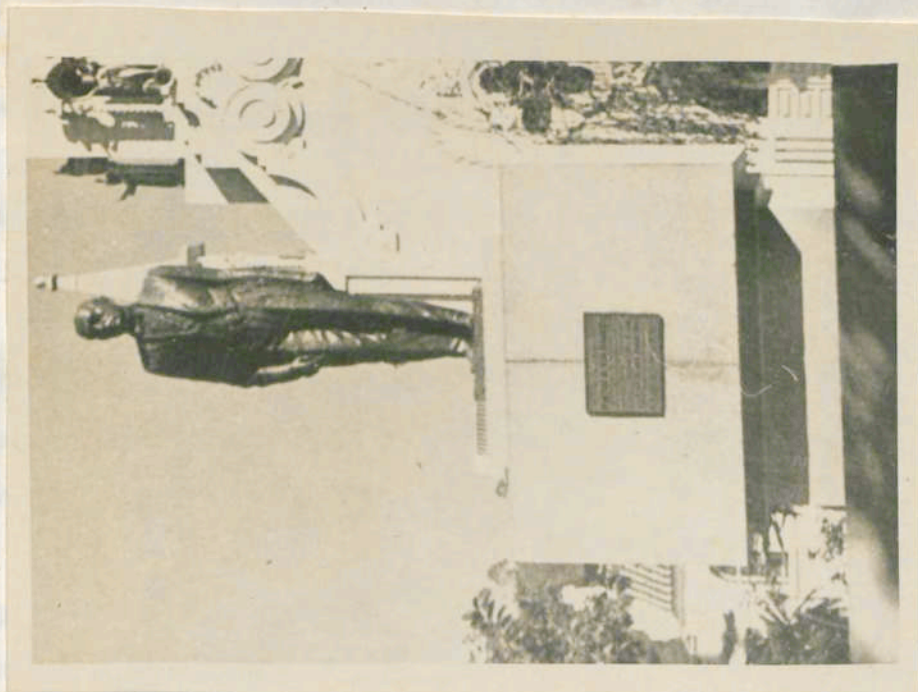


FIGURA 65 - Monumento a Arthur Bernardes Situado na Praça Silvano Brandão, Viçosa, MG.



Visita do Dr. Arthur Bernardes à Liga Operária Viçosense. Ao seu lado o vigário Conego Modesto

FIGURA 64 - Visita do Dr. Arthur da Silva Bernardes à "Liga Operária Viçosense". Viçosa, MG.

Chegara à cidade notícias de que o governo iria jogar bombas no município, o que já teria ocorrido nas vizinhanças da cidade de Ubá. Os chefes de família viçosenses levaram seus familiares para as roças e permaneceram na cidade, em meio a um intenso movimento de tropas da polícia mineira.

Dizia-se que Bernardes estava em uma fazenda das proximidades. De fato, ele estava na fazenda de Cornélio de Paula Lana, localidade denominada Bom Jardim ou Luíza, hoje propriedade de Joaquim de Castro Silva, de onde veio para se entregar (Figuras 62 e 63).

Por esta época, quando viajava pelas localidades da região de Viçosa, a fim de arregimentar voluntários para a Revolução, Bernardes foi a Porto Firme, onde se hospedou em casa de Antônio Pedro Vidigal, seu amigo e correligionário político.

Segundo informantes, à noite, postado à janela da casa, foi ele homenageado por mais de quatrocentas pessoas. No momento em que se dirigia ao povo, para agradecer a homenagem, a manifestação e a solidariedade demonstradas à causa que defendia, Jesus Lacerda, genro de Antônio Pedro Vidigal, tentou agredi-lo com um punhal, agressão que poderia ter sido mortal, dada a proximidade em que se encontrava o agressor. O atentado foi impedido por Gentil de Castro Vidigal e seus amigos, presentes também ao evento, que agiram com rapidez e segurança, contendo e afastando o agressor, não sem uma boa surra. Segundo o mesmo informante, até hoje não se sabe o motivo que levou Jesus Lacerda a tal comportamento.

Ao lado de Bernardes, sua esposa, Clélia, a tudo assistia com firmeza, sem arroubos emocionais, acostumada que estava a cenas desta natureza, nas muitas ocasiões em que acompanhou seu marido em suas lutas políticas e revolucionárias.

Na atual cidade de Araponga, onde os efetivos do governo deveriam se unir aos revoltosos, estavam concentrados os batalhões das forças de voluntários, à espera da eclosão do movimento revolucionário. Aí estiveram, entre outros viçosenses, Juarez de Souza Carmo, José Semião da Cunha e Antônio Gomes Barbosa. Cristiano de Freitas Castro, genro de

Bernardes, controlava o movimento e fornecia "salvo conduto" para quem desejasse transitar por Araponga.

Dr. Sebastião Ferreira da Silva era o elemento de ligação entre Bernardes Filho, no Rio de Janeiro, e Bernardes em Viçosa. As mensagens eram transmitidas em forma de senhas. Conta-se que, quando uma delas chegou, dizendo que o movimento eclodira antes do tempo determinado, por precipitação das forças integralistas, Dr. Sebastião Ferreira da Silva levou a notícia a Bernardes, tendo, assim, se expressado: - Está tudo perdido! E Bernardes, com a firmeza que lhe era característica, assim lhe respondeu: Não faz mal, começamos tudo de novo!

Com o fracasso do movimento, as tropas governistas chegaram a Viçosa e revistaram todas as casas, com requintes de selvageria e desconsideração, à procura de armamentos. Os colchões de capim foram rasgados, o capim espalhado pelo chão e os móveis danificados.

Em Araponga, Felipe Ballut teve roubado todos os seus pertences, inclusive jóias. Um médico recém-formado, Dr. Raimundo Lopes de Faria, teve sua aparelhagem para a montagem de um consultório médico destruída, quase totalmente, dentro dos caixotes em que ainda se encontravam.

Um fato merece ser mencionado: No auge do desespero e da confusão, Primo Gianotti, colocando as mãos nas armas disponíveis em casa de Bernardes, enterrou-as sob as bananeiras existentes nos fundos da residência de Verano Lopes de Faria Franco, na atual rua Senador Vaz de Melo. Feito isto, assentou-se na sala e esperou porque, caso as armas fossem descobertas, ele se entregaria, eximindo de culpas o dono da casa. As armas não foram encontradas.

Ao ser preso, Bernardes estava em companhia de amigos. Na ocasião, disse a Dr. Sebastião Ferreira da Silva, no hotel de Lucília Barbosa: Minha vida corre grave perigo. Sou católico praticante, e jamais cometerei suicídio. Com estas palavras Bernardes tiraria a conotação de suicídio, se qualquer episódio posterior ocasionasse sua morte.

De fato, em Petrópolis, houve uma tentativa de assalto ao vagão onde viajava Bernardes, para assassiná-lo. Nesta ocasião, Bernardes te-

ve sua vida defendida pelo então chefe de polícia e delegado, Alexandri no Alencar, que, empunhando o revólver, teria dito: Aqui ninguém entra. É um prisioneiro de Minas que eu devo entregar aos chefes militares no Rio de Janeiro. E frustrou a tentativa.

Ao embarcar para o exílio, vários viçosenses estiveram presentes no cais do porto do Rio de Janeiro. Dentre eles, estava o Dr. Carlos Vaz de Mello Megale que teria dado o "Viva Bernardes" que desencadeou o tiroteio referido por Magalhães, citado anteriormente. Segundo informantes, Bernardes Filho trajava um terno branco e, quando foi atingido nas pernas, seu pai, a bordo do Astúrias, teria visto o sangue se espalhando pelo branco de sua roupa. No Pronto Socorro, para onde fora levado Arthurzinho, como era chamado em Viçosa, soube-se que o tiroteio deixara um saldo de dois mortos e vários feridos.

O apoio da comunidade viçosense não faltou, também, a Bernardes, nos episódios que marcaram o golpe getulista, com a conseqüente instalação do "Estado Novo", em 1937. Nessa ocasião, as famílias viçosenses, em quase sua totalidade, viram seus chefes e parentes saírem presos, entre soldados, lotando a cadeia local. O grande crime - ser bernardista.

Este é um ponto importante para a análise que se pretendeu fazer neste trabalho.

As famílias viçosenses estiveram sempre muito envolvidas emocionalmente nos fatos ocorridos em 1930, 32 e 37, seguindo seu líder Bernardes.

Em conseqüência deste envolvimento, foram muito sedimentadas suas posições tradicionalistas e todo um sistema de valores em relação à política.

Uma mudança radical de mentalidade, neste aspecto, só poderia ocorrer, a longo prazo, à medida que as gerações fossem se sucedendo no tempo, e os acontecimentos se transformando em fatos históricos frios e desprovidos de emoções pessoais.

Este é um fator que talvez explique a resistência a idéias contrárias àquelas que geraram conflitos, lágrimas e a projeção do município nos meandros políticos da época.

Viçosa foi fundada e colonizada dentro de parâmetros tradicionais em relação aos valores que determinaram sua cultura, no que se refere à religião, educação, família, saúde, política e economia.

Os fatos históricos e a influência de Arthur Bernardes, ao lado de outros, marcaram profundamente as gerações contemporâneas do grande líder viçosense. É, portanto, compreensível que mudanças sócio-culturais no âmbito político ocorram em um processo lento e concomitante com as mudanças das estruturas sociais como um todo.

O fator tempo terá aqui um papel preponderante.

Isto, talvez, explique a fase de transição, com toda a gama de sofrimentos, desencontros, desorganização e resistência verificadas e sentidas em Viçosa, nos dias atuais. Neste contexto, os elementos e fatores exógenos responsáveis, em grande parte, pelas propostas inovadoras, fatalmente entrariam em choque com os segmentos tradicionalistas da comunidade, gerando situações de contradição, próprias da dinâmica cultural.

Simple superposição de valores e imposição de novos parâmetros culturais, delineadas na "invasão cultural" definida, neste trabalho, por DUARTE JÚNIOR (24), não serão garantias de êxito, em nenhuma circunstância, a curto, médio ou a longo prazo. Ao contrário, irão suscitar resistência passiva, expressa através de ironia, descrença e da não-incorporação do que lhe foi imposto, ou manifesta, traduzida por comportamentos agressivos e outros.

Cada povo é o resultado de fatores históricos, ambientes, educacionais e psicológicos que fazem dele único na pluralidade regional de um país de características continentais como o Brasil.

Dentro da denominação "povo" vivem e interagem pessoas e grupos cujos valores não podem ser relegados a segundo plano, dentro da dinâmica das mudanças sócio-culturais. Viçosa é uma cidade atípica, entre suas vizinhas, pelo fato de ter tido um filho que se projetou no cenário político nacional - Arthur da Silva Bernardes - e por possuir uma Universidade Federal que desencadeia processos de mudanças sócio-culturais

que ultrapassam as suas fronteiras municipais.

Viçosa é um caso particular e assim deve ser vista, analisada e vivida. Nas Figuras 66, 67, 68, 69 e 70 estão algumas fotografias que atestam a evolução do município de Viçosa.

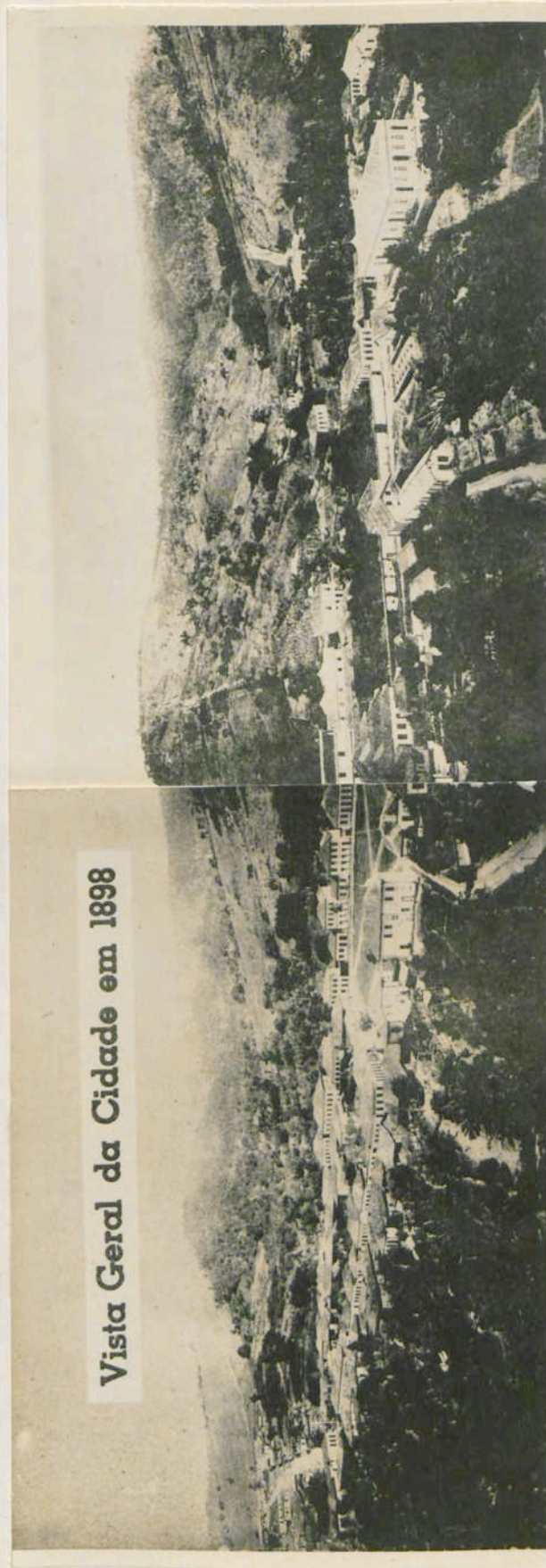


FIGURA 66 - Vista Geral da Cidade de Viçosa em 1898.

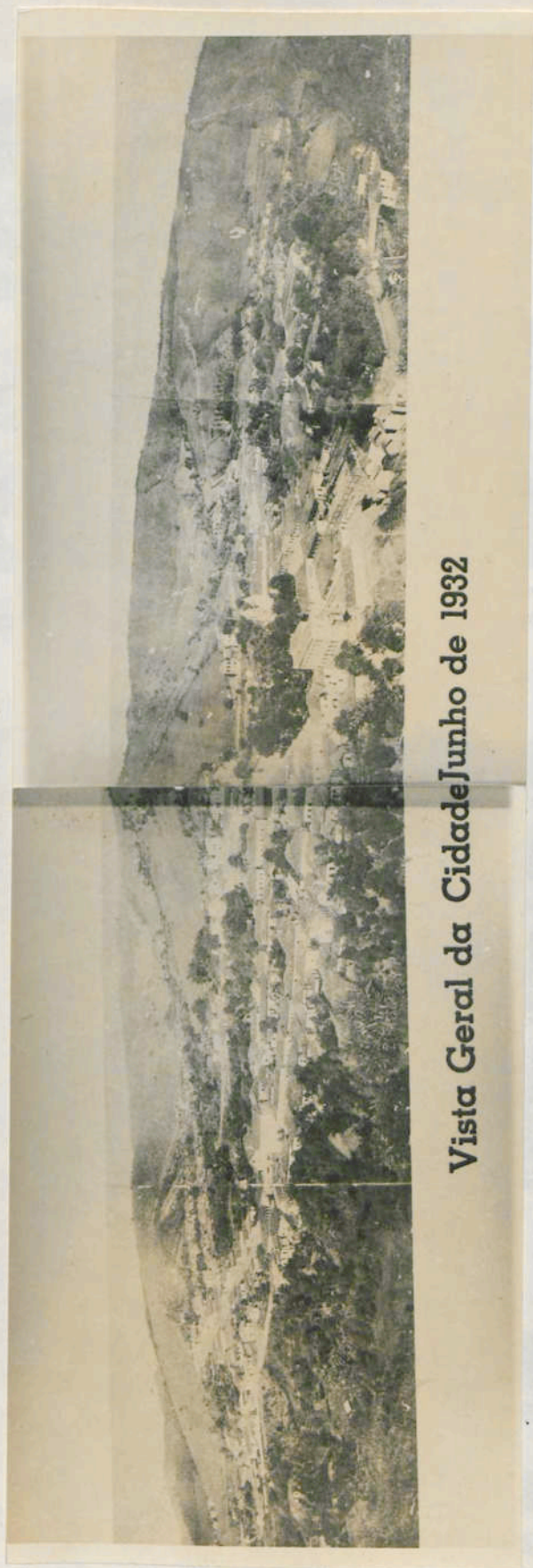


FIGURA 67 - Vista Geral da Cidade de Viçosa em 1932.

VISTAS PARCIAIS DA CIDADE

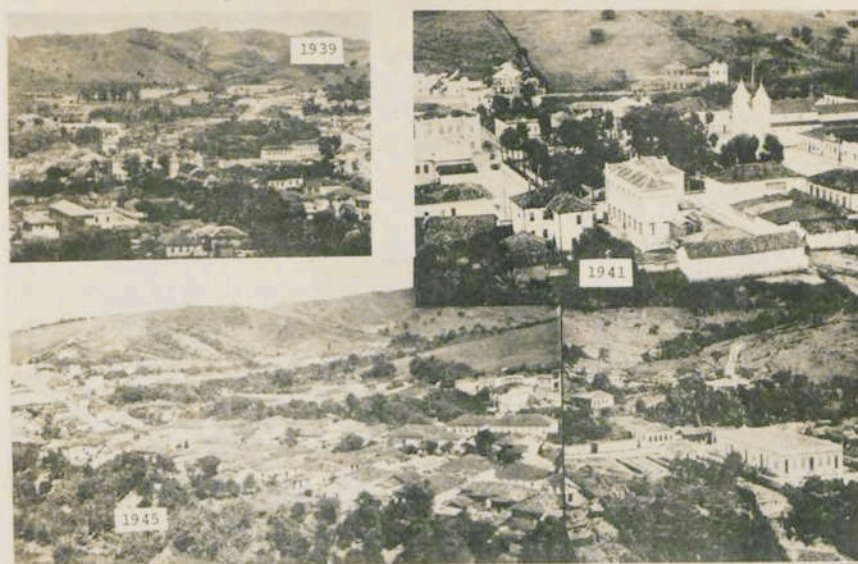


FIGURA 68 - Vistas Parciais da Cidade de Viçosa, MG, em 1939, 1941 e 1945.

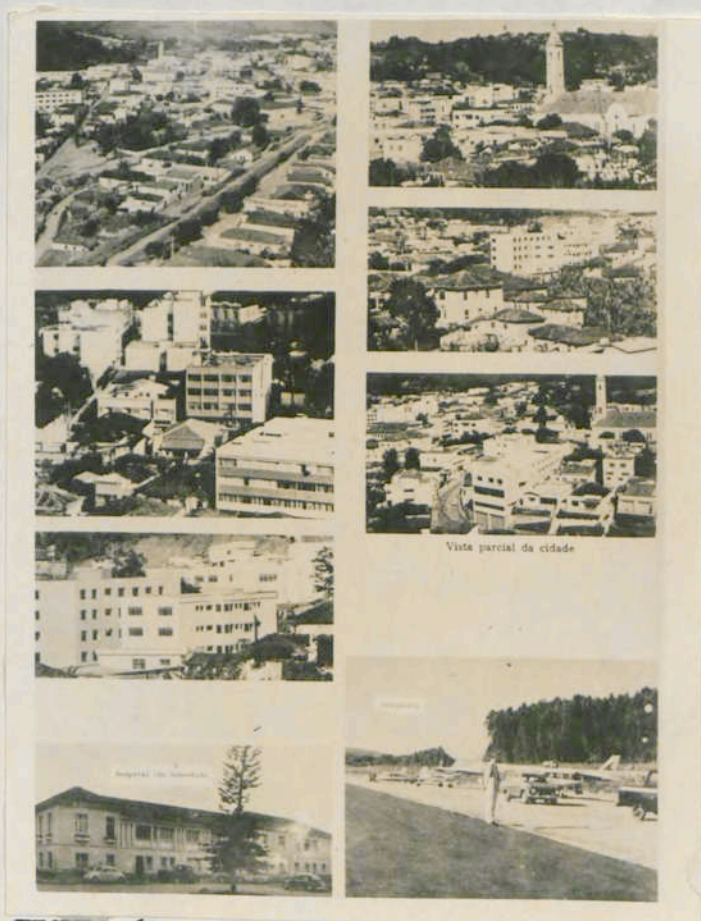


FIGURA 69 - Vistas Parciais da Cidade de Viçosa, MG, na Atualidade.



FIGURA 70 - Vista Geral da Cidade de Viçosa, MG, na Atualidade.

5. VIÇOSA NA ATUALIDADE - TENDÊNCIAS DE MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS

Para atingir os objetivos propostos para este trabalho, foi feita uma descrição de alguns aspectos do município de Viçosa, no que se refere à religião, política, saúde, família, educação e economia, como fatores constituintes da cultura em determinados contextos históricos.

Foi proposto e seguido um modelo em que se pretendeu colocar a história e a dinâmica cultural como agentes modificadores dos sistemas de valores e, portanto, geradores de tendências de mudanças sócio-culturais. Estas tendências, em última análise, foram consideradas como possíveis agentes modificadores da cultura, completando, assim, o círculo em que se consubstanciam as transformações sócio-culturais que têm por centro o homem como ser capaz de pensar e sentir o mundo que o circunda, como também de reagir a ele. Esta capacidade de pensar, sentir e reagir, gerando uma predisposição para a ação, foi tomada, neste estudo, como atitudes e, como tal, incorporada ao modelo. As peculiaridades sócio-culturais, captadas em diferentes fases históricas do município, permitiram as tentativas de um possível enquadramento da atual sociedade viçosense dentro dos parâmetros das sociedades sagradas e seculares, definidas por BECKER (12), e que constituíram os fundamentos teóricos sobre os quais se erigiu o presente trabalho.

As tendências de transformações sócio-culturais analisadas sempre estiveram ligadas à aceitação e à rejeição, contradição que está

sempre permeando a passagem de determinadas atitudes pessoais e grupais do pólo da tradicionalidade para o da racionalidade - parâmetros analíticos também selecionados para este trabalho.

As fases de transição sócio-econômico-cultural em uma comunidade trazem implicações que afetam, seriamente, as tentativas de ações educativas, quer de âmbito comunitário, quer de âmbito escolar, determinando o seu êxito ou fracasso, dentro da dinâmica aceitação-rejeição.

MELO (55), citando um trabalho de Pastore, que analisou uma descrição de uma tentativa de mudança social ocorrida em Itápolis - SP e desenvolvida por dois recém-formados professores de ensino médio (1959), assim se manifestou:

Não tendo uma nítida visão do processo de difusão de inovações implícitas nas suas metas pedagógicas, os jovens professores não estavam treinados para compreender os valores tradicionais da comunidade. Tais valores, em última instância, atuaram contra o projeto, fortalecendo o espírito de rejeição, que tomou corpo na cidade a respeito da nova metodologia de ensino empregada pelos inexperientes professores.

A importância do conhecimento dos sistemas de valores predominantes e das tendências de mudanças sócio-culturais no município de Viçosa, na atualidade, determinou a execução de uma pesquisa de campo como complementação e enriquecimento da observação participante, instrumento julgado adequado para um trabalho de cunho antropológico.

As respostas colocadas como opções para os entrevistados foram organizadas em um contínuo, tendo como extremos a tradicionalidade e a racionalidade. No pólo tradicionalidade - ficaram as respostas que, de certo modo, denotam as características de uma sociedade sagrada, bastante fechada à corrente de modernização e, portanto, propensa à rejeição de inovações e mudanças sócio-culturais. No pólo oposto - racionalidade - figuraram as respostas que também, de algum modo, denotam atitudes abertas a inovações e mudanças e, portanto, dentro das características das sociedades seculares de BECKER (12).

As combinações das opções, numeradas a partir do algarismo rela-

tivo à última opção, não tiveram suas respostas computadas na elaboração dos quadros elucidativos, por terem ocorrido em número muito pequeno e, por esta razão, julgadas irrelevantes para a análise. As opções escolhidas pelos entrevistados figuraram nos quadros elaborados, de acordo com o sexo, escolaridade, renda e religião dos informantes.

Esta diversidade de colocação das respostas nos quadros permitiu uma visão geral das implicações do sexo, escolaridade, renda e religião na passagem do pólo da tradicionalidade para o pólo da racionalidade, com suas coerências e contradições que geram os conflitos característicos das fases de transição, ou as acomodações das fases de estagnação social, em que as mudanças ocorrem de forma lenta, quase imperceptíveis, quando ocorrem.

5.1. Análise e Interpretação de Dados

Neste trabalho, foram selecionados para análise alguns aspectos passíveis de valoração dentro das instituições: saúde, religião, política, educação, lazer, assistência técnica, família, circulação e comercialização de produtos. Baseando na definição de Herskovits, que vê nas instituições "um conjunto de valores, nucleados em torno de uma ou mais necessidades essenciais à vida da sociedade", foram encontradas as seguintes situações:

5.1.1. Saúde *OK*

A ênfase foi posta nos aspectos referentes ao uso da medicina caseira, baseada no emprego de chás, banhos e simpatias para a cura de determinadas moléstias, que caracteriza as sociedades tradicionais. Nessas sociedades, em que ainda é pequena a divisão de trabalho, a utilização de receituário do farmacêutico é bastante comum. A falta de infraestrutura hospitalar leva ao tratamento domiciliar dos doentes, mesmo em caso de enfermidades graves. Os médicos, se existentes na localidade,

ainda fazem uma medicina empírica e, neste quadro, proliferam as benzeduras e exorcismos, além do parto, como rito de passagem, feito em casa pelas "curiosas" ou "parteiras" e outras situações ligadas à saúde.

A melhoria de condições sanitárias, a utilização de serviços médicos, odontológicos e de assistência social, ao lado da higiene e da medicina preventiva, podem ser vistas como uma transição das sociedades "sagradas" para as "seculares". Entretanto, esta mudança, que envolve valores e costumes por vezes já bastante arraigados, leva tempo e, por esta razão, é comum, em fases de transição, a convivência da medicina feita em bases científicas com a medicina popular, caseira, com sabor de folclore. *X ate aqui*

Para verificar a posição do município de Viçosa no que se refere à saúde foram feitas aos entrevistados as perguntas que se encontram no Apêndice A.

As opções feitas pelos entrevistados, na primeira pergunta, demonstram uma concentração expressiva de pessoas de ambos os sexos no pólo da racionalidade: 24 no meio urbano (66%) e 19 no meio rural (53%), conforme mostram os Quadros 1A e 2A.

A escolaridade parece não ter sido um fator decisivo para esta colocação - há pessoas de todos os níveis de instrução entre as 24 pessoas agrupadas no pólo da tradicionalidade, no meio urbano, e entre as 19, no meio rural.

Também nas variáveis renda e religião, observa-se a mesma colocação das pessoas no pólo da racionalidade verificada nas variáveis sexo e escolaridade. A pequena diferença verificada no meio urbano e rural, 24 para 19, talvez seja uma consequência da sociedade "rurbana", definida neste trabalho e que já se delineia nitidamente em Viçosa.

Nota
A interação, bem como a integração social que se verifica em grande parte do município, causada pelos meios de comunicação de massa e pelo número de sítiantes que possuem residência na cidade, e vice-versa, pode estar influenciando para que as pessoas já se preocupem em consultar um médico, quando adoecer alguém em sua casa.

nada do que

As respostas dadas à segunda pergunta (Quadros 3A e 4A) apresentaram um dado inesperado no âmbito desta pesquisa: maior número de pessoas usa remédios de homeopatia em relação às outras opções: 28 pessoas, no meio urbano (72%), e 17, no meio rural (47%). Isto talvez possa ser explicado pelas raízes rurais do viçosense que, desde a formação do município e primórdios da colonização, determinam o perfil de uma cidade de economia agrícola.

Os valores trazidos do meio rural, remédios caseiros e chás de ervas medicinais, herança em grande parte dos antepassados puris - catadores de poaia - ainda predominam no seio da comunidade viçosense.

A grande incidência de pessoas que consultam médicos alopatas (Quadros 1A e 2A) nos casos de doença não significou, necessariamente, o uso exclusivo de remédios de farmácia por parte dos entrevistados. A homeopatia parece ser, no contínuo da transição do pólo da tradicionalidade para a racionalidade, um elo de ligação natural. No contexto deste trabalho, ela pode ter sido tomada como o equivalente às mezinhas e chás caseiros, feitos de plantas medicinais e não apenas como um termo que define, em parte, o uso de remédios adquiridos em farmácias homeopáticas especializadas, que ainda não existem em Viçosa, como também não existem médicos especialistas em homeopatia.

A julgar pelo ângulo já exposto, os valores relativos à saúde, no que se refere ao uso de remédios e à figura do médico como um profissional, parecem indicar uma fase de transição já bastante direcionada para o pólo da racionalidade. Acredita-se que a influência da Universidade Federal de Viçosa esteja contribuindo, positivamente, para esta mudança, pois, desde a sua fundação, vem-se preocupando com as condições de saúde da população local, conforme publicação Escola Superior de Agricultura - Origem-Desenvolvimento-Atualidade da UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (86):

Relativamente à saúde, verificou o médico Dr. João Baptista Britto a percentagem de 100% de doentes.

... Até 1933 os doentes eram atendidos no Serviço de Saúde pelos

médicos da cidade, tendo sido o Dr. Raymundo Lopes de Faria o primeiro a trabalhar em regime de tempo integral, nos anos de 1933 e 1934.

Por outro lado, sob os auspícios da UFV têm sido realizados estudos sobre a medicina rústica, uso de plantas medicinais e outros. Dentre eles, o "Inquérito sobre práticas e superstições agrícolas de Minas Gerais", feito pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em 1964, a pedido do então Magnífico Reitor Edson Potech Magalhães, reúne grande acervo de informações sobre chás e mezinhas caseiras.

Os serviços de assistência social realizados pela EMATER e por Projetos, tais como PRODEMATA e MG II, parecem estar contribuindo para a mudança de valores relativos à saúde no município.

A recente expansão dos serviços médicos e odontológicos prestados pelo INAMPS, Centro de Saúde, Hospital São Sebastião e Ambulatório da UFV já encontrou uma sociedade em franca transição do pólo da tradicionalidade para o da racionalidade no campo da saúde.

5.1.2. Religião

Os valores religiosos foram focalizados, neste trabalho, tendo em vista o domínio da religião nas relações domésticas, na escola e no trabalho, que faz dela um valor preponderante nas sociedades sagradas de Becker.

A freqüência às missas dominicais e aos rituais da Igreja apresenta, dentro do critério tradicional, uma conotação social, principalmente para as populações rurais dos povoados e de pequenas cidades interiores, e, portanto, de importância para a pesquisa realizada.

A influência das festas religiosas, caracterizando determinados momentos das sociedades, constituiu uma preocupação neste estudo. Do mesmo modo, as atitudes dos padres mais voltadas para os valores espirituais do que para os problemas sociais nas sociedades tradicionais e a recente mudança de valores no campo religioso, através do engajamento político-ideológico de parte dos ministros da religião, como fatores que

determinam tendências de mudanças sócio-culturais, não poderiam faltar neste contexto analítico. *ate aqui*

Assim sendo, para detectar os valores relativos à religião foram apresentadas aos entrevistados as perguntas que se encontram no Apêndice A.

Nos Quadros 5A e 6A, elaborados a partir das opções feitas dentro da primeira pergunta do questionário, um dado chama logo a atenção do observador: 100% dos informantes do meio urbano e 94% do meio rural colocaram-se no pólo da tradicionalidade, endossando o ponto de vista de que a religião é necessária em todos os momentos da vida, resultado este coerente com as respostas dadas à 2.^a pergunta (Quadros 7A e 8A). Nesta, 28 pessoas (77%) do meio urbano e 22 (61%) do meio rural declararam frequentar a Igreja sempre: 6 (17%) do meio urbano e 7 (20%) do meio rural declararam frequentá-la somente nas festividades por ela organizadas, tais como missas, cultos, procissões etc.

Este item, de certa forma, denota a religiosidade da população porque, se 50 pessoas das entrevistadas assistem às cerimônias organizadas pela Igreja, dentro de sua liturgia, elas o fazem por espírito de fé. As 13 pessoas que não são frequentadoras assíduas da Igreja, no universo pesquisado, talvez não o sejam porque circunstâncias imperiosas impedem-nas de o ser. Isto é verdade, principalmente no meio rural, onde a distância das paróquias e a falta de ministros da religião impedem uma frequência constante aos rituais religiosos.

O mesmo não ocorre em relação à 3.^a opção apresentada: uma pessoa que frequenta a Igreja só nas festividades organizadas em seu recinto apenas o faz com finalidades sociais. Neste contexto, pode-se incluir o casamento, que, embora sendo um sacramento para os católicos e um ritual para os crentes, tem uma conotação social muito grande. Da mesma forma, as homenagens às mães, comuns nas Igrejas protestantes, visitas ilustres da hierarquia religiosa (bispos, presbíteros, oradores sacros etc.), embora realizadas no templo, assumem caráter eminentemente social.

nada

O tradicionalismo dos valores religiosos voltou a se manifestar nas respostas dadas à 3.^a pergunta (Quadros 9A e 10A): 14 pessoas (39%) do meio urbano e 27 (75%) do meio rural declararam que os ministros da religião deveriam ocupar-se somente das coisas da Igreja e, para 19 pessoas, no meio urbano (54%), e 8 (23%), no meio rural, os ministros da religião poderiam desempenhar outras atividades fora da Igreja. Baseando nestes dados numéricos, pode-se concluir que o viçosense, em sua maioria, 39% do meio urbano e 75% do meio rural, prefere ter seus ministros religiosos em tempo integral a serviço da religião. Esta preferência, contudo, é mais acentuada no meio rural, visto que 54% dos entrevistados do meio urbano já opinaram pela liberdade dos ministros para exercer outras profissões liberais fora da Igreja.

A 4.^a pergunta (Quadros 11A e 12A) vai demonstrar o posicionamento favorável a mudanças nos rituais da Igreja, quando 21 pessoas (59%), no meio urbano, e 20 (55%), no meio rural, acharam que a Igreja deveria acabar com as manifestações externas de fé, tais como procissões e Sema na Santa ao vivo, para os católicos, e cultos ao ar livre e congêneres, para os crentes.

Contudo, esta resposta não entra em contradição com as demais, quando se considera que os rituais externos não são constitutivos de fé em si mesma, mas uma expressão de religiosidade, muito ligada à cultura, e estão em constantes mudanças, de acordo com o momento e as circunstâncias sociais e históricas, no contexto religioso dos povos.

A consistência das respostas pode ser notada em todas as variáveis que foram usadas no trabalho: sexo, escolaridade, renda e religião.

BECKER (12) colocou a religião como um valor dominante nas sociedades sagradas; desse valor decorrem todos os demais. É interessante notar que, a julgar por este parâmetro, Viçosa se enquadra nas sociedades sagradas de Becker.

O seu tradicionalismo em matéria de religião pode ser explicado pela influência que o padre exerceu sobre o viçosense, desde o início

da formação e colonização do município. O Padre Manoel Inácio, Padre Serafim Pecci, Padre Álvaro Corrêa Borges, Cônego Modesto de Paiva e outros tiveram presenças marcantes na conservação de valores morais e éticos tradicionais na Igreja e fora dela.

Este núcleo religioso tradicional em Viçosa é expressivo, mesmo nos dias atuais, a julgar pela maciça freqüência do viçosense à Igreja e aos seus rituais.

As manifestações externas da fé, mesmo rejeitadas, em tese, nos questionários, na prática, têm esta rejeição desmentida pelas multidões presentes às cerimônias da Semana Santa ao vivo, às procissões das padroeiras das paróquias, às coroações do mês de Maria e, de modo geral, a todas as festividades religiosas em Viçosa. A coexistência de rituais tradicionais e de atividades já ligadas às orientações advindas do Concílio Vaticano II demonstra, em última instância, que a religião é um valor ainda dominante em Viçosa, embora outros valores comecem a despontar, com vigor, como educação e política sem, contudo, excluí-la.

A religiosidade em Viçosa existe com tanta exuberância que, de certa forma, não importa o modo pelo qual ela é expressa e vivida, se através de uma religião tradicional ou progressista. O importante é que ela tem sido um fator decisivo nas mudanças sócio-culturais ocorridas no município, através dos tempos.

Em muitos casos, esta religiosidade do viçosense é responsável direta pela rejeição ou aceitação de inovações e não pode ser relegada a segundo plano nas atividades comunitárias de cunho educacional.

A prova de que a religião ainda é um valor dominante em Viçosa pode ser dada pela opção que congregou maior número de entrevistados na pergunta 5: 32 pessoas, no meio urbano (89%), e 33 (91%), no meio rural, simplesmente declararam negar aos ministros da religião a possibilidade de entrar na política, seja de que modo for. Essa participação na política é tema bastante polêmico e traduz bem a fase por que passa a Igreja, nos dias atuais, quando alguns de seus segmentos parecem fazer da fé e da religiosidade popular um instrumento para mudanças da es

estrutura política do País, dentro das diretrizes da ala progressista do clero, através da opção pelos pobres.

A posição do viçosense, a esse respeito, parece ter ficado clara através dos questionários aplicados e, mais uma vez, a comunidade se enquadra nas características das "sociedades sagradas" de Becker, quando se mostra, no momento, ainda muito fechada e impermeável à orientação progressista da Igreja.

As raízes históricas tradicionalistas podem ser responsáveis, em grande parte, por este estado de coisas.

No que se refere aos valores religiosos, a fase de transição encontrada em outras instituições ainda não se delineou de modo observável na vivência da população do município.

5.1.3. Política

Numa sociedade de base agrária como a viçosense, em que a maioria das famílias vive ligada, direta ou indiretamente, à Universidade Federal de Viçosa, os valores políticos não poderiam ter escapado da influência do coronelismo e das manhas e artimanhas políticas próprias da Primeira República.

A influência do padre, do médico, do fazendeiro na obtenção de votos à moda dos "currais eleitorais", a força do familismo e nepotismo, direcionando e determinando o processo eleitoral, e a distribuição de cargos públicos foram aspectos selecionados para a elaboração dos questionários na área pertinente à política (Apêndice A).

As perguntas 1 e 2 (Quadros 15A e 16A) trouxeram uma revelação de suma importância - se o viçosense mostrou-se tão tradicional em relação à interação política-religião, o mesmo não se deu com os outros aspectos pesquisados.

Os informantes colocaram-se, em maior número, no pólo da racionalidade ao responderem à pergunta: como você prefere votar? 22 pessoas (61%) do meio urbano e 26 (44%) do meio rural preferiram a opção na

qual está claro que a pessoa deve votar em quem quiser, independentemente de qualquer coisa. A pergunta que espelha o velho coronelismo, tão expressivo em Viçosa, em determinadas épocas de sua história, teve apenas 1 informante que a respondeu afirmativamente.

As respostas às perguntas que se referem à votação em candidatos aos quais se devem favores, ou em candidatos que lhes possam prestar favores num futuro próximo, tiveram a escolha de 13 pessoas (37%) do meio urbano e 19 (53%) do meio rural.

A política, neste caso, foi vista não como um valor em si mesma, mas como um instrumento para conseguir vantagens pessoais, posição esta muito próxima da tradicionalidade.

Contraopondo a esta posição, em relação à segunda pergunta, os resultados da 3.^a (Quadros 17A e 18A) surpreenderam: 27 pessoas (75%), no meio urbano, e 21 (59%), no meio rural, colocaram-se no pólo da racionalidade, ao fazerem opção pela resposta que dá aos empregados e familiares o direito de votar em quem quiserem, mesmo contra as preferências do patrão e chefe da família. Esta posição demonstra uma visível abertura em relação à política, pouco comum nas sociedades tradicionais.

Isto talvez possa ser explicado pela influência de grande número de pessoas de fora que têm vindo se radicar em Viçosa, atraídas pelos altos níveis salariais da Universidade Federal de Viçosa, em relação a outras. Este fato não pode ser desprezado, porque a comunidade ainda conta com gerações que foram contemporâneas do Presidente Bernardes e a ele devotaram incondicional fidelidade política.

Por outro lado, pode-se pensar que as tendências para mudanças sócio-culturais, geralmente, delineiam-se a partir das gerações mais jovens, que não tiveram envolvimento emocional nos fatos políticos que marcaram o município, como as revoluções de 1930/32 e a ditadura de Vargas em 1937/45.

Outro fator que pode estar determinando este deslocamento de valores políticos do pólo da tradicionalidade para o da racionalidade pode ser encontrado na educação que, como já foi dito, é um valor predomi

nante em Viçosa nos dias atuais, a julgar pelo número de escolas, cursos e estudantes neles matriculados.

Estas influências e interações que atingem a cultura dentro da dinâmica aceitação-rejeição de inovações parecem estar determinando mudanças de valores, consubstanciando a fase de transição e de desorganização política, atualmente, tão nítida e tão perfeitamente observável em Viçosa.

5.1.4. Educação

Levando em conta o número de estabelecimentos de ensino da rede pública e particular de todos os níveis escolares existentes em Viçosa, sempre com todas as vagas preenchidas, e, ainda, o grande número de cursos de atualização, reciclagem, extensão universitária, reforço de aprendizagem, profissionalizantes (corte e costura, culinária, datilografia, artesanato, pintura etc.) e outros, pode-se dizer que a educação está-se tornando o valor predominante na comunidade viçosense.

Entretanto, partindo das origens da educação brasileira que já nasceu dentro de um processo discriminatório, tal como a escola como privilégio apenas de um pequeno segmento da população, e a exclusão de mulheres em determinadas carreiras, ponto este que está passando por sensíveis mudanças nos dias atuais, um trabalho analítico relativo aos valores educacionais, forçosamente, teria de abordar alguns aspectos, direta ou indiretamente, ligados a estas problemáticas.

Em uma comunidade cujo processo educativo originou-se dos ensinamentos dados às crianças no recesso dos lares e nas escolas isoladas particulares, com os objetivos circunscritos à alfabetização e às primeiras operações aritméticas, é interessante observar as mudanças de aspiração e valores ocorridos numa perspectiva histórica.

De uma escola sem programas e métodos definidos, chegou-se à escola sofisticada e diversificada em níveis, objetivos e características, em tempo relativamente curto para um município como Viçosa.

A preocupação de uma escola voltada para o mercado de trabalho e ao mesmo tempo voltada para as raízes históricas, na qual o diploma significa maior status social, e de uma escola cuja finalidade primordial é a mudança das estruturas políticas do País pode ser detectada através de perguntas incluídas nos questionários usados, que figuram no Apêndice A.

As opções escolhidas na primeira pergunta (Quadros 19A e 20A) não mostraram tendências dos informantes, nem para o pólo da tradicionalidade nem para o da racionalidade. As opiniões espalharam-se por todo o contínuo formado pelas opções, tanto no meio urbano como no meio rural. Surpreendentemente, no meio rural, foi encontrado maior índice de opções no pólo da racionalidade: 17 pessoas (47%) para a pergunta: o que você acha da escola?

Isto significa que, considerando um passado tradicional, no qual a escola era conhecida por determinados moldes, sem programas, métodos ou filosofia definidos, os viçosenses ainda estão meio desorientados e não têm opiniões e atitudes formadas, com convicção, diante das tentativas de mudanças operadas, em maior ou menor grau, nas instituições escolares.

Contudo, quando a pergunta foi posta de maneira mais objetiva - para que você acha que a escola deve ensinar (Quadros 21A e 22A), as respostas já demonstraram certa consistência, embora com diferenças significativas entre o meio rural e urbano. Treze pessoas (36%), no meio urbano, e 24 (67%), no meio rural, optaram pela resposta que coloca a educação como um instrumento capaz de fazer mudanças na situação política do País, embora nenhum informante achasse que esta mudança deveria implicar críticas à situação política atual, fato que é compreensível, se analisados, em Viçosa, os rumos da educação no passado. Como pode ser visto, as escolas do município, incluindo a Universidade Federal de Viçosa, estiveram sempre pautadas por uma filosofia pragmática e utilitarista.

A predominância dos valores tradicionais, éticos e morais não

deixa que a crítica seja percebida no sentido de ser um passo inicial, uma espécie de diagnóstico da situação, para atingir o estágio posterior de mudanças.

Por outro lado, a orientação prática, objetiva e pragmática que o viçosense conheceu desde os primórdios da formação e colonização do município, bem como o imediatismo que esta orientação provoca, pode fazer com que ele deseje mudanças, mas através de um trabalho objetivo que ofereça soluções a curto ou a médio prazo. Dessa forma, parece que a crítica é tomada como uma fase abstrata, alienante, pouco prática e, até mesmo, destrutiva, o que não leva a nada. A escolha está coerente com o perfil da comunidade, em termos dos valores, que vem sendo construído, paulatinamente, pela análise de elementos esparsos, mas que se juntam em um todo significativo.

Não há, como se pode concluir, na comunidade, uma compreensão nítida da escola como um instrumento eminentemente político nem uma consciência formada a respeito da educação política. A escola ainda é, de modo vago, considerada como algo que pode promover mudanças, mesmo na estrutura política, mas o modo como isto poderá ocorrer ainda não foi captado, com clareza, pelas pessoas.

A terceira pergunta (Quadros 23A e 24A) confirma este ponto de vista, quando a maioria de informantes: 28 pessoas (78%), no meio urbano, e 27 (75%), no meio rural, declarou achar que a escola deve ensinar de tudo um pouco. É a concepção tradicionalista que vê na escola o instrumento para a formação integral do homem, isto é, a alavanca que levantará as potencialidades do homem, convertendo-as em ato, nos domínios cognitivo, afetivo e motor do comportamento humano. Parece ter havido um consenso na escolha de uma escola que ensine e eduque, que forneça aos alunos os conhecimentos básicos, reais, úteis e objetivos, para que os indivíduos possam-se mover, com segurança, em terrenos movediços, próprios das fases de transição e mudanças sociais.

Neste contexto, a crítica virá, então, como decorrência lógica do conhecimento e já não será apenas a "crítica pela crítica", mas fun-

damentada no conhecimento das diversas faces de uma situação problemática: pontos positivos e negativos, não apenas nos negativos, como passo inicial para mudanças de estruturas políticas. Parece que a crítica atualmente oferecida em nossas escolas - a maioria delas exercida por simples "modismo" tão comum em educação, sem uma análise real de todas as possibilidades de soluções, nem ao menos precedida de um conhecimento profundo e concreto da problemática criticada - aumenta a desconfiança típica do mineiro, e, conseqüentemente, do viçosense, e sustenta a rejeição da escola a esta orientação.

É a cultura que, mais uma vez, pede tratamento adequado aos problemas, baseando-se nas realidades regionais e locais, sem relegar a segundo plano o sistema de valores da comunidade.

A educação deve, antes de traçar seus planos, sondar as bases em que irá atuar e daí construir a sua linha de ação, para que a filosofia que se pretende trabalhar seja interiorizada e emerja do próprio educando, sem o qual a escola continuará a ser uma reprodutora de sistemas, seja ele qual for. Educação, valores e cultura não podem ser separados.

A orientação pragmática dada à educação em Viçosa e que norteou a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, célula mater da UFV, está bastante arraigada nas comunidades universitária e viçosense.

Contudo, há um fato observado que, estando em contraposição com o perfil da escola apreendido no presente estudo, poderá contribuir para futuras mudanças sócio-culturais do município, embora, no momento, seja ainda inexpressivo: trata-se da criação das Ciências Humanas na UFV, mormente do Departamento de Educação.

As áreas de Ciências Humanas constituem um campo mais propício ao crescimento de uma orientação educativa mais voltada para a política e ideologias diversas, estranhas àquelas já interiorizadas e endossadas no âmbito das Ciências Agrárias, relevantes na Instituição, através do "espírito esaviano" já referido neste trabalho. A criação destas novas áreas que, de certa forma, garantiu a universalidade dentro da Universida

de tem provocado conflitos velados, ou não, na dinâmica das idéias trabalhadas e desenvolvidas em seus cursos que extrapolam os limites do "campus", pela influência exercida sobre os alunos, e atingem a comunidade de Viçosa, delineando tendências de mudanças sócio-culturais no município. Contudo, este é um germe de possíveis futuras mudanças sociais de conseqüências imprevisíveis, em termos de educação e política, e que, no momento, está contribuindo para a desorganização própria das fases de transição sócio-cultural que está caracterizando Viçosa na atualidade.

Dependendo das forças ideológicas em confronto latente, a Universidade e, conseqüentemente, a comunidade viçosense verão em futuro não muito remoto a consolidação dos princípios que sempre as regeram ou assistirão a uma completa inversão dos valores e da filosofia pelos quais sempre se pautaram. Se isto é bom ou mau, na relatividade destes conceitos, só o tempo dirá.

sociedade viçosense
5.1.5. Lazer

A preocupação com o lazer para as pessoas, de modo geral, e, principalmente, para as pessoas mais velhas, é bastante recente.

Ao que tudo indica, em épocas mais remotas, nas sociedades tradicionais, havia uma clara separação entre jovens e velhos, desde a maneira de se vestir até às diversões consideradas apropriadas a cada idade, ditadas pelas normas sociais, e, por esse motivo, sujeitas às sanções também sociais. Assim, a escolha das diversões está, de certo modo, ligada aos valores. A maneira como as pessoas sentem e vivem o processo do envelhecimento, o papel do velho nas sociedades patriarcais tradicionais, o conhecimento dos princípios inerentes à conservação da saúde, dentre outros, são fatores que determinam o grau de tradicionalidade ou racionalidade das comunidades.

Com o advento dos meios de comunicação de massa e do avanço da medicina preventiva, que vê os exercícios físicos e as recreações diver

sas como fatores imprescindíveis à conservação da saúde, as atitudes relativas ao lazer estão em franca mudança, provocando uma revisão dos valores até então predominantes neste particular.

Para sentir, até que ponto, o viçosense está-se engajando nesta nova concepção de vida e saúde foram apresentadas perguntas com opções para respostas aos informantes (Apêndice A).

As respostas à primeira pergunta (Quadros 25A e 26A) mostraram uma preferência pelas diversões de antigamente - bailes em clubes e casas de famílias, cinemas, festas de Igrejas, passeios, etc., com as opções feitas por 16 pessoas (44%), no meio urbano, e 14 (39%), no meio rural; numa posição clara de tradicionalidade. Na segunda opção da mesma pergunta, 10 pessoas (28%), no meio urbano, e 8 (23%), no meio rural, acharam que as diversões de hoje - freqüências a barzinhos, boites, discotecas, etc. são melhores para os rapazes do que para moças. Neste ponto, a educação e os valores tradicionais ainda estão presentes neste segmento da população pesquisada, determinando a separação entre os sexos no que se refere a diversões.

A segunda pergunta (Quadros 27A e 28A) focalizou, de modo mais específico, o problema da idade, no que se refere à escolha de diversões. É importante verificar que 17 pessoas (47%), no meio urbano, e 12 pessoas (33%), no meio rural, colocaram-se no pólo da racionalidade, reconhecendo que não há diferenças entre jovens e velhos e que todos têm o direito de fazer o que quiserem na área do lazer.

A importância desta constatação reside no fato de que, no Brasil, país de população jovem, a idade é um dos fatores que mais discriminam a população.

O "culto da juventude" é responsável pela perda substancial da experiência e do conhecimento de pessoas em plena maturidade física e intelectual a serviço do bem-estar da população, no mercado de trabalho do País.

ABOU-ID (1) verificou que a produção científica no Centro de Ciências Agrárias da UFV cresce em relação direta com a idade: "Uma análise

se global do Quadro 19A evidencia um crescimento de produção científica com o avanço da idade (...), nas 3 classes mais altas de produção científica, uma maior parte de docentes concentra-se na faixa de 40 a 50 anos".

É, portanto, natural o fato de que pessoas mais velhas tenham, também, o direito de desfrutar as diversões que queiram, sem sofrerem sanções sociais.

A discriminação de idade colocada na segunda opção (Quadros 27A e 28A) não obteve respostas expressivas: 5 pessoas (14%) do meio urbano e 7 (19%) do meio rural, o que confirma a abertura do viçosense no que se refere à relação lazer e idade.

Outro fator que pode estar determinando o deslocamento dos valores relativos à procura de lazer do pólo da tradicionalidade para o pólo da racionalidade, em Viçosa, diz respeito à heterogeneidade da população do município na atual fase de seu desenvolvimento.

O crescimento da população, já mencionado neste estudo, é, em parte, consequência da imigração de famílias das cidades vizinhas para Viçosa, à procura das facilidades educacionais existentes no município, mas é também consequência da vinda de pessoas de outros estados e locais mais afastados, atraídas pelo mercado de trabalho ou pelos cursos de pós-graduação oferecidos pela UFV. Esta população, em grande parte flutuante, inaugurou na comunidade um estilo de vida parecido com o das cidades grandes, onde as pessoas se divertem como querem e como podem, sem estarem sujeitas a sanções sociais rígidas e generalizadas, próprias das sociedades tradicionais interioranas.

O viçosense sente que, na atual fase de transição de valores, as diversões, o lazer, o descanso, ao lado do trabalho, constituem um imperativo para a conservação da saúde física e mental.

A influência da educação é uma realidade neste contexto.

5.1.6. Assistência Técnica

Neste trabalho, a assistência técnica teve uma conotação ampla, englobando todo o tipo de prestação de serviços e de ajuda às pessoas para um melhor desenvolvimento de suas atividades técnicas. Os professores de 1.^o ou 2.^o graus contam com a ajuda da supervisão escolar; as Universidades contam com o auxílio de diversos órgãos de apoio universitário; os comerciários, com os escritórios técnicos; os agricultores, com os serviços prestados pela EMATER-MG e congêneres. Levando em conta que a abertura a inovações é uma característica das "sociedades seculares" e que toda a assistência técnica implica novos moldes de atuação ou aplicação de novas metodologias e tecnologias, esta instituição pode ser um ponto de referência valioso, quando se quer pesquisar o grau de tradicionalidade ou racionalidade das comunidades.

Para perceber a penetração destes serviços e aquilatar o valor que eles representam para os usuários, foram apresentadas aos entrevistados as perguntas do Apêndice A.

A resposta à primeira pergunta (Quadros 29 A e 30A) denotou uma consciência formada a respeito do valor da assistência técnica, em todos os níveis. No meio urbano, 24 pessoas (66%), e 23 (64%), no meio rural, concordaram que é necessário aprender novas maneiras de executar o seu trabalho, colocando-se no pólo da racionalidade.

A necessidade sentida de se procurar sempre maior produtividade, que garanta, de certa forma, um melhor nível de vida, além da satisfação pessoal, pode ter sido o êmulo propulsor desta atitude em um mundo eminentemente individualista e competitivo.

É importante observar que há maior concentração destas respostas entre as pessoas com escolaridade maior e de renda média a alta. Este é um valor que se adquire e se interioriza a partir de uma maior capacidade para ver a assistência técnica como um auxílio e, não, como um sistema de controle, como sói acontecer, comumente. As respostas dadas à segunda pergunta (Quadros 31A e 32A) trouxeram uma contradição em relação

à primeira: 11 pessoas (31%) do meio urbano e apenas 5 (14%) do meio rural declararam procurar, com regularidade, estes serviços, ficando, portanto, a maioria dos entrevistados no pólo da tradicionalidade, com 11 pessoas (31%) do meio urbano e 21 (59%) do meio rural dizendo que não procuram ajuda técnica em seu trabalho.

Aqui, possivelmente, entrarão as circunstâncias comuns que entram a integração de usuários e assistência técnica: falta de disponibilidade de tempo, distância dos locais onde se desenvolve a assistência, impossibilidade de assinar revistas técnicas e outras. A displicência, o comodismo, o "deixa como está para ver como fica" do meio urbano e o "carece não" do meio rural têm também importante papel nessa omissão consciente na procura dos técnicos, apesar de as pessoas reconhecerem o valor que têm em termos de ajuda efetiva para a realização de seus trabalhos.

As respostas dadas à terceira pergunta (Quadros 33A e 34A) confirmaram o resultado da segunda: as pessoas reconhecem o valor da assistência técnica, acham necessária a aprendizagem de novas técnicas, mas não procuram, de modo consistente, tais serviços. Foi notada, pela primeira vez, uma discrepância entre o meio urbano e o rural: o meio urbano colocou-se no pólo da racionalidade, com 19 pessoas (53%), e o meio rural no pólo da tradicionalidade, com 15 pessoas (41%), na primeira opção, e 15 (41%), na segunda opção, que completa a primeira por estar muito próxima do pólo da tradicionalidade.

Pelo exposto, pode-se concluir que o valor "ajuda técnica" ainda não se firmou na comunidade viçosense de forma significativa. A julgar por estes dados, ainda há condições que levam à rejeição de inovações e de ajuda técnica.

Do exposto, um fato ressalta logo: é necessário prudência e grande competência por parte dos agentes multiplicadores de inovações, para atingir a clientela de Viçosa e garantir êxito no seu trabalho de oferecimento de serviços de apoio técnico.

Este trabalho deverá ser feito cuidadosamente, para não ferir sus

ceptibilidades, que fecham as portas às inovações, ao invés de abri-las.

O mesmo raciocínio é válido para trabalhos educacionais, tais como supervisão escolar, cursos de treinamentos, reciclagem e outros deste teor.

5.1.7. Práticas Agrícolas

Sob a denominação "Práticas Agrícolas" tentou-se captar os valores do homem do campo, principalmente no que se refere ao cultivo da terra.

É no campo, nas atividades agrícolas e de criação, que se delineam, de modo mais claro e perceptível, os valores inerentes às sociedades sagradas ou seculares. Assim, é possível verificar que na área rural, nas sociedades sagradas, as atividades econômicas são desenvolvidas através de uma agricultura tradicional com uma constante exploração predatória das terras.

Neste contexto, constituem práticas tradicionais:

- a. o uso freqüente do fogo na limpeza dos terrenos;
- b. a ausência absoluta de controle a pragas e moléstias;
- c. a utilização de sementes de baixa produtividade;
- d. o uso, quase exclusivo, da enxada nas operações de campo;
- e. a utilização do carro de bois no transporte interno e externo dos produtos da fazenda;
- f. a má utilização da água, como força motriz, no conforto doméstico;
- g. o cultivo de plantas tradicionais, como milho, arroz, feijão, mandioca e cana-de-açúcar, mais para consumo doméstico do que para mercado;
- h. a pecuária leiteira e de corte, em moldes extensivos, com baixa produtividade;
- i. as "benzeduras" e as "simpatias" no tratamento e na defesa das moléstias dos animais;

j. a baixa produção e baixa produtividade, tanto nas atividades agrícolas como pecuárias;

l. o pequeno artesanato de queijo, doces, sabão e aguardente nas fazendas e nos sítios.

Todas estas situações refletem valores, também tradicionais, que, no momento, parecem apresentar fortes tendências de mudanças sócio-culturais no município de Viçosa.

Para detectar a posição do viçosense diante deste problema, foram apresentadas aos informantes diversas perguntas que se encontram no Apêndice A.

Na primeira pergunta (Quadros 35A e 36A) os informantes colocaram-se, predominantemente, no pólo da racionalidade: 20 pessoas (55%) do meio urbano e 23 (64%) do meio rural optaram pelo uso constante de práticas modernas. Este posicionamento reflete a influência positiva da Universidade Federal de Viçosa, principalmente através da sua "Semana do Fazendeiro" e de outros cursos de extensão universitária, dentro do campo das Ciências Agrárias, do trabalho dos técnicos da EMATER-MG, presença constante em Viçosa desde longa data, e dos técnicos do SELAC entre outros órgãos afins.

Contudo, o trabalho de adoção de inovações e difusão de tecnologias é lento, porque envolve mudança de mentalidade e de valores e isto só ocorre a longo prazo. Daí podem-se originar as discrepâncias, já observadas, no que se refere à conscientização de que as mudanças são necessárias e à resistência à aceitação de orientação técnica e à adoção do que é recomendado.

As categorias de adotantes, os principais traços psicológicos do homem do campo, a estrutura agrária, incluindo as relações de produção, a vocação agrícola do município, oriunda de suas raízes históricas, enfim, todo um contexto sócio-econômico-cultural deve ser trabalhado quando se pretende o desenvolvimento da região, através da inovação da tecnologia no campo.

É necessário que se realize um trabalho consciente de promoção

humana, valorizando a cultura do homem do campo e, ao mesmo tempo, integrando-o em um contexto mais amplo, ao lado dos esforços que são direcionados para o aumento da produção e da produtividade.

A colocação da maioria dos informantes no pólo da racionalidade, concordando, em tese, com as práticas modernas, indica uma abertura para a tecnologia, o que já é um ponto positivo para os extensionistas e educadores que atuam no município.

A segunda pergunta (Quadros 37A e 38A), relativa à troca de práticas usuais por parte dos filhos ou parentes dos fazendeiros formados em Agronomia, trouxe alguns dados que demandam análise cuidadosa, pela contradição que apresentou em relação à primeira pergunta.

Há um desencanto com o campo que fez com que a maioria dos informantes optasse pela resposta que endossa o êxodo rural: 17 pessoas (48%) do meio urbano e 17 (47%) do meio rural declararam achar que os filhos não devem voltar para casa, mas arranjar emprego na cidade. Neste ponto, é patente a influência da Universidade Federal de Viçosa, uma vez que as facilidades de emprego em massa, supostamente por ela oferecidos, criam, no homem do campo do município, uma aspiração de um trabalho mais fácil e mais bem remunerado para seu filho que estudou, muitas vezes, com sacrifício por parte dos pais. Acontece que a oferta de empregos não é ilimitada e cria ilusões funestas para as pessoas que fazem desta aspiração a razão principal de sua existência, chegando mesmo a não permitir que seus filhos procurem ocupação em outros centros ou cidades.

Como na região de Viçosa predominam as pequenas propriedades, com uma agricultura de subsistência (sem as características de empresa agrícola que permitem gerar maiores lucros), o agricultor viçosense, vivendo parte de seu tempo na cidade ou nos bairros rurais, almeja outra sorte para seu filho.

Outro ponto que merece consideração é o seguinte: a opção que apresentou menor índice de escolha está relacionada com o fato de que o fazendeiro não deseja que seu filho, agrônomo, mude todas as suas práticas

cas agrícolas: apenas dois informantes (6%) do meio urbano e 3 (8%) do meio rural concordam com tal procedimento.

É a cultura tradicionalista, mais uma vez, reagindo até onde pode a procedimentos que para ela caracterizam a invasão cultural.

O índice de 12 informantes (33%), no meio urbano, e 6 (16%), no meio rural, indica que uma integração cultural ainda é, em parte, tolerada, porque implica diálogo e adaptação das técnicas à realidade local e atitudes convincentes por parte dos agentes multiplicadores de inovações no campo.

A simples superposição de idéias ou a imposição de uma cultura alienígena podem, à primeira vista, parecer aceitas, mas esta atitude de aceitação não resiste a uma análise mais profunda.

O tempo de exposição à cultura, as tradições, as noções de senso comum que se afiguram errôneas, se pensados em termos do folclore que as revestem, mas que, no íntimo, encerram verdades bem próximas do saber científico, não podem ser menosprezados, nem relegados a segundo plano, quando se trata de sociedades rurais, quase sempre, ainda bem próximas das sociedades sagradas de BECKER (12).

5.1.8. Família

Os valores referentes à família, apesar de variados, são, quase em sua totalidade, fruto da cultura.

Os membros de uma família, como célula primeira da sociedade, têm direitos e deveres e estão sujeitos não só às sanções familiares como às sociais.

Algumas características, contudo, são comuns nas famílias que compõem as sociedades sagradas:

- a. a ascendência do marido sobre a esposa nas relações domésticas;
- b. a autoridade do chefe da família, do pai, sobre a mulher e filhos;

- c. o casamento religioso como única base da estabilidade do lar, mais importante do que o contrato civil;
- d. o poder de decisão centralizado no homem;
- e. a mulher voltada, apenas, para as prendas domésticas.

A composição da família, bem como o relacionamento familiar, varia entre os diversos povos e em diferentes épocas históricas.

Esta variação pode ser notada desde os ritos de passagem referentes ao noivado (contratos de casamento) até nos mínimos detalhes da vida diária, tais como no relacionamento dos cônjuges, gestação da mulher, modo de criar os filhos, papel da mulher e do marido na família e outros.

É, portanto, na família que as tendências de mudanças sócio-culturais podem ser, em parte, mais bem percebidas e onde os conflitos sociais assumem características tais, que podem mesmo provocar a passagem de sociedades do pólo da tradicionalidade para a racionalidade.

Para detectar os aspectos principais referentes à família, foram apresentadas aos informantes as perguntas que dizem respeito ao casamento, separação dos cônjuges, planejamento familiar e aborto, por serem temas bastante controvertidos na atualidade e estarem ligados à formação cultural, religiosa, ética e moral das pessoas (Apêndice A).

A primeira (Quadros 39A e 40A) pergunta referente ao casamento e sua dissolução mostrou que a sociedade viçosense está passando por uma fase de transição, neste particular, com uma revisão total de valores.

Não houve predominância da escolha em nenhuma opção.

Os informantes se distribuíram por todo o contínuo de respostas, o que espelha a diversidade de atitudes e opiniões diante do problema abordado.

A opção que congregou maior número de pessoas está próxima do pólo da racionalidade e se refere ao fato de que, quando o casamento não dá certo, os cônjuges devem-se desquitarem ou divorciar e ambos devem casar de novo: 15 pessoas (41%) do meio urbano e 13 (36%) do meio rural. Pela indissolubilidade do casamento, mesmo que não dê certo, posiciona-

ram-se 9 pessoas (25%) do meio urbano e 12 (34%) do meio rural. Apenas 1 informante achou que, em um casamento desfeito, só o homem deve casar de novo. Houve também 4 pessoas (11%) do meio urbano e 5 (14%) do meio rural que optaram pelo amor como o único vínculo necessário para que duas pessoas possam viver juntas.

Esta tendência para mudança de valores em uma sociedade que se tem mostrado tradicional, desde suas raízes, em vários aspectos pesquisados, é uma prova da fase de procura de novos parâmetros que possam dar novo sentido à vida. A rejeição a desquitados, apesar de menor, ainda existe no seio da comunidade e pode ser observada em ocasiões variadas, através de sanções sociais e pessoais, ora veladas, ora ostensivas.

É que a transição de valores é lenta, e um novo valor demora a ser endossado por todos os segmentos da sociedade. A mudança de valores é uma mudança a longo prazo, a menos que seja imposta por uma transformação total na estrutura política do País que modifique a estrutura familiar, mas, neste caso, a mudança imposta não será fruto de uma dinâmica cultural, nos moldes do modelo proposto para este estudo.

As respostas dadas à pergunta referente ao planejamento familiar (Quadros 41A e 42A) seguiram a mesma linha da primeira pergunta: os informantes também se distribuíram por todo o contínuo, atestando grandes variedades de atitudes diante da problemática apresentada.

Aqui, as maiores concentrações mostraram posições diferentes no meio urbano e rural. No primeiro (urbano), 19 pessoas (53%) ficaram no pólo da racionalidade, quando preferiram a opção que diz que o casal de ve usar qualquer método para o controle da natalidade (pílulas, Diu, etc.). No meio rural, 16 pessoas (44%) colocaram-se na tradicionalidade, optando pela resposta que coloca o casal devendo ter os os filhos que vierem, isto é, "que Deus mandar".

A atual conjuntura econômica parece estar influenciando, mormente no meio urbano, a aceitação de valores referentes ao planejamento fa miliar, embora com lutas interiores, fruto da educação e da cultura que moldou o ambiente sócio-cultural viçosense.

Contudo, esta é uma mudança que só se efetivará depois da interiorização de novos valores, e, então, a própria cultura será modificada como parte de um círculo dinâmico integrado.

Em relação ao aborto (Quadros 43A e 44A), a comunidade viçosense parece ser tradicional, pois a maioria dos entrevistados se colocou no pólo da tradicionalidade: 21 pessoas (59%), no meio urbano, e 16 (45%), no meio rural, declararam que o aborto só deve ser praticado, quando o nascimento da criança põe em perigo a vida da mãe. Por outro lado, para 9 pessoas (25%), no meio urbano, e 17 (47%), no meio rural, o aborto não deve ser praticado em hipótese nenhuma. A liberdade total para a prática do aborto só contou com 2 informantes (6%) do meio urbano, e o aborto, quando a gravidez é consequência de violência ou estupro, contou com apenas 1 informante (3%) do meio urbano e 1 (3%) do meio rural.

Neste particular, parece que o valor religião, predominante na comunidade, teve grande parcela de responsabilidade na escolha das opções. Para os entrevistados parece que a vida humana é considerada uma dádiva de Deus e, como tal, deve ser conservada, apesar, de muitas vezes, a prática diurna demonstrar o contrário, considerando o número sempre crescente de abortos realizados na quase totalidade das sociedades atuais, inclusive na viçosense, segundo informações diversas.

5.1.9. Produção e Circulação de Bens de Consumo OK

Na economia, as sociedades sagradas apresentam os seguintes traços bastante característicos:

- a. no centro urbano, o comércio de secos e molhados e os armazéns procuram apenas dar atendimento às necessidades elementares da população, no que se refere à alimentação e vestuário;
- b. o pequeno artesanato é responsável pela fabricação de roupas e sapatos e na construção das habitações, também é artesanal a participação dos pedreiros, marceneiros, ferreiros e de outros profissionais;
- c. o automóvel constitui um objeto de luxo, símbolo do status das pessoas que o possuem;

d. a falta de hotéis é compensada pelas "pensões familiares", que oferecem condições de vida e de higiene precárias a seus hóspedes;

mas e. o abastecimento é, quase sempre, feito pelos "cometas" viajantes que aparecem, periodicamente, com sua tropa de animais, para fazer a entrega das "encomendas" às pequenas firmas;

f. a farmácia, a "botica", ponto de encontro de pessoas para a "prosa", é mais entregue às manipulações de laboratórios do que à venda de produtos farmacêuticos industrializados;

g. As "vendas" e as "pequenas mercearias" são localizadas na parte central da cidade, ao lado das residências. *e os supermercados*

Estas características constituem pontos referenciais, quando se deseja verificar a tendência de mudanças sócio-culturais e a passagem das comunidades da tradicionalidade para a racionalidade. *shopping centers*

mas Contudo, neste trabalho, a preocupação maior foi a procura de elementos que pudessem fornecer algum indício sobre as atitudes do viçosense em relação ao intermediário nas transações comerciais, seja qual for o produto comercializado, bem como em relação ao consumo de bens (eletrodomésticos). *ali aqui*

Com esta finalidade, foram apresentadas aos informantes algumas perguntas (Apêndice A).

Na primeira resposta (Quadros 45A e 46A) houve maior concentração de escolhas em torno da opção que coloca a necessidade de intermediários no comércio, de vez em quando, com 15 pessoas (53%), no meio urbano, e 10 (28%), no meio rural.

A opção que se refere à facilidade da realização do comércio diretamente entre o produtor e o consumidor apresentou, apenas, 1 escolha (3%), no meio rural, e nenhuma, no urbano.

Já a necessidade da organização de Cooperativas para a melhoria das transações comerciais foi sentida por 14 pessoas do meio urbano (39%) e 9 (25%) do meio rural, o que significa que o sentimento cooperativista ainda não é significativo na população viçosense.

O rurícola, principalmente, parece não ter ainda despertado para

o problema de crucial importância que é a comercialização de seu produto, acostumado que está, desde épocas remotas, a ser orientado por fazendeiros, agiotas e outros intermediários, neste particular. É um problema que, se for atacado, deverá ser iniciado na fase de conscientização do homem do campo para a necessidade de melhor cuidar de seus interesses econômicos.

Quanto ao uso de eletrodomésticos (Quadros 47A e 48A) as respostas também não apresentaram dados relevantes. Apenas alguns eletrodomésticos são úteis, conforme declararam 18 pessoas (50%), no meio urbano, e 18 (50%), no meio rural. Este resultado já era esperado, uma vez que a utilização dos eletrodomésticos sofisticados, característicos das comunidades formadas por pessoas de renda alta, principalmente das sociedades onde a figura do empregado doméstico começa a desaparecer, ainda não constitui o caso de Viçosa. Assim, a geladeira, o liquidificador, a enceradeira e, às vezes, a bateadeira de bolos ainda formam a bateria de eletrodomésticos mais conhecidos e utilizados na comunidade, enquanto máquinas de lavar pratos, secadoras elétricas, aspiradores de pó e máquinas de lavar, em menor escala, apenas figuram nos hábitos domésticos de uma minoria da população.

Neste setor, as mudanças parecem estar diretamente ligadas ao poder aquisitivo do povo, que, somente na atualidade, começa a crescer, como um fruto de expansão da Universidade Federal de Viçosa em alguns segmentos da população.

Contradizendo o que foi encontrado no universo pesquisado, o comércio da localidade começa a se expandir, configurando no município a sociedade do consumismo capitalista.

Alterações substanciais poderão advir deste crescimento do município, onde dois estratos sócio-econômicos estão-se delineando: uma camada de renda alta, representada pelos professores e alta administração da UFRV e pelos profissionais da medicina e da odontologia do município, e uma camada de renda baixa, representada pelos outros segmentos da população. Os profissionais que atuam no setor de serviços na comunidade

e em outros setores da profissionalização liberal estão espremidos entre estes dois estratos, lutando pela sobrevivência, em uma comunidade onde os preços são ajustados pelo comércio, pelos parâmetros dos vencimentos pagos à alta esfera administrativa e aos docentes da UFV.

Um problema social pode estar em gestação, e a atual conjuntura econômica do município demandará trabalhos substanciais de ajustamentos direcionados ao desenvolvimento e à melhoria de condições de vida da população.

Também, neste aspecto, está caracterizada a fase de transição sócio-econômico-cultural pela qual está passando a comunidade viçosense.

6. CONCLUSÕES

Os objetivos definidos para a orientação deste trabalho, se não foram atingidos totalmente, o foram, pelo menos, em grande parte.

De modo geral, dentro do modelo adotado, pretendeu-se conhecer alguns aspectos da formação e evolução histórica do município, bem como alguns valores manifestos que se integram na cultura e norteiam comportamentos e atitudes que delineiam as tendências de mudanças sócio-culturais.

Procurou-se, então, de posse de documentos e de informações adquiridas através de entrevistas informais, traçar um perfil do viçosense e da cidade de Viçosa. Este procedimento demandou que se procurassem as heranças culturais da população, através de uma visão geral daquilo que lhe foi legado pelos índios puris, pelo escravo bantu e pelo português colonizador.

Esta análise, que pode ser julgada irrelevante a uma observação superficial, é de extrema validade para trabalhos do teor deste que se pretendeu realizar, porque as tendências de mudanças sócio-culturais são tão intimamente associadas à cultura e às raízes históricas da população em estudo.

Especificamente, pretendeu-se identificar grupos de valores existentes na população de Viçosa relativos à saúde, religião, educação, política, família e produção e circulação de bens.

Os dados necessários foram obtidos de questionários aplicados a

uma amostra de 72 pessoas, selecionadas, intencionalmente, de acordo com o nível de renda e de locais de residência no município. As opções de respostas foram colocadas em um contínuo que permitiu a visão da passagem dos valores pesquisados do pólo da tradicionalidade para o da racionalidade, parâmetros analíticos escolhidos para o estudo.

A base teórica foi procurada nas "sociedades sagradas" e "sociedades seculares" de Howard Becker, completando-se, desta forma, o arcabouço necessário a uma tramitação segura dentro dos limites traçados para a delimitação da problemática levantada.

Os dados encontrados e analisados vieram, em sua maioria, confirmar o que foi percebido no início e que constituiu a razão principal deste estudo - Viçosa está em fase de expansão desorganizada, onde os conflitos morais, educacionais, psicológicos, econômicos e outros são uma constante, em estado latente ou manifesto. Puderam, também, esclarecer alguns pontos:

a. A comunidade é muito tradicionalista em relação a alguns valores (religião, assistência técnica, educação) e está caminhando firme em direção à racionalidade em relação a outros (política, saúde, lazer e família).

b. A cultura na região atravessa uma fase de grande dinamismo, modificando-se sob influências exógenas, principalmente, e resistindo, até onde pode, em alguns casos, a esta modificação. É esta uma fase de transição cultural que, longe de permitir que a cultura venha a desaparecer, fortalece-a, através do caráter seletivo da aceitação de inovações.

c. A influência da Universidade Federal de Viçosa no município é um fato incontestável. Esta influência é percebida pela população, algumas vezes, como benéfica, e ela se orgulha de sua Universidade. Entretanto, outras vezes, a população enxerga-a como um agente de invasão cultural, sente-se lesada em suas aspirações e direitos, que julga líquidos e certos, mormente no que se diz respeito ao mercado de trabalho e, neste caso, preterida em favor de elementos estranhos à localidade. Nes

tes momentos, ela a repudia em atitudes de resistência e de passividade e, em outras situações, dificulta a integração de pessoas de fora, fechando-se em grupos locais. De modo geral, as pessoas são polidas e hospitaleiras, mas protegem sua intimidade, não deixando que as pessoas estranhas à localidade possam sentir-se, realmente, como membro integrante e participante dos grupos, até que se verifique sua completa adaptação ao meio.

d. A Universidade Federal de Viçosa está contribuindo para a formação de verdadeiras castas no setor econômico: uma classe alta, formada por seu corpo docente e funcionários da alta administração; outra, a classe de renda baixa, com um mínimo poder aquisitivo, e, entre estas duas, uma terceira, representada pelos setores de serviços e pequenos funcionários do município, que luta pela sobrevivência em uma localidade onde os preços sobem, segundo alguns informantes, à medida que aumentam os salários pagos pela Universidade. Embora não haja uma pesquisa científica deste âmbito, pode-se observar o fato e confirmá-lo, como foi feito, através de entrevistas com informantes das três classes referidas.

e. Os programas educacionais por desenvolver não poderão se descurar da cultura e dos valores da comunidade. Estes programas deverão sempre procurar promover a "integração cultural" em suas propostas de mudanças e jamais endossar pontos que configurem uma "invasão cultural" porque esta é, realmente, repelida no município, com atitudes de resistência passiva, de comportamentos céticos ou de manifestações ostensivas.

f. A educação ainda não esgotou seu campo de trabalho no município, seja na área urbana, seja na rural, mas sua atuação deve ser precedida de um planejamento sério e consciente. Os trabalhos de ação comunitária deverão ser desenvolvidos tendo sempre em vista o sentimento de tradicionalidade, de "famílias tradicionais" de líderes políticos venerados como o Presidente Bernardes, jamais desdenhando as possibilidades do município (o viçosense não tolera que pessoas de fora "falem mal" de

Viçosa, embora ele mesmo o faça com freqüência, em críticas irrelevantes ou de forma humorística).

Somente respeitando a cultura para modificá-la pela interiorização consciente de novos valores, por parte dos indivíduos, é que os trabalhos sócio-econômico-educacionais que se queiram realizar terão êxito no município.

O viçosense recebe e integra no seu convívio todas as pessoas de fora que provem por atos ou atitudes que "gostam" de Viçosa. A mística do "espírito esaviano" parece vivo também na comunidade, onde as raízes impregnadas de valores tradicionais e pragmáticos com ele se coadunam, embora já estejam sendo detectadas fortes tendências de mudanças sócio-culturais.

Os resultados deste trabalho poderão servir como ponto de partida para novas investigações no campo sócio-econômico-cultural no município de Viçosa, que, por suas características, pede análises deste teor.

Também poderão ser úteis para análises de outros municípios ou regiões que apresentem traços comuns com o município de Viçosa.

Esta é uma responsabilidade que cabe a todos que a têm por berço ou são aqui radicados; desde que haja um traço em comum - o amor pela terra, por sua cultura, por sua gente.

X

7. LITERATURA CITADA

1. ABOU-ID, Ana Maria Rigueira. Produção científica no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1982. 141 p. (Tese M.S.)
2. ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Pequena história da formação social brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro, Graal, Biblioteca de História, 1981. 728 p.
3. A ECLESIOLOGIA militante de Leonardo Boff. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1982, p. 8. (Caderno Especial)
4. ALENCAR, Alexandre de. Fatos e vultos de Viçosa. Belo Horizonte, Editora Santa Maria, 1959. 128 p.
5. ALENCAR, Francisco; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Vinicius. História da sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Livro Técnica, 1980. 339 p.
6. ALMEIDA, Renato & MEDEIROS, Maria de Lourdes B. Curso de folclore. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1973. 84 p.
7. ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura popular brasileira. São Paulo, Melhoramentos/Instituto Nacional do Livro, MEC, 1973. 198 p.
8. AUGÉ, Paul. Enciclopédia Delta - Larousse. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1962. 15 v. v.5, v.3.
9. AZEVEDO, Fernando. Cultura popular brasileira. 3.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958. 299 p.
10. BANDEIRA, Leda de Bittencourt. O que é a FAPOV - Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa. Viçosa, 1982. 5 p. (Mimeografado)

11. BASTIDE, Roger. As Américas negras. São Paulo, USP, 1974. 210 p.
12. BECKER, Howard. Through values to social interpretation. Durham, North Caroline, Duke University Press, 1950. 341 p.
13. BENTO, Dilson. Malungo - decodificação da umbanda. Contribuição à história das religiões. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. 241 p.
14. BRAGA, Carlos dos Reis Baeta; CARVALHO, José Geraldo Vidigal; SANT'ANNA, João Bosco; SANTANA, Maria da Conceição Gomes. Estatuto do Grupo Jovem de Viçosa. Viçosa, Editora Folha de Viçosa, 1978. 4 p.
15. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo. São Paulo, Brasiliense, 1980. 306 p.
16. BRASIL UNIVERSITÁRIO. Uma edição de anais científicos. São Paulo, v. 23, n. 76, 1968.
17. BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d. 1517 p.
18. CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. Cônego. Temas oratórios. Belo Horizonte, Júpiter, 1981. 137 p.
19. CESAR, Getúlio. Crendices, suas origens e classificação. Rio de Janeiro, Apex Gráfica e Editora, 1975. 278 p.
20. CHINOY, E. Sociedade - uma introdução à sociologia. 5.ed. São Paulo, Cultura, 19 . 734 p.
21. CURSILHISTAS promovem encontro. Integração, Viçosa, 27 de junho de 1982. s. p.
22. DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Etnias e culturas no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. 224 p.
23. DONATO, Hernâni. A revolução de 32. São Paulo, Círculo do Livro/Livros Abril, 1982. 224 p.
24. DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. São Paulo, Cortez, 1981. 128 p.
25. EISS, Albert & HARDECK, Mary B. Behavioral objectives in the affective domain. Washington, D.C., Nacional Supervisors Association, 1972. s.p. (Mimeografado)

26. FARIA, Antônio Augusto & BARROS, Edgard Luiz. Getúlio Vargas e sua época. São Paulo, Global, 1982. 108 p.
27. FELIZARDO, Joaquim J. História nova da república velha -- do manifesto de 1870 à revolução de 1930. Petrópolis, Vozes, 1980. 105 p.
28. FICHTER, J.H. Sociologia. 5.ed. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1973. 518 p.
29. FIGUEIREDO, Padre Antônio Pereira, trad. Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro, Balsa, 1958. 285 p. (Novo Testamento).
30. FONZAR, Jair. Educação natureza e circunstância. São Paulo, Loyola, 1979. 117 p.
31. FRANCIS, David G. Elementos de difusão: uma perspectiva. In: ROGERS, Everest M. & SHOEMAKER, F. Communication of innovations. New York, Free Press, 1971. cap. 1, p. 6-33.
32. FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 93 p.
33. FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. 20.ed. Brasília, José Olympio, INL/MEC, 1980. 573 p.
34. GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA -- Arthur Bernardes. São Paulo, n. 52, 1970.
35. GREGÓRIO, Irmão José. Contribuição indígena ao Brasil. Belo Horizonte, Esdeva Imprensa Gráfica, 1980. 323 p.
36. GUIMARÃES, Albertc Passos. Quatro séculos de latifúndio. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 254 p.
37. HERSKOVITS, Melville J. Antropologia cultural. São Paulo, Mestre Jou, 1967. 3 v. v.2. (1ª parte do 2º tomo)
38. HILTON, Stanley. 1932 - a guerra civil brasileira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 383 p.
39. JOSÉ, Oilliam. Índigenas de Minas Gerais. Aspectos sociais, políticos e etnológicos. Belo Horizonte, Momento Perspectiva, 1965. 216 p.
40. _____. Racismo em Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981. 258 p.

41. KARDEC, Allan. Introdução ao estudo da doutrina espírita. 2.ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1945. 154 p.
42. KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo, Perspectiva, 1975. 257 p.
43. LAKATOS, Eva Maria. Sociologia geral. 4.ed. São Paulo, Atlas, 1981. 299 p. (Revista ampliada)
44. LARROYO, Francisco. História geral da pedagogia. São Paulo, Mestre Jou, 1970. 1000 p. (Tomos I e II)
45. LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo, Alfa-Omega, 1975. 270 p.
46. LEERS, Bernardino O.F.M. Catolicismo popular e mundo rural - um ensaio pastoral. Petrópolis, Vozes, 1977. 226 p.
47. LIMA, Alberto de Souza. Arthur Bernardes perante a História. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1983. 540 p.
48. LIMA, João Heraldo. Café e indústria em Minas Gerais - 1870-1920. Petrópolis, Vozes, 1981. 105 p.
49. LIMA, Rossini Tavares de. Abecê do folclore. 5.ed. São Paulo, Recordi, 1972. 262 p.
50. LOOMIS, Charles P. & BEEGLE, J. Allan. Rural social systems. New York, Prentice-Hall INC, 1951. p. 20-2.
51. LOPES, Renato Simplicio. Evolução conceitual da Extensão Rural no Brasil. Belo Horizonte, Divisão de Informação da ACAR, 1980. 17 p.
52. MAGALHÃES, Bruno de Almeida. Arthur Bernardes, estadista da República. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. 298 p.
53. MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. 3.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 206 p.
54. MANCHETE. O enterro de Bernardes. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1955. p. 11-4.
55. MELO, José Marques. Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1978. 250 p.

56. MERCADANTE, Paulo. Os sertões do leste; estudo de uma região: a Mata Mineira. Rio de Janeiro, Zahar, 1973. 135 p.
57. MOSQUERA, Juan; VIAN, Navildo; COSTA, Rovílio. Sociopsicologia. 2.ed. Porto Alegre, Sulina Editora, 1978. 306 p.
58. MUNICÍPIOS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, IBGE, 1959. v. 27.
59. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Coexistência das religiões no Brasil. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, 71:555-62, set. 1977.
60. PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. Viçosa - tradições e folclore. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1977. 154 p.
61. PESSOA, Odete Baião. Minas Gerais - suas origens. AMAE Educando, Belo Horizonte, 14(135):18-20, junho 1981.
62. POMBO, Rocha. História do Brasil - presidentes da república até 1930. 13.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966. 3 v. v.3.
63. PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. 21.ed. São Paulo, Brasiliense, 1978. 362 p.
64. _____. Formação do Brasil contemporâneo. 17.ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. 337 p.
65. QUE É a Escola Normal N.^a S.^a do Carmo? Um pouco de história. Luz do Carmelo. Viçosa, n.4, 1942. s.p.
66. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O campesinato brasileiro. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1976. 242 p.
67. _____. Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos & Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 314 p.
68. RAMOS, Antônio de Pádua C. Centenário de nascimento de Dr. Arthur Bernardes. Viçosa, 1975. s.p.
69. RAMOS, Arthur. As culturas negras no novo mundo. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, INL/MEC, 1979. 248 p.
70. _____. A aculturação negra no Brasil. São Paulo, Nacional, 1942. 376 p.
71. REITOR recebe homenagem da FAPOV. U.F.V. Informa, Viçosa, 27 maio 1982. p. 4.

72. RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. Inquérito sobre práticas e superstições agrícolas de Minas Gerais. Rio de Janeiro, MEC/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1971. 147 p.
73. RIBEIRO, Wagner. Noções de cultura mineira. Belo Horizonte, F.T.D., 1966. 296 p.
74. RODRIGUES, Aroldo. Psicologia social. 7.ed. Petrópolis, Vozes, 1972. 573 p.
75. SANDER, Benno. Educação brasileira: valores formais e valores reais. São Paulo, Pioneira, 1977. 289 p.
76. SANTOS, Lúcio José dos. História de Minas Gerais, resumo didático. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972. 178 p.
77. SILVA, Adalberto Prado e. Novo dicionário brasileiro. 3.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965. 4 v. 3 v.
78. SILVA, Francisco Simonini. Aspectos sócio-econômicos e educacionais de um grupo rural e seu conceito de educação na região de Primeiro de Maio, Estado do Paraná. Piracicaba, S.P., UNIMEP, 1978. 153 p. (Tese M.S.)
79. SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de história da cultura brasileira. 4.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. 136 p.
80. S.S. VICENTE de Paulo aguarda promoção a conselho central. Integração, Viçosa, 25 junho 1982. s.p.
81. SZMRECSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriovaldo. Vida rural e mudança social. 3.ed. São Paulo, Nacional, 1979. 239 p.
82. TARANTO, Benito. Cultura popular da microrregião de Viçosa. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1982. 2 p. (Boletim Informativo, 3)
83. TEIXEIRA, Anísio. A educação no Brasil. 2.ed. São Paulo, Nacional, 1971. 385 p.
84. TORRES, João Camilo de Oliveira. História de Minas Gerais. 3.ed. Belo Horizonte, Lemi, 1980. 3 v. v.1.
85. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa. A nova dimensão da Universidade Federal de Viçosa - 1974/1978 - Relatório da Administração Antônio Fagundes de Souza. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1978. s.p.

86. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa. Excertos da publicação "Escola Superior de Agricultura - origem-desenvolvimento-atualidade". Viçosa, MG. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1968. s.p.
87. Campus da Universidade Federal de Viçosa - plano de desenvolvimento físico. Viçosa, U.F.V., Imprensa Universitária, 1969. s.p.
88. VALVERDE, Orlando. Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais. Revista Brasileira de Geografia, São Paulo, 20(1):3-83, jan./mar. 1958.
89. VASCONCELOS, Agripa. Saga do país das gerais. Sinhá Braba. Belo Horizonte, Itatiaia, 1966. 372 p.
90. VASCONCELOS, Diogo de. História antiga das Minas Gerais. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948. 2 v. v.l.
91. VASCONCELOS, Edgard de. O problema da liderança. Rio de Janeiro, Edições SSR (Serviço Social Rural), 1960. 278 p. (Estudos, 3)
92. VEJA. Chico Xavier: o mundo dos espíritos. Rio de Janeiro, n. 725, julho de 1982.
93. WHELDALL, Kevin. Comportamento social; problemas fundamentais e importância social. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. 168 p.

APÊNDICE A

QUADRO 1A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quando Adocea uma Pessoa em Suas Casas. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Trata Dela com Recursos Caseiros		2. Chama uma Pessoa para Benzê-la		3. Procura a Opinião de um Vizinho		4. Procura o Médico		Racionalidade	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	3	8	0	0	1	3	12	33	12	33
Sexo F	6	17	0	0	0	-	12	33	12	33
Renda alta	0	0	0	0	0	0	7	19	7	19
Renda média	2	6	0	0	0	0	8	22	8	22
Renda baixa	7	19	0	0	1	3	9	25	9	25
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	2	6	2	6
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	4	11	0	0	1	3	6	17	6	17
1.º grau completo	3	8	0	0	0	0	4	11	4	11
2.º grau	2	6	0	0	0	0	5	14	5	14
Superior	0	0	0	0	0	0	7	19	7	19
Católicos	8	22	0	0	1	3	22	61	22	61
Crentes	1	3	0	0	0	0	1	3	1	3
Espíritas	0	0	0	0	0	0	1	3	1	3

QUADRO 3A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto ao Uso de Remédios. Viçosa, MG, 1982

Tradicionalidade	Racionalidade					
	1. Remédios Caseiros		2. Remédios de Homeopatia		3. Remédios de Farmácia	
Opções	N	%	N	%	N	%
Sexo M	0	0	15	36	3	8
Sexo F	0	0	13	36	4	11
Renda alta	0	0	6	17	0	0
Renda média	0	0	11	31	0	0
Renda baixa	0	0	11	31	7	19
Analfabeto	0	0	2	6	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	0	0	8	22	4	14
1.º grau completo	0	0	5	14	3	8
2.º grau	0	0	7	19	0	0
Superior	0	0	6	17	0	0
Católicos	0	0	27	75	6	17
Crentes	0	0	1	3	1	3
Espíritas	0	0	0	0	0	0

QUADRO 4A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto ao Uso de Remédios. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Remédios Caseiros		2. Remédios de Homeopatia		3. Remédios de Farmácia		Racionalidade
	N	%	N	%	N	%	
Sexo M	0	0	10	28	6	17	
Sexo F	1	3	7	19	6	17	
Renda alta	0	0	2	6	2	6	
Renda média	1	3	6	17	0	0	
Renda baixa	0	0	9	25	10	28	
Analfabeto	0	0	4	11	0	0	
Mobral	0	0	1	3	0	0	
4ª série do 1.º grau	0	0	6	17	4	11	
1.º grau completo	0	0	4	11	8	22	
2.º grau	0	0	1	3	0	0	
Superior	1	3	1	3	0	0	
Católicos	1	3	17	47	12	33	
Crentes	0	0	0	0	0	0	
Espíritas	0	0	0	0	0	0	

QUADRO 5A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito da Necessidade da Religião para as Pessoas. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade				Racionalidade			
	1. Em Todos os Momentos da Vida		2. Só nos Momentos Difíceis da Vida		3. Só para Fazer Batizados e Casamentos		4. Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	18	50	0	0	0	0	0	0
Sexo F	18	50	0	0	0	0	0	0
Renda alta	7	19	0	0	0	0	0	0
Renda média	11	31	0	0	0	0	0	0
Renda baixa	18	50	0	0	0	0	0	0
Analfabeto	2	6	0	0	0	0	0	0
Móbral	0	0	0	0	0	0	0	0
4.ª série do 1.º grau	12	33	0	0	0	0	0	0
1.º grau completo	8	22	0	0	0	0	0	0
2.º grau	7	19	0	0	0	0	0	0
Superior	7	19	0	0	0	0	0	0
Católicos	33	92	0	0	0	0	0	0
Crentes	2	6	0	0	0	0	0	0
Espíritas	1	3	0	0	0	0	0	0

QUADRO 6A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito da Necessidade da Religião para as Pessoas. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Em Todos os Momentos da Vida				2. Só nos Momentos Difíceis da Vida				3. Só para Fazer Batizados e Casamentos				4. Não			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Sexo M	16	44	1	3	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0		
Sexo F	18	50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Renda alta	5	14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Renda média	9	25	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Renda baixa	20	56	1	3	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0		
Analfabeto	8	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Mobral	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
4ª série do 1.º grau	11	31	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
1.º grau completo	12	33	1	3	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0		
2.º grau	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Superior	2	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Católicos	34	94	1	3	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0		
Crentes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 9A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito das Atividades Que os Ministros da Religião (Padres, Pastores, Bispos) Devem Desempenhar. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Devem Cuidar só das Coi- sas da Igreja (missas, culto, etc.)			2. Devem Ter Outras Ativi- dades Quando Não Preju- dicam o Seu Trabalho			3. Devem Ocupar o Tempo com Outras Ativida- des		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sexo M	10	28	2	6	2	6	6	18	
Sexo F	4	11	1	3	1	3	13	36	
Renda alta	2	6	0	0	0	0	5	14	
Renda média	3	8	1	3	1	3	7	19	
Renda baixa	9	25	2	6	2	6	7	19	
Analfabeto	2	6	0	0	0	0	0	0	
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0	
4ª série do 1º grau	5	14	1	3	1	3	6	17	
1º grau completo	5	14	1	3	1	3	2	6	
2º grau	2	6	0	0	0	0	5	14	
Superior	0	0	1	3	1	3	6	17	
Católicos	12	33	3	8	3	8	18	50	
Crentes	2	6	0	0	0	0	0	0	
Espíritas	0	0	0	0	0	0	1	3	

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 10A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito das Atividades Que os Ministros da Religião (Padres, Pastores, Bispos) Devem Desempenhar. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Devem Cuidar só das Coi- sas da Igreja (missas, culto, etc.)		2. Devem Ter Outras Ativi- dades Quando Não Preju- dicam o Seu Trabalho		3. Devem Ocupar o Tempo com Outras Ativida- des	
	N	%	N	%	N	%
Sexo M	12	33	0	0	6	17
Sexo F	15	42	1	3	2	6
Renda alta	2	6	0	0	3	8
Renda média	7	19	1	3	1	3
Renda baixa	18	50	0	0	4	11
Analfabeto	8	22	0	0	0	0
Mobral	1	3	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	8	22	0	0	3	8
1.º grau completo	10	28	0	0	4	11
2.º grau	0	0	0	0	0	0
Superior	0	0	1	3	1	3
Católicos	27	75	1	3	8	22
Crentes	0	0	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 11A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto aos Rituais da Igreja. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade			Racionalidade					
	N	%		N	%				
Sexo M	2	6	11	4	11	10	28	0	0
Sexo F	2	6	6	2	6	11	31	1	3
Renda alta	0	0	6	2	6	3	8	0	0
Renda média	0	0	6	2	6	8	22	1	3
Renda baixa	4	11	6	2	6	10	28	1	3
Analfabeto	1	3	0	0	0	1	3	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	3	8	6	2	6	5	14	0	0
1.º grau completo	0	0	6	2	6	5	14	0	0
2.º grau	0	0	0	0	0	6	17	0	0
Superior	0	0	6	2	6	4	11	1	3
Católicos	4	11	14	5	14	19	53	1	3
Crentes	0	0	0	0	0	2	6	0	0
Espíritas	0	0	3	1	3	0	0	0	0

1. Todos Eram Melhor
res como Eram Fei-
tos Antigamente

2. Alguns Eram Me-
lhores como Eram
Feitos Antiga -
mente

3. Estão Muito Bons
como São Feitos
Hoje

4. A Igreja Deve Aca-
bar com Manifesta-
ções Externas de
Fé

5. Deve Mudar Todo
o Seu Ritual

QUADRO 17A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação ao Voto de Seus Familiares e Empregados, em Épocas de Eleições. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Devem Votar em Quem Você Mandar		2. Devem Votar com Você, se Não Têm Candidatos Próprios		3. Devem Votar em Quem Quiserem, Dentro do Seu Partido		4. Devem Votar em Quem Quiserem, Mesmo Que Seja Contra Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	1	3	3	8	0	0	14	39
Sexo F	3	8	1	3	1	3	13	36
Renda alta	0	0	2	6	0	0	5	14
Renda média	0	0	1	3	0	0	10	28
Renda baixa	4	11	1	3	1	3	12	33
Analfabeto	1	3	0	0	0	0	1	3
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	2	6	1	3	0	0	9	25
1.º grau completo	1	3	1	3	1	3	5	14
2.º grau	0	0	0	0	0	0	7	19
Superior	0	0	2	6	0	0	5	14
Católicos	3	8	4	11	1	3	25	69
Crentes	1	3	0	0	0	0	1	3
Espíritas	0	0	0	0	0	0	1	3

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 18A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação ao Voto de Seus Familiares e Empregados, em Épocas de Eleições. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Devem Votar em Quem Você Man- dar		2. Devem Votar com Você, se Não Têm Candidatos Pró- prios		3. Devem Votar em Quem Quiserem, Dentro do Seu Partido		4. Devem Votar em Quem Quiserem, Mesmo Que Seja Contra Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	3	8	1	3	3	8	11	31
Sexo F	3	8	2	6	2	6	10	28
Renda alta	1	3	0	0	1	3	3	8
Renda média	2	6	0	0	0	0	7	19
Renda baixa	3	8	3	8	4	11	11	31
Analfabeto	3	8	0	0	0	0	5	14
Mobral	0	0	0	0	0	0	1	3
4ª série do 1.º grau	0	0	2	6	1	3	8	22
1.º grau completo	3	8	1	3	4	11	5	14
2.º grau	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	0	0	0	0	0	0	2	6
Católicos	6	17	3	8	5	14	21	58
Crentes	0	0	0	0	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 19A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação à Escola. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade			Racionalidade						
	N	%		N	%					
			1. A Escola Antiga mente Emsinava Melhor	2. Na Escola Antiga Havia mais Res- peito e Boas Ma- neiras (discipli- na rígida)	3. As Mudanças Que Estão Ocorrendo na Escola Servi- ram para a Cri- ança	4. A Escola de Hoje dá Muita Liberdã de para a Crian- ça	5. A Escola de Ho- je Emsina Muito Melhor			
Sexo M	5	14		3	8		4	11	4	11
Sexo F	4	11		4	11		3	8	2	14
Renda alta	0	0		4	11		0	0	1	6
Renda média	3	8		3	8		3	8	1	3
Renda baixa	6	17		0	0		4	11	2	17
Analfabeto	0	0		0	0		0	0	0	6
Mobral	0	0		0	0		0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	5	14		1	3		2	6	1	8
1.º grau completo	2	6		2	6		2	6	1	3
2.º grau	1	3		2	6		1	3	1	6
Superior	1	3		2	6		2	6	1	3
Católicos	9	25		6	17		7	19	3	22
Crentes	0	0		0	0		0	0	1	3
Espiritas	0	0		1	3		0	0	0	0

QUADRO 20A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação à Escola. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade			Racionalidade		
	N	%		N	%	
Sexo M	1	3		0	0	33
Sexo F	7	19		2	6	14
Renda alta	0	0		0	0	3
Renda média	4	11		1	3	6
Renda baixa	4	11		1	3	39
Analfabeto	2	6		1	3	11
Mobral	0	0		0	0	3
4ª série do 1.º grau	5	14		0	0	8
1.º grau completo	0	0		1	3	25
2.º grau	0	0		0	0	0
Superior	1	3		0	0	0
Católicos	8	22		3	8	47
Crentes	0	0		0	0	0
Espíritas	0	0		0	0	0

QUADRO 21A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação à Finalidade da Escola. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Para as Pessoas Terem um Diploma		2. Para as Pessoas Arranjarem Emprego		3. Para Melhorar Seu Trabalho ou Produção		4. Para Criticar a Situação Política de Hoje		5. Para Fazer Mudanças na Situação Política do País		6. Para Enfrentar Situações Futuras Que Não Conhece	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	0	0	3	8	0	0	0	0	10	28	5	14
Sexo F	0	0	1	3	0	0	0	0	14	39	3	8
Renda alta	0	0	0	0	0	0	0	0	5	14	2	6
Renda média	0	0	0	0	0	0	0	0	9	25	2	6
Renda baixa	0	0	4	11	0	0	0	0	10	28	4	11
Analfabeto	0	0	2	6	0	0	0	0	0	0	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4.ª série do 1.º grau	0	0	1	3	0	0	0	0	7	19	4	10
1.º grau completo	0	0	1	3	0	0	0	0	6	17	2	5
2.º grau	0	0	0	0	0	0	0	0	6	17	1	2
Superior	0	0	0	0	0	0	0	0	5	14	2	5
Católicos	0	0	2	6	0	0	0	0	23	64	8	22
Crentes	0	0	2	6	0	0	0	0	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0

QUADRO 22A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação à Finalidade da Escola. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Para as Pessoas Terem um Diploma		2. Para as Pessoas Arranjarem Emprego		3. Para Melhorar Seu Trabalho ou Produção		4. Para Criticar a Situação Política do Hoje		5. Para Fazer Mudanças na Situação Política do País		6. Para Melhorar Situações Futuras que Não Conhece	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	1	3	4	11	0	0	0	0	7	19	4	11
Sexo F	1	3	6	17	0	0	0	0	6	17	3	8
Renda alta	0	0	2	6	0	0	0	0	2	6	0	0
Renda média	0	0	1	3	0	0	0	0	6	17	2	6
Renda baixa	2	6	7	19	0	0	0	0	5	14	5	14
Analfabeto	1	3	2	6	0	0	0	0	2	6	2	6
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0
4.ª série do 1.º grau	1	3	2	6	0	0	0	0	3	8	4	11
1.º grau completo	0	0	6	17	0	0	0	0	5	14	1	3
2.º grau	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	0	0	0	0	0	0	0	0	2	6	0	0
Católicos	1	3	10	28	0	0	0	0	13	36	7	19
Crentes	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Tradicionalidade

Finalidade

QUADRO 29A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, sobre a Necessidade de Procurar Novas Maneiras de Executar Seus Trabalhos. Viçosa, MG, 1982

Opções	Racionalidade					
	1. Não		2. Às Vezes		3. Sim	
	N	%	N	%	N	%
Sexo M	2	6	4	11	12	33
Sexo F	2	6	4	11	12	33
Renda alta	0	0	3	8	4	11
Renda média	1	3	1	3	9	25
Renda baixa	3	8	4	11	11	31
Analfabeto	1	3	1	3	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0
4.ª série do 1.º grau	1	3	2	6	9	25
1.º grau completo	2	6	2	6	4	11
2.º grau	0	0	1	3	6	17
Superior	0	0	2	6	5	14
Católicos	2	6	7	19	24	67
Crentes	2	6	0	0	0	0
Espíritas	0	0	1	3	0	0

QUADRO 30A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, sobre a Necessidade de Procurar Novas Maneiras de Executar Seus Trabalhos. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Não				2. Às Vezes				3. Sim			
	N		%		N		%		N		%	
Sexo M	3	8	1	3	14	39						
Sexo F	1	3	8	22	9	25						
Renda alta	1	3	2	6	2	6						
Renda média	1	3	1	3	7	19						
Renda baixa	2	6	6	17	14	39						
Analfabeto	1	3	2	6	5	14						
Mobral	0	0	0	0	1	3						
4ª série do 1.º grau	0	0	2	6	9	25						
1.º grau completo	3	8	4	11	7	19						
2.º grau	0	0	0	0	0	0						
Superior	0	0	1	3	1	3						
Católicos	4	11	9	25	23	64						
Crentes	0	0	0	0	0	0						
Espíritas	0	0	0	0	0	0						

QUADRO 31A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto à Procura de Técnicos para Ajudá-los em Seus Trabalhos. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Não		2. Poucas Vezes		3. Muitas Vezes		4. Sempre Procura	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	6	17	3	8	4	11	5	14
Sexo F	5	14	1	3	6	17	6	17
Renda alta	0	0	1	3	4	11	2	6
Renda média	2	6	1	3	4	11	4	11
Renda baixa	9	25	2	6	2	6	5	14
Analfabeto	2	6	0	0	0	0	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0
4.ª série do 1.º grau	5	14	1	3	2	6	4	11
1.º grau completo	4	11	1	3	2	6	2	6
2.º grau	0	0	0	0	4	11	3	8
Superior	0	0	2	6	2	6	2	6
Católicos	9	25	4	11	9	25	11	31
Crentes	2	6	0	0	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	1	3	0	0

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 32A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto à Procura de Técnicos para Ajudá-los em Seus Trabalhos. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Não				2. Poucas Vezes		3. Muitas Vezes		4. Sempre Procura		Racionalidade
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sexo M	11	31	4	11	0	0	3	8			
Sexo F	10	28	4	11	2	6	2	6			
Renda alta	0	0	1	3	1	3	3	8			
Renda média	6	17	1	3	1	3	1	3			
Renda baixa	15	42	6	17	0	0	1	3			
Analfabeto	7	19	0	0	0	0	1	3			
Mobral	1	3	0	0	0	0	0	0			
4ª série do 1.º grau	6	17	5	14	0	0	0	0			
1.º grau completo	7	19	3	8	1	3	3	8			
2.º grau	0	0	0	0	1	3	0	0			
Superior	0	0	0	0	0	0	1	3			
Católicos	21	58	8	22	2	6	5	14			
Crentes	0	0	0	0	0	0	0	0			
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0			

QUADRO 33A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto à Importância da Ajuda da Assistência Técnica. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Não Ajuda Nada, é Dispensável		2. Ajuda de Vez em Quando		3. Ajuda Muito, é Indispensável		Racionalidade
	N	%	N	%	N	%	
Sexo M	2	6	7	19	9	25	
Sexo F	2	6	6	17	10	28	
Renda alta	1	3	2	6	4	11	
Renda média	0	0	2	6	9	25	
Renda baixa	3	8	9	25	6	17	
Analfabeto	1	3	1	3	0	0	
Mobral	0	0	0	0	0	0	
4.ª série do 1.º grau	0	0	9	25	3	8	
1.º grau completo	2	6	2	6	4	11	
2.º grau	0	0	0	0	7	19	
Superior	1	3	1	3	5	14	
Católicos	2	6	12	33	19	53	
Crentes	2	6	0	0	0	0	
Espíritas	0	0	1	3	0	0	

QUADRO 34A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto à Importância da Ajuda da Assistência Técnica. Viçosa, MG, 1982

Tradicionalidade	1. Não Ajuda. Nada, é Dispensável		2. Ajuda de Vez em Quando		3. Ajuda Muito, é Indispensável		Racionalidade
	N	%	N	%	N	%	
Sexo M	7	19	8	22	3	8	
Sexo F	8	22	7	19	3	8	
Renda alta	0	0	1	3	4	11	
Renda média	6	17	2	6	1	3	
Renda baixa	9	25	12	33	1	3	
Analfabeto	5	14	2	6	1	3	
Mobral	0	0	1	3	0	0	
4ª série do 1.º grau	6	17	5	14	0	0	
1.º grau completo	4	11	6	17	4	11	
2.º grau	0	0	0	0	0	0	
Superior	0	0	1	3	1	3	
Católicos	15	4	15	42	6	17	
Crentes	0	0	0	0	0	0	
Espíritas	0	0	0	0	0	0	

QUADRO 37A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito do Que Seus Filhos ou Parentes Formados em Agronomia Devem Fazer. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade				Racionalidade			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	2	6	7	19	1	3	6	17
Sexo F	0	0	5	14	1	3	11	31
Renda alta	1	3	5	14	0	0	1	3
Renda média	0	0	6	17	1	3	4	11
Renda baixa	1	3	1	3	1	3	12	33
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	1	3	2	6	1	3	7	19
1.º grau completo	0	0	2	6	0	0	6	17
2.º grau	0	0	4	11	0	0	3	8
Superior	1	3	4	11	1	3	1	3
Católicos	2	6	11	31	2	6	16	44
Crentes	0	0	0	0	0	0	1	3
Espíritas	0	0	1	3	0	0	0	0

QUADRO 38A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito do Que Seus Filhos ou Parentes Formados em Agronomia Devem Fazer. Viçosa, MG, 1982

Opções	1. Voltar para Casa e Continuar Trabalhando com as Técnicas Que Você Usa			2. Mudar Algumas Práticas			3. Mudar Todas as Práticas Que Você Usa			4. Não Deve Voltar para Casa, Deve Procurar Emprego Fora		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	1	3	3	8	3	8	7	8	10	8	19	19
Sexo F	0	0	3	8	0	0	10	0	0	0	28	28
Renda alta	0	0	1	3	1	3	3	3	3	3	8	8
Renda média	1	3	1	3	1	3	5	0	5	0	14	14
Renda baixa	0	0	4	11	4	11	9	6	9	6	25	25
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	2	3	2	3	6	6
Mobral	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	3	3
4ª série do 1.º grau	1	3	3	8	3	8	6	3	6	3	17	17
1.º grau completo	0	0	2	6	2	6	7	3	7	3	19	19
2.º grau	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	0	0	1	3	1	3	1	0	1	0	3	3
Católicos	1	3	6	17	6	17	17	8	17	8	47	47
Crentes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Tradicionalidade

Racionalidade

QUADRO 39A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação ao Casamento. Viçosa, MG, 1982

Tradicionalidade	1. O Casamento é para Sempre, Mesmo Que Não dê Certo			2. Quando Não dá Certo, Deve Haver Separação sem Novo Casamento			3. Quando Não dá Certo, Deve Haver Separação, mas só o Homem Deve Casar de Novo			4. Quando Não dá Certo, Deve Desistir ou Divorciar e Ambos Devem Casar de Novo			5. Para Viver juntos, Basta o Amor		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sexo M	3	8	3	8	0	0	8	22	8	22	3	8	3	8	
Sexo F	6	17	1	3	1	3	7	19	1	19	1	3	1	3	
Renda alta	1	3	0	0	0	0	5	14	5	14	0	0	0	0	
Renda média	2	6	1	3	0	0	5	14	5	14	3	8	3	8	
Renda baixa	6	17	3	8	1	3	5	14	5	14	1	3	1	3	
Analfabeto	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
4ª série do 1.º grau	3	8	3	8	1	3	4	11	4	11	1	3	1	3	
1.º grau completo	4	11	1	3	0	0	2	6	2	6	0	0	0	0	
2.º grau	0	0	0	0	0	0	6	17	6	17	1	3	1	3	
Superior	1	3	0	0	0	0	3	8	3	8	2	6	2	6	
Católicos	9	25	4	11	1	3	13	36	13	36	4	11	4	11	
Crentes	0	0	0	0	0	0	1	3	1	3	0	0	0	0	
Espíritas	0	0	0	0	0	0	1	3	1	3	0	0	0	0	

QUADRO 42A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, quanto ao Planejamento Familiar. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade			Racionalidade		
	N	%		N	%	N
Sexo M	8	22	1. O Casal Deve Ter Todos os Filhos Que Vierem (que Deus quiser)	5	14	5
Sexo F	8	22		4	11	5
Renda alta	2	6		1	3	2
Renda média	3	8		1	3	5
Renda baixa	11	31		7	19	3
Analfabeto	5	14		1	3	1
Mobral	0	0		0	0	1
4ª série do 1.º grau	6	17		3	8	2
1.º grau completo	5	14		5	14	4
2.º grau	0	0		0	0	0
Superior	0	0		0	0	2
Católicos	16	44		9	25	10
Crentes	0	0		0	0	0
Espíritas	0	0		0	0	0
			2. O Casal Deve Usar todos Naturais para o Controle da Natalidade			
			3. O Casal Deve Usar Qualquer Método de Controle da Natalidade			

QUADRO 43A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito da Prática do Aborto. Viçosa, MG, 1982

Tradicionalidade	Racionalidade							
	1. Não, em Hipótese Alguma		2. Sim, Quando Há Pe rigo de Vida para a Mãe		3. Sim, Quando Houve uma Violência Que Gerou a Gravidez (estupro)		4. Sim, Sempre Que o Desejar	
Opções	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	4	11	11	31	0	0	2	6
Sexo F	5	14	10	28	1	3	0	0
Renda alta	1	3	5	14	0	0	0	0
Renda média	3	8	5	14	1	3	1	3
Renda baixa	5	14	11	31	0	0	1	3
Analfabeto	0	0	2	6	0	0	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0
4ª série do 1.º grau	4	11	7	19	0	0	1	3
1.º grau completo	1	3	6	17	0	0	0	0
2.º grau	2	6	3	8	1	3	1	3
Superior	2	6	3	8	0	0	0	0
Católicos	9	25	19	53	1	3	2	6
Crentes	0	0	2	6	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0

QUADRO 44A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Rural, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, a respeito da Prática do Aborto. Viçosa, MG, 1982

Opções	Tradicionalidade				Racionalidade			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	7	19	10	28	0	0	0	0
Sexo F	10	28	6	17	1	3	0	0
Renda alta	1	3	4	11	0	0	0	0
Renda média	5	14	2	6	1	3	0	0
Renda baixa	11	31	10	28	0	0	0	0
Analfabeto	5	14	3	11	0	0	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0
4.ª série do 1.º grau	5	14	5	14	1	3	0	0
1.º grau completo	7	19	6	17	0	0	0	0
2.º grau	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	0	0	2	6	0	0	0	0
Católicos	17	47	15	42	1	3	0	0
Crentes	0	0	1	3	0	0	0	0
Espíritas	0	0	0	0	0	0	0	0

1. Não, em Hipótese Alguma 2. Sim, Quando Há Pe-
rigo de Vida para a Mãe 3. Sim, Quando Houve
uma Violência Que Gerou a Gravidez
(estupro) 4. Sim, Sempre Que
o Desejar

QUADRO 47A - Procedimentos Adotados pelos Entrevistados do Meio Urbano, por Sexo, Renda, Escolaridade e Religião, com relação ao Uso de Eletrodomésticos. Viçosa, MG, 1982

Tradicionalidade	Racionalidade							
	1. O Uso de Eletrodomésticos é um Luxo Desnecessário	2. Alguns Eletrodomésticos, como Geladeira e Liquidificador, São Necessários e Ajudam Muito	3. Todos os Eletrodomésticos São Muito Úteis e Ajudam Muito a Família	4. O Uso de Eletrodomésticos é Extremamente Necessário				
Opções	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo M	2	6	9	25	5	14	2	6
Sexo F	2	6	9	25	2	6	5	14
Renda alta	0	0	4	11	1	3	2	6
Renda média	0	0	6	17	3	8	2	6
Renda baixa	4	11	8	22	3	8	3	8
Analfabeto	1	3	1	3	0	0	0	0
Mobral	0	0	0	0	0	0	0	0
4.ª série do 1.º grau	1	3	6	17	3	7	1	3
1.º grau completo	2	6	4	11	1	2	2	5
2.º grau	0	0	3	8	2	5	2	5
Superior	0	0	4	11	1	2	2	5
Católicos	3	8	16	44	7	19	7	19
Crentes	1	3	1	3	0	0	0	0
Espíritas	0	0	1	3	0	0	0	0

APÊNDICE B

Lista de Pessoas Entrevistadas

1. Abelardo Ferreira de Rezende - 77 anos
2. Antônio Mendes - 90 anos
3. Antônio Mendes, Padre, Dr. Capelão da UFV e Coordenador da Conferência Vicentina Santo Tomás de Aquino
4. Antônio Pedro Fialho, Pastor da Casa da Bênção
5. Chahid Salomão Obeid, Colônia Libanesa de Viçosa
6. Daniel Lourenço Baeta Neves - 82 anos
7. Décio de Souza Couto, Coordenador dos Círculos Bíblicos e Presidente do Conselho Regional da Sociedade São Vicente de Paulo
8. Dirceu Teixeira Coelho, Coordenador do Centro Espírita "Camilo Chaves"
9. Elbem Lens Magalhães Cesar, Pastor da Igreja Presbiteriana de Viçosa
10. Elson da Silva Moraes, Co-Pastor da Igreja Presbiteriana de Viçosa
11. Expedito Leão, Dr. Coordenador da Associação Cristã Espiritualista "Alan Kardec"
12. Francisco Machado, Tabelião
13. Gentil de Castro Vidigal - 66 anos
14. Geraldo Martins Paiva, Padre, Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

15. Iacy José Marques, Supervisor da Agência de Previdência Social de Viçosa
16. Januário Fontes, Dr. Diretor do Colégio de Viçosa
17. José Antônio Rodrigues Filho - 78 anos
18. José de Paula Lana - 94 anos
19. José Geraldo Vidigal de Carvalho, Cônego, Coordenador dos Grupos de Jovens de Viçosa
20. José Leonardo da Silva Araújo - Chefe do Serviço Local de Assistência a Cafeicultores/Viçosa (SELAC)
21. José Marino da Silva - 84 anos
22. Leda de Bittencourt Bandeira, Fundadora e Coordenadora da FAPOV (Fundação Assistencial e Promocional da Pastoral de Oração de Viçosa)
23. Luiz Carlos Torres Martins, Coordenador do Movimento Familiar Cristão em Viçosa
24. Luiz de Souza Pimentel - 76 anos
25. Manoel Felipe Neri, Presidente do Conselho Particular da Sociedade de São Vicente de Paulo, Viçosa
26. Maria da Conceição Gomes Araújo -
27. Maria Lopes Tafuri - 79 anos
28. Oscar Rodrigues Milagres - 90 anos
29. Osvaldo de Paula Lana - Agricultor
30. Otaviano Vaz de Mello - Chefe da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Viçosa, MG
31. Raimundo Lopes de Faria, Dr. - 77 anos
32. Rubens Luiz Valadares, Pastor da Igreja Assembléia de Deus de Viçosa
33. Sinésio Vilaça, Pastor da Igreja Batista de Viçosa
34. Sebastião Ferreira da Silva, Dr. - 77 anos
35. Vicente de Paula Machado - 72 anos

APÊNDICE C

DOCUMENTOS DO PATRIMÔNIO DA ANTIGA FREGUESIA
DE SANTA RITA DO TURVO, HOJE VIÇOSA

"Monsenhor Cônego Júlio de Paula Dias Bicalho, Secretário do Bispado de Mariana e escrivão da Câmara Eclesiástica pelo Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano, etc... Certifico, ex-vi do despacho retro, que na Câmara Eclesiástica estão arquivados os seguintes documentos relativos ao patrimônio da Capela de Santa Rita do Turvo, outrora filial da Matriz de S. Manoel do Rio da Pomba e Peixe, depois Matriz de Sta. Rita do Turvo e hoje cidade de Viçosa.

ESCRITURA:

Dizemos nós abaixo-assinados Capitão Manoel Cardoso Machado e D. Ana Joaquina da Fraga, que entre os mais bens que possuímos e assim bem umas casas cobertas de telhas sitas nas terras do Patrimônio de Sta. Rita do Turvo, consta dos créditos que por elas paguei em preço de cinquenta oitavas de ouro a Manoel da Silva Soares e ao Alferes Joaquim Botelho da Costa as quais nós damos eu e minha mulher acima referidos damos de esmola a Sta. Rita e cedemos de todo direito, jus e ação que nela temos e o transpassamos aos procuradores da dita Santa que atualmente servem: o Alferes Vicente Rodrigues Valente e Rafael Gonçalves Bustos para que na qualidade de procuradores as possam conservar e defender a benefício da mesma Santa e para nela se estabelecer o patrimônio da sua Capela: a qual doação de esmola fizemos muito de nossas livres vontades nem nossos testamenteiros e herdeiros poderão em tempo algum anular, desfazer ou reivindicar este nosso papel de doação e pedimos a Sua Alteza Real haja por bem esta nossa doação e se nela faltar alguma cláusula ou cláusulas em direito necessárias as damos por declaradas e implícitas em

com quem mais deva e haja de partir e confrontar conforme a avaliação que depois se transcreverá expedindo o mesmo Doutor Provisor mandado ao Reverendo Padre Jerônimo Fernandes de Lana para proceder uma justificação com testemunhas juramentadas para serem inquiridas estes itens: 1.º — Se os applicados da Capela de Santa Rita do Turvo eram senhores e possuidores de uma sorte de terras cujas confrontações acima se declarou e se também eram senhores e possuidores da casa supra; 2.º — Se esses bens estavam livres e desembaraçados; 3.º — Se os applicados estão na mansa e pacifica posse dos mesmos bens e bem assim os doadores; 4.º — Nesse documento se ordenava que os doadores assinassem termo de non repetendo e os doados o de non alienando, etc. . .

A avaliação de que se faz acima menção é nestes termos: (O título não se pode ler por estar corroido). Pertencem à mesma Capela e Patrimônio: Uma sorte de Terras que pouco mais ou menos fazem ter quarta e meia de terras com suas capoeiras no valor de 250\$000, uma casa coberta de telhas, madeira lavrada e algum taboado sita nas mesmas terras do valor de 65\$000. Como avaliadores nós assinamos ambos hoje Santa Rita do Turvo, 3 de Agosto de 1806. Joaquim Botelho de Castro, José Marques Ferreira.

EDITAL

Saúde e paz para sempre em Jesus Cristo, Nosso Senhor que é de todos remédio e salvação. Faz saber que o Administrador e Procurador atual da Capela de Sta. Rita, filha da Mãe da Pomba, quer fazer Patrimônio à mesma Capela em uma sorte de terras que confrontam com a sesmaria do Rev. Manoel Inácio de Castro, e com a sesmaria do falecido José Rodrigues Valente e com José Ferreira de Castro e por outra parte com quem mais deva e haja de partir e confrontar; e umas casas cobertas de telhas sitas nas mesmas terras dando tudo pelos applicados da mesma capela para o dito Patrimônio. Pelo que mando a toda pessoa de um e outro sexo de qualquer qualidade, preeminência e condição que seja que souber de algum

nossa vontade a fim de que fique este papel valioso. Para consertar entregamos aos ditos procuradores o referido crédito como título do domínio doado e rogamos ao Rvmo. Cura Marcelino Rodrigues Ferreira (1) este por nós fizesse o qual assinamos em presença das testemunhas o Rvmo. Capelão de Sta. Rita o Padre Jerônimo Fernandes Lana (2) e José Joaquim da Silva e Francisco Cardoso de Assis — abaixo assinados. Presídio de S. João Batista (3), 20 de Agosto de 1806.

Manoel Cardoso Machado,
Ana Joaquina da Fraga.

Como testemunha, Jerônimo Fernandes Lana, José Joaquim da Silva, Francisco Cardoso de Assis. Como testemunha que este escrevi a rigo dos subditos e vi assinar. O Padre Marcelino Rodrigues Ferreira. Reconheço por verdadeira a letra e sinal do Rvmo. Marcelino Rodrigues Ferreira, pelo conhecimento que dela tenho.

Estava assinado com a rubrica do escrivão ajudante da Câmara Episcopal.

CONFIRMAÇÃO

Tendo os applicados e procuradores da dita Capela de Santa Rita apresentado ao Rvmo. Doutor Quintiliano Alves Teixeira Jardim, provisor e Juiz das Habilitações de Genero, Matrimônio, Patrimônio, uma petição para serem admitidos a justificar que a dita Capela, digo, para constituir-se o Patrimônio nas suporta mencionadas casas e em uma sorte de terras que confrontam com as sesmarias do Reverendo Manoel Inácio de Castro por uma banda e por outra com a sesmaria do falecido João Rodrigues Valente, com José Ferreira da Costa e por outro

(1) Segundo o Cônego Trindade, as instituições de Ferreira no Bispoado de Mariana, obra já citada, à pág. 234, foi o Padre Marcelino Rodrigues Ferreira o primeiro vigário de Presídio (Visconde do Rio Branco). Foi quem, a rigo, redigiu a escritura de doação.

(2) Sobre o Padre Jerônimo Fernandes, ver nota 3, à pág. 28.

(3) Visconde de Rio Branco.

êle quer tomar posse dos bens constantes do documento junto a fim de com elles poder-se fazer património à mesma Capela; roga portanto a V. M. se digue mandar qualquer Official de Justiça ou vintena dê o suplicante a dita posse em atenção à longtude para poder continuar a habilitação do mesmo Património da dita Capela. P.M.V. Seja servido assim mandar E.R.M. (e vê-se êste despacho:)

Dê-se-lhe a posse na forma da doação, não havendo inconveniente. Silva.

(E no verso desta petição se acha o seguinte:)

A quanto êste instrumento de posse dado e passado judicialmente por mandado e autoridade de justiça em virtude da doação e a petição junta e o despacho nela pôsto pelo Dr. Juiz José de Godoi Luz, Juiz pela ordenação que sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sete, aos vinte dias do mêz de Maio, sendo na passagem do Turvo, ribeirão de S. Bartolomeu, distrito de Sla. Rita, freguezia do Pomba, Termo de Mariana, e sendo aí compareceu presente o Alferes Vicente Rodrigues Valente como procurador da Senhora Santa Rita, para efeito de tomar posse das terras e casas contidas na doação e requerimento e de que se lhe dêsse logo na minha presença e das testemunhas abaixo assinadas e nomeadas lhe a dei real e actual tanto quanto eu deva e pôsto por visto os depoimentos de pé e o locamento de mãos, fazendo o empossado todos os atos por onde se adquire posse, pegando em terras e pedras e cortando ramos e lançando para o ar e de dia claro dizendo que tomava posse de todos os seus pertences e tudo na forma da doação, e eu disse que se havia alguma pessoa, que tivesse contradição ou embargo que opôr à dita posse, o fizesse; e por não haver quem a impedisse ou impugnasse, o deixei empossado, incorporado mansa e pacificamente sem contradição alguma na presença das testemunhas assinaladas e por verdade do tudo, passei êste por mim assinado. Eu, Juiz da vintena li e escrevi.

João Anastácio Alves.

conluio, ou de alguma simulação ou pacto, por onde não seja verdadeiro o dito Património ou se há alguma pessoa que tenha direitos aos referidos bens o declare dentro de 8 dias ao Rev. Pároco da mesma freguezia de baixo das penas da exco-munhão, o qual fará publicar o presente edital em um domingo ou dia santo ao povo da sua paróquia, e depois o mandará afixar na porta da Capela onde estará 8 dias continuos, e fin-dos êles passará certidão nas costas se sair ou não alguma pessoa onde se souber de algum impedimento ao dito Património e havendo dâvida terá de remeter-me fechado a esta cidade a Câmara Episcopal.

Dado e passado nesta cidade de Mariana sob o sêlo das armas de S. Ex. Rvma. e meu sinal aos 22 de Outubro de 1806.

Eu, José Joaquim de S. Ana escrivão ajudante da Câmara Episcopal que o escrevi.

Quintiliano Alves Teixeira Jardim.

EDITAL DO PATRIMÔNIO DA CAPELA DE SANTA RITA, FILIAL DO POMBA p. V. S. Rvma. VER:

(No verso do edital que não está transcrito se acha a certidão do teor seguinte:)

Juro aos Santos Evangelhos que esteve pregado na porta desta Capela êste edital mais de um mez e não saiu pessoa alguma, e nem appareceu impedimento algum nem eu o sei: passa o referido na verdade — Santa Rita do Turvo, aos 10 de Maio de 1807 O. C.

Jerônimo Fernandes de Lana.

(Reconheço estava o sinal do escrivão ajudante da Câmara Episcopal)

(F. à folhas 17 se vê a petição e o auto de posse dêsse teor:)

Ilmo. Sr.

Diz o Alferes Vicente Rodrigues Valente, como procurador da Capela de Sta. Rita, filial da Matriz do Pomba que

Selada na Secretaria da Presidência aos 30 de Setembro de 1871.

Anacleto Magalhães Rodrigues.

Nesta Secretaria foi publicada a presente lei em 24 de Outubro de 1871.

Anacleto de Magalhães Rodrigues."

A LEI QUE ELEVOU VIÇOSA A CATEGORIA DE VILA

Lei n.º 1817 — de 30 de setembro de 1871

Carta de lei que eleva à categoria de vila, com a mesma denominação, a freguesia de Santa Rita do Turvo do Município de Ubá.

Francisco Leite da Costa Belem, Vice-Presidente da Província de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1. Fica elevada à categoria de vila, com a mesma denominação, a freguesia de Santa Rita do Turvo, do Município de Ubá.

Art. 2. O novo município se comporá das freguesias da vila, de São Sebastião dos Afritos, de Arripiados e do curato de Coimbra, desmembrado de Ubá; de S. Miguel do Anta, desmembrado de Ponte Nova, e da Barra do Bacalhau, desmembrado de Mariana.

Art. 3. Esta vila será instalada logo que seus habitantes apresentem uma casa que possa servir de paço da câmara e cadeia, embora provisóriamente.

Art. 4. Pertencerá este município à comarca de Piranga.

Art. 5. Ficam revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio da Presidência da Província de Minas Gerais aos trinta dias do mês de Setembro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e um, quinquagesimo da Independência e do Império.

(L. S.) Francisco Leite da Costa Belem.

Caetano José Augusto Menezes a fez.

DECRETO DA REGÊNCIA DE 14 DE JULHO DE 1832, QUE ELEVOU O CURATO DE SANTA RITA DO TURVO A CATEGORIA DE PARÓQUIA

A Regência, em nome do Imperador, o Senhor Dom Pedro Segundo, tem sancionado e manda que se execute a Resolução seguinte da Assembléa Geral, sobre Proposta do Conselho Geral da Provincia de Minas Gerais.

Art. 1º — Ficam elevadas a Paróquia na Provincia de Minas Gerais, e na Comarca de Ouro Preto, os seguintes Curatos:

§ 3. O Curato de Santa Rita do Turvo, tendo por filiaes os Curatos de São José do Barroso e Conceição do Turvo.

Art. 13 — Ficam revogadas as leis e ordens em contrario. Diogo Antonio Feijó, Ministro e Secretário de Estado dos Negócioes de Justiça, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessáries. Palácio do Rio de Janeiro em 14 de julho de 1832, undécimo da Independência e do Império.

José da Costa Carvalho. João Bráulio Muniz. Diogo Antonio Feijó.

LEI PELA QUAL A FREGUESIA DE SANTA RITA DO TURVO PASSA A PERTENCER A SAO JOAO BATISTA DO PRESIDIO (1), QUE É ELEVADA A VILA

Lei N. 134 (16 de Março de 1839)

Bernardo Jacinto da Veiga, Presidente da Provincia de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus Habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou, e eu Sancionei a Lei seguinte:

Art. 1º Ficam elevadas a Vilas as seguintes Povoações:

§ 3. A de S. João Batista do Presidio, comprehendendo no seu Municipio a Freguesia do mesmo nome, e as de Santa Rita do Turvo, e de Arripiados.

Art. 7º A Vila do Bom Fim pertencerá à Comarca d'Ouro Preto: a de Sta. Bárbara à Comarca do Rio das Velhas: a do Preséio à Comarca do Rio Paraíba: e a de Caldas à Comarca do Rio Sapucaí.

Dada no Palacio do Governo na Imperial Cidade de Ouro Preto aos dezesseis dias do mez de Março do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e trinta e nove, Décimo oitavo da Independencia, e do Imperio (L.S.) Bernardo Jacinto da Veiga.

(1) Visconde do Rio Branco

LEI QUE ELEVOU VIÇOSA A CATEGORIA DE CIDADE

Lei n.º 2216 — de 3 de junho de 1876

Eleva à categoria de cidade as Vilas do Santíssimo Sacramento e Santa Rita do Turvo.

O Barão da Vila da Barra, do Conselho de S. M. O Imperador, Grande Dignitário da Imperial Ordem da Rosa, Comendador da de Cristo, e Presidente da Província de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a lei seguinte:

Art. unico. Ficam elevadas à categoria de cidade as vilas do Santíssimo Sacramento e Santa Rita do Turvo; aquella conservará a mesma invocação, e esta terá a de cidade de Viçosa de Santa Rita; revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio da Presidência da Província de Minas Gerais, aos tres dias do mês de Junho do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e seis, quinquagésimo quinto da independência e do Imperio.

(L. S.) Barão da Vila da Barra.

Para V. Excia. ver.

Luiz Nicoláo de Abreu a fcz.

Selada e publicada nesta secretaría aos 3 de Junho de 1876.

José da Costa Carvalho.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

1873 — Foi instalado o Térmo da Vila de Sta. Rita do Turvo, pertencente à Comarca de Muriaé.

A 1a. audiência realizou-se no dia 3 de Abril de 1873, a que presidiu o cidadão Manuel Bernardes de Souza Silvino, então Juiz Municipal, em exercicio, na qualidade de Presidente da Câmara. Compareceram a essa audiência o advogado Dr. Carlos Vaz de Melo e os solicitadores João Braz da Costa e João Moreira da Silva.

O primeiro advogado, a militar nos auditórios de Viçosa, foi o Dr. Carlos Vaz de Melo.

Como parte integrante da Comarca de Muriaé, ao Juiz de Direito dessa comarca presidir ao juri no Térmo da Vila de Sta. Rita do Turvo. A primeira sessão, aqui realizada em 1873, teve como presidente o Dr. Antonio Augusto da Silva Canedo, Juiz de Muriaé, naquela ocasião.

Em 1875 foi creada a Comarca do Rio Turvo, mais tarde Ponte Nova, da qual Viçosa foi Térmo, até ser tambem elevada a Comarca em 1890.

Enquanto Térmo, foram Juizes Municipais togados os Drs. José Teotónio Fachineo, Guilherme Vieira da Cunha, Francisco Machado de Magalhães Filho, Joaquim Delveaux Pinto Coelho.

Elevado o Térmo à categoria de Comarca, foi o primeiro Juiz de Direito Dr. Joaquim Delveaux Pinto Coelho.

ALEXANDRE DE ALENCAR

Como testemunha: Antonio Pereira Bitarães, como testemunha, José Alves Coura.

Eu, Monsenhor Cônego Julio de Paula Dias Bicalho, Secretário do Bispado e escriptão da Câmara Eclesiástica o escrevi e assino.

Secretaria do Bispado de Mariana,

6 de julho de 1894". (1)

REGISTRO DE ÓBITO DO PE. MANOEL INÁCIO DE CASTRO, A FLS. 14, DO LIVRO 1, DO ARQUIVO DA MATIZ DE VICOSA

"Aos vinte e sete de Maio de mil oitocentos e dezoove faleceu da vida presente de Idropesia com Solenne Testamento o Pe. Manuel Ignacio de Castro, natural da Cathedral da De. de Mariana, recebo os Sacramentos da Penitencia, Eucharistia e Extremunção, foi amortalhado em Vestes sacerdotais, precedendo as Insignias da Irmd. de N. Sra. do Carmo de Villa Rica, da qual era irmão 3º, conduzido em Caixão, acompanhado e encomendado pelo R. Vigário do Presidio e mais quatro Rs. Sacerdotes, por não concorrerem mais, feitas as diligências necessárias. Dicerão-se oito Missas de Corpo Presente por sua Alma de Esnola de mil e duzentos reis outro tanto a cada Pe. que acompanharão, distribuiu-se nove mil e seiscentos reis à porta da Capella. pelos pobres q. acompanharão o Corpo. Gastou-se nesse Entero dezessois libras de Sera, e tres quartos no Deposito. Pes. Cruz, com honcus de Opas, e Habito, o q. tudo pagarão nos Testamentos os herdeiros e foi sepultado no dia vinte, e nove do dito mez Deniro desta Capella de Sta. Rita, Frega. da Pomba, e pº constar fiz este assento, que assino. O Pe. Manoel Gls. Fontes". (1)

(1) Transcrição spels litteris.

(1) Respetada a grafia, do original.

COPIA - Exm^o. Revm^o. Sr. D. Helvecio, m. d. Arcebispo da Archidio-
cese do Marianna:

Os abaixo assignados, moradores na Cidade e Fre-
guezia de Vilosa, pedem a V. Exa. Revma. vonia para expor e solici-
tar o seguinte:

Vae para 16 annos, aqui chegou, despachado Viga-
rio desta freguezia, o Revmo. Padre Frei Seraphim Pecci, assumin-
do logo o exercicio de seu santo ministerio.

Pelo seu saber, logo revelado em simples conver-
sação, como em predicas e sermões; pelas suas maneiras altamen-
te distinctas; pelo inexcedivel zelo no tratar das cousas re-
ligiosas; por um conjuncto, enfim, de qualidade que lhe exornam
o espirito, o character e o coração, muito não tardou que se tor-
nasse alvo da grande estima e alta consideração que lhe votam
todos os seus parochianos, hoje, como dantes, admiradores conven-
cidos de seus meritos e virtudes.

De como o Revm^o. Padre Frei Seraphim Pecci sempre
se desempenhou de sua ardua missão, em que encauceu, são testemu-
nhas os abaixo assignados, que se julgam felizes por esta oppor-
tunidade que se lhes offerce de podorem vir, como vêm, perante
V. Exa. Revma. dizer do Revm^o. Padre Frei Seraphim Pecci, e sem fa-
vor, o que elle realmente é e tem sido para Viçosa: Parocho mo-
delar!

Credor da gratidão de todos os seus parochianos,
pelos relevantes serviços que vem prestando á sociedade viço-
sense, bem merece o digno Sacordote que elles se unam, como ora
o fazem e venham á presença de V. Exa. Revma. exorar a graça de
o manter na direcção desta freguezia, ha tantos annos entregue
aos seus cuidados.

Os abaixo assignados estão certos de que V.Exa. Royma. acolherá benevolamente esta supplica, que parte de um povo assáz conhecido pelos seus sentimentos religiosos, e, attendendo á mesma, servirá á causa santa da Religião do Crucificado.

Beijam-lhe o sagrado anel e podem a Deus guarde a V.Exa. Royma. por muitos annos.

Viçosa, 9 de Janeiro de 1925.

- Francisco Machado de Magalhães Filho, Juiz do Direito.
- Antonio Gomes Barbosa, Presidente da Camara.
- Emilio Jardim de Rezende, deputado federal.
- José Ricardo Rebello Horta, advº. e deputado estadual.
- Euripedes Mendes do Nascimento, delegado de policia.
- Francisco José Alves Torres, tabelião do 1º. Officio.
- Dr. Prisco Raymundo Gomes, medico.
- Virgilio Augusto da Costa Val, tabelião do 2º. Officio.
- Benjamin da Silva Araujo, collector estadual.
- Luiz Carlos Peres, redactor da "Cidade Viçosa".
- Antonio da Costa Val, negociante.
- José Gomes Brandão, proprietario da Pharmacia Brandão.
- Sylvio Loureiro, director do "Jornal de Viçosa".
- José Canuto Torres, advogado.
- Verano Lopes de Faria Franco, 1º. Juiz de Paz.
- Antonelli Shering.
- João Braz da Costa Val, advogado.
- Arnaldo Carneiro Vianna, director do Gymnasio de Viçosa.
- Cyro Bolivar Moreira, medico.
- Antonio Orrico.
- João Baptista Alves de Lima, director do Grupo Escolar.
- Antenor Lopes Jacob.
- Astolpho Maciel, agrimensor.
- José da Costa Val, escrivão da collectoria estadual.
- José Cecilio Gomes de S.A.

João B. de Senna Freire.
Custodio Fernandes Pinto Coelho.
Alfredo Pinto Teixeira, proprietario.
Francisco José, negociante.
J. Francisco, "
Antonio Jorge, "
Joaquim Fidencio de Freitas, negociante.
Antonio Alves Martinho, negociante.
Dinamedes J. Mello, viajante.
Arthur Vieira de Andrade.
Gumercindo Vieira de Andrade.
Raphael Archanjo de Freitas, negociante
Leoncio José de Freitas.
José Pires Dantas.
João Alves Chaves.
Alberto Alvaro Pacheco, industrial.
Francisco Alves Vieira.
Manoel Teixeira da Silva.
Antonio Soares da Silva.
José Cardoso Soares da Silva.
Soares Cardoso & Cia.
Theophilo Henrique Carneiro.
João José de Araujo.
Antonio de Oliveira.
José Lopes Gomes Filho.
Francisco Kunze Filho.
Antonio Faustino Duarte Junior.
João Francisco da Silva.
João Affonso Vianna.
Thomaz Torres.
Alfredo Maciel Tavares .
Ludovico Martino.
Alexandro Martino, alfaiate.

José Lopes Sant'Anna, dentista.
Randolpho Sant'Anna, secretario da Camara.
Manoel C. Magalhães, electro tecnico.
José Augusto de Castro, escrivão de Paz.
Francisco Lopes Gouvêa, funcionario postal.
J. Pinto Coelho, agente do Banco Credito Real.
Arlindo de Almeida Castro.
Amando Santos, negociante.
Altivo Ferreira de Mello, Proprietario.
Mello & Comp- negociantes.
Antonio Felippe Galvão, viajante
José Borges Pinheiro, alfaiate.
Lucas Evangelista Costa, sapateiro.
José Irineu Costa, sapateiro.
José Carlos da Silva, negociante.
Djalme de Souza Bernardes.
Primo Janotti, negociante.
Dario Lopes de Faria, negociante.
Antonio Lopes de Faria Sobrinho, negociante.
José de Sant'Anna.
Antonio Gomide.
Manoel Luiz Gomes, fazendeiro.
Alvaro Soares, typographo.
José de Sant'Anna Gomide, sapateiro.
Humberto Simonini, sapateiro.
Joventino Alencar Filho, estudante.
Geraldo Simonini, sapateiro.
Francisco Theodoro Alves, alfaiate.
José Rolla, negociante.
João Rolla Filho.
Eumenes Marcondes de Mollo engenheiro agronomo.
Pedro Paulo Rebello Horta, negociante.
Lauro Cintra.

José Lopes Coelho, negociante.
Jacinto Gomide .
Raymundo Pires da Costa.
João Simplicio Lopes.
Carlos Pompoiano.
Braz Domingos Schittini.
Vicente Bonifacio Peixoto.
Etelvino Soares.
Joaquim Lopes de Faria.
Lindolpho Messias de Souza.
José Felicio do Val.
José Sebastião.
José Antonio Rodrigues Filho.
José Baptista Gomes.
Othoniel Rodrigues da Costa.
Antonio Baptista Pereira.
Raphael Ferreira da Silva.
Agnello Gomes da Silva, electricista.
Alexandre Ferreira da Silva.
Antonio Nicacio.
Benicio Lopes dos Santos.
Augusto Lopes dos Santos.
Antonio Amancio da Silva.
Antonio Alves Torres.
Macif Nazar.
Francisco Hortencio Gomide.
José Ernesto.
Sebastião da Costa Val.
Francisco Torres Sobrinho.
Cesar Sant'Anna e Castro
Gumercindo Baptista Gomes.
José Carneiro Vianna.
Francisco Affonso Vianna.

José Sant'Anna.
Antonio Valerio Pinheiro.
Arthur Bonifacio Peixoto.
Ezequiel Marcelino Souza.
Aurelio Garcia Bouzas.
José Victorino.
José Lourenço de Freitas, fazendeiro.
Faustino Pereira.
Joaquim Gomide.
Luiz Cardoso da Silva.
Antonio Ferreira Mendes.
Josephino Fialho de Freitas.
José Neves Vieira.
Idalmiro Lopes Gouveia.
Nicolau Ferreira Mendes.
João da Silva Araujo Primo.
Antonio Fialho de Rezende.
Antonio Tristão Gonçalves.
Antonio da Silva Araujo.
José Paulo de Miranda.
José Alves Vieira.
Isauro Vaz de Mello.
João Alfredo da Fonseca.
Luiz Mogalo.
Conrado Balbinio de Souza.
Lindolpho de Souza Lima.
Horacio Avellar.
Agripino Felga.
João Carlos Bello Lisboa, engenheiro.
José Lopes de Sampaio Sobrinho.
Sebastião Tito Lopes de Sá.
José da Silva Araujo Junior, fazendeiro.
Antonio Lopes Simplicio.

João Lopes Jacob.
 Honorino de Mello Lima.
 José de Almeida Ramos.
 Waldemar Avellar.
 João do Sant'Anna e Castro.
 Joaquim Altino dos Santos.
 José Galdino de Sant'Anna.
 Sebastião Henrique,
 João Torres.
 Alexandre Correia de Almeida.
 José Ezequiel do Vallo.
 José Pinto de Castro.
 Paulo Soares de Assis.
 José Euclides.
 Antonio Lopes Leão.
 Guarino Moura.
 Adesilio dos Santos Bicalho, dentista.
 Arlindo da Costa Val.
 João Tristão G. Guimarães.
 Orlando Sant'Anna.
 Antonio Avelino de Paula.
 José Lopes Jacob.
 José Luiz Cardoso.
 Geraldo Porfirio dos Santos.
 Francisco Lopes de Castro.
 Benedicto José de Amorim.
 Nelson de Medeiros Ferraz.
 Oliveiros Silva.
 Carlindo Mendes de Freitas.
 Feijó do Carvalho Bhorring, empregado publico.
 Antonio Vitarolli.
 José de Oliveira Sallos.
 Raymundo Nonato Ferreira.

Nicolau Martino, alfaiato.

Antonio Martino.

Virgilio José de Mello.

João Braz Gomide.

José Estovam do Castro.

Seraphim Lopes de Ramos.

João Lopes de Ramos.

Joaquim Marques.

Antonio Lentini.

Paschoal Lentini.

Benedicto Xavier da Costa.

Antonio Amorim.

Moacyr Rebello Horta.

Prosdocimo Domenici.

Mario Dutra dos Santos, pharmaceutico.

Avolino Pinto Teixeira.

Antero Barroso Junior, dentista.

Plauto Silva Araujo.

Norberto da Silva Pinto.

José Felippe de Abreu.

Antonio Gomes Brandão.

José Lopes Gouveia.

Manoel Pereira Coelho.

Orlando Lopes Coelho.

Alberto da Costa Pinto.

José Serra.

José Soares de Assis.

Raymundo Rodrigues.

Bruno Chaves.

Pedro Gonzaga.

Joaquim Lopes dos Santos.

José Fernandes.

Francisco Porfirio.

José Thomaz Affonso.

Antenor Justiniano Ribeiro.

Marcial Gaitcero.

Misak Pessoa.

Antonio Mendes de Freitas.

Octaviano Barbosa de Castro.

Candido José Antonio.

Benicio Lopes Rosado.

José Simplicio Lopes.

Luiz Moreira Guimarães.

Augusto Lopes de Faria Franco.

Randolpho Lopes de Faria Franco.

Laurindo José dos Santos.

Almiro Lopes Lisboa.

José Thomé dos Santos.

José Lopes de Faria Sobrinho.

Francisco Mariano de Assis.

Antonio Gabriel de Faria.

Gabriel J. F.

Aristoteles Bernardes.

Hamilton B. Gomes.

Antonio Lopes Gouvêa.

José Martins de Gouvêa.

Monsueto Valentim

Francisco Augusto de Souza.

José Roque.

Joaquim Chrispim da Silva.

Manoel Motta.

Francisco Vitarcelli.

Sebastião Martins Filho.

José da Costa Val, Sobrinho.

Francisco Lopes Sobrinho.

Antonio de Castro.

I Ciro Polivov Kussira
 Belle Lister
 Aguirre Babona & Costa Filho.
 Sigilo Bicalho.

APÊNDICE E



Dia 22 passado, a Universidade Federal de Viçosa completou seu 53.º ano de existência. Nesta semana em que se comemora o seu aniversário, nada melhor do que este documento, para uma reflexão.

Viçosa (MG), 30/03/79

Inexpressionado, na Presidência do Estado de Minas, com o facto de já contar o Brasil um século de vida politica, independente sem cuidar seriamente do ensino profissional, que deve alicercar sua futura grandeza industrial, creci esta Escola Superior de Agricultura e Veterinaria com o alto objectivo de abolir o empirismo agricola, e que tantos mineiros consagravam suas energias, no amanho dispendioso da terra como na crecção e pastoreio dos seus rebanhos. Tiveo me cobrido a fortuna de creal-a como Presidente de Minas e tiveo tiveo a satisfação de assistir, como Presidente da Republica, á sua inauguração official, e já regozijando vel-a, hoje, em pleno funcionamento e já despertando novas estimulos nas gerações moças, empenha da, agora, numa actividade racional e scientifica, que ha de conduzil-as a maior e mais facil prosperidade.

É o alvorecer de uma nova era que se abre nos destinos economicos do Estado e do País, já se poderão antever uma larga messe e uma proxima e pujante colheita.

Satisfeitos e contentes deueo sentir-se quantos collaboraram nesta iniciativa victoriosa, sobretudo os governantes que me succederam, o fundador tecnico e ex-director da Escola, Professor P. H. Rolfs, e o encarregado da construção das obras e meu director actual, o illustre engenheiro J. C. Bello Lisboa, com os quass me congratulo ainda uma vez.

Viçosa, 12 de Março de 1989.

Arthur Bernardes,
Senador da Republica.

DOCUMENTOS

Alfredo



DELLO - ORIZONTE. S. - 6. - 977

M. Paul Soares

Landanias effectuosas
 Estão informados do ridiculo
 e acintoso banguete das pelo
 Heron, esse sargento sem soldo
 pastora, aos seus apangados,
 a de tude que pressurgia se
 pastor. Espero que este com toda
 energia, de acordo com as minhas
 ultimas instigacoes, pois, essa ca
 valha precia de uma reprimenda
 para entrar na disciplina. Voa se
 o Epitacio mostra agora a sua apre
 gada energia. Fumando severamente
 esses maldos, presidentes que sabe
 ram da disciplina e reprimenda

Alfredo

para bem longe essas Generaes
 as archedores de o Epitacio com
 meos nas attender, use de dipla
 macia que depois de meu recoube
 cimento apolapagos cortas
 A situacao nao admilla coiteu
 porisicoes o que forem usadas,
 que e para a totalidade, com
 preser, com todos os seus bandidos
~~com o gollho~~

Alvaro S.

Antônio Bonardo

Minas, 6-6-1921

Meu caro Paul Soares

Fundações affectivas
frente dos dignos da ul-
tima carta. Fico inteira-
do dos compromissos
- tomados para o resulta-
do seguro da Convenção.
Também, desaconselha com
outra prorrogação porque
ella devia ter sido reali-
zada antes da chegada de
Uilo, pois, como V. disse,
esse malogro é capaz de
tudo. Remova logo

difficuldade como bem
entender, não olhando
espesas, o que ja fiz
ver ao João de Aguiar.

Das classes armadas
nada devemos temer,
devido aos compromissos
assumidos pelo Epitacio,
agindo com toda energia.

Da politica mineira
so tenho adiantar que
os elementos de Salles e
tão poucos trabalhadores
naquente para abandonar
lo e que a sua candidatura
na a presidencia do Estado
do esta garantida porque

obrigaremos os politicos re-
calcitrantes, sob pena de
perderem as suas posições,
e V. quando me succeder
continuará a levar no
devida verba o que faltar
das grandes despesas que
estamos fazendo, para
que de pois não venha
a se dar escandalo.

Atte. Bernardo

Viana, 28-1-918.

28.1.18

Liberto

Nº 99

Raul,

Muñoz. A que está arrendado
 entre mim e o. Lencelas e' tagueros de. Ca
 Rio Branco, Viana, Ponte Nova, etc., pois
 meu supellido e' servir a Matte, e não Viana
 , siment. Meu interesse e' ligarmo-nos á no
 sa zona, de preferencia, e não a zona ex-
 tranha. Pale, país, tranquillizar o ani.
 e esse respeito. Tem em consistencia em
 q' se attendem só a Viana.

Faluy. Toibam fundamentos as supesi-
 tois que, sobre o assumpto, me mani-
 ferti! Nada sei, de novo, sobre o pleto.
 O Valladon quer ver aqui por este 6
 dia. Copre não dá seu passio alei
 cá? Alvaro, de

Alvaro

Nº 31

26.3.18

Alvaro

Viana, 26-3-918.

Raul:

Comfirmo minhas ultimas cartas sobre a
 falta dos livros de S. Vicente do frame.

Junto a isto o certificado do registro do correio, data
 do de 2 do con! A data está errada a topis
 porque e' uso de corrigirem assim os falhos da
 tinta do respectivo carimbos, segundo seu infirma
 do. Elle facilitará qualquer reclamação no con-
 reio ahí. Se julgar conveniente, pedirá V. exhibil-o
 perante a Junta Apuradora; pedietando contra a re-
 expedição de diploma a mim e demonstrando que
 soure alli eleito e o livro foram portos no correio

no grupo legal. Pedirá até. requerer que de acte
 do trabalho da Junta conste a transcripção recho
 do recho do certificado, que depois V. me devolva
 para o recho registro. Semfim, não preciso dar elle
recho a respeito proprio confio no seu crité-
 rio. Os livros, provavelmente, se encontram ahí e
 comen decubul - 10. Alvaro de

Alvaro de

